

**A ARQUITECTURA NO ESPAÇO AGRÍCOLA:  
INTERVENÇÃO NA QUINTA DA MESQUITA**  
ANA RITA ROSA LUÍS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA À  
FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

DOCENTE ACOMPANHANTE  
PROFESSOR ARQUITECTO ANTÓNIO MADUREIRA

PORTO, 2016





***Notas:***

Por decisão da autora, a presente dissertação foi escrita ao abrigo do acordo ortográfico anterior ao actualmente vigente.

Todas as citações foram escritas em português, conforme o acordo ortográfico utilizado na respectiva edição.



## AGRADECIMENTOS

Ao Professor Arqt.º António Madureira, pela orientação, pela constante disponibilidade, pelas conversas, as críticas e as histórias contadas, pela ajuda e amizade;

À D.<sup>a</sup> Cecília Laureano Fernandes e à sua família, em especial ao Sr. Fernando Coutinho, pela oportunidade e confiança;

Às Sr.<sup>as</sup> Cláudia Vasconcelos e Margarida Sambado, chefe e funcionária da Unidade de Ordenamento do Município de Alcobaça, pela disponibilidade, fornecimento de informação e ajuda no entendimento da mesma;

Ao Sr. Joaquim Henriques e ao Tio José Santos, por reviverem comigo os seus dias de trabalho na Quinta da Mesquita, dando-me a conhecer as suas histórias e descrições, que lhes pareciam banais, mas que se revelaram fundamentais para o entendimento do espaço;

Ao Eng. Agrónomo Nelson Pereira, pela disponibilidade e pelas conversas sobre agricultura;

À Professora Helena Faustino, pela forma como me marcou e ensinou no início do meu percurso académico e me ajudou no final do mesmo;

Aos amigos e família por me acompanharem ao longo deste trajecto;

Aos meus queridos pais e irmã, por tudo.



## RESUMO

A presente dissertação centra-se na elaboração de um projecto de intervenção num conjunto de edifícios que datam de finais do século XIX/ inícios do século XX. O aglomerado, de carácter habitacional e agrícola, está inserido no espaço da Quinta da Mesquita, situada na freguesia da Cela, concelho de Alcobaça.

Através de um exaustivo trabalho de investigação e de levantamento do edificado, procura-se em primeiro lugar, analisar a sua localização, restituir a sua história, entender o funcionamento dos espaços e estudar as suas características arquitectónicas e construtivas.

Aliando este processo de análise e interpretação à experiência e visão pessoais da autora, questiona-se de que modo a Quinta pode contribuir para o desenvolvimento local, como fizera em tempos, procurando-se numa vertente mais prática, delinear uma resposta sob a forma de projecto, que seja capaz de respeitar e recuperar a pré-existência, ao mesmo tempo que a adapta a novas exigências programáticas e de conforto.

### ***Palavras-chave:***

Intervenção | Património | Alcobaça | Paisagem | Agricultura | Cultura | Turismo | Desenvolvimento local



## ABSTRACT

The dissertation presented here is focused on the elaboration of an intervention project of a set of buildings from the late XIX century/ early XX century. This aggregation, with housing and agricultural character, is inserted on the Quinta da Mesquita's area which is located in the Cela's Parish, Alcobaça's County.

Through a very thoughtful research and work investigation as well as a building survey, the first aim is thought to be analysing its location, to reconstitute its history, to understand how the spaces work out and to study its architectural and constructive characteristics.

Combining this analyses and interpretation process with the author's personal experience and vision, it's questioned how the farm can contribute to the local development as it was once done, trying, in a more practical way, to delineate an answer through this project which could be able to respect and recover the pre-existence, at the same time that it adapts to the new programmatic and comfort demands.

### ***Keywords:***

Intervention | Heritage | Alcobaça | Landscape | Agriculture | Culture | Tourism | Local development





## ÍNDICE

<b>Resumo</b>	7
<b>Abstract</b>	9
<b>Introdução</b>	13
 <b>01 A QUINTA DA MESQUITA</b>	
Localização	19
Enquadramento histórico	25
Descrição do edificado	39
Levantamento	49
Descrição do sistema construtivo	67
Estudo de Diagnóstico	115
 <b>02 CONDICIONANTES E PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO</b>	
O cliente	125
O programa	129
Princípios de intervenção	139
 <b>03 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO</b>	
Processo de projecto	145
Solução desenvolvida	159
Soluções construtivas	183
 <b>Considerações finais</b>	197
<b>Bibliografia</b>	199
<b>Índice de figuras</b>	205



## INTRODUÇÃO

### OBJECTO E OBJECTIVOS

Situada em Valbom, freguesia da Cela, concelho de Alcobaça, a Quinta da Mesquita, com cerca de 5ha, remonta pelo menos ao século XVIII, aquando da sua referência nas Memórias Paroquiais. Constituída por um conjunto de edifícios de carácter habitacional e de apoio à actividade agrícola, está inserida numa zona que se distingue precisamente, pelo investimento na agricultura, remetendo-nos para um passado marcado pela presença e ensinamentos dos Monges Beneditinos.

Por coincidência, ou não, situa-se entre a casa da autora e a Escola Primária que frequentou, pelo que desde criança que a observa, com mais ou menos interesse e frequência. Recorda-se até, que por vezes, achava que o edifício de habitação estava abandonado, quase num estado assustador, de assombração, talvez pelo seu ar de casa senhorial rodeada pelo campo de cultivo, ou então, simplesmente devido à sua imaginação.

De qualquer forma, e após os cinco anos do curso de Arquitectura, apercebeu-se do potencial da propriedade, justificado pela sua arquitectura e pela sua história. Sendo que a sua inserção em espaço agrícola foi mais um factor que contribui para a vontade de querer olhá-la com mais atenção, estudando-a desde uma escala mais abrangente até uma mais pormenorizada.

Na presente dissertação, cujo principal objectivo consiste na elaboração de um projecto de arquitectura, servindo assim de elemento de transição entre o percurso académico e o profissional, ambiciona-se o desenvolvimento do tema da reabilitação e intervenção no edificado pré-existente, brevemente explorado na unidade curricular de Reabilitação de Edifícios, bem como uma reflexão sobre o interesse arquitectónico e cultural do objecto de estudo, culminando na formulação de uma possível estratégia de intervenção. Salienta-se no entanto, que apesar do estado de degradação em que se encontra e da necessidade de intervenção que começa a ser visível, esta iniciativa não partiu do seu proprietário, não havendo qualquer tipo de encomenda, nem exigências programáticas.



Por conseguinte, procura-se analisar e estudar o edificado, perceber o porquê da sua organização, o seu modo de funcionamento, a consequente relação com o espaço agrícola em seu redor, e por fim, de que forma pode ser reutilizado, quando a função original caiu em desuso. É por isso, importante desenvolver um possível programa, que se adeque à pré-existência, de modo a preservá-la, revigorando-a e possibilitando a sua auto-suficiência e adaptação às exigências actuais de habitabilidade.

## **METODOLOGIA**

Para intervir na pré-existência, defende-se que é fundamental conhecê-la. Assim, o presente trabalho evolui com base numa vertente mais teórica e numa outra, mais prática, que se vão desenvolvendo paralelamente e complementando-se mutuamente.

Como resultado tem-se: uma primeira parte em que se foca a análise do existente, através de pesquisa em livros, jornais, documentos e relatos de antigos funcionários, tenta-se fazer um enquadramento histórico e descrever os espaços de acordo com a sua função original; procede-se a um levantamento fotográfico e métrico bastante exaustivo; e por fim, à identificação das patologias que afectam actualmente os elementos construtivos. A segunda parte corresponde a uma fase de reflexão sobre as condicionantes do projecto, como o cliente e a sua opinião, e os princípios de intervenção, com referência a algumas teorias; e à delineação de um possível programa, muito fundamentado na visão e experiência pessoais da autora. A última e terceira parte remete para o culminar de todo o trabalho, e na qual, à medida que se expõe as principais fases do processo criativo e a solução final, se vão indicando os casos de intervenção que servem de referência; apresentam-se ainda, os desenhos de projecto e descrevem-se os novos pormenores construtivos a adoptar.



# 01

---

## A QUINTA DA MESQUITA

*“É indispensável que na história das nossas casas antigas ou populares se determinem as condições que as criaram e desenvolveram, fossem elas condições da Terra, fossem elas condições do Homem, e se estudem os modos como os materiais se empregaram e satisfizeram as necessidades do momento. A casa popular fornecer-nos-á grandes lições quando devidamente estudada, pois ela é a mais funcional e a menos fantasiosa, numa palavra, aquela que está mais de acordo com as novas intenções.”*

Fernando Távora in *O Problema da casa portuguesa*

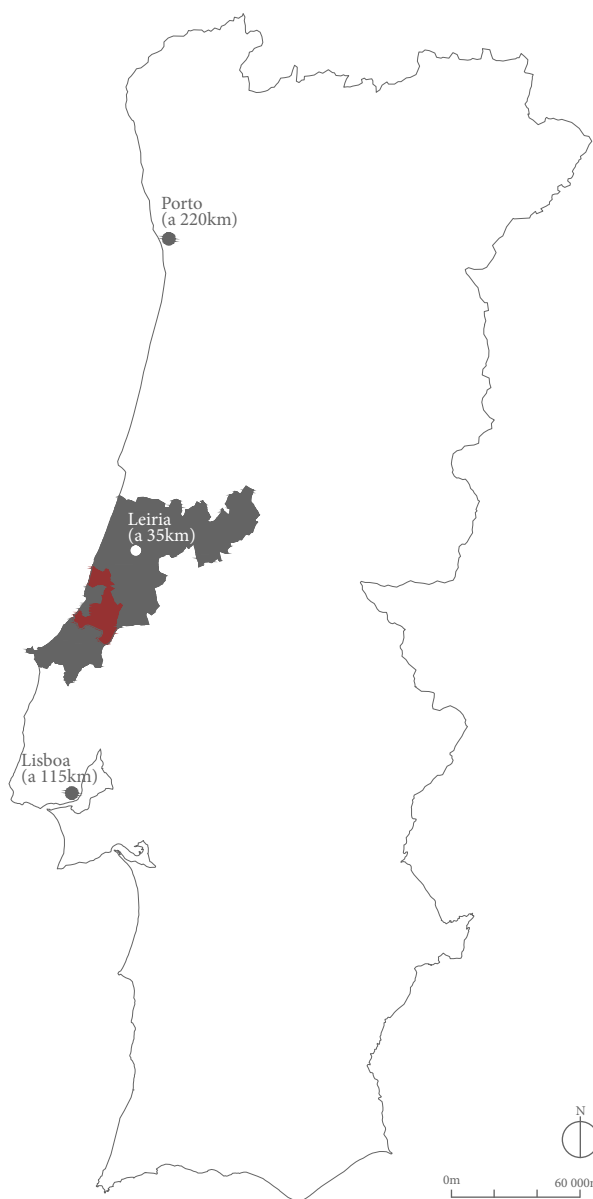


fig. 1 | O concelho de Alcobaça no território nacional

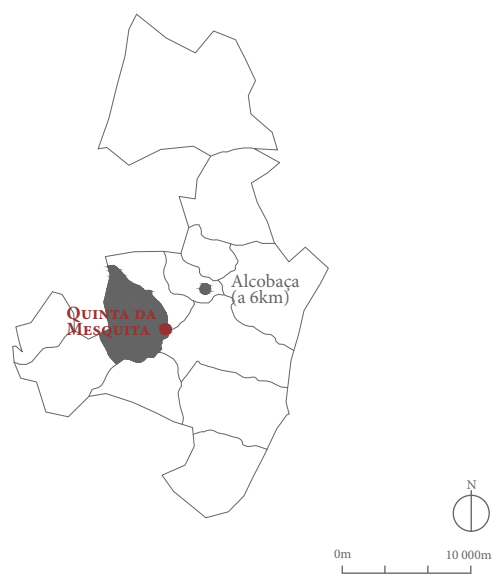


fig. 2 | A Quinta da Mesquita no concelho de Alcobaça



## LOCALIZAÇÃO

*“Os grandes contrastes em que a presença do Oceano e a influência mediterrânea repartem o País vêm diluir-se pela Estremadura e pelo Ribatejo. O Norte, húmido e verde, funde-se com o Sul, mais seco e ralo de viço. São dois factores do clima que sobrepõem a sua acção – por um lado, o Atlântico, regulador da temperatura, cujos ventos trazem a chuva que mantém todo o ano o tom vivo dos campos; por outro, a secura que os desertos sopram e o Mediterrâneo não consegue temperar.*

*É uma zona de transição e contrastes.”*<sup>1</sup>

Precisamente nesta região onde o Norte encontra o Sul, é na província da Estremadura que se encontra o objecto de estudo da dissertação.

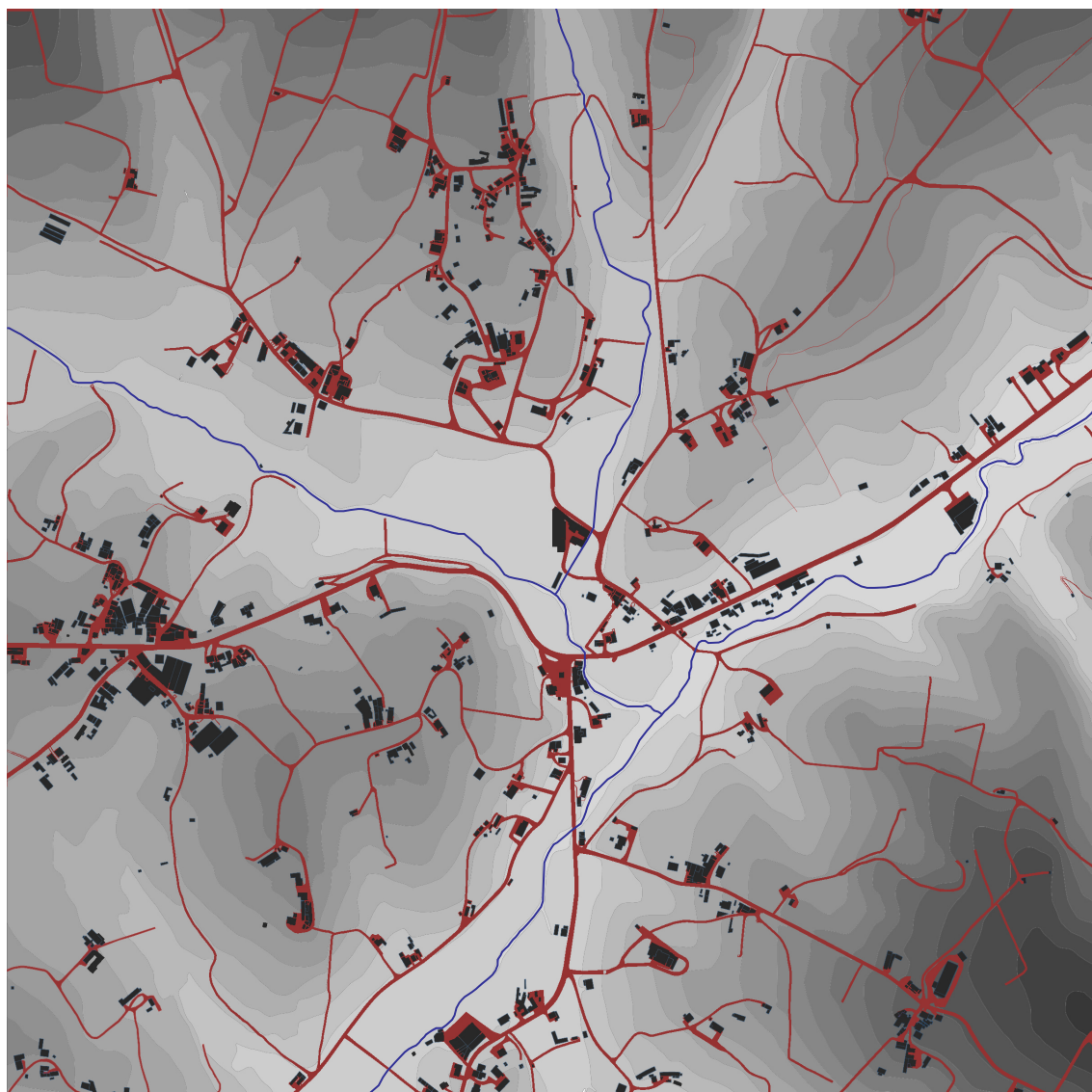
Na referida região do litoral centro de Portugal, a Quinta da Mesquita localiza-se mais especificamente, no distrito de Leiria, distando cerca de 35km da capital distrital, e 6km para sudoeste da cidade de Alcobaça, sede de concelho a que pertence.

Nesta cidade cujo nome está associado às linhas de água que a atravessam, encontram-se os rios Alcoa e Baça, e são justamente dois dos afluentes do rio Baça que delimitam e atravessam a área de intervenção. Se por um lado, vindo de Noroeste, o Rio da Junceira delinea o limite sul da Quinta, por outro o Rio de Pedralhos, vindo de Norte e fazendo fronteira entre as freguesias de Cela e Bárrio, provoca na Quinta uma divisão particular, fazendo com que cerca de 5990 m<sup>2</sup> do terreno pertençam à freguesia de Bárrio e a restante área corresponda à freguesia de Cela.

A mesma divisão ocorre com o lugar de Valbom, onde se situa a Quinta da Mesquita. Foi talvez por ser deveras, um vale bom, banhado com três linhas de água, que aqui se desenvolveram vários espaços de produção agrícola. Valbom é ainda atravessado pela estrada nacional nº 8, uma espécie de “*rua da estrada*”<sup>2</sup>, ao longo da qual se construíram casas, uma escola primária, uma associação recreativa e alguns espaços de comércio. Esta

<sup>1</sup> APP - *Arquitectura popular em Portugal*. coord. AFONSO, João; MARTINS, Fernando; MENESES, Cristina . 4ª ed. Lisboa : Ordem dos arquitectos, 2004, vol. 2, pág. 7

<sup>2</sup> DOMINGUES, Álvaro – *A rua da estrada*. Porto: Dafne, 2009



**LEGENDA:**  
 — Vias  
 — Linhas de água  
 ■ Edificado  
**ALTIMETRIA:**  
 ■ 120m a 125m  
 ■ 115m a 120m  
 ■ 110m a 115m  
 ■ 105m a 110m  
 ■ 100m a 105m  
 ■ 95m a 100m  
 ■ 90m a 95m  
 ■ 85m a 90m  
 ■ 80m a 85m  
 ■ 75m a 80m  
 ■ 70m a 75m  
 ■ 65m a 70m  
 ■ 60m a 65m  
 ■ 55m a 60m  
 ■ 50m a 55m  
 ■ 45m a 50m  
 ■ 40m a 45m  
 ■ 35m a 40m

fig. 3 | Planta de território: topografia, vias, linhas de água e edificado



estrada revela-se um importante eixo viário, facilitando o acesso a Alcobaça ou, no sentido oposto, a São Martinho do Porto (a cerca de 16km da Quinta) ou até mesmo ao concelho vizinho de Caldas da Rainha (a 22 km de distância).

A Quinta da Mesquita com um total de 54 600 m<sup>2</sup> de área, encontra-se assim, num vale, inserida na área da Reserva Ecológica Nacional (REN) e simultaneamente, da Reserva Agrícola Nacional (RAN). É delimitada a Norte pela Rua Principal, a Este pela Rua de Pedralhos e outras propriedades privadas, a Sul pelo Rio da Junceira, encontrando-se pontualmente com a EN N°8, e por fim, a Oeste é demarcada por um caminho de acesso a uma outra propriedade agrícola. São nas ruas Principal e de Pedralhos que se podem encontrar os dois acessos à Quinta, quer pedonais quer para veículos.





fig. 4 | Planta de localização: ortofotomapa

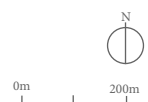






fig. 5 | A entrada Este, situada na Rua de Pedralhos



fig. 6 | O cruzamento da Rua de Pedralhos (à esquerda) com a Rua Principal (à direita); as duas entradas da Quinta da Mesquita



fig. 7 | Vista do alçado Nordeste a partir da Rua de Pedralhos; intersecção do Rio de Pedralhos com a propriedade



fig. 8 | O edificado e o espaço agrícola, visto da Rua Principal



fig. 9 | A Quinta da Mesquita a partir da Rua Principal já no limite da propriedade



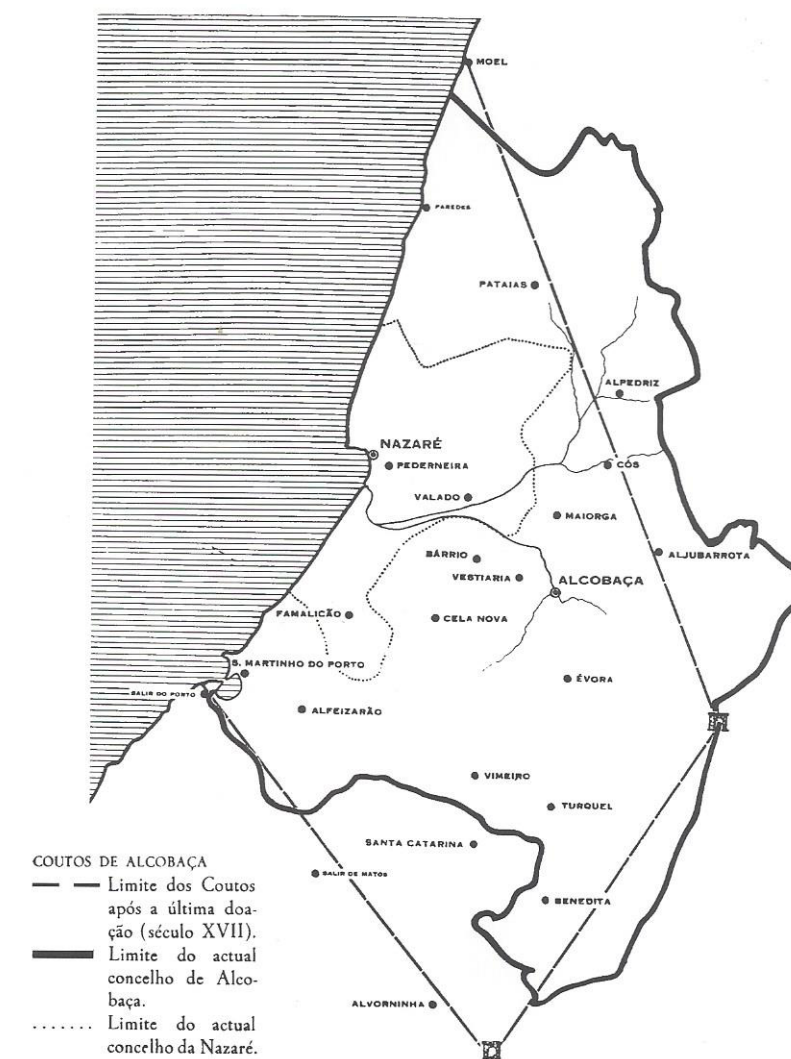


fig. 10 | Os limites dos Coutos de Alcobaga

## ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

A Região da Estremadura era na Idade Média, uma zona de grande instabilidade, onde mouros e cristãos se confrontavam frequentemente, na luta pela conquista deste território. Em 1153, após a tomada de Santarém e Lisboa, o Rei D. Afonso Henriques doou a S. Bernardo, abade do Mosteiro de Claraval, em França, um conjunto de terras que viriam a constituir os chamados, Coutos de Alcobaça e onde se ergueria a “*obra portuguesa mais internacional*”<sup>3</sup>, o Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça.

“*Bernardus valles, montes Benedictus, oppida Franciscus, celebres Dominicus urbes*”<sup>4</sup>.

De acordo com os seus princípios, a Ordem de Cister preferia lugares ermos, recolhidos e afastados dos aglomerados, onde a presença da água constituía um factor importante. Alcobaça, situada num vale, onde os rios Alcoa e Baça se encontravam e que era protegido por colinas, numa das quais já existia o Castelo de Alcobaça, viria a ser considerada uma “*Terra fértil e abençoada, como só a frades era dado a escolher para o seu regalo.*”<sup>5</sup>.

A presença dos monges cistercienses dominou por completo a região de Alcobaça, manifestando a sua importância na ocupação e ordenamento do território. No século XIV, a área inicial dos Coutos estava ultrapassada, sendo que com as contínuas doações régias e de fiéis atingiu aproximadamente, os 44 000 hectares. Tendo o núcleo adoptado limites naturais: a Serra d’Aire e Candeeiros, a Este, e o Oceano Atlântico, a Oeste; as propriedades sob o domínio cisterciense não se resumiam a estes, tendo-os transposto e chegado mesmo ao Ribatejo e Alentejo.

Sendo este um território diversificado, apresentando simultaneamente, terras secas e áridas no sopé da Serra dos Candeeiros alagadas e pantanosas planícies nas baixas

<sup>3</sup>Apontamento da aula da disciplina de História da Arquitectura Portuguesa, leccionada pela Prof.<sup>a</sup> Marta Oliveira, a 14/02/2014

<sup>4</sup>IDEM, *Ibidem*

<sup>5</sup>KORRODI, Ernesto – *Alcobaça: estudo histórico-arqueológico e artístico da Real Abadia de Santa Maria de Alcobaça*. Porto: [s.n.], 1929. Coleção Monumentos de Portugal, Vol. 4, pág. 9

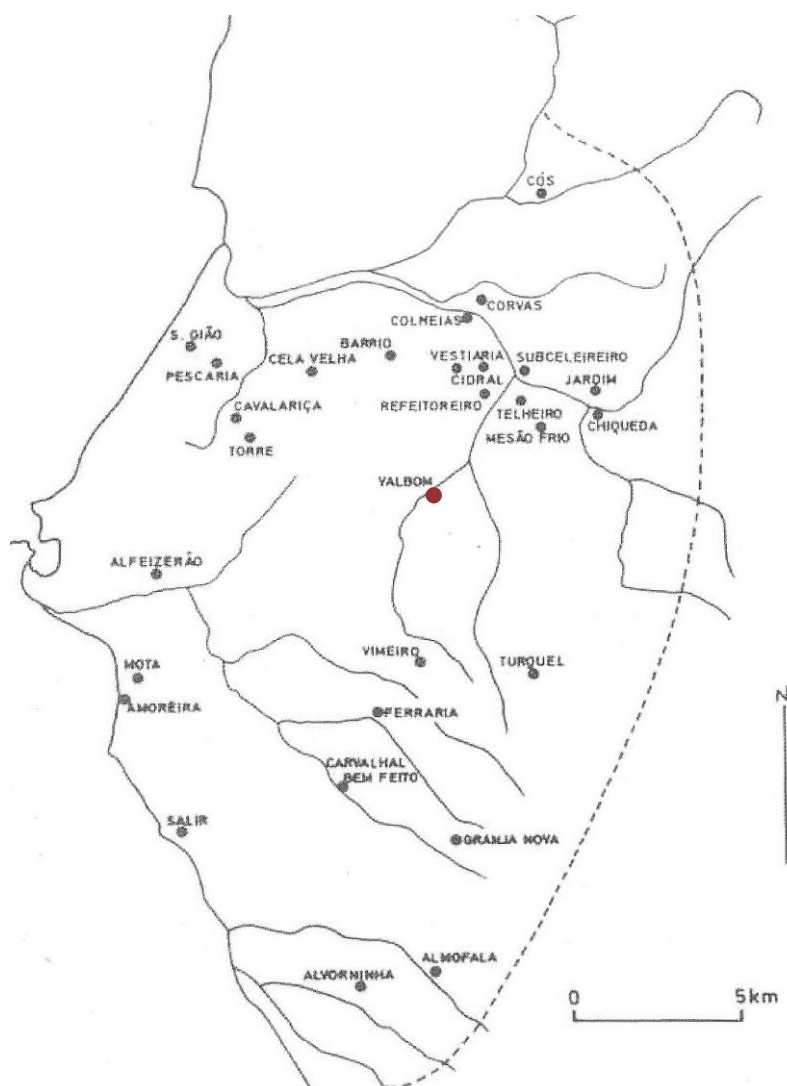


fig. 11| Localização das Granjas



do litoral e colinas com declives suaves e vales aprazíveis na zona de transição, os frades souberam entendê-lo e perceber as necessidades de cada tipo de terra. Procederam ao arroteamento das mesmas, secaram pântanos e irrigaram terrenos secos com levadas de água, dando lugar a uma extensa área de produção agrícola.

O “(...) espírito empreendedor dos monges, os seus conhecimentos de técnicas agrárias, a dinamização dos mercados urbanos, a utilização de meios mecânicos de produção(...)”<sup>6</sup> revelaram-se a chave do progresso e desenvolvimento para esta região, facilitando ainda, a atracção e chegada de novos colonos. Visto que o número de monges era insuficiente para trabalhar tamanha área agrícola, os indivíduos recém-chegados mostraram ser a mão-de-obra necessária que os primeiros necessitavam.

A organização da exploração das terras agrícolas era feita através de granjas, que se assemelhavam a escolas agrícolas ou quintas modelo, onde os frades partilhavam com as gentes o conhecimento que iam adquirindo e desenvolvendo. Aqui, as sementes e as ferramentas eram fornecidas pelo Mosteiro. Em contrapartida, pagava-se a renda com os bens produzidos. Além disso, procurava-se perceber o que devia e podia ser cultivado, de acordo com o tipo de terreno e conforme as necessidades da Abadia e dos mercados. Havia assim, uma tentativa de especialização das granjas conforme o que fosse mais adequado para cada uma. Às granjas estavam associados núcleos populacionais, dos quais, alguns acabaram por receber cartas de povoamento, os forais.

Havia grande diversidade de culturas: desde as vinhas, aos olivais e pomares, leguminosas e cereais, até à criação de gado. E se por um lado, era necessário produzir, por outro era essencial dotar as granjas com infra-estruturas onde se pudesse armazenar o que fora produzido, como celeiros, adegas e currais, e garantir de igual modo, a existência de sistemas de transformação, fossem eles lagares de vinho e de azeite, moinhos, fornos... “São estas células de produção que vamos encontrar espalhadas pelos Coutos de Alcobaça, desde os inícios do estabelecimento dos religiosos nessas terras, organizando o espaço envolvente e a exploração das propriedades agrícolas.”<sup>7</sup>

Apesar da dificuldade em indicar o número exacto de granjas existentes e o ano da sua construção, supõe-se que seriam cerca de trinta. É precisamente a uma destas granjas, a de Valbom, que a Quinta da Mesquita terá pertencido. Segundo as Memórias Paroquiais, de 1758, “Em o lugar de Val Bom há hua irmida de Nossa Senhora de Conceição (...) neste lugar havia algum tempo outra irmida do glorioso Santo Antonio com tres altares em hua Quinta chamada a da Mesquita por ter sido de hus cavalleiros deste nome: pois antes que o fosse se chamava, a Granja de Val Bom, porem a tal irmida se demolio há annos.”<sup>8</sup> Deste modo, admite-se a possibilidade da Quinta ter estado inserida na Granja de Valbom, mas não se crê que fosse a única.

A partir do momento em que os colonos se apropriam (in)devidamente da terra que vão trabalhando, inicia-se o processo de fragmentação da propriedade inicial da Aba-

<sup>6</sup> BARBOSA, Pedro Gomes; MOREIRA, Maria da Luz – *Seiva sagrada: a agricultura na região de Alcobaça: notas históricas*. [s.l.] : Associação dos Agricultores da Região de Alcobaça, 2006, pág. 44

<sup>7</sup> IDEM, *Ibidem*, pág. 82

<sup>8</sup> PEREIRA, Luís Afonso Peres - *Freguesia do Bário: fundada a 29 de Maio de 1933*. 1ªed. [S.l.]: Junta de Freguesia do Bário, 2013, pág.12



José da Silva Pereira

Anna Izabel Pereira

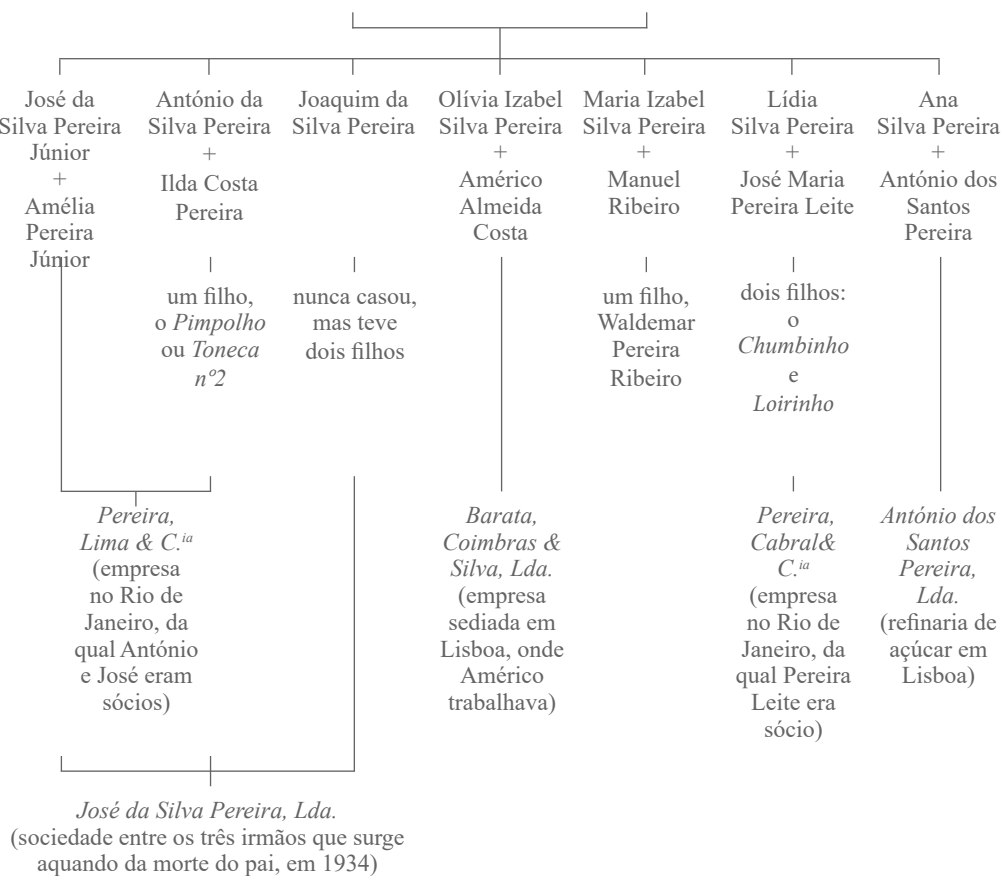


fig. 12| Retratos do patriarca e matriarca da família Silva Pereira e suas dedicatórias, datadas de 1911 e 1913, respectivamente

fig. 13| Árvore genealógica da família Silva Pereira e relações profissionais

dia de Santa Maria de Alcobaça. A Instituição foi perdendo direitos, rendas e terrenos, bem como sofrendo drenagem de dinheiro por parte dos Abades Comendatários. O século XVIII, que começou com grandes obras de transformação do Mosteiro, acabou por ditar o início da desgraça, com o terramoto de 1755 e posteriormente, com inundações. Prosseguindo com as invasões francesas já no começo do séc. XIX e terminando com a extinção das ordens religiosas em 1834.

Com o desmembramento dos Coutos de Alcobaça, a região manteve a sua importância, destacando-se como elemento da rede de infra-estruturas rodoviária e ferroviária, sendo passagem obrigatória no roteiro Lisboa-Porto.

Ainda, “No século XVIII, o território da região de Alcobaça era frequentemente notícia na *Gazeta de Lisboa*. ”<sup>9</sup>. Precisamente no jornal referido, lê-se no Nº153, datado de 2 Julho do ano de 1825, o anúncio: “*Quem quizer arrendar a quinta denominada a da Mesquita nos Coitos de Alcobaça em a Villa da Junqueira, dirija-se á rua da Cruz, aos Poiaes de S. Bento em Nº 1, e 2, que lá se lhe dirão as condições.*”. Apesar da Quinta não se situar na vila da Junqueira (embora esta exista realmente), há na sua proximidade o lugar da Junqueira, pelo que se pensa ter havido um equívoco. No entanto, não há dúvida na referência à Quinta da Mesquita, visto que na região não há outra propriedade com o mesmo nome. Desta forma, chega-se ao século XX com duas anotações acerca da história do objecto de estudo.

Do século XX, é visível uma inscrição na cantaria do portão, na entrada nordeste, indicando o ano de 1920, juntamente com a sigla J.S.P., que advém do nome José da Silva Pereira, proprietário da Quinta naquela época.

Não se tem conhecimento da data em que o espaço terá sido adquirido pela família Silva Pereira, no entanto a dedicatória encontrada num retrato do patriarca comprova que em 1911, este já seria o seu local de residência. Por isso, supõe-se que grande parte do edificado terá sido construída nos finais do século XIX / inícios do século XX e que terá sido esta família, a responsável pelo grande desenvolvimento da Quinta e pelo seu apogeu na primeira metade do século XX. Sendo um verdadeiro negócio familiar, em que quase todos os elementos contribuíram, mais ou menos, directa ou indirectamente, para a sua expansão, a história do objecto funde-se com a história da própria família, e vice-versa.

José da Silva Pereira, casado com Anna Izabel Pereira, teve sete filhos: três rapazes e quatro raparigas. O filho Joaquim foi quem se manteve na Quinta da Mesquita permanentemente até aos seus últimos dias. Encarregue de orientar os trabalhos agrícolas, tratava ainda de receber as rendas dos edificios que possuíam em Alcobaça e de fazer outros favores que os irmãos precisassem. Estes, por sua vez, viviam em Lisboa, sendo que José, António e Lídia iam ao Rio de Janeiro frequentemente. Os três rapazes acabaram por se distinguir dos demais no papel de empresários agrícolas, enquanto os seus cunhados se revelaram importantes auxiliares. “*Eram homens com sabedoria. Não tinham estudos, mas eram gajos batidões*”<sup>10</sup>. Eram pessoas que procuravam conhecer e saber, quer fosse

<sup>9</sup> BARBOSA, Pedro Gomes; MOREIRA, Maria da Luz – *Seiva sagrada: a agricultura na região de Alcobaça: notas históricas*. [s.l.] : Associação dos Agricultores da Região de Alcobaça, 2006, pág. 104

<sup>10</sup> Entrevista realizada no âmbito da presente dissertação ao Sr. José Santos, antigo funcionário da Quinta da Mesquita





fig. 14| Distribuição dos terrenos pertencentes à família Silva Pereira nos finais da década de 20  
A Quinta da Mesquita, em baixo à direita, e a Quinta da Junceira, com maior área, em cima



através de cartas que trocavam com amigos, onde expunham as suas dúvidas e ideias, opiniões e experiências, quer fosse através dos periódicos, de que eram assinantes, como *O Lavrador*, *O Jornal do Comércio e das Colónias*, *Boletim Comercial*, *Região de Leiria*... ou através das Associações de que eram sócios, como a *Cooperativa Agrícola de Alcobaça* e a *Associação Comercial de Lisboa*. Eram sobretudo, homens de negócios e com visão, capazes de ter e de manter a sua própria produção, quer fosse de vinho, azeite, frutas, legumes... e ainda comprar a outros agricultores e vender como sendo seu. De igual modo, prestavam atenção ao detalhe, tendo especial cuidado com o registo de marcas, o desenho de rótulos e naturalmente, com a apresentação dos seus produtos.

A partir de rótulos de garrafas e garrações de vinho que se encontraram numa das gavetas do Laboratório Vinícola, existente na Quinta, teve-se conhecimento da participação na Exposição Internacional do Rio de Janeiro de 1922/1923, onde J.S.P. recebeu o Grande Prémio com o seu vinho. “*Sobre a Exposição do Rio de Janeiro, de 1923, há informação no Jornal de Alcobaça, de 7 de Outubro, onde se noticiou que tinham sido atribuídos prémios a participantes locais, nomeadamente “a Natividade & C.<sup>a</sup>” (diploma de honra) e a José da Silva Pereira (com um grande prémio de vinho de consumo).*”<sup>11</sup>.

Em 1926, as marcas *JSP Alcobaça* (vinho) e *Alcobaça* (azeite) estavam registadas. E no mesmo ano, também já existia a *Pereira, Lima & C.<sup>ia</sup>*, uma sociedade entre os filhos António e José, e um tal Sr. José da Costa Lima. A empresa, com sede no Rio de Janeiro, tornou-se uma das principais representantes J.S.P., simultaneamente com a *Pereira, Cabral & C.<sup>ia</sup>*, da qual um dos sócios era o genro, o Sr. Pereira Leite (que casara com Lídia). Com esta presença no Rio de Janeiro, a cidade tornou-se um dos principais locais para onde exportavam.

No ano de 1928, assistiu-se ao aumento do espaço de produção agrícola, aquando da compra da chamada, Quinta da Junceira. “*(...) Já dei os parabéns ao pai pela compra da Q.ta da Junceira e agora venho reparti-los por ti. Comparticipando da satisfação de todos venho dar-te um abraço de alegria pela conclusão do negocio. Recebi a carta do pai que se manifesta mto. contente. Deve ser um bom negocio e uma rica propriedade! (...)*”<sup>12</sup>, escreveu José numa das muitas cartas que trocou com o irmão Joaquim. E assim, no final da década de 20, a família Silva Pereira apresentava uma extensa área de trabalho.

O início da década de 30 ficou marcado pela carta recebida do Instituto Agrícola Brasileiro, segundo a qual se propõe que “*(...) seja conferido ao VINHO ALCOBAÇA um “GRANDE DIPLOMA DE HONRA”, que signifique o mais alto conceito que tributamos aos produtos vinícolas aí elaborados. (...)*”<sup>13</sup>. No ano de 1931, o filho José voltou ao Brasil, onde António se encontrava, supostamente a gerir a sua empresa, mas onde “*(...) O pessoal parecia que não tinha patrão. (...)*”<sup>14</sup>. A contabilidade estava desorganizada, um vendedor tinha ficado com algum dinheiro e o Sr. Lima deixou de ser sócio. “*(...) Para continuar a mesma firma, visto que não podia registar a que desejava, Pereira C.<sup>a</sup>*

<sup>11</sup> BARBOSA, Pedro Gomes; MOREIRA, Maria da Luz – *Seiva sagrada: a agricultura na região de Alcobaça: notas históricas*. [s.l.] : Associação dos Agricultores da Região de Alcobaça, 2006, pág. 227

<sup>12</sup> Carta de José da Silva Pereira Júnior para Joaquim da Silva Pereira, 15 de Junho de 1928

<sup>13</sup> Carta do Instituto Agrícola Brasileiro, 16 de Outubro de 1931

<sup>14</sup> Carta de José da Silva Pereira Júnior para Joaquim da Silva Pereira, 23 de Maio de 1931





fig. 15| Stand de vendas da empresa *Pereira, Lima & C.<sup>ia</sup>*

*Pereira Irmão C.<sup>a</sup> ou Pereira J.or C.<sup>a</sup> por já existirem firmas eguaes registadas, teve o António que juntar ou adoptar ao seu nome o sobrenome de Lima para dar o nome à firma (...) Portanto, para efeitos commerciaes, passou o nosso irmão a ser António da Silva Pereira Lima. (...)”*<sup>15</sup>. Além disso, surgiram dificuldades em manter o vinho em bom estado, depois de armazenado, em vendê-lo e em garantir a sua originalidade, uma vez que *“Pelos vistos andam novamente os piratas a servir-se da nossa marca no Rio para venderem o seu peixe.”*<sup>16</sup>. Terão ainda, participado numa Feira de Amostras, com um stand onde apresentariam os azeites e vinhos e onde pretendiam lançar a nova marca de vinho, *ALCOBAÇA VELHO*. Nesta época, algumas das exportações e respectivos embarques estavam a cargo de *Barata, Coimbras & Silva, Lda.*, empresa sediada em Lisboa, onde trabalhava o genro Américo (casado com Olivia). Deu-se início à relação empresarial com *Loureiro, Costa & C.<sup>ia</sup>*, firma de São Paulo, para a qual começaram também, a exportar.

Mais tarde, em 1934, morreu José da Silva Pereira (pai), o que levou à formação da empresa *José da Silva Pereira, Lda.*, da qual os três filhos eram sócios. *“(...) Sobre o assunto das partilhas (...) Quanto à pergunta que me fazes sobre a parte onde desejo ficar, responderei que não escolho desde que seja aceite o plano que expões; ficarei na Mesquita ou na Junceira, como julgarem melhor, o que acho é que embora fique a exploração em comum, deve ficar na escritura discriminado o que pertence a cada um para evitar possíveis desinteligencias e complicações futuras que possam surgir. (...) muito desejaria ver posto em prática a edeia da Lidia e o marido [Pereira Leite] se fixarem ahi, na Mesquita, para ter a alegria de ver a continuação de tudo que está criado (...)”*<sup>17</sup>. Como resultado, a Quinta da Mesquita ficou em nome de Joaquim da Silva Pereira e Pereira Leite deixou a empresa que tinha no Rio de Janeiro, optando por voltar para Portugal com Lúcia e os seus dois filhos. Foram então, morar na Quinta, para que ele pudesse ajudar Joaquim com os negócios e Lúcia cuidasse das crianças e fizesse companhia a sua mãe. António e José mantiveram-se entre Lisboa e o Rio de Janeiro.

Na segunda metade da década, participaram em mais uma feira no Brasil: *“(...) dia 12 de Outubro vai abrir a Feira Internacional e lá iremos com o nosso stand vender uns barris de vinho ao copo, para fazer reclame (...)”*<sup>18</sup>. Verifica-se uma grande aposta na publicidade, havendo registo de pagamento de inscrição e meia página de anúncio, na Associação Industrial Portuguesa; de uma ordem de publicação na secção de Exportadores de Vinhos e Azeites na edição especial es de Vinhos e Azeites na edição especial Portugal País de Maravilhas, da Casa de Portugal (em França); e de um anúncio no Diário de Notícias.

Com o início da 2ª Guerra Mundial, em 1939, a preocupação dos irmãos revela-se nas cartas que trocam entre si. *“(...) Isto agora, com esta maldita guerra é uma massada tudo. É de esperar que a navegação se vá tornando mais difícil e por isso, convem ter sempre os armazéns cheios, principalmente das mercadorias que mais se vendem (...)”*<sup>19</sup>.

<sup>15</sup> Carta de José da Silva Pereira Júnior para Joaquim da Silva Pereira, 23 de Maio de 1931

<sup>16</sup> Carta de José da Silva Pereira Júnior para Joaquim da Silva Pereira, 25 de Junho de 1933

<sup>17</sup> Carta de José da Silva Pereira Júnior para Joaquim da Silva Pereira, 22 de Novembro de 1935

<sup>18</sup> Carta de José da Silva Pereira Júnior para Joaquim da Silva Pereira, 26 de Setembro de 1936

<sup>19</sup> Carta de Joaquim da Silva Pereira para António da Silva Pereira, 3 de Maio de 1940





fig. 16| Trabalhadores da Quinta da Mesquita em tempo de vindima

**DUPLICADO**  
Para ser devolvido ao interessado, depois de autenticado e verificado.

BOLETIM N.º \_\_\_\_\_  
(Por freguesia)

**MINISTÉRIO DA ECONOMIA**  
**JUNTA NACIONAL DO VINHO**  
(DECRETO N.º 27.977)

Freguesia de <sup>(a)</sup> Cela Concelho de <sup>(a)</sup> Medinça  
Lugar de <sup>(a)</sup> Al. da Mesquita  
Nome João da Silva Pereira  
na qualidade de <sup>(a)</sup> proprietário, residente no lugar de Al. da Mesquita  
freguesia de Cela, concelho de Medinça  
declara que produziu o seguinte:

ATENÇÃO – Não preencher este impresso sem ler as instruções no verso  
Havendo dúvidas, pedir informações  
**ESCREVER LEGIVELMENTE** 3080  
**PRODUÇÃO DE 1940** <sup>(c)</sup>

VINHO DE PASTO		VINHO LICOROSO		VINHO DE QUEIMA	AGUA-PÉ	AGUARDENTES		
LITROS		LITROS		Litros	Litros	LITROS		
Branco	Tinto	Branco	Tinto			Finas	Redondas	Bagaceiras
/	64.000	/	/	/	2.000	/	/	1.000

Colheita de 1940

**FEDERAÇÃO NACIONAL DOS PRODUTORES DE TRIGO**  
Delegação de Medinça  
Manifesto N.º 1877

Declarações feitas pelo Ex.º Sr. João da Silva Pereira domiciliado em Al. da Mesquita - Medinça

Produção quilos		Trigo recebido de rendas fôros, pensões, trab agric e quintões - quilos		Para sementeira quilos		Para consumo quilos		Para pagamento de trabalhos agrícolas quilos		Para pagamento de rendas, fôros, pensões e quintões - quilos		Para pagamento de maquia de debulha quilos		Para venda quilos	
Mole	Rijo	Mole	Rijo	Mole	Rijo	Mole	Rijo	Mole	Rijo	Mole	Rijo	Mole	Rijo	Mole	Rijo
1.000				7.000		200									2.900

Medinça, de Outubro de 1940

Pela Delegação Francisco da Silva

Custo do impresso Esc. 1800.  
Talão a entregar ao Produtor.

fig. 17| Manifestos da produção de vinho e colheita de trigo do ano de 1940



No entanto, e apesar do receio, encontraram-se registos do ano de 1940 que davam conta de inúmeras exportações para Moçambique: Lourenço Marques (actual Maputo), Porto Amelia (actual Pemba) e Quelimane; e para o Brasil: Santos (S. Paulo) e Rio de Janeiro. No mesmo ano, a produtividade nas Quintas da Mesquita e da Junceira também não foi afectada. Segundo a Federação Nacional dos Produtores de Trigo, produziram-se 4600Kg de trigo, sendo posteriormente dividido para a sementeira, consumo e venda; enquanto a Junta Nacional do Vinho assinalou uma produção de 64000 litros de vinho tinto, 2000l de água-pé e 1000l de aguardente bagaceira.

Para além de trigo e vinho, cultivavam-se vários produtos. O terreno amanhado era primeiro dividido em “terras” ou “talhões”. Conforme registado, havia: a Terra do Portão, Terra da Ribeira, Terra do Canto, Terra da Eira, Terra de Traz da Adega, Terra do Viveiro, Talhão Beira-rio, Talhão do Meio, Talhão do Poço e Canal. Em cada uma fazia-se depois, uma sementeira diferente: aveia, cevada, batatas, milho, trigo, favas, ervilhas, hortos, pimentos, nabos, grelos, batatas-doces, beterrabas, cenouras, feijão... tudo se semeava ou plantava. Além disso, havia as árvores de fruto: ameixieiras, pereiras, pessegueiros e macieiras. Os animais faziam também, parte da Quinta. As mulas e as juntas de bois ajudavam na lavoura, enquanto as galinhas e os porcos eram para consumo próprio e para vender. Aliás, tudo se vendia: desde a grainha, que restava do engajo da uva e se dava de comer aos animais; o estrume, que se usava para fertilizar as terras; as vides, que depois do amanho da vinha, se utilizavam para o lume; e até a fruta do chão, que se vendia para dar aos animais, mas que por vezes, eram as pessoas mais pobres que acabavam por comprá-la para comer.

O cuidado, preocupação e estima era visível no que se fazia na Quinta: os animais de trabalho eram ferrados sempre que necessário; chamava-se o veterinário para vacinar e castrar os bácoros; desinfectavam-se as cortes do gado com criolina; mantinham-se funcionários que se encarregavam da conservação do edificado e de fazer novas obras; e no engarrafamento e embalamento do vinho e da fruta, respectivamente. Se para o vinho havia as garrafas, por vezes com capas de palha, para a fruta, havia as caixas de madeira forradas com papel ou com fetos, apanhados diariamente. E ambos os produtos apresentavam rótulos previamente estudados, desenhados e registados.

Na década de 60, a exportação já não era frequente. Na Quinta da Mesquita desistiu-se da vinha e investiu-se nos pomares. Enquanto na Quinta da Junceira, e uma vez que era maior, se mantiveram a vinha, o olival, pomares e pinhal. A fruta acabou por se tornar um produto de excelência, com grande volume de vendas. Vendia-se no mercado em Alcobaça e tirando proveito dos automóveis e/ou do comboio, faziam-se chegar as caixas de fruta a Lisboa e ao Porto, onde Mandatários dos Mercados Abastecedores das respectivas cidades as esperavam. Além disso, vendia-se também, para hotéis, lojas, armazéns e frutarias, como por exemplo, *Pereira, Valentim e Martins, Lda.*, no Estoril; *Frutaria Casa do Príncipe, Lda.*, em Cascais; *Frutaria Garrett*, em Lisboa; *Simões Alves Martins*, Porto; *Casa Riolanda*, em Viana do Castelo; incluindo o *Est. Jerónimo Martins & Filho, Lda.*, em Lisboa, que corresponde actualmente, à cadeia de supermercados *Pingo Doce*.



fig. 18| Conjunto de rótulos de alguns dos produtos vendidos pela empresa José da Silva Pereira, Lda.

A Quinta da Mesquita manteve-se assim, em funcionamento, privilegiando a fruta, até à década de 80, época em que Joaquim da Silva Pereira, dono da propriedade, faleceu com cerca de 90 anos. Após a sua morte, a Quinta foi adquirida pela actual proprietária, a D<sup>a</sup> Cecília Maria Laureano Fernandes. Com a chegada da nova família, a propriedade permaneceu habitada e cultivada, mas mais tarde, os pomares acabaram por ser arrancados.

Actualmente, a Quinta da Mesquita não é habitada, sendo apenas utilizado o seu espaço agrícola. Os campos, agora sem vinha nem pomares, estão arrendados e continuam a ser cultivados. Mantêm-se as boas colheitas de milho, trigo e batatas. Enquanto a habitação e o restante edificado permanecem sem uso.





fig. 19| A entrada Este



fig. 20|O pontão do Rio de Pedralhos



fig. 21| O primeiro volume



fig. 22| A “Casa do Forno”



fig. 23|O caminho, a casa, a eira (à esquerda) e o jardim (à direita)

## DESCRIÇÃO DO EDIFICADO

Nos dias de hoje, a Quinta da Mesquita não se encontra em pleno funcionamento como acontecia em tempos, quando a sua administração estava ainda a cargo da família Silva Pereira. Por isso, achou-se pertinente e importante para o entendimento do espaço, perceber a sua organização de acordo com essa época áurea, em que os próprios edifícios terão sido construídos. Assim, procede-se à descrição do edificado e da respectiva função, com base no testemunho do Sr. Joaquim Henriques, antigo funcionário da Quinta entre as décadas de 60 e 80 do século XX.

O objecto de estudo, nos seus cerca de 5ha, inclui um edificado com aproximadamente 2000m de área construída. O conjunto, composto por vários volumes construídos para responder, sobretudo, às necessidades da produção agrícola, traduz-se num conjunto de edifícios que se relacionam de forma bastante peculiar com as suas formas e alpendres, procurando uma certa continuidade, albergando diferentes funções e formando espaços exteriores entre si.

Entrando na Quinta da Mesquita pelo seu portão Este, existente na Rua de Pedralhos, tem-se um caminho com cerca de 4m de largura que nos guia ao centro do aglomerado. Depois de se atravessar o pontão, por cima do Rio de Pedralhos, encontra-se o primeiro volume, situado à esquerda do percurso. Com uma forma rectangular, telhado de duas águas e um total de 172m<sup>2</sup>, apresenta uma primeira sala, a “*Casa do Forno*”, pequena e com entrada direccionada para o caminho, onde a criada fazia o pão e outros cozinhados para os patrões; e um segundo espaço, maior, composto por currais, onde se criavam os porcos e bezerros. Este tinha uma estrumeira própria, que depois de cheia era despejada no campo.

Continuando o trajecto, depara-se com um espaço exterior bastante cuidado e desenhado. O caminho delineado com calçada dá lugar a uma eira, do lado esquerdo, e a um jardim murado, do lado direito. O tractor e os carros de bois passavam normalmente, entre o edifício referido anteriormente e a eira. Esta, com cerca de 346m<sup>2</sup> tem um pequeno muro a delimitá-la em toda a volta. Era o espaço onde os servos debulhavam de tudo um pouco





fig. 24| O muro de contenção



fig. 25| O acesso ao rio



fig. 26| A segunda zona do jardim e respectiva entrada



fig. 27| O escritório e do telheiro (à direita), os pátios, os currais (atrás, ao centro), a oficina e armazém (à esquerda)



fig. 28| 1ª sala do escritório



fig. 29| 2ª sala do escritório



fig. 30| O telheiro



fig. 31| O curral dos bois, com as manjedouras e o sótão



fig. 32| Sala da fruta



fig. 33| A oficina

o que colhiam no campo, desde o milho à fava. Do lado oposto, o jardim é contornado não só, pelo caminho, como pelo Rio de Pedralhos, sendo o muro de contenção enriquecido com bancos e floreiras. Dividido em duas zonas, com um pequeno portão de entrada para cada uma, encontra-se na primeira, um acesso ao rio. Embora hoje o mesmo tenha sofrido um assoreamento, antigamente permitia às criadas descenderem para ali lavarem a roupa. Por sua vez, a segunda zona do jardim, tem um poço e uma bica onde podiam ir buscar água, e teve outrora, uma pequena estrutura de madeira, da qual restam alguns barrotes, onde era o galinheiro. De certo modo, esta parte do jardim está associada aos dois volumes que o circunscrevem a Nordeste.

Os dois edifícios que tanto se assemelham no seu alçado Noroeste, são na verdade, algo distintos na sua função e acabamentos. Com janelas para o jardim, a entrada para o edifício de 50m<sup>2</sup>, faz-se a partir do pátio central. O seu interior, ainda com armários, secretária e um pedaço de balcão, não esconde o seu carácter administrativo. Era aqui que todos os sábados, homens, mulheres e crianças recebiam a sua jorna e o capataz era quem dizia o que cada um valia. O Sr. José Santos, outro antigo funcionário, que trabalhou na Quinta com os seus 14/15 anos, garante que o trabalho nunca lhe morreu nas mãos e conta que um dia, um outro miúdo lhe dissera: *“Porque andas tão depressa?”*. *“Depois sábado é que se vê como é!”*, intrometeu-se o capataz. Afirmava ainda que *“Ia receber lá ao balcão, mas era com o boné fora da cabeça! Já havia delicadeza, não se entrava de qualquer maneira!”*. O balcão tornara-se de facto, uma barreira no espaço que apenas permitia passagem ao funcionário do escritório e ao patrão. Do outro lado da parede, com 147m de área, um simples telheiro revelava-se essencial, desta feita para guardar as galeras e os carros de bois. Totalmente aberto para Nordeste, o telheiro contacta com o pátio que o separa de um conjunto de três edifícios.

Estes volumes, com frente para a Rua Principal, são constituídos por espaços dedicados aos animais, à fruta, ao vinho e aos veículos. O primeiro, que faz fronteira com o rio, tem duas portas, uma garante o acesso ao curral das mulas e a outra, ao curral dos bois. O último diferencia-se pela existência de manjedouras e de um pequeno sótão onde arrumavam a palha. No exterior, existem resquícios de uma estrutura de madeira que permitia imobilizar o gado no momento de o ferrar. Entre estes currais e o dito telheiro, fazia-se o esterqueiro no pátio, que de quando em quando era limpo e cujo estrume era levado para mais uma vez, ser usado como fertilizante nos terrenos.

O segundo volume, com maior área, está dividido em três espaços: a destilaria, onde se fazia aguardente e tinha uma porta que permitia aceder directamente à Rua Principal (que hoje está fechada), e uma segunda porta no alçado Noroeste, para o pátio central; no mesmo alçado, encontra-se a porta de entrada na sala onde se procedia à escolha da fruta e à sua preparação; essa fruta era depois guardada no pequeno armazém, que tinha também, acesso a partir do pátio entre os currais e o telheiro. Posteriormente, terá sido construído o terceiro volume, com cerca de 65m<sup>2</sup>. Considerado a oficina da Quinta, era aqui que o Sr. Silva Pereira guardava os seus automóveis, um Mercedes e uma carrinha 4L, que o Sr. Joaquim Henriques estava encarregue de conduzir, era portanto, o *chauffeur*.





fig. 34| Entrada Nordeste



fig. 35| Sala das Caldeiras



fig. 36| Adega



fig. 37| Depósitos do vinho



fig. 38| O pátio entre a adega, as arcadas e os armazéns



fig. 39| O pátio principal, os armazéns e a habitação



fig. 40| O armazém maior e o seu lagar



fig. 41 e 42| Entradas Norte e Este dos armazéns



fig. 43| A habitação (alçado Este)



fig. 44 e 45| Entrada do Lab e sala tardoz; Sala da fruta





Avançando no edificado que faz frente com a Rua Principal, encontra-se um dos portões de entrada na Quinta da Mesquita e ainda, dois espaços dedicados ao vinho. A chamada, “*Sala das Caldeiras*”, era onde se ia buscar água quente para se lavarem os cascos (barris de 30 almudes, aproximadamente 540 litros) que se usavam para transportar o vinho nas carrinhas. Neste pequeno espaço, com uma forma triangular, era onde os servos se sentavam também, a almoçar. Ao lado esquerdo, existe a adega. Com espaço para tonéis, três depósitos em cimento, acima da cota do chão, e ainda quatro depósitos subterrâneos, esta tinha a capacidade de armazenar milhares de litros de vinho. No exterior, um alpendre marca a entrada na adega e intersecta-se com um outro volume: um espaço com uma arcada no rés-do-chão e um pequeno armazém no primeiro andar. Este edifício acaba por ajudar a definir e a completar o alçado Oeste do edificado, servindo de ligação entre as direcções Noroeste/Sudeste, correspondente ao edificado com frente para a Rua Principal, e Norte/Sul, relativo ao construído com frente para o espaço agrícola, ou seja, os grandes armazéns da Quinta e a habitação, propriamente dita.

Os armazéns, com entradas a Norte e a Este, mais uma vez, marcadas pela existência de alpendres (elementos frequentemente usados como marco de entrada e consequente transição entre o espaço exterior e interior), eram espaços de tratamento das uvas e armazenagem do vinho. O maior, com 269m<sup>2</sup> (9.50m x 28.50m), alberga um lagar no qual as uvas entravam pela janela lateral (a Este), eram prensadas e o respectivo mosto ia para os balseiros e vasilhas. “*O edificio aparece-nos definido (...) pela janela da entrada da uva vindimada e pela larga porta de saída dos cascos.*”<sup>20</sup>. À semelhança do que aconteceu na adega, também aqui foi construído um depósito subterrâneo.

Quanto à casa, distingue-se do conjunto pela sua função, desenho e volumetria. Com cerca de 377m<sup>2</sup> no rés-do-chão que incluem o pátio tardoz e pequenos anexos, 252m<sup>2</sup> no piso superior que abrangem as varandas, e 6 metros de altura ao beirado, este é o único edifício com telhado de três águas.

“*As casas altas, de primeiro andar, contam-nos histórias de riqueza, daqueles que sobressaem à míngua dos restantes. A estrutura cimeira albergava a habitação propriamente dita, ficando situada no rés-do-chão a loja ou arrecadação, onde se guardavam as arcas, a salgadeira e a talha do azeite.*”<sup>21</sup>

De facto, o rés-do-chão era composto por espaços de trabalho, associados ao vinho e à fruta. O alçado Este da casa, considerado o principal, para além das janelas e das escadas que garantiam o acesso à entrada da habitação, situada no 1º piso, exhibe no rés-do-chão três portas. A primeira, disposta mais a Norte, permitia aceder ao laboratório vinícola, onde se analisavam os vinhos e aguardentes, e a uma sala tardoz, que estava sempre fechada à chave, pois era onde o Sr. Joaquim Silva Pereira guardava os vinhos e aguardentes engarrafados e que fossem de reserva. Já na porta do meio, ou seja, na sala ao lado do laboratório, procedia-se à escolha e embalamento da fruta temporã, a fruta que

<sup>20</sup> AFONSO, João; MARTINS, Fernando; MENESES, Cristina - *Arquitectura popular em Portugal*. 4ª ed. Lisboa : Ordem dos arquitectos, 2004, vol. 2, pág. 84

<sup>21</sup> SABINO, Américo Sousa; MADURO, António Valério – *A arquitectura popular tradicional da Serra dos Candeeiros*. Alcobaca: [s.n.], 1993, pág. 9



fig. 46| Arrecadação



fig. 47| Sala tardoz



fig. 48| Acesso ao pátio



fig. 49| Hall de entrada



fig. 50| Sala de estar



fig. 51| Escritório



fig. 52| Corredor



fig. 53| Ligação entre quartos



fig. 54| Um dos quartos



fig. 55| Casa de banho



fig. 56| Sala de jantar



fig. 57| Cozinha



fig. 58| Escada interior

vinha mais cedo, prematuramente. Por fim, na porta mais a Sul, entrava-se num espaço reservado à arrecadação que simultaneamente possibilitava a passagem para uma outra sala tardoz. Esta já com uma janela que corresponde ao alçado Oeste e onde se localiza a caldeira do aquecimento central que a casa já tinha em meados do século XX, foi onde posteriormente, se construiu uma escada que veio permitir a chegada ao piso superior pelo interior da habitação. Continuando ainda no rés-do-chão, é na sala seguinte que se garante o acesso ao pátio tardoz que se encontra preenchido com alguns anexos: um galinheiro; o volume de uma instalação sanitária vinculada à habitação; um telheiro e uma cozinha, cuja construção é da responsabilidade da actual proprietária.

Em contraposição, o piso superior resume-se exclusivamente, à função habitacional, albergando um conjunto de nove divisões: quatro quartos, uma sala de estar, uma sala de jantar, uma cozinha, um escritório e uma casa de banho. Dando início ao percurso pela porta principal (agora, raramente usada), depara-se com um hall de entrada que permite acesso imediato à sala de estar (à direita), que tem uma lareira (opção da actual proprietária, após retirar o aquecimento central) e uma janela de sacada por onde se acede à pequena varanda; ou então, ao escritório pessoal do Sr. Silva Pereira (à esquerda), onde ainda permanece a secretária e restante mobília original, incluindo o cofre; ou pode-se ir até ao corredor, o grande elemento de distribuição central da casa, a partir do qual se entra nos espaços já referidos, nos quartos, na casa de banho e por fim, na sala de jantar, situada na zona Sul da casa.

A sala de jantar, juntamente com a cozinha, é o espaço que tem mais aberturas e que se revela mais agradável, provavelmente por receber luz directa durante todo dia. Com uma janela de sacada a Este e uma pequena varanda, tem ainda, mais duas janelas iguais que permitem a passagem para a grande varanda (2m x 11m) que marca o alçado Sul da casa. Enquanto a cozinha, onde vêm dar as escadas interiores de acesso ao 1º piso, tem uma janela de peito para a dita varanda e uma outra para Oeste.

Da organização do espaço no piso superior importa salientar o facto dos quartos (com excepção de um), a casa de banho e a cozinha, ou seja, as zonas mais privadas da casa se situarem naquele que se considera o alçado tardoz, a Oeste, enquanto as salas de estar e de jantar, o escritório, o quarto excepcional (utilizado pela criada) e o hall de entrada, o equivalente aos espaços mais sociais da habitação, se encontram no alçado principal, a Este. Como curiosidade, verificou-se ainda a existência de mais do que uma porta na maioria dos compartimentos, o que possibilita por exemplo, ir dum quarto até à casa de banho, sem necessitar de passar pelo corredor. Existindo mesmo um quarto que tem entrada a partir da casa de banho e a partir do quarto ao lado, não havendo qualquer passagem directa para o corredor. Verifica-se portanto, a duplicação da área de circulação.

Além disso, *“Os Invernos temperados, com dias soalheiros, e os Estios quentes influenciam o carácter do espaço exterior contíguo à habitação que, pela criação dum alpendre ou de uma varanda alpendrada, constitui zona de transição climática entre o ambiente tórrido e o interior fresco.”*<sup>22</sup>

<sup>22</sup> AFONSO, João; MARTINS, Fernando; MENESES, Cristina - *Arquitectura popular em Portugal*. 4ª ed. Lisboa : Ordem dos arquitectos, 2004, vol. 2, pág. 45





fig. 59, 60, 61 e 62| A varanda alpendrada e o que se vê a partir da mesma



fig. 63| Inscrição na cantaria da Entrada Nordeste (Rua Principal)



fig. 64, 65, 66 e 67| Os “acrescentos”. À esquerda: o galinheiro; à direita: a casa de banho

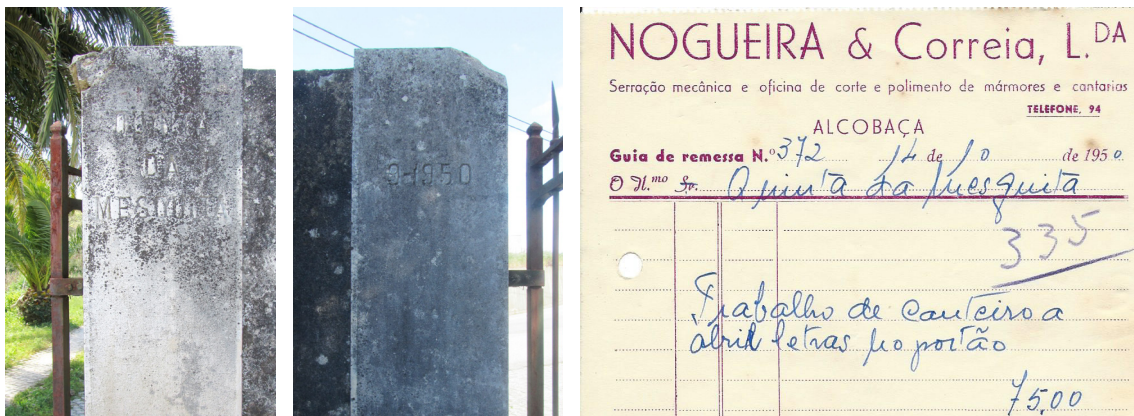


fig. 68, 69 e 70| Inscrição na cantaria da Entrada Este (Rua de Pedralhos) e respectivo comprovativo do trabalho

Destaca-se assim, o espaço da varanda. Permite quase que vigiar toda a Quinta, com a sua vista privilegiada para os portões de entrada, para os pátios, para os campos e, sobretudo, para a eira. A importância da varanda alpendrada enfatiza-se com o campo de visão tão abrangente que permite ter e com a relação tão próxima e directa com a eira (elemento importante no espaço de produção agrícola), que parece dar continuidade à grandeza e riqueza da casa transpondo-a para o plano horizontal.

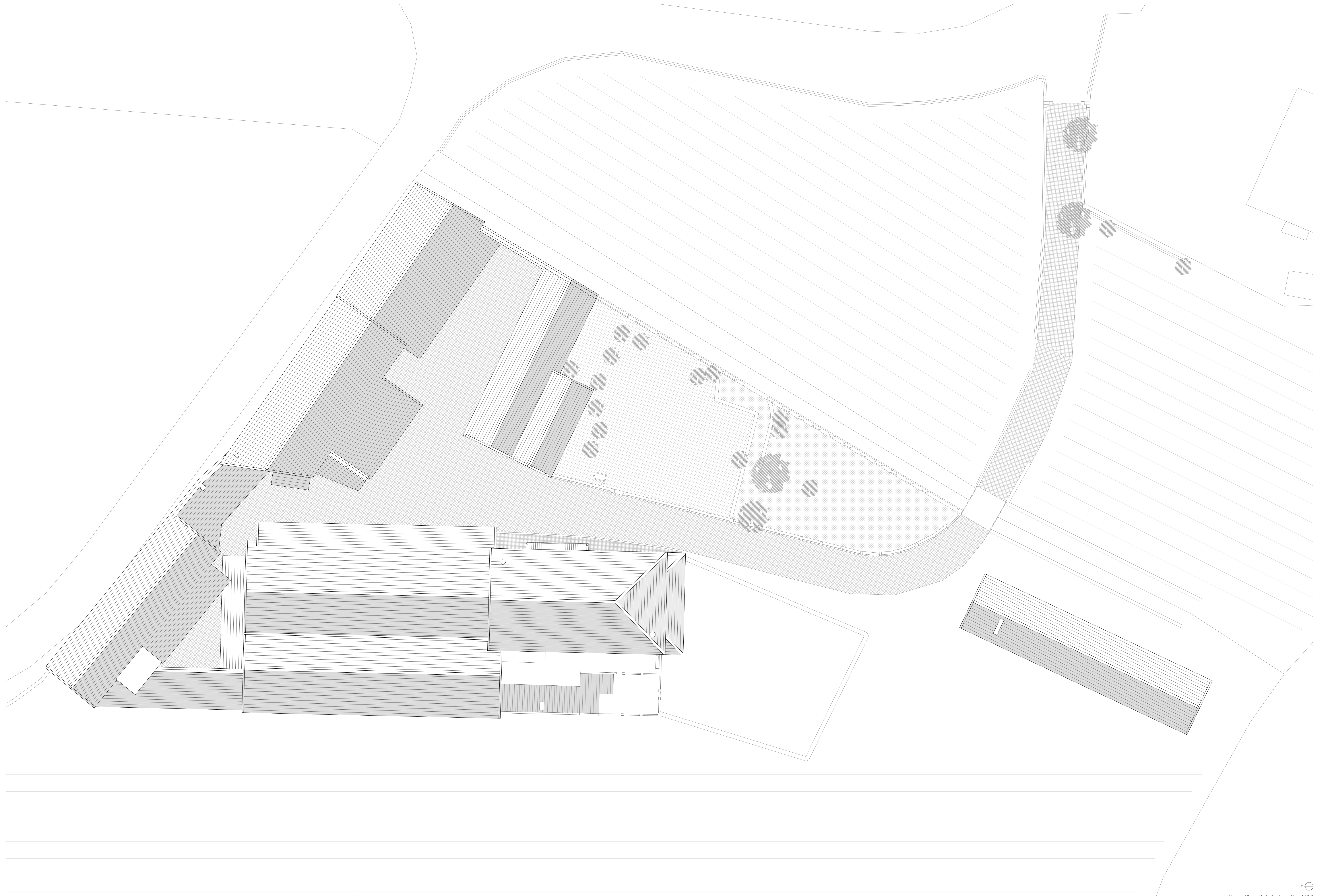
Concluindo, apesar da dificuldade em elaborar uma cronologia da construção do edificado e da falta de dados para tal, conseguiu-se com base na documentação encontrada, definir alguns pontos de referência. Começando pelo portão de entrada, da Rua Principal, onde surge inscrito na pedra o ano de 1920, pensa-se que nesta época o conjunto de edifícios poderia já estar construído. Mais tarde, de 1939, encontra-se registo de um pagamento pela planta dos muros que delimitam a Quinta e que segundo a qual terão sido executados. No caderno intitulado Exploração Agrícola, Quinta da Mesquita, verifica-se numa das folhas do ano de 1947, a compra de “*artigos sanitários*”, “*1 banheira*”, “*materiais div. e acessórios canaliz.*”, “*9 paineis de rede de arame pa. aviário*”, “*1 painel de rede pa. a porta do aviário*” e ainda de cimento, ferro, tijolos, telhas, cal... ou seja, os materiais necessários para a construção da casa de banho no rés do chão e para o novo galinheiro, ambos os anexos situados no pátio tardo da casa. Do ano seguinte, 1948, data a licença para a ampliação de uma pocilga com 50m<sup>2</sup>, que se pensa ser o primeiro volume descrito neste texto. Posteriormente, em 1950, fez-se um investimento na entrada da Rua de Pedralhos, com a compra de um portão de ferro, de duas ombreiras de pedra e da abertura de letras na respectiva pedra, que marcam o nome Quinta da Mesquita e a data de execução, 9-1950. Apesar de não se conseguir datar, é clara a posterioridade da varanda Sul e das escadas interiores, juntamente com as respectivas lajes, visto ser reconhecível a textura do betão nas mesmas, em oposição ao sobrado e vigamento de madeira presente em toda a habitação.



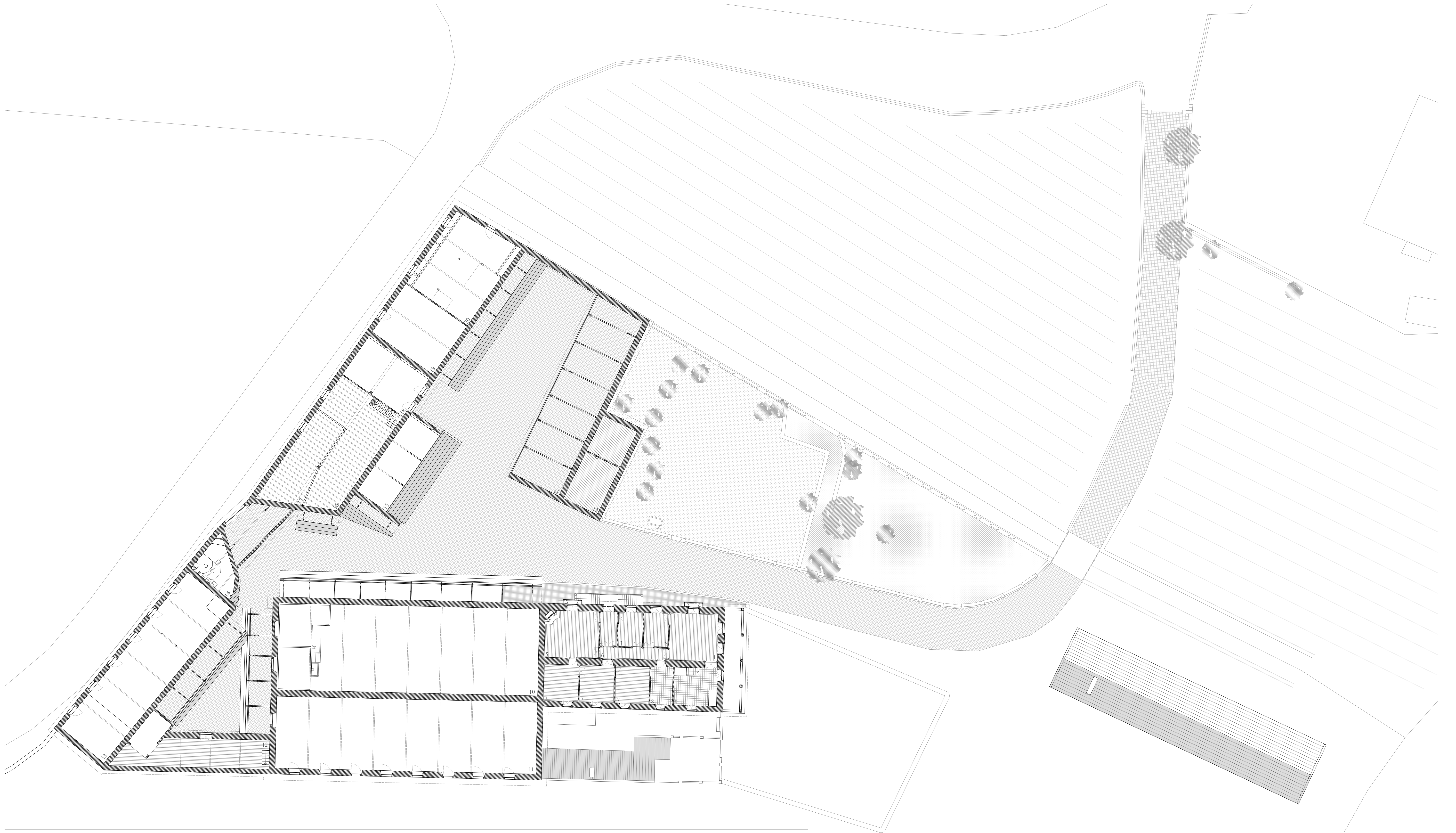
## **LEVANTAMENTO**

1. Planta de Cobertura
2. Planta do Piso 1
3. Planta do Piso Térreo
4. Alçado Sul
5. Alçado Este
6. Alçado Oeste
7. Alçado Oeste'
8. Alçado Sudoeste
9. Alçado Nordeste
10. Corte transversal
11. Corte transversal
12. Corte longitudinal
13. Corte longitudinal
14. Corte transversal
15. Corte transversal
16. Corte longitudinal
17. Corte longitudinal
18. Corte transversal
19. Corte transversal
20. Corte transversal
21. Corte longitudinal
22. Corte longitudinal
23. Corte longitudinal







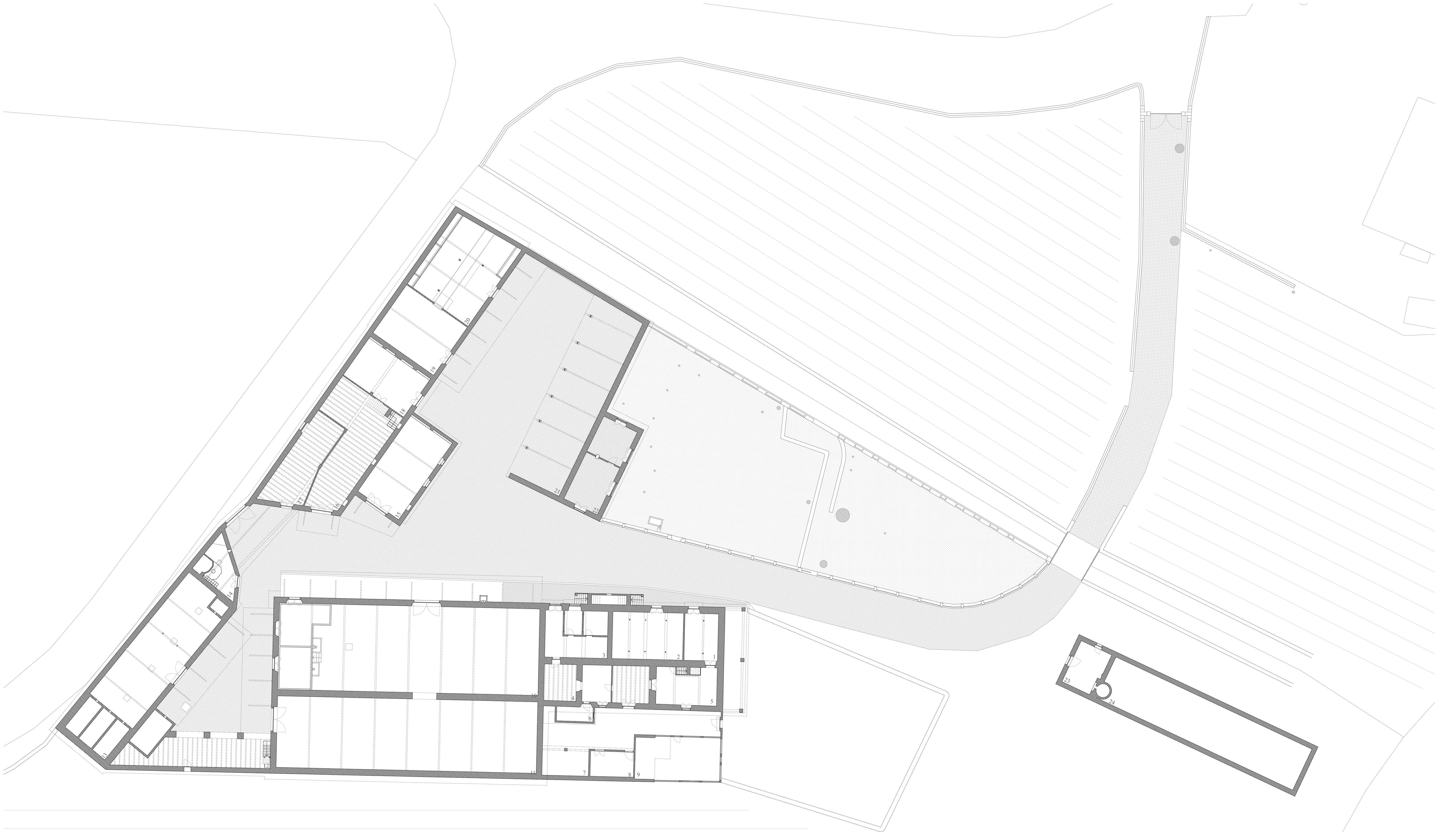


Legenda:

- Habituação  
1. Sala de jantar  
2. Quarto (da empregada)  
3. Escritório  
4. Hall  
5. Sala de estar  
6. Corredor de distribuição  
7. Quarto  
8. Casa de banho  
9. Cozinha

- Edifícios de apoio à actividade agrícola  
10. Grande armazém Este (Lagar)  
11. Grande armazém Oeste  
12. Armazém das arcadas  
13. Adega  
14. Sala das caldeiras  
15. Oficina  
16. Sala de escolha da fruta  
17. Destilaria  
18. Armazém da fruta  
19. Curral das mulas  
20. Curral dos bois  
21. Telheiro  
22. Escritório





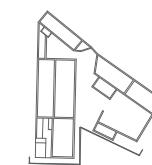
Legenda:

- Habituação  
1. Arrecadação  
2. Sala da fruta temporária  
3. Laboratório vinícola  
4. Sala do vinho de reserva  
5. Sala de acesso ao piso 1  
6. Casa de banho  
7. Telheiro  
8. Cozinha  
9. Galinheiro

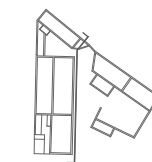
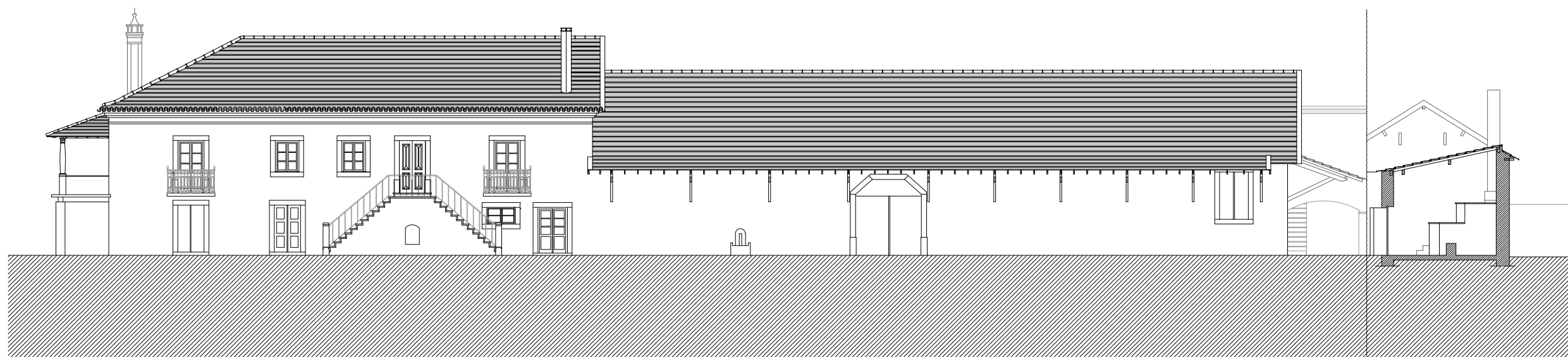
- Edifícios de apoio à actividade agrícola  
10. Grande armazém Este (Lagar)  
11. Grande armazém Oeste  
12. Armazém das arcadas  
13. Adega  
14. Sala das caldeiras  
15. Oficina  
16. Sala de escolha da fruta  
17. Destilaria  
18. Armazém da fruta  
19. Curral das mulas  
20. Curral dos bois  
21. Telheiro  
22. Escritório  
23. Casa do forno  
24. Currais



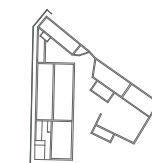
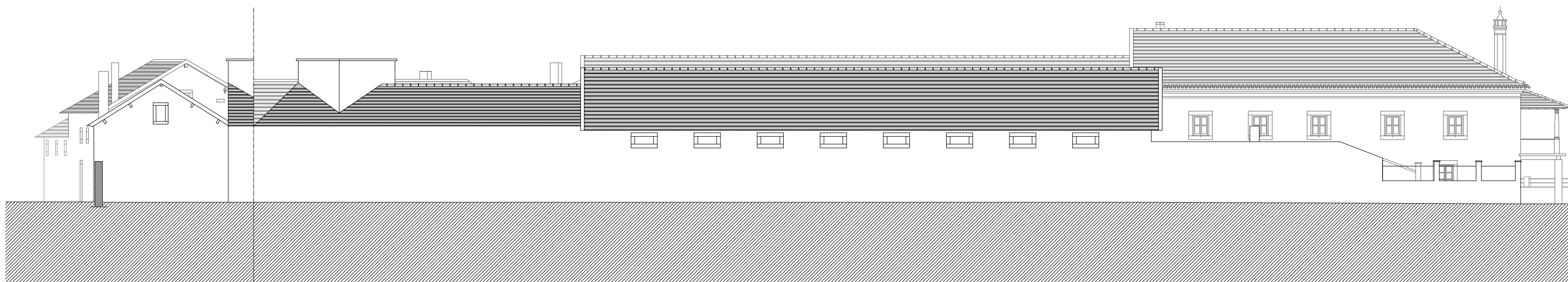




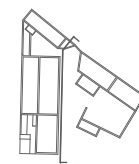
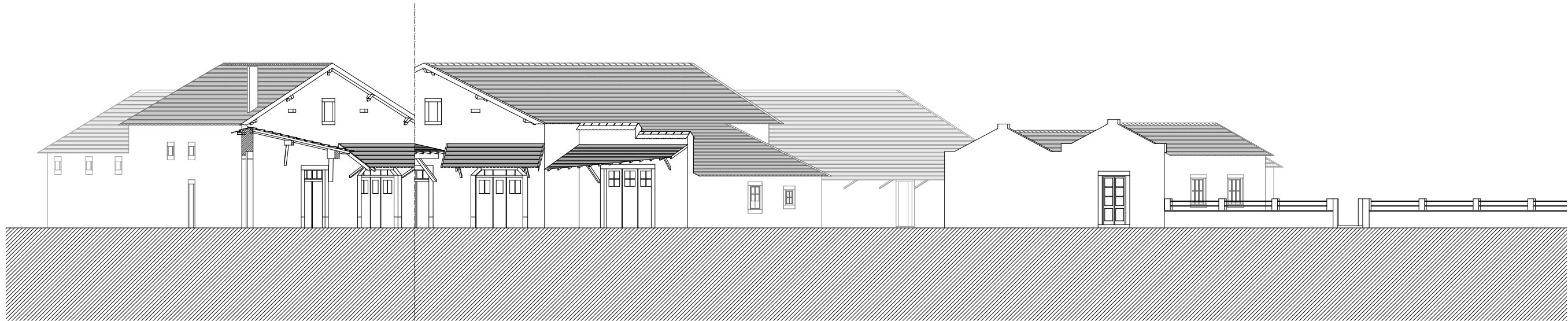
Des. 4  
Alçado Sul  
Esc. 1:200



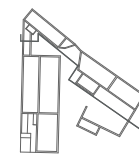
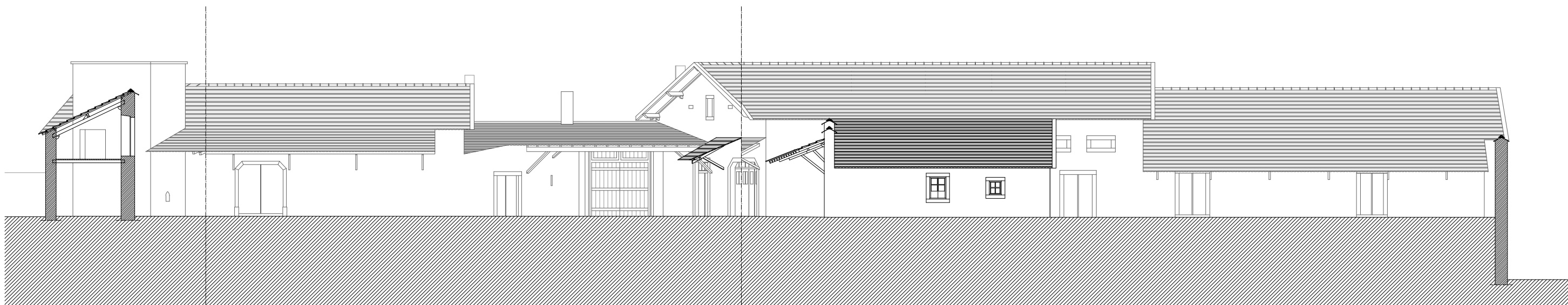
Des. 5  
Alçado Este  
Esc. 1:200



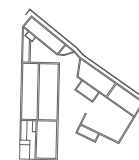
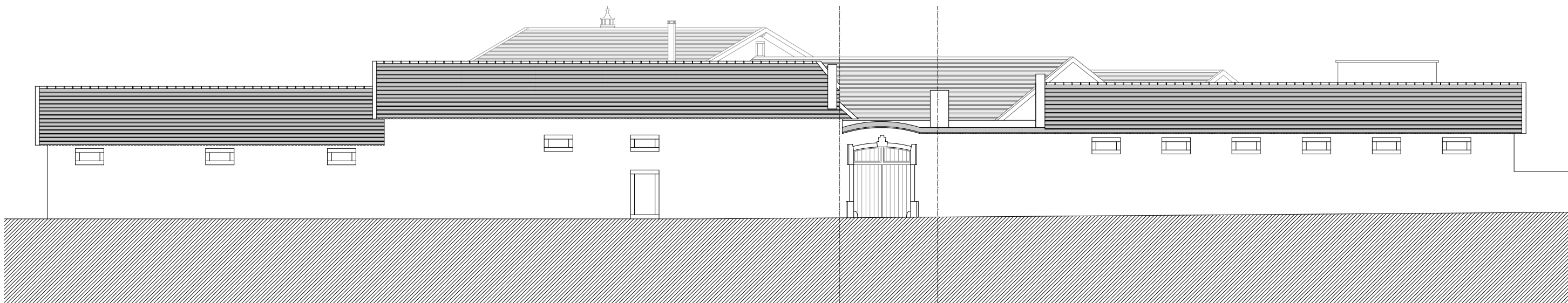
Des. 6  
Alçado Oeste  
Esc. 1:200



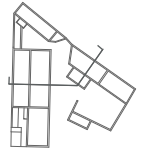
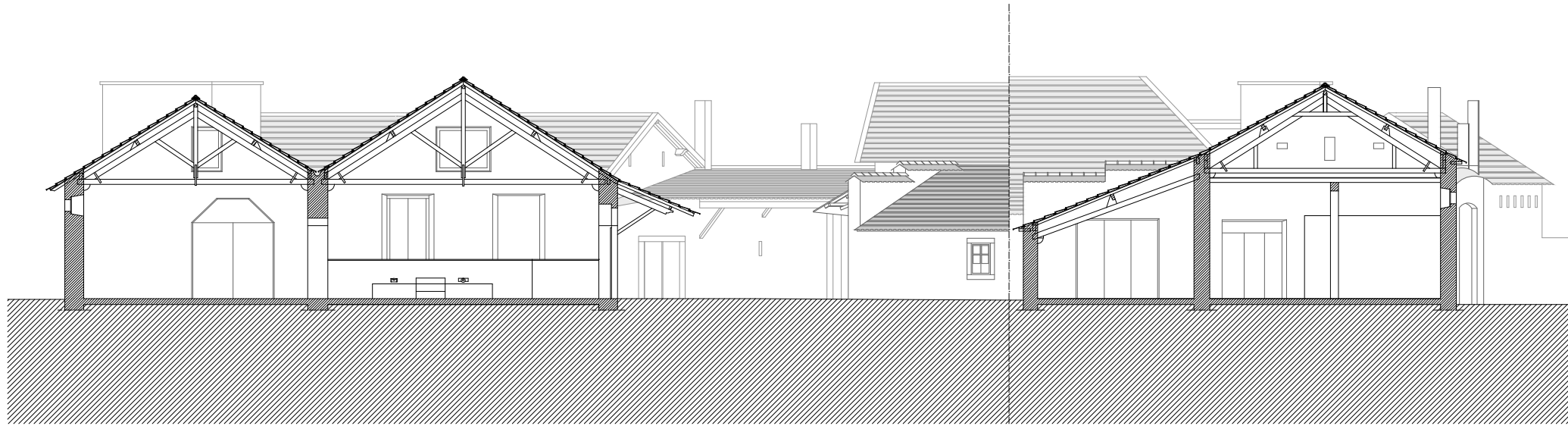
Des. 7  
Alçado Oeste  
Esc. 1:200



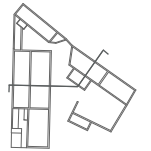
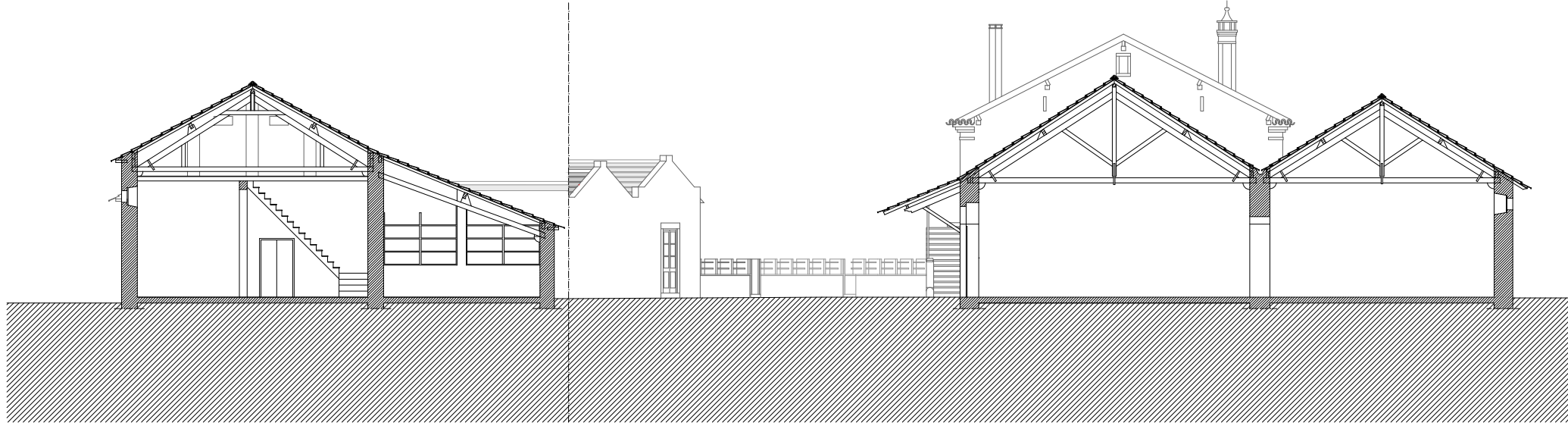
Des. 8  
Alçado Sudoeste  
Esc. 1:200



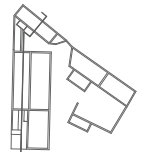
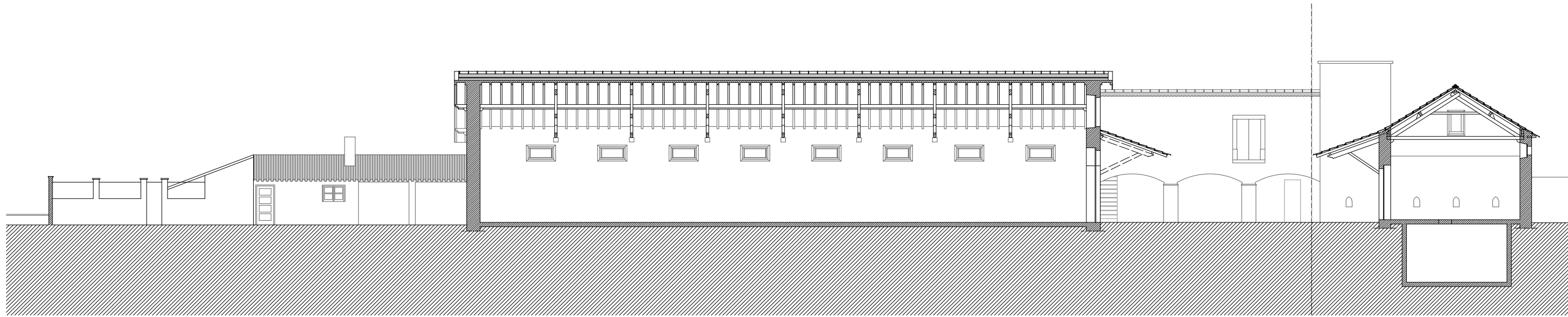
Des. 9  
Alçado Nordeste  
Esc. 1:200



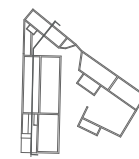
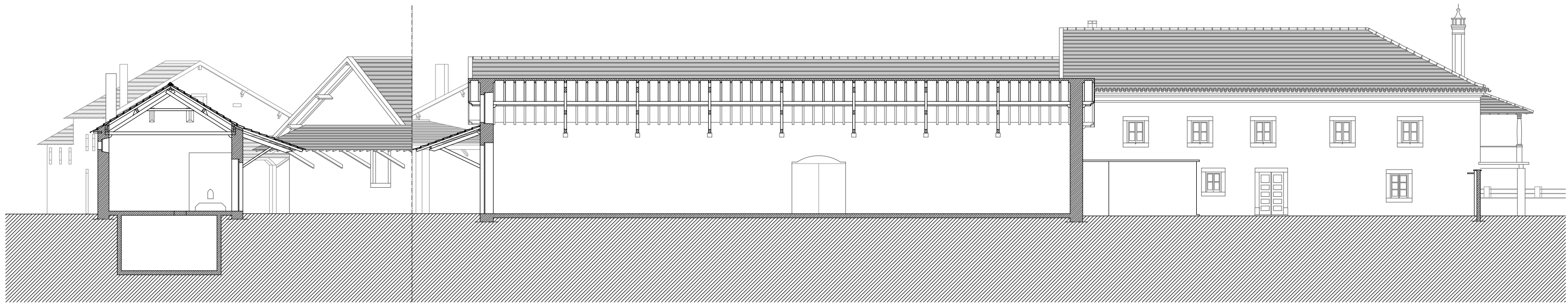
Des. 10  
Corte transversal  
Esc. 1:200



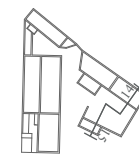
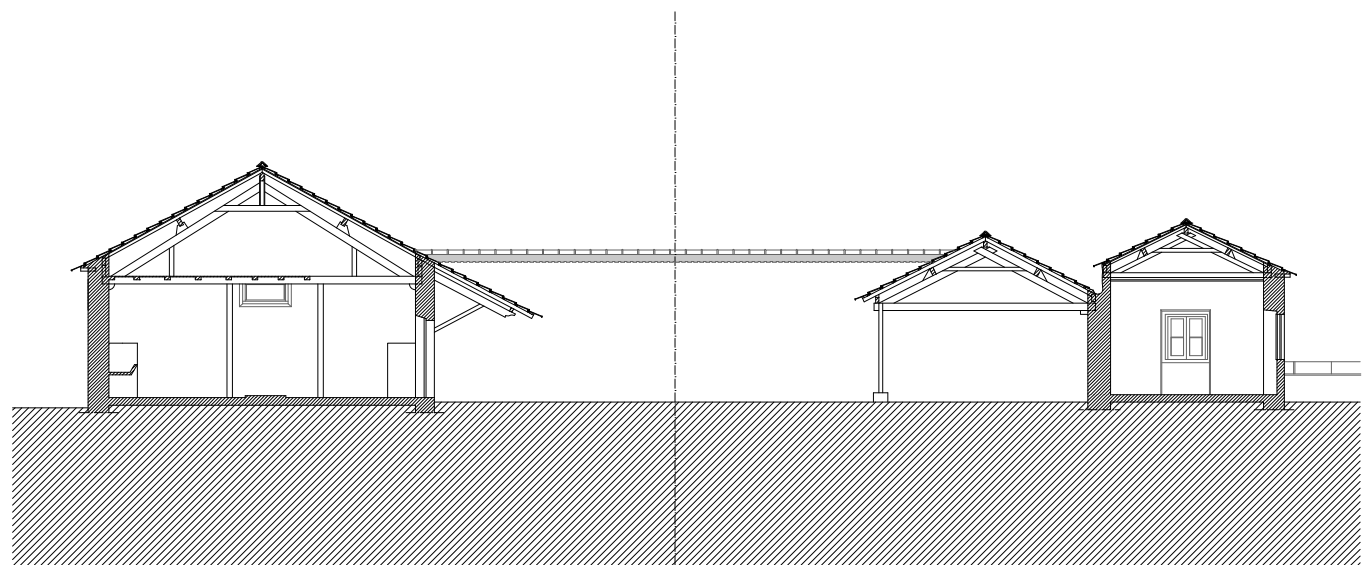
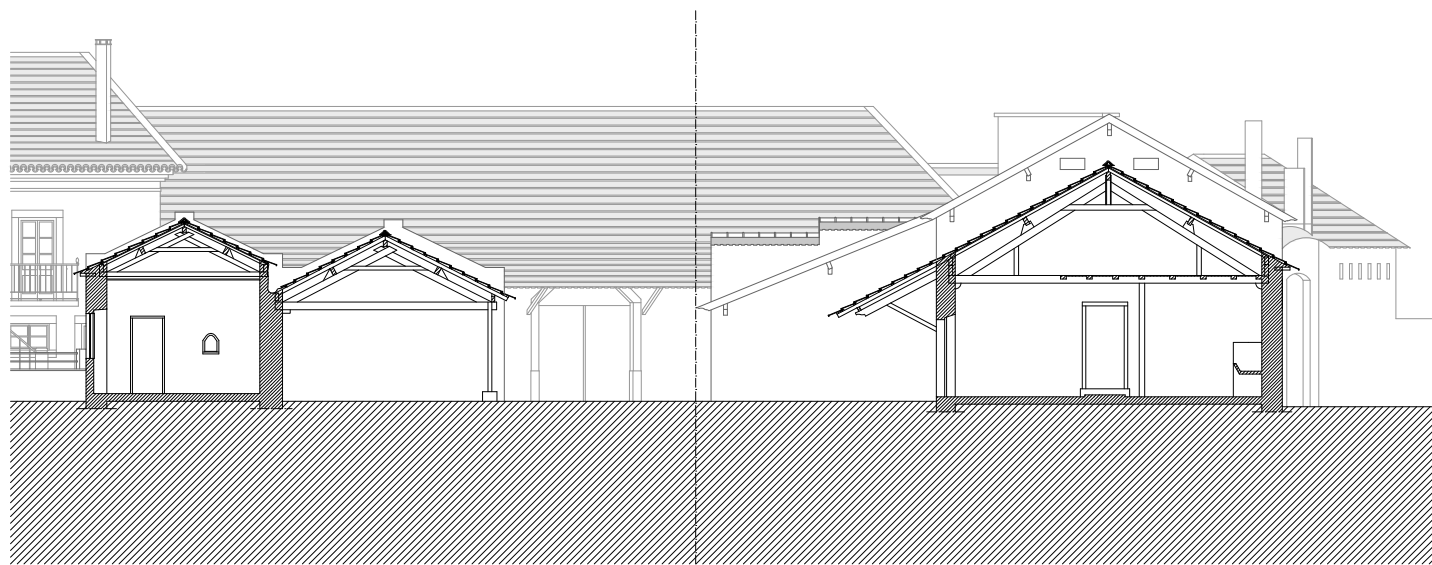
Des. 11  
Corte transversal  
Esc. 1:200



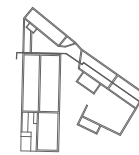
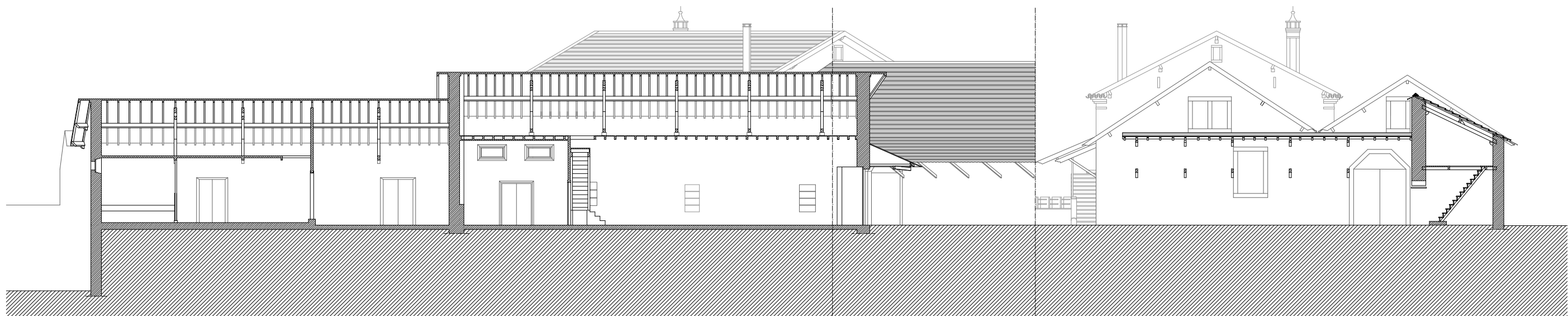
Des. 12  
Corte longitudinal  
Esc. 1:200



Des. 13  
Corte longitudinal  
Esc. 1:200

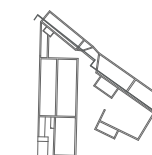
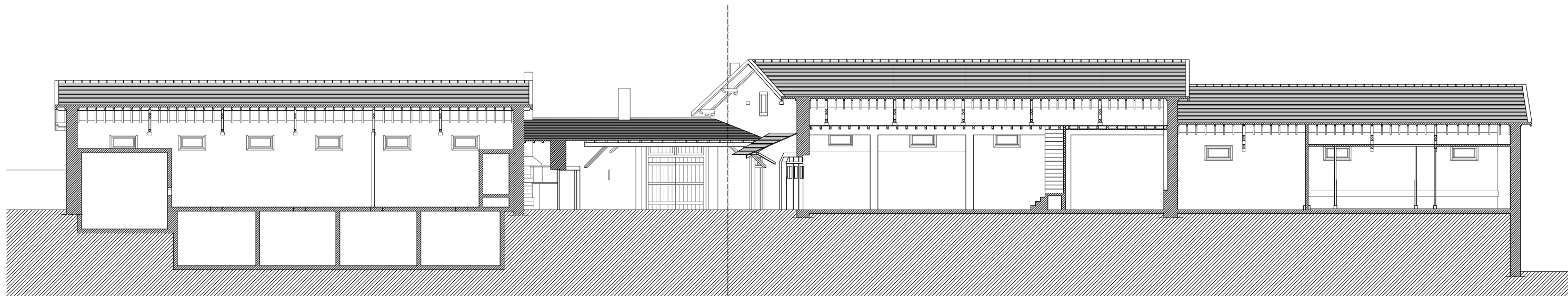


Des. 14 e 15  
Cortes transversais  
Esc. 1:200

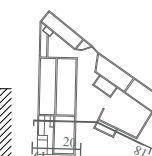
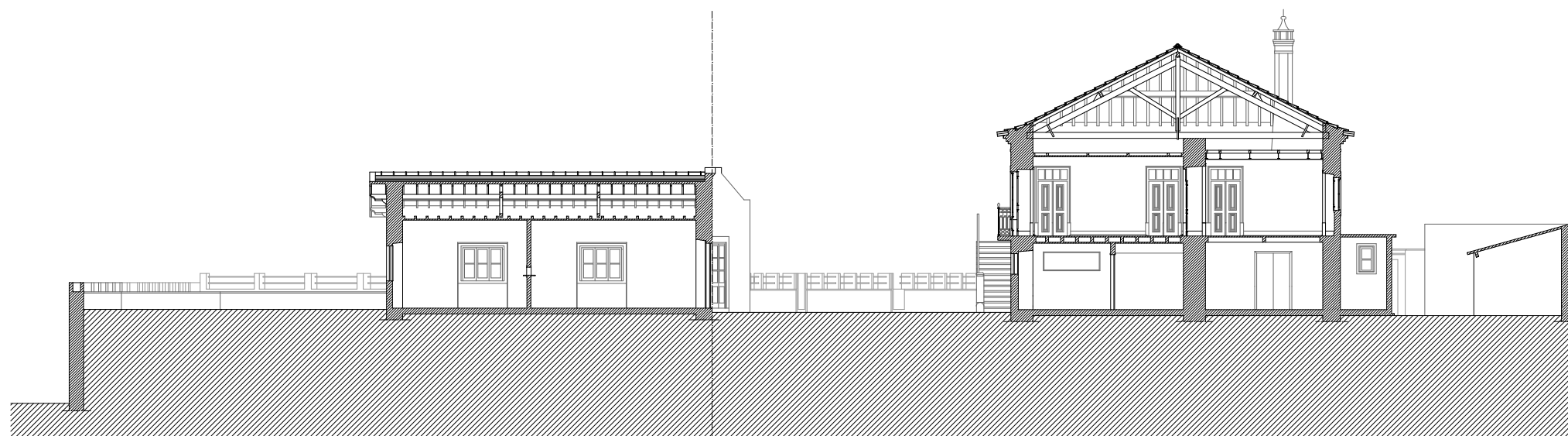


Des. 16  
Corte longitudinal  
Esc. 1:200

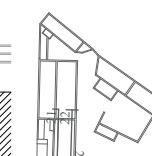
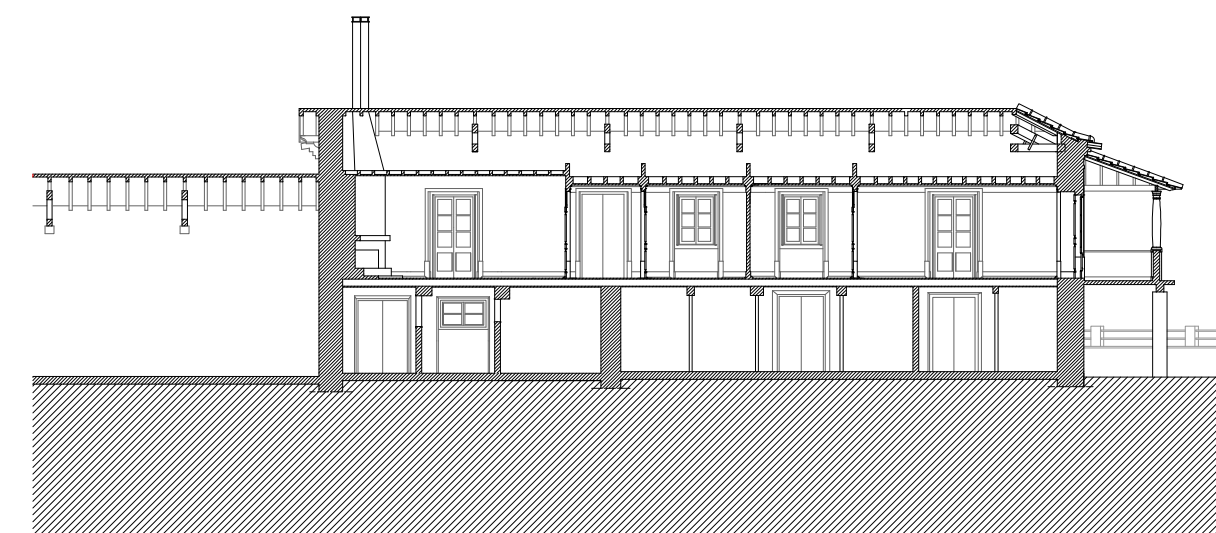
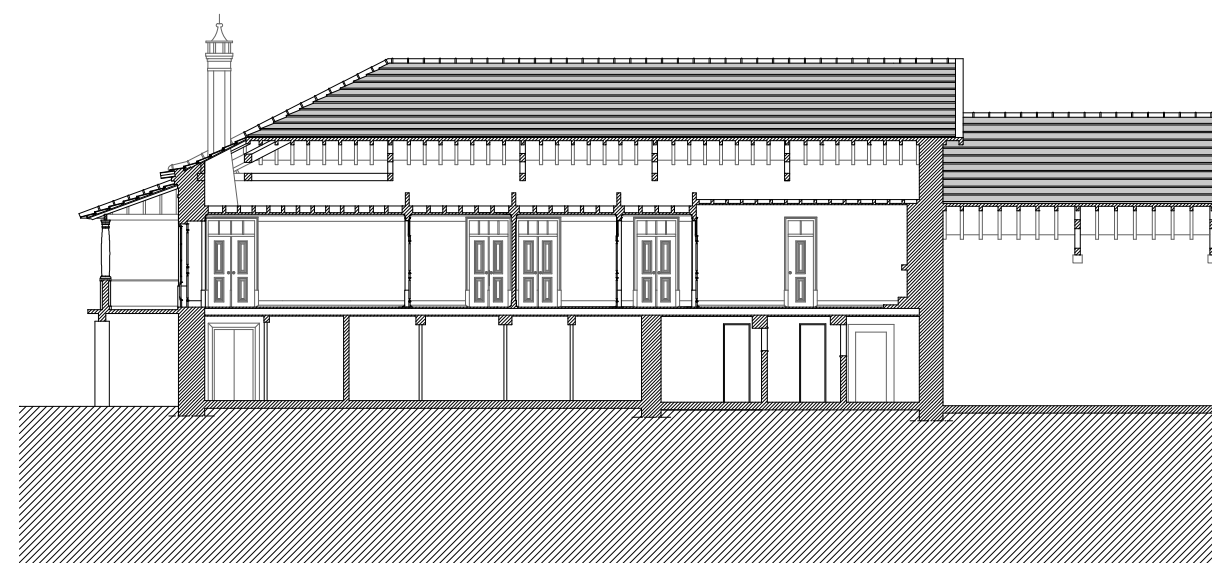




Des. 17  
Corte longitudinal  
Esc. 1:200



Des. 18, 19 e 20  
Cortes transversais  
Esc. 1:200



Des. 21, 22 e 23  
Cortes longitudinais  
Esc. 1:200



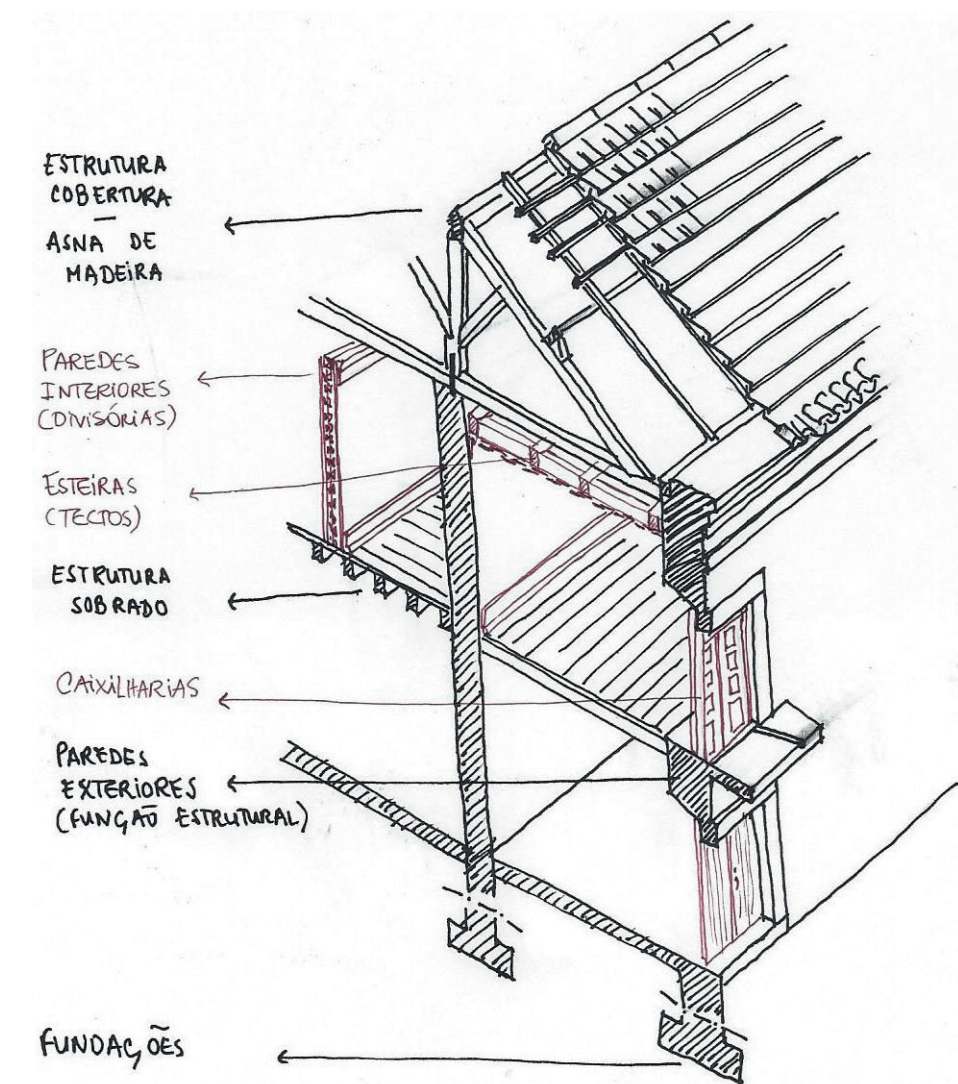


fig. 71| Desenho de estudo: *um todo com sentido a partir de muitas partes*. As estruturas principal e secundária..

## DESCRIÇÃO DO SISTEMA CONSTRUTIVO

*“A construção é a arte de formar um todo com sentido a partir de muitas partes. Os edifícios são testemunhos da capacidade humana de construir coisas concretas. O verdadeiro núcleo de qualquer tarefa arquitectónica encontra-se, no meu entender, no acto de construir. É aqui, onde os materiais concretos são reunidos e erigidos, que a arquitectura imaginada se torna parte do mundo real.”* <sup>23</sup>

Durante as visitas à Quinta da Mesquita, para além da compreensão da sua história, do desenho dos espaços, da sua função e organização, ou seja, da percepção da sua riqueza arquitectónica, procurou-se de igual modo analisar a sua riqueza construtiva.

Dependendo da função e da volumetria, verificou-se que os edifícios apresentam pequenas variações nos seus elementos construtivos. Por isso, importa entender os materiais e técnicas, como são usados e conjugados, mas também, observar as diferentes soluções para cada elemento. Assim, embora a análise se baseie sobretudo na casa, por ser precisamente o edifício mais rico, contrapõe-na simultaneamente, com o restante edificado. Para tal, e dispondo de escassas ferramentas, recorreu-se à observação visual e à medição dos elementos. Uma vez que nem sempre foi possível a sua visualização, foi essencial a consulta de bibliografia e o estudo das soluções construtivas mais comuns nos séculos XIX e XX.

Posto isto, e tendo em conta que *“a pormenorização construtiva é decisiva para a caracterização e sucesso das operações de reabilitação”* <sup>24</sup>, pretende-se com este estudo exaustivo, obter uma base de conhecimento capaz de ajudar na tomada de decisões e na sua fundamentação ao longo do processo criativo e de intervenção na área em questão.

Antes de se proceder à descrição pormenorizada de cada elemento que constitui o sistema construtivo, há que ter ainda em conta o seu funcionamento global e a forma

<sup>23</sup> ZUMTHOR, Peter – *Pensar a arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 2005, pág. 11

<sup>24</sup> LOPES, Nuno Valentim - *Reabilitação de Caixilharias de Madeira em Edifícios do Século XIX e Início do Século XX. Do restauro à selecção exigencial de uma nova caixilharia: o estudo do caso da habitação corrente portuense*. Dissertação de Mestrado em Reabilitação do Património Edificado. Porto: FEUP, 2006, pág. 58



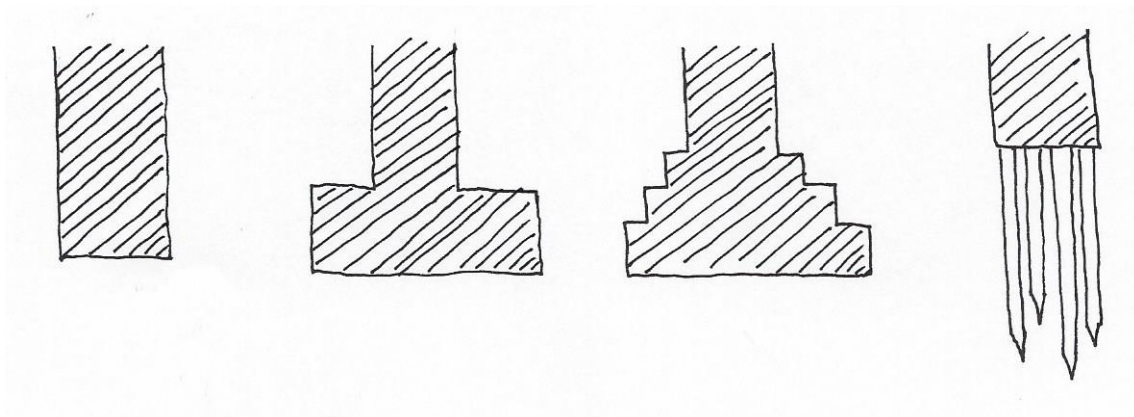


fig. 72| Desenho de estudo: os vários tipos de fundações



fig. 73| O muro de contenção e a linha de água



fig. 74| Edifícios que contactam com a linha de água



fig. 75| Exemplo de cunhal, já com a pedra à vista



fig. 76| Parede Exterior e o seu aparelho irregular

como trabalha como um todo. Na verdade, este sistema engloba duas estruturas: a principal, essencial para a existência da casa, é a sua base construtiva e é composta por paredes exteriores, construídas em alvenaria de pedra calcária e que partem das fundações, pela estrutura de sobrados e pela estrutura da cobertura, ambas constituídas por vigas esquadriadas de madeira de pinho, apoiando-se nas paredes referidas anteriormente; a secundária, que surge como complemento no equilíbrio e reforço da estrutura e abrange as paredes interiores de compartimentação; a carpintaria e a caixilharia.

## FUNDAÇÕES

Visto que o tipo e as dimensões das fundações “ (...) *estão directamente dependentes das qualidades do terreno onde se implanta o edifício.*”<sup>25</sup>, e que a Quinta da Mesquita se encontra num vale, num terreno plano ladeado por dois ribeiros, supõe-se que as fundações do edificado em estudo poderão ser: “ (...) *directas constituindo o simples prolongamento, até ao terreno, das próprias paredes resistentes, com a mesma largura (...)*”<sup>26</sup>; por sapata, em que apresentam um alargamento relativamente à espessura da parede; ou “ (...) *indirectas, constituídas por estacarias de madeira, atravessando aterros e formações recentes e atingido estratos profundos de solo resistente.*”<sup>26</sup>, geralmente associadas a zonas próximas de cursos de água “ (...) *em que se sucedem camadas aluvionares brandas – geralmente lodosas – e areias regulares onde a cravação é fácil.*”<sup>27</sup>.

Por conseguinte, coloca-se ainda uma outra hipótese, em que se sugere a possibilidade de haver no edificado da Quinta, uma conjugação dos vários tipos de fundações. Ou seja, tendo em conta que os muros que delimitam o Rio de Pedralhos estão em contacto directo com a linha de água e o seu solo arenoso, poderão estar assentes sobre estacas, enquanto os edifícios adjacentes, situados numa cota superior, numa área mais sólida e estabilizada pelos ditos muros de sustentação, poderão ter fundações directas, com ou sem sapata.

## PAREDES EXTERIORES

No objecto de estudo verifica-se que tanto na habitação como nos armazéns de apoio agrícola, todas as paredes exteriores, sejam das fachadas ou de *meação*<sup>28</sup>, assumem a função estrutural. Se por um lado, as paredes de maior comprimento servem de suporte ao vigamento dos sobrados e das coberturas; por outro, as paredes de menor extensão, (maioritariamente) perpendiculares às anteriores, servem de auxílio no sustenho da estrutura da cobertura (nomeadamente da tacaniça) e contribuem ainda para o travamento

<sup>25</sup> FREITAS, Vasco Peixoto de – *Manual de apoio ao projecto de reabilitação de edifícios antigos*. Porto: Ordem dos engenheiros da região norte, 2012, pág. 36

<sup>26</sup> APPLETON, João – *Reabilitação de edifícios antigos: patologias e tecnologias de intervenção*. Amadora: Orion, 2003, pág. 10

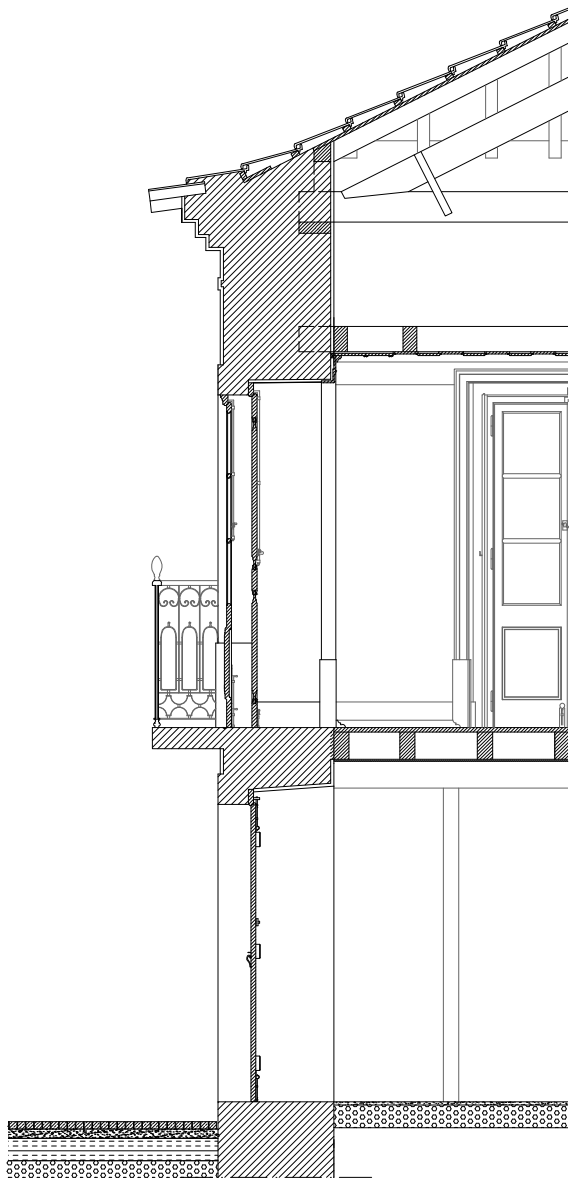
<sup>27</sup> id. *ibid.*, pág.16

<sup>28</sup> Por simplificação de nomenclatura, a palavra *meação* não é aqui empregue no seu sentido tradicional, de divisão de propriedade, mas sim de divisão de edificado





fig. 77| Parte do alçado da fachada Este da habitação



Des. 24| Corte da fachada Este da habitação | Esc. 1:50

das paredes maiores, permitindo desta forma, obter um conjunto de paredes exteriores compacto e resistente.

Os materiais utilizados na construção dependiam da sua disponibilidade na região e estando a Quinta situada nas proximidades da Serra d'Aire e Candeeiros, apelidada de Maciço Calcário Estremenho<sup>29</sup>, as paredes foram construídas em alvenaria de pedra de calcário. De aparelho irregular, “ (...) assente com argamassa de cal, areia e saibro (...) Estas paredes de pedra partem do ensoleiramento, que é o nivelamento geral dado ao respaldo das fundações onde estão assentes, até à cobertura.”<sup>30</sup> alcançando espessuras que variam entre os 50 e 75 cm, no edificado de apoio às actividades agrícolas, e entre 60 e 75cm, na habitação, não se verificando qualquer alteração da espessura das paredes do r/c para o piso superior.

As paredes exteriores são marcadas pontualmente por aberturas destinadas “a dar passagem para o interior dos edifícios e a dar luz, ventilação para os interiores e recreio para os moradores”<sup>31</sup>, sejam janelas, portas ou portões (nos armazéns). Para a sua construção, usam-se peças de pedra devidamente aparelhadas – cantaria - ou até mesmo peças de madeira, como se encontra na verga da porta da “Sala das Caldeiras”. “(...) sob a forma de lancis de soleira, de parapeitos, de ombreiras [usualmente com soco na parte inferior] e de lintéis ou vergas (...)”<sup>32</sup> as peças de pedra definem os vãos, acabando por dividir a espessura total das paredes em duas partes: 20cm correspondente aos aros de gola, onde a pedra aparelhada fica à vista e se situa a janela, e o restante, marcado pelo corte da pedra em forma de batente (com excepção das soleiras), associado às portadas.

A parede da fachada principal da habitação (a Este) é enriquecida por duas varandas, com um balanço de 45cm e uma espessura de 14cm, que apresentam um gradeamento de ferro com um corrimão de madeira. No alçado Sul, há ainda uma “varanda alpendrada” cuja construção terá sido posterior, pois a sua laje e pilares são de betão.

Quanto ao revestimento e acabamento: no exterior, mas também no interior das paredes dos armazéns e do r/c da habitação, “seria o reboco de enchimento e regularização, executado com uma argamassa de saibro, areia e cal, simplesmente caiado ou pintado”<sup>33</sup>; enquanto pelo interior, mais especificamente das paredes do piso superior da casa e do edifício do escritório, “todas as paredes eram emboçadas e regularizadas com argamassa de cal, areia e saibro, sobre a qual era executado acabamento a estuque com um barramento de pasta de cal, sendo por fim caiadas ou pintadas.”<sup>34</sup>. Posteriormente, as paredes do piso superior da casa terão sido pintadas com tinta de areia, tornando as suas superfícies rugosas e não lisas, como seriam originalmente.

<sup>29</sup> SILVA, Carlos da; ALARCÃO, Alberto; CARDOSO, António Poppe Lopes – *A região a Oeste da Serra dos Candeeiros: estudo económico-agrícola dos concelhos de Alcobaca, Nazaré, Caldas da Rainha, Óbidos e Peniche*. Lisboa: FCG. CECA. 1961

<sup>30</sup> TEIXEIRA, Joaquim José Lopes - *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX. Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica (...)* Porto: FAUP, 2004, pág. 84

<sup>31</sup> COSTA, F. Pereira da – *Enciclopédia prática da construção civil*. Fascículos. Lisboa: Portugália Editora, Caderno 14, pág. 6

<sup>32</sup> TEIXEIRA, op. cit., pág. 105

<sup>33</sup> id. ibid., pág. 106

<sup>34</sup> id. ibid., pág. 85



fig. 78| Sobrado dos antigos currais



fig. 79| Sobrado do armazém



fig. 80| Sobrado das arcadas

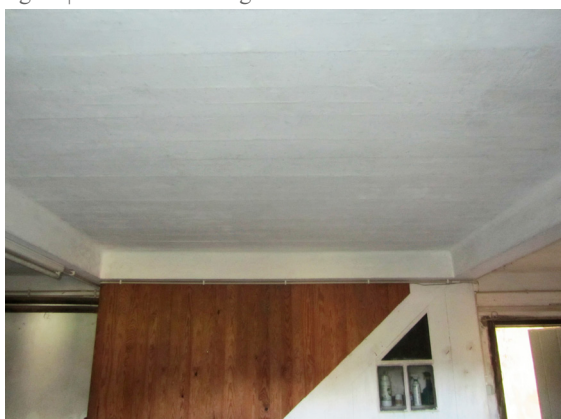


fig. 81| Laje e vigas de betão e escada interior



fig. 82| Sobrado visível numa sala tardoz da habitação

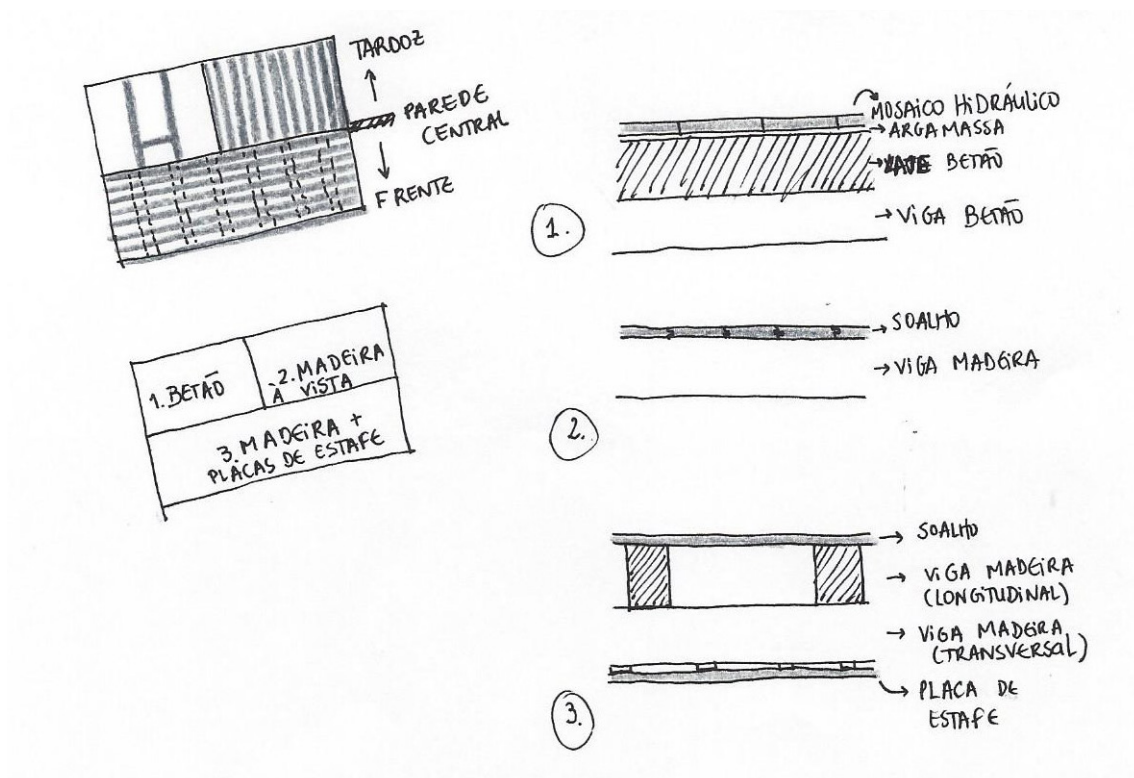


fig. 83| Desenhos esquemáticos. À esquerda: plantas de representação da estrutura do sobrado e respectiva materialidade. À direita: cortes transversais de cada tipo de sobrado existente no edifício de habitação



## SOBRADOS

Na Quinta da Mesquita, existem quatro edifícios onde se pode analisar a estrutura dos sobrados. Um deles, onde se situam os antigos currais, distingue-se dos demais pela sua forma de construção. Aqui, aproveitaram-se as asnas para apoiar as vigas, com cerca de 15 cm de largura e 7cm de altura, sendo estas colocadas paralelamente à fachada, no sentido de maior distância. Outros dois, o armazém da antiga destilaria, escolha e armazenagem da fruta e o armazém com as arcadas no r/c têm a estrutura do sobrado à vista, deixando assim visível o seu desenvolvimento no sentido de menor distância. As vigas de madeira, de 8cm de largura por 15cm de altura, estão colocadas perpendicularmente às paredes estruturais das fachadas, apoiando-se nas mesmas, e afastadas cerca de 50cm de eixo a eixo.

Na habitação, a estrutura do piso superior apresenta duas soluções: uma mais actual, ou seja, uma laje de betão armado apoiada em duas vigas (também elas de betão), que assentam nas paredes estruturais, e que está associada aos espaços da cozinha e da casa de banho; e a original, constituída por vigas de madeira esquadriadas com 10cm de largura e 18cm de altura e um afastamento de 50cm ao eixo, existente na restante área da casa. Tendo em conta a parede construída sensivelmente a meio da casa, em alvenaria de pedra com cerca de 60cm de largura, que adopta, tal como as paredes exteriores, a função estrutural, o sobrado parece estar dividido em duas zonas de acordo com o seu modo de construção e consequente funcionamento. Assim, quando situado entre a dita parede e a parede da fachada da frente, e embora não seja visível, tem-se a percepção que o viga-mento funciona paralelamente às paredes, devido à existência de vigas que vão sobresaindo do tecto ao longo dos três espaços que compõe esta fachada e que parecem adoptar a função de reforço. Estas vigas, de madeira e revestidas com placas de estafe (como acontece com o tecto), perpendiculares às anteriores, trabalham no sentido de menor distância, apoiando-se nas paredes estruturais (do meio e da frente) e em pequenos pilares de madeira. Por outro lado, o sobrado localizado entre a dita parede central e a parede da fachada tardoz, é composto por vigas que funcionam no sentido de menor distância, desde logo perpendiculares às paredes referidas

*“Antes da sua colocação, os topos das vigas eram pintadas com tinta de óleo, zarcão ou alcatrão, para a sua protecção.”*<sup>35</sup>

A estrutura do sobrado serve de suporte a um tabuado, o soalho, em madeira de pinho, cuja espessura se aproxima dos 3cm e a largura varia entre os 15 e 20cm. *“As tábuas de soalho depois de assentes, unidas por encaixe (em forma de macho-fêmea ou meia madeira) e pregados ao viga-mento, eram afagadas manualmente para se obter uma superfície uniforme. Posteriormente eram enceradas, de modo a aumentar o seu embelezamento e a garantir a sua protecção e conservação.”*<sup>36</sup>. Além disso, o soalho foi revestido com uma alcatifa, enquanto na cozinha e casa-de-banho foi mesmo substituído

<sup>35</sup> TEIXEIRA, op. cit., pág. 88

<sup>36</sup> id., ibid., pág. 93





fig. 84 e 85| Pavimentos: mosaico hidráulico e soalho



fig. 86 e 87| Pavimentos no r/c: betonilha e soalho

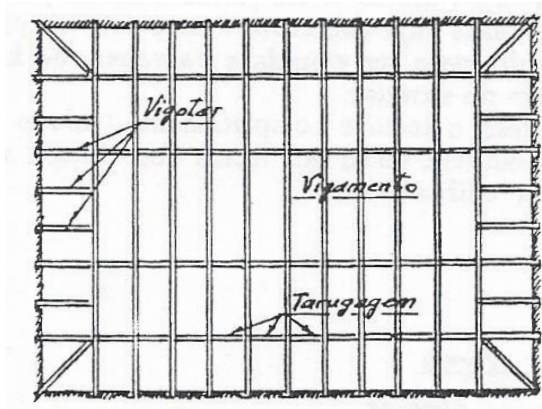
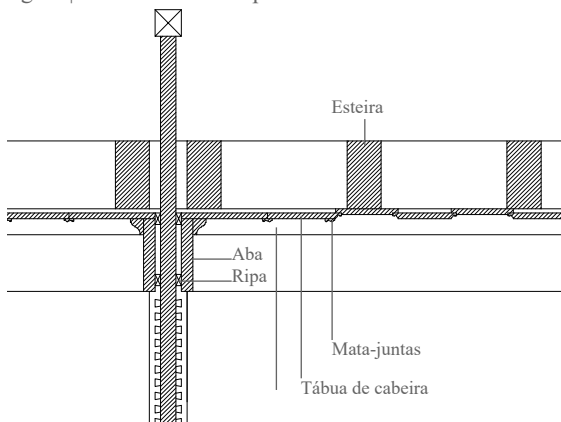


fig. 88| Planta de esteiras para tectos encabeirados



fig. 89| Tecto encabeirado presente no piso superior



Des. 25| Pormenor do tecto | Esc. 1:20



fig. 90 e 91| Ligação a meia-esquadria e esteira central

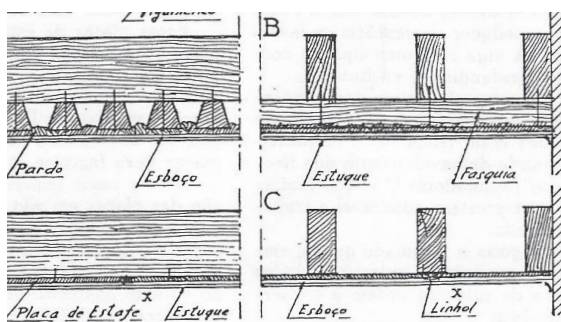


fig. 92| Representação de tecto fasquiado (em cima) e com placa de estafe (em baixo)



fig. 93 e 94| Tecto do escritório (com fasquio) e tecto da I.S. (com placa de estafe)

por mosaico hidráulico, provavelmente aquando da execução da laje de betão. Também a direcção em que o soalho foi colocado é variável, apresentando-se perpendicular à fachada da frente e paralelo à fachada tardoz.

Quanto ao pavimento do piso térreo, encontra-se ainda soalho no edifício do escritório. Este deverá estar assente numa estrutura de madeira semelhante à do sobrado, apoiada nas fundações e afastada o suficiente do solo, de modo a garantir a sua conservação e ventilação. No restante edificado, o pavimento térreo, apoiado numa camada de brita assente directamente na terra batida, foi construído com formigão, “*um agregado composto de pedra britada e argamassa de cal e areia. (...) [que] Superiormente era revestido com uma camada de argamassa [de cimento e areia] de cerca de 0,02 [m] de espessura, muito bem afagada.*”<sup>37</sup>, ou seja, foi executado com betão sob betonilha.

Relativamente aos tectos, “*são em geral de dois géneros: os de madeira e os estucados. Os tectos de madeira ainda constituem variadas espécies desde as antiquadas coberturas de vigas de madeira pesadas, à vista*”<sup>38</sup>, como acontece nos armazéns e em duas salas existentes no r/c da casa; “*(...) até às esteiras de forro, leves e simples.*”<sup>38</sup>, visíveis em algumas divisões no piso superior da casa, como a entrada, o escritório, o corredor, o quarto da criada e por fim, a sala de jantar. Neste tipo de finalização, a esteira, um vigamento que se assemelha ao dos sobrados, serve de suporte ao forro de madeira de pinho. Sendo o tecto de forro encabeirado, assentou-se “*em toda a volta das esteiras uma ou mais tábuas de cabeira. (...) As ligações das cabeiras nos ângulos das casas (...) [são] feitas por meia-esquadria (...). As junções das tábuas que formam a esteira central com as das cabeiras são cobertas com uma pequena régua moldurada ou mata-juntas.*”<sup>39</sup>. Os tectos “*são rematados para as paredes por uma aba, que é uma régua que se prega para o paramento da parede. Esta aba acompanha o tecto e recebe como ele a sua pintura da mesma cor*”<sup>40</sup>, de tinta esmaltada. Este que seria o tecto original do piso superior da casa foi entretanto substituído nos quartos e sala de estar, por tecto falso e tecto em forro simples de encaixe macho-fêmea, respectivamente.

“*De entre os tectos estucados há aqueles de esteira de fasquiado, de placas de estafe e os das lajes de betão armado.*”<sup>41</sup>. A primeira variável encontra-se no edifício administrativo. Pregadas sobre as vigas, “*As fasquias que têm de espessura 0,015[m] ou 0,018[m] e têm de largura máxima 0,02[m] ficam separadas umas das outras cerca de 0,015[m], espaço este que o fasquiador calcula pela espessura do seu dedo máximo da mão direita. As fasquias são pregadas com a base mais estreita para cima, para que o reboco, vulgarmente chamado pardo, não caia.*”<sup>42</sup> O reboco, uma argamassa de cal e areia, tem uma espessura de aproximadamente 5mm e é depois de bem seco, que se aplica o esboço e posteriormente, o estuque. No laboratório vinícola, como noutras duas salas, no piso térreo da habitação e na casa de banho, no piso superior, as vigas do sobrado são

<sup>37</sup> COSTA, F. Pereira da, op. cit., Caderno 18, pág. 4

<sup>38</sup> id., ibid., Caderno 12, pág. 1

<sup>39</sup> id., ibid., Caderno 12, pág. 6

<sup>40</sup> id., ibid., Caderno 12, pág. 5

<sup>41</sup> id., ibid., Caderno 12, pág. 1

<sup>42</sup> id., ibid., Caderno 12, pág. 14



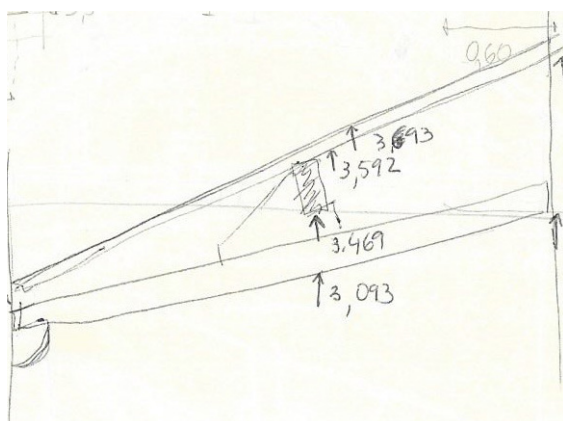


fig. 95| Desenho da estrutura da cobertura da Oficina



fig. 96| Cobertura de uma água do edifício das arcadas

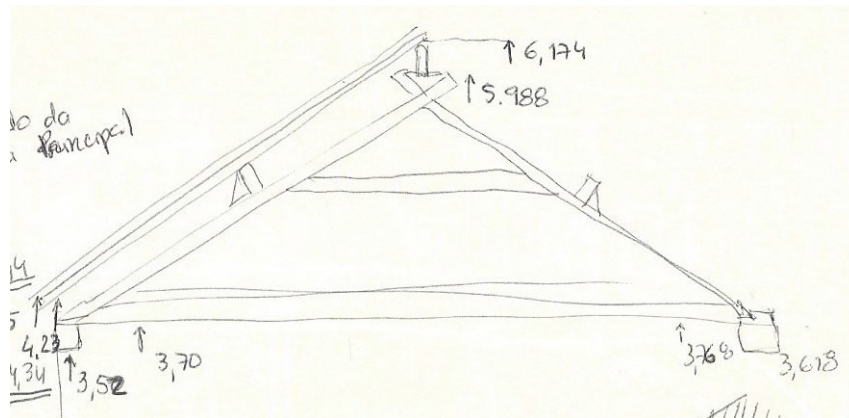


fig. 97| Desenhos de levantamento da asna da adega; pormenor de encontro da perna com a linha

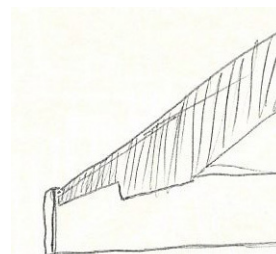


fig. 98 e 99| Estrutura da cobertura da adega e seu pormenor fig. 100 e 101| Cobertura do telheiro e respectivo pormenor

revestidas com placas de estafe. “Com o progresso foi o fasquiado substituído pelas placas de estafe, que são constituídas por gesso ligado a sisal e têm o formato de 1,00x0,50 e a espessura de 0,005 a 0,008. Estas placas são providas de umas delgadas régua de madeira para a sua fixação aos vigamentos, nas suas extremidades e no meio (...)”<sup>43</sup> e tal como acontece nos tectos de fasquio, têm como acabamento o esboço e o estuque. Quanto às lajes de betão armado, uma alteração mais tardia, não estão estucadas, mas simplesmente pintadas, notando-se ainda a textura do betão.

## COBERTURAS

No que diz respeito à cobertura, o edifício habitacional assume uma vez mais, o papel principal, pois é o único cujo telhado tem três águas, enquanto os restantes têm somente, uma ou duas águas. Apesar de todos terem o revestimento de telha Marselha e a estrutura de madeira em comum, dependendo das dimensões, do número de águas e função de cada um, verificam-se ligeiras alterações nas estruturas e acabamentos.

“As coberturas de uma água são (...) as mais simples e fáceis de construir. Mas estas coberturas são só prestáveis para edificações ligeiras, como”<sup>44</sup> os volumes do armazém com arcadas no r/c e da oficina, cujos vãos variam entre os 3 e os 5,50m, respectivamente. Nestes casos presentes na Quinta, a estrutura, assemelhando-se a uma asna, é composta por uma perna, que se apoia nas paredes de maior comprimento; sobre a qual assenta a madre, uma viga que suporta o varedo e trabalha paralela às paredes referidas; dois frechais, duas vigas de madeira que “são assentes sobre as paredes, no seu paramento interior”<sup>45</sup> e que servem “um para o apoio superior do varedo e outro para o seu apoio inferior”<sup>46</sup>; e o respectivo varedo, um conjunto de varas sobre o qual é assente o ripado, para suporte da telha. Na oficina, entre o varedo e o ripado, ainda existe o chamado guarda-pó, um forro de madeira. Contrariamente ao que se verifica nas asnas, não existe nesta estrutura uma linha ou um nível.

Quanto aos telhados de duas águas, existem diferentes exemplos. Começando na Casa do Forno, com um vão de 5m, destaca-se a inexistência de uma asna e por isso, a sua estrutura é composta simplesmente por uma fileira (uma viga de madeira que dá forma ao espigão do telhado, dividindo-o em duas vertentes), frechais, nos quais se apoia o varedo e por fim, o ripado.

Posto isto, é na adega, no telheiro (onde se guardavam os carros de bois) e supostamente, no edifício do escritório, que se encontra um dos vários tipos de asnas. Aqui a estrutura da cobertura “é constituída por uma armação simples de duas barras ou pernas, dispostas em forma de tesoura (unidas superiormente a meia madeira) e apoiadas numa viga transversal ou linha que, por sua vez, se apoia nas paredes de meação. (...) esta armação é travada transversalmente por outra barra de menor dimensão – nível – colo-

<sup>43</sup> COSTA, F. Pereira da, op. cit., Caderno 12, pág. 14

<sup>44</sup> id., ibid., Caderno 8, pág.14

<sup>45</sup> id., ibid., Caderno 8, pág.4

<sup>46</sup> id., ibid., Caderno 8, pág.14



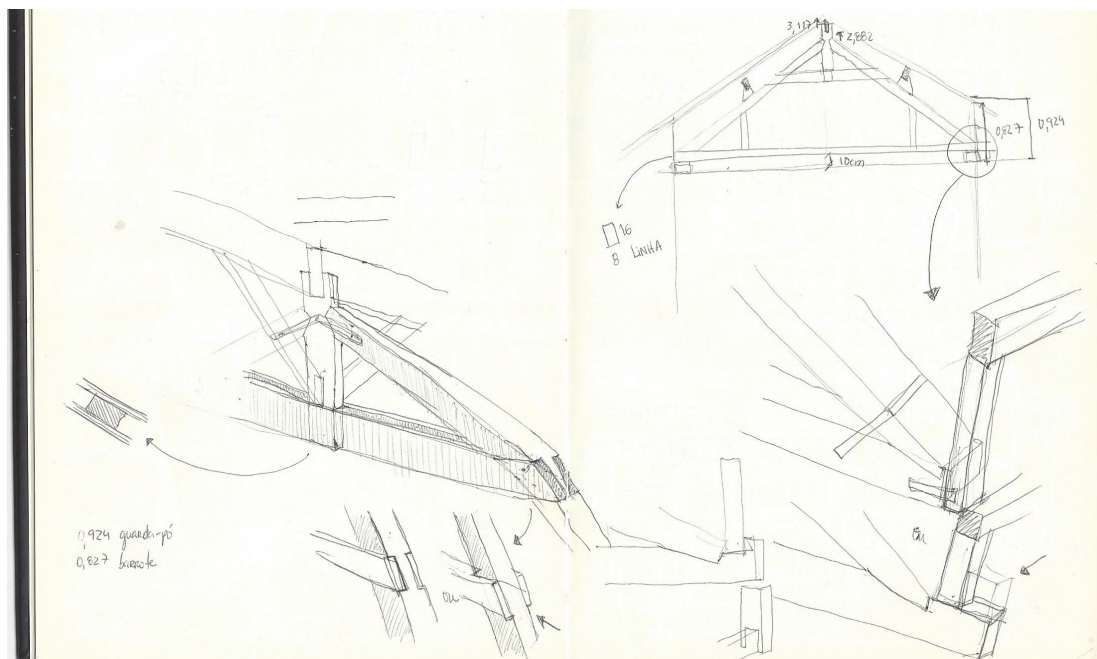


fig. 102| Desenhos de levantamento e estudo da asna do armazém da destilaria e escolha da fruta



fig. 103 e 104| Asna do armazém da destilaria e sala da fruta fig. 105 e 106| Asna do armazém de maior área

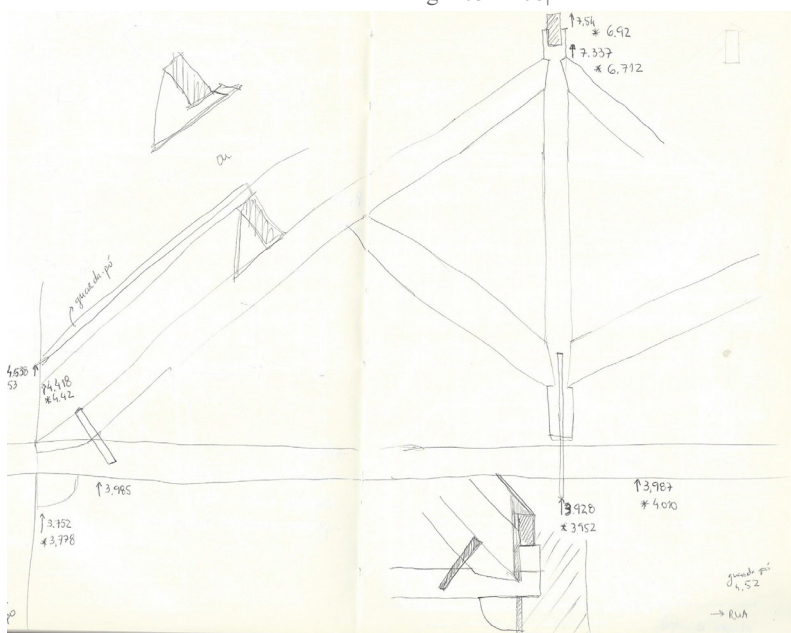


fig. 107| Desenhos de levantamento e estudo da asna do armazém de maior área

cada a cerca de dois terços da altura, e apoiada nas pernas ou tesoura, por encaixe a meia madeira. Para travamento longitudinal, localizam-se superiormente, ao nível da cumeeira e a meio do vão das duas pernas, o pau de fileira e as madres, respectivamente.”<sup>47</sup>. No entanto, se no telheiro “*A meio do comprimento das pernas fixa-se um nível constituído por duas peças, ficando uma de cada lado(...)*”<sup>48</sup>, na adega, o nível é uma só peça que encaixa segundo o processo de samblagem de respiga e mecha, entre as duas pernas da asna. Tal como nas estruturas anteriores, são pregadas varas que se apoiam na fileira, madres e frechais, por cima é colocado o guarda-pó (apenas na cobertura da adega), finalizando com as ripas e as telhas.

Nos currais e no armazém da destilaria e da escolha da fruta, que têm um vão de 8m, existe uma outra solução de asna, que apesar de semelhante à anterior é ligeiramente mais complexa. Embora mantenha as pernas, a linha, o nível e as madres, surge um pequeno pendural que se prolonga apenas até ao nível e onde assenta o pau de fileira. Além disso, existem duas escoras, perpendiculares à asna – as chamadas *diagonais* - que reforçam a ligação entre a fileira e o pendural, e adicionam-se duas peças verticais, ou seja, dois prumos que servem de apoio às pernas e cujo equilíbrio é mantido pela linha. Outra diferença é visível nas varas que, claramente, não são paralelas às pernas, o que implica a colocação de um outro prumo, sobre o qual assenta o frechal. Em ambos os edifícios é usado o guarda-pó como forma de acabamento.

Os armazéns de maior área da Quinta, com 7,83m e 9,47m de vão, são os que ostentam as asnas mais elaboradas, as ditas asnas vulgares. “*A composição de uma asna vulgar consta de uma Linha, duas Pernas, um Pendural, e duas Escoras. (...) A linha fica sempre em posição horizontal, as pernas assentam-se sobre a linha em posição inclinada para a boa formação das vertentes do telhado, o pendural fica apertado verticalmente no vértice do telhado pelas pernas, e as escoras ficam inclinadas, ligando as pernas ao pendural.*”<sup>49</sup>.

Por sua vez, supõe-se que as asnas da habitação deveram ser iguais às últimas que foram descritas, mas visto que o telhado é de três águas, é enriquecido com uma tacaniça. “*A construção do madeiramento das coberturas com tacaniças tem como principal elemento o rincão, que é uma espécie de viga com o seu canto superior chanfrado para os dois lados, a fim de concordar com os planos das duas vertentes de que ela faz esquina ou ângulo. Este rincão é assente, em geral, no plano do pau de fileira na extremidade superior e abaixo do frechal na sua extremidade inferior.*”<sup>50</sup>

Deve-se salientar que “*quando a intersecção das linhas de eixo das peças da asna cai fora da parede, é usado com muita vantagem o assentamento de um cachorro de pedra, para apoio da linha da asna.*”<sup>51</sup>, o que se verifica em todas as asnas dos diversos edifícios. Como auxílio da estrutura, observa-se de igual modo, a existência de ferragens:

<sup>47</sup> TEIXEIRA, op. cit., pág. 96

<sup>48</sup> COSTA, F. Pereira da, op. cit., Caderno 2, pág. 10

<sup>49</sup> id., ibid., Caderno 1, pág.2

<sup>50</sup> id., ibid., Caderno 8, pág.5

<sup>51</sup> id., ibid., Caderno 1, pág.15





fig. 108| Volume da oficina, o único onde ainda há parte do algeroz



fig. 109| O algeroz

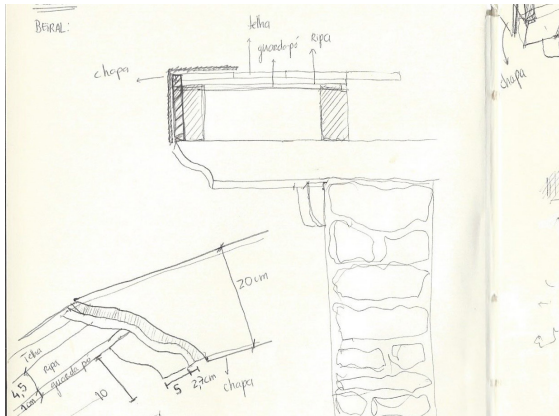


fig. 110| Desenhos do beirado do armazém



fig. 111| Beirado do armazém

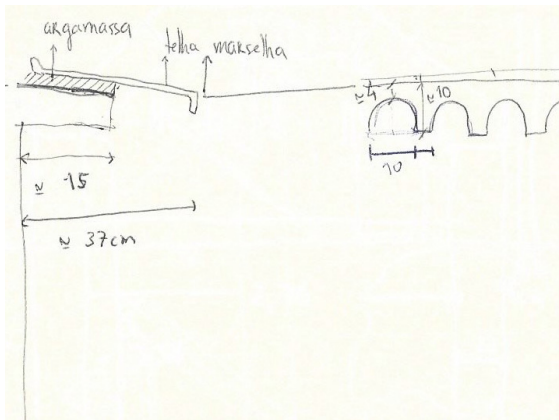


fig. 112| Desenhos do beirado com sub-beiral



fig. 113| Beirado e sub-beiral no edifício do escritório

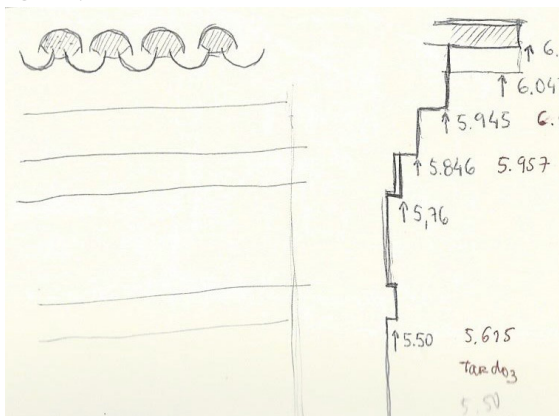


fig. 114| Desenhos do beirado e cornija da casa



fig. 115 e 116| Beirado e cornija da casa



*“A braçadeira a que vulgarmente também se dá o nome de escora, enfia pela extremidade da linha até apertar a perna para a linha”*<sup>52</sup> e que é também usada para reforço da ligação entre o pendural e a linha.

#### ALGEROZES

Os algerozes, embora sendo elementos importantes que servem para a recolha das águas das vertentes, não são uma presença constante nos edifícios da Quinta. Se por um lado, em certos volumes não parece alguma vez terem existido, por outro, a sua existência é relembrada e comprovada noutros, em que as consolas de ferro ainda se vão mantendo.

*“Estes algerozes construídos de chapa de zinco ficam apoiados ou dependurados, como melhor convier, por meio de consolas ou suspensórios de barra de ferro.”*<sup>53</sup>, que eram cravados nas paredes ou nas estruturas de madeira, aquando da sua presença nos alpendres. Na verdade, a cobertura da oficina é a única que ainda tem uma parte do algeroz à vista, enquanto entre os dois armazéns maiores e entre a adega e o armazém com arcadas no r/c há as caleiras, que assentam directamente na parede e que só se vêem quando alcançam a fachada.

#### BEIRAIS

Também o beiral, ou beirado, apresenta diferentes finalizações. Na primeira e mais simples, visível no alçado Oeste dos grandes armazéns, mantém-se a inclinação da vertente do telhado e *“deixam-se correr as varas [e o guarda-pó] até fora da parede onde o telhado se prolonga fazendo beiral com a sua primeira fiada de telhas.”*<sup>54</sup>. Neste caso, a ponta das varas são recortadas.

A segunda solução é a mais repetida nos edifícios, presente por exemplo, em todo o alçado Nordeste (Rua Principal), traduz-se num ligeiro prolongamento do telhado em telha Marselha, sob o qual se aplica uma fiada de telhas de meia-cana, ou de canudo. O chamado sub-beiral serve assim, de remate com efeito decorativo.

Por último, é no edifício de habitação que se encontra o beiral mais elaborado. É necessário *“um requebro no prolongamento da vertente da cobertura.”*<sup>55</sup>, que é feito sobre a própria parede, visto que o varedo não se prolonga. Depois, e sendo o telhado de telha Marselha, estas assentam apenas, sobre *“uma ordem de telhas de meia-cana”*<sup>56</sup>, suficiente para formar o beirado. Sob este, surgem ainda, as cornijas ou cimalthas que *“para além de constituírem um elemento decorativo, têm um carácter funcional, de prolongamento do beirado de (...) telhas de canal, de forma a protegerem as fachadas e a conduzirem as águas das chuvas o mais possível para o meio das ruas.”*<sup>57</sup>.

<sup>52</sup> COSTA, F. Pereira da, op. cit., Caderno 1, pág. 4

<sup>53</sup> id., ibid., Caderno 11, pág. 14

<sup>54</sup> id., ibid., Caderno 8, pág. 13

<sup>55</sup> id., ibid., Caderno 8, pág. 12

<sup>56</sup> id., ibid., Caderno 8, pág. 12

<sup>57</sup> TEIXEIRA, op. cit., pág. 173

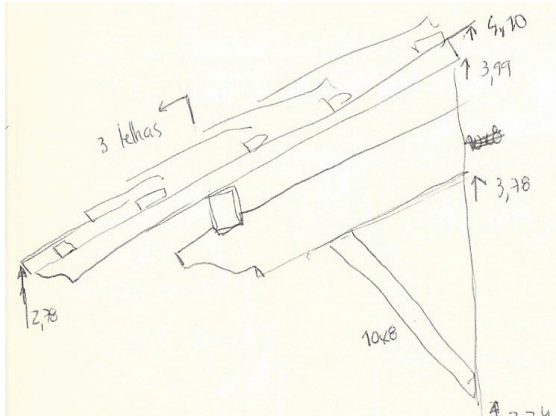
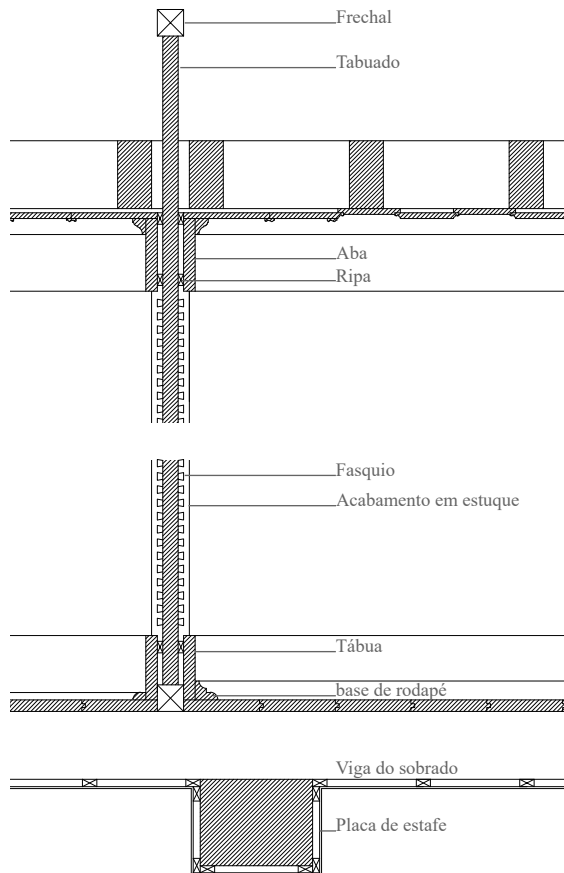


fig. 117| Desenho de levantamento de um dos alpendres



fig. 118 e 119| Alpendre Este do armazém de maior área



Des. 26| Pormenor de parede interior | Esc. 1:20



fig. 120|Paredes de pedra



fig. 121|Paredes de tijolo



fig. 122 e 123| Encontro da parede com o tecto e o chão

## ALPENDRES

Os alpendres marcam a transição interior-exterior, antecedendo a passagem por cada porta ou portão, em particular nos armazéns ou até mesmo, na grande varanda do alçado sul da casa.

As estruturas, cujas consolas vão desde 1,40m até 3m, são compostas por escoras que se colocam ao longo da fachada e se apoiam na parede. Sobre estas, assentam-se outras vigas de madeira que servem de apoio às madres. Há casos, em que apenas há uma madre, situada na parte inferior da viga e outros, em que são duas madres, sendo que a segunda é posta na parte superior, junto à parede (por vezes assente em cachorros). Posteriormente, é pregado o varedo, que se apoia no frechal, no qual se fixa o ripado e as telhas.

Tanto os alpendres, como os restantes telhados, são forrados lateralmente com uma aba de chapa de zinco.

## PAREDES INTERIORES

As paredes interiores oferecem igualmente, diferentes soluções construtivas. Se se considerar por exemplo, a parede interior que separa os dois grandes armazéns ou a parede que se situa sensivelmente, a meio da habitação, pode-se concluir que há paredes interiores de alvenaria de pedra que têm inclusive, carácter estrutural. Aliás, no piso térreo da casa, são várias as paredes de alvenaria de pedra que servem de divisórias, com uma espessura que varia entre os 50 e 75cm, enquanto as restantes são de tijolo, com 11 ou 15cm.

Já no piso superior, a maioria das paredes interiores de compartimentação é de tabique. “(...)são constituídas por uma estrutura de barrotes com 7cm de lado, (...) dispostos em forma de frechais, prumos, e vergas, preenchida por um tabuado com 4 a 5cm de espessura (...) colocadas na vertical e pregadas aos frechais. Em ambas as faces deste tabuado é pregado um fasquiado, até à altura do rodapé, para receber os revestimentos de argamassa.”<sup>58</sup>. Estas paredes têm assim, cerca de 10cm de espessura e estão “revestidas e acabadas da mesma forma que as restantes paredes da habitação, garantindo assim a continuidade necessária dos revestimentos e acabamentos dos espaços interiores.”<sup>59</sup>.

O encontro entre as paredes e o tecto é resolvido com uma aba, como descrito anteriormente. Por sua vez, o remate das paredes com o soalho, é feito com um rodapé. Com 17cm de altura, encontram-se dois tipos de perfis: um mais simples, usado por exemplo nos quartos, constituído por uma tábua e uma régua arredondada, “a que se dá o nome de base de rodapé ou base de cadeiras.”<sup>60</sup>; um mais trabalhado, semelhante ao anterior, mas diferindo no perfil da base, que é mais elaborado. Tal como acontece com o forro do tecto, o rodapé, incluindo a sua base, é pintado.

<sup>58</sup> TEIXEIRA, op. cit., pág. 120

<sup>59</sup> id., ibid., pág. 121

<sup>60</sup> COSTA, F. Pereira da, op. cit., Caderno 7, pág. 16





fig. 124, 125 e 126| Exemplos de cantarias em que a verga é perpendicular às ombreiras



fig. 127, 128 e 129| Exemplo de cantarias em que a verga está dividida em três peças



fig. 125| Verga arredondada



fig. 130 e 131| Exemplos de porta e janela em PVC



fig. 132| Portão Este, em ferro

## CAIXILHARIAS

Existem diferentes tipos de vãos, com dimensões e desenhos distintos, e diversos tipos de caixilharias, mais ou menos ornamentadas, que se adequam a cada vão.

De um modo geral, os vãos caracterizam-se pelas peças de pedra aparelhadas – cantaria – que os constituem. Ora, tanto as ombreiras como as vergas e os peitoris são constituídos por um único lancil de calcário, colocado de forma a fazer de batente e a moldar o aro de gola, que não deverá corresponder à largura total da parede, mas somente a 20cm. No caso das ombreiras, é frequente apresentarem um soco na sua parte inferior, exceptuando nas janelas de peito. Por sua vez, no caso das vergas, existem diferentes esquemas visíveis em alçado: ora com um lancil colocado no sentido horizontal, que é aliás o mais vulgar; ora com três peças, das quais duas estão inclinadas e uma terceira é colocada entre elas horizontalmente, como se vê nos portões dos armazéns; ou arredondado, como é visível no portão de entrada na Quinta, situado na Rua Principal. Estes guarnecimentos de cantaria são visíveis no exterior da parede. Já no interior, supõe-se que haja uma padieira de madeira, que é depois, revestida com um fasquio e argamassa, e sobre a qual assenta a alvenaria de pedra. Quanto às soleiras das janelas de sacada e das portas e portões, também são compostas por um único lancil, com o qual não se procura formar qualquer tipo de batente.

A maioria das janelas, portas e portões é de madeira, as suas peças seriam “*afagadas e lixadas e as suas juntas devidamente preparadas para receberem o acabamento final a pintura. A pintura tem duas funções principais: proteger e garantir a preservação das madeiras e contribuir para o seu embelezamento.*”<sup>61</sup>. No entanto, e uma vez que nem todos datam da mesma época, há duas janelas e uma porta da casa que são mais recentes e por isso, de PVC, enquanto o portão de entrada na Quinta, localizado na Rua de Pedralhos, é de ferro.

Destacam-se de seguida, as portas exteriores de entrada na habitação, uma no piso térreo e outra no superior, e um exemplo de carpintaria interior, ou seja, a porta usada no piso superior da casa. Paralelamente, analisam-se as janelas de sacada e as janelas de peito de batente, as janelas do edifício administrativo, as únicas de três folhas, e a janela usada nos armazéns, de uma folha. Pretende-se portanto, uma análise focada nos vários exemplos presentes na habitação, contrapondo-os com outros existentes no restante edificado.

## PORTAS EXTERIORES

No conjunto de portas exteriores existem três tipos de caixilharias: a porta de taipal, a porta almofadada, e ainda, a envidraçada (visível apenas na entrada do Laboratório Vinícola e do edifício administrativo). Visto que a construção e funcionamento das portas

<sup>61</sup> FREITAS, Vasco Peixoto de – *Manual de apoio ao projecto de reabilitação de edifícios antigos*. Porto: Ordem dos engenheiros da região norte, 2012, pág. 55





fig. 133 e 134| Portas de taipal existentes no piso térreo



fig. 135 e 136| Pormenores de uma porta de taipal



fig. 137| Porta principal da casa



fig. 138| Almofadas e maçaneta da porta



fig. 139 e 140| Relação interior- exterior

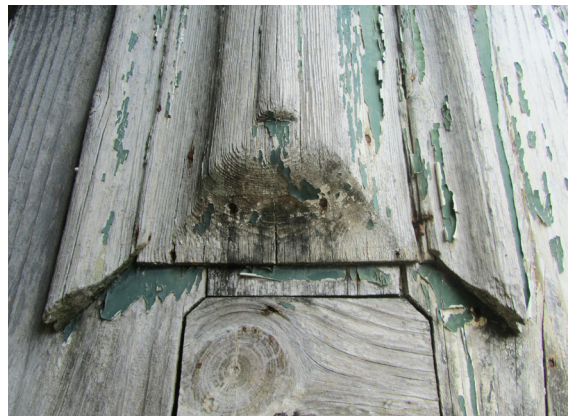


fig. 141| Pormenor de uma almofada



envidraçadas se assemelham aos das janelas de sacada de batente (que irão ser analisadas mais à frente), achou-se pertinente que esta análise se resumisse aos dois primeiros tipos de porta, contrapondo-se o mais simples e o mais complexo, ambos completamente fechados.

Como a maioria das portas (e portões) presentes no edificado da Quinta, a porta de taipal é composta por duas folhas e é usada por exemplo, numa das entradas da habitação, no piso térreo. “*São estas portas constituídas (...) pela junção de várias tábuas até se prefazer a largura desejada.*”<sup>62</sup>. A largura das tábuas varia entre 12 e 22cm, bastando apenas três para completar uma folha. A sua junção é feita por macho-fêmea e adornada por dois rincões. As travessas, com 10cm de largura, situam-se uma em cima e outra em baixo, a cerca de 20cm do topo e da junta inferior da porta, respectivamente, e uma terceira a meio. Uma vez que as travessas têm cerca de 3cm de espessura, dos quais 2,25/2,50cm se salientam das tábuas, supõe-se que terá sido usado o sistema de travessas à cola, em que estas encaixam num rebaixo aberto nas tábuas, às quais são coladas e fixadas sem usar parafusos ou pregos.

Quanto à porta almofadada estudada, constitui o exemplo mais trabalhado da Quinta e corresponde à porta principal da casa, de entrada no piso superior. É composta por duas folhas, sendo que cada uma é constituída por duas couceiras, três travessas e duas almofadas, uma maior em cima e uma mais pequena em baixo e que são salientes relativamente ao plano do caixilho. “*As uniões entre couceiras e travessas eram executadas por samblagens em forma de respiga e mecha, reforçadas por cunhas ou palmetas e cavilhas de madeira, as uniões com as almofadas eram executadas por sistema de macho-fêmea.*”<sup>63</sup>. Numa das folhas, é ainda adicionada uma régua de batente.

Em ambos os exemplos, as portas funcionam em aros de gola rebaixados, peças de madeira que se colocam na gola dos vãos, aos quais são fixos com dobradiças. Apesar de apresentarem desenhos diferentes, existem ainda as fechaduras e dois fechos aparafusados sobre as couceiras, um em cima e outro em baixo, que “*entram superiormente (...) numa grampa aparafusada nas vergas dos aros. Em baixo entram num furo aberto*”<sup>64</sup> na pedra e protegido com uma chapa metálica. Para impedir a abertura da porta, há também uma tranca de ferro, colocada na horizontal, a meia altura e com a largura do vão.

Embora sendo duas portas de entrada, ambas situadas no edifício de habitação, permitem a passagem para espaços funcionalmente distintos, ou seja, um piso térreo ainda associado ao trabalho e um piso superior destinado à habitação propriamente dita, nos quais se verificam diferenças nos pormenores e acabamentos construtivos, por conseguinte a função pode ser uma das justificações para haver duas soluções tão díspares.

<sup>62</sup> COSTA, F. Pereira da, op. cit., Caderno 21, pág. 4

<sup>63</sup> TEIXEIRA, op. cit., pág. 146

<sup>64</sup> COSTA, F. Pereira da, op. cit., Caderno 19, pág. 14

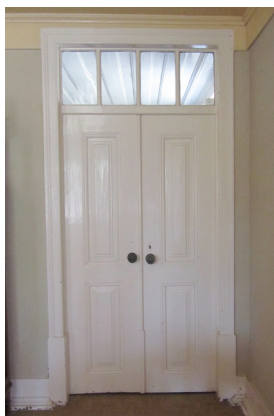


fig. 142 e 143| Porta interior



fig. 144| Pormenor da bandeira e guarnição de ferragem



fig. 145| Pormenor da almofada



fig. 146 e 147| Pormenor das ferragens



fig. 148,149 e 150| Alçados exterior e interiores da janela de sacada de batente



fig. 151| Rebaixo na pedra



fig. 152| Aro de aduela



fig. 153| Aro de gola



fig. 154| Moldura



fig. 155| Fecho de culatra

## PORTAS INTERIORES

Enquanto as portas interiores existentes no r/c da casa se assemelham à porta exterior de taipal descrita anteriormente, no piso superior, as portas interiores diferenciam-se ligeiramente da porta de entrada.

De facto, o caixilho mantém-se com *“duas folhas de abrir, (...) constituído por uma esquadria de tábuas, com cerca de 3cm de espessura, dispostas em forma de couceiras e travessas. (...) preenchida por almofadas”*<sup>65</sup>, mas é encimado por uma bandeira, *“para permitir iluminar os espaços interiores com a luz proveniente dos vãos de fachada”*<sup>66</sup>. Apesar de normalmente, as bandeiras serem caixilhos, fixos ou móveis, neste caso, *“as bandeiras são apenas os vidros assentes nos rebaixos preparados nos alizares e na travessa de bandeira.”*<sup>67</sup>.

De salientar, são os aros e respectivos guarnecimentos dos vãos – os alizares – fixos directamente nos prumos e vergas das paredes divisórias de tabique. *“Os alizares constam geralmente de três faces, que são peças independentes que se ligam quando se faz o assentamento e que são: aduela, guarnição de ferragem e guarnição moldurada.”*<sup>68</sup>.

## JANELAS DE SACADA DE BATENTE

O vão da janela de sacada é guarnecido por um aro de aduela rebaixado, que se fixa na face interior das ombreiras, no qual assenta uma fasquia (que remata a ligação com a cantaria, no lado exterior) e funciona o caixilho envidraçado (no interior); por um aro de gola, também rebaixado, fixo precisamente na gola da cantaria, e onde se encontra a portada; e por uma guarnição moldurada, na face interior da parede.

*“Os caixilhos de abrir são constituídos por uma esquadria de couceiras e travessas, divididas por pinázios e travessas intermédias, preenchidas com vidros e almofadas. (...) a uma das couceiras de batente é pregado um perfil de batente, a servir de mata juntas.”*<sup>69</sup>. Nestas janelas de duas folhas, não são fixas qualquer tipo de pingadeiras ou borrachas nas travessas inferiores, apenas é feito um rebaixo na pedra da soleira, de forma a evitar a entrada da água e a conduzi-la para fora da varanda.

Pelo interior, encontram-se colocadas as portadas, que apresentam duas folhas, cada uma com duas almofadas. São na verdade, muito similares às portas interiores anteriormente descritas.

Para além das dobradiças que garantem a fixação da janela e da portada aos respectivos aros, ambas têm fechos na parte inferior das couceiras. Existe ainda uma outra ferragem, que substitui o fecho superior e que é um fecho de culatra, que no topo sofre uma dobra no ferro que, por sua vez, encaixa num furo aberto na verga de cada aro.

<sup>65</sup> TEIXEIRA, op. cit., pág. 160

<sup>66</sup> id., ibid., pág. 160

<sup>67</sup> COSTA, F. Pereira da, op. cit., Caderno 22, pág. 5

<sup>68</sup> id., ibid., Caderno 22, pág. 3

<sup>69</sup> TEIXEIRA, op. cit., pág. 151





fig. 156| Janela da frente



fig. 157| Pinázio e couceira



fig. 158 e 159| Peitoril, invernal e respectivo furo

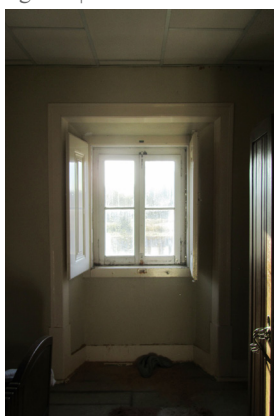


fig. 160| Janela tardoz



fig. 161| Pinázio e couceira



fig. 162 e 163| Peitoril, invernal e respectivo furo



fig. 164| Janela tardoz r/c



fig. 165| Pinázio e couceira



fig. 166 e 167| Peitoril, invernal e respectivo furo



fig. 168,169,170 e 171| Ferragens da janela do alçado frontal e das janelas do alçado tardoz (1º piso e r/c)

Quanto às janelas de peito de batente, encontram-se mais uma vez, uma grande pluralidade de soluções para o mesmo elemento. Na habitação, coexistem três variantes de janelas de peito de duas folhas; no escritório, encontram-se janelas de três folhas; e por fim, nos armazéns, existe o exemplo mais simples, de uma folha.

Começando pela janela presente no alçado frontal da casa, difere apenas da janela de sacada nas suas dimensões e inexistência de almofadas, apresentando o mesmo tipo de desenho, acabamento e ferragens. O mesmo se verifica na portada que é apenas mais pequena e por isso, só tem uma almofada. Por ser janela de peito, o vão passa a ser constituído por: duas couceiras, uma verga e um peitoril. Sobre os peitoris, assentam-se as tábuas de peito, peças de madeira que *“Destinam-se a proteger as pessoas quando se debruçam (...) Superiormente são arredondadas no seu focinho e rectas no seu peito. Entre a parte plana e o focinho abre-se um canal chamado invernial para recolher as águas pluviais que caem pela face do caixilho e entram na tábua de peito. As águas saem do invernial por um furo que dele passa para o peitoril que as faz correr para o exterior. Este furo é aberto a meia largura do vão, onde também o invernial é mais profundo do que nos extremos.”*<sup>70</sup>.

Quanto à janela que se repete no alçado tardoz da habitação, apresenta algumas alterações relativamente à anterior. O próprio desenho do caixilho é diferente: tanto os pinázios como as travessas e couceiras são como que, recortadas e não, arredondadas. O peitoril não é revestido no seu topo por uma tábua de peito, de modo que é a própria pedra que apresenta um perfil retalhado, com uma certa inclinação do lado exterior, formando batente e de seguida, o invernial, mantendo-se depois plana no interior. A nível de ferragens, verifica-se a existência de um fecho de correr diferente. Enquanto a portada se mantém exactamente igual à da janela do alçado da frente.

O último exemplo de janela de peito de batente de duas folhas é visível também, no alçado tardoz, mas desta feita no piso térreo. Aqui, o caixilho volta a ter os rebaixos arredondados, o aro de aduela deixa de ter a fasquia como remate e o peitoril continua a não ter tábua de peito, apresentando o mesmo perfil que o descrito anteriormente. A maior diferença encontra-se porventura, na portada que adopta o mesmo desenho e tipo de construção do que a porta de taipal antes analisada. As ferragens resumem-se aos fechos de correr, que têm um desenho um pouco distinto, sobretudo os das portadas, pois possuem uma pequena pega redonda perfeitamente adaptada aos dedos, de forma a facilmente se puxar ou empurrar.

A janela de peito de batente de três folhas está presente no edifício administrativo, onde se encontrava o escritório. Começando pelo aro de aduela, não tem qualquer fasquia a rematar o encontro com a cantaria. O caixilho, ao contrário dos anteriores em que se usava o sistema de rebaixo, funciona com o sistema de *nó de banca*. *“Trata-se de estabelecer o nó a meio da espessura do canto do caixilho* [ou como neste caso, mesmo

<sup>70</sup> COSTA, F. Pereira da, op. cit., Caderno 19, pág. 4





fig. 172| Alçado exterior de janela de três folhas



fig. 173| Alçado interior de janela de três folhas



fig. 174| Portada



fig. 175| Uma das folhas



fig. 176| Cremona



fig. 177| Pingadeira



fig. 178| Vista interior da janela de uma folha



fig. 179| Interior-exterior



fig. 180| Pormenor do ferro



no canto]. *Este nó encosta no canal aberto nos marcos dos aros de aduela. As fixas [ou dobradiças] a empregar ficam com o seu nó quase de fora da espessura do caixilho e dão-lhe uma boa rotação. (...) Superiormente, na travessa de cima predominam os rebaixos, tanto na verga do aro como na travessa do caixilho.*”<sup>71</sup>. Numa das folhas laterais, é fixa a régua de cremona à couceira. Nesta peça de madeira é posteriormente, fixa a cremona. Por sua vez, na folha oposta, é adicionada uma régua de batente à couceira. Este caixilho é o único que apresenta fixada uma pingadeira nas travessas inferiores das folhas. Relativamente ao peitoril, mantém o mesmo perfil que o anterior, sendo que no exterior não tem tábua de peito, enquanto no interior já é revestido pela dita peça de madeira. As portadas funcionam pelo sistema de rebaixo, cada folha apresenta duas almofadas, uma mais pequena em cima e uma maior em baixo, e as suas ferragens englobam as dobradiças e os *fechos de embeber*, que “*ficam embebidos nas faces das couceiras onde tomam lugar.*”<sup>72</sup>.

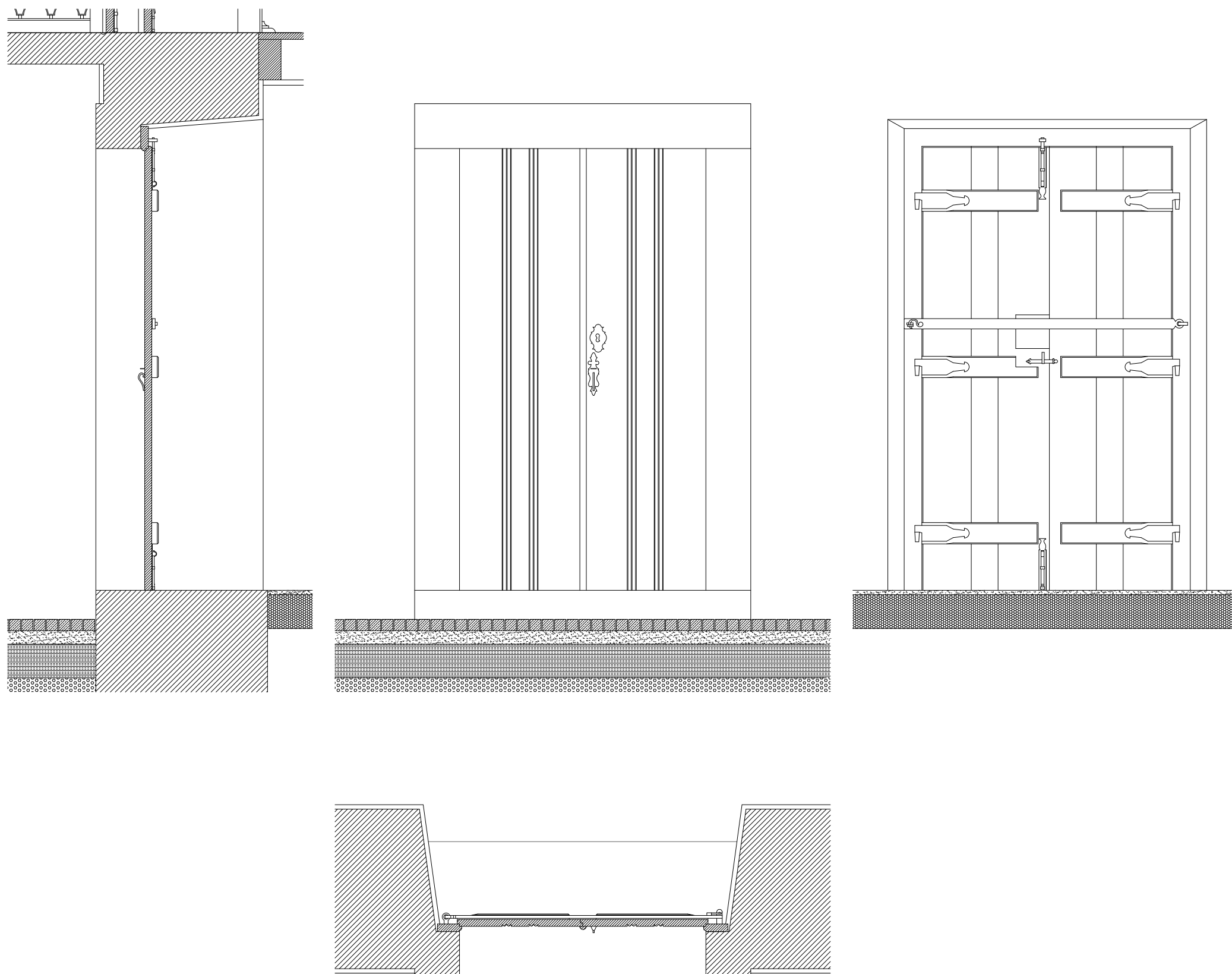
Por último, analisa-se o caixilho de uma folha, apenas usado nos vãos dos armazéns. Neste caso, o caixilho tem as fixas como no sistema de nó de banca analisado, o que lhe permite ficar encaixado no aro de gola, usando as ombreiras, a padieira e o peitoril como batente. A janela é composta por duas couceiras, duas travessas, um pinázio colocado no sentido vertical e por dois vidros justapostos. Na aduela do vão, há uma barra de ferro, colocada a meia altura do vão.

Concluindo, observam-se facilmente diferenças entre os mesmos tipos de caixilhos, o que se verifica não só, de edifício para edifício, mas também no mesmo edifício, de piso para piso e até, no mesmo piso, de alçado para alçado. Ou seja, para além da possibilidade de construção em diferentes épocas, da diferente capacidade monetária ao longo das mesmas, da evolução das técnicas... as desigualdades advêm claramente, da função do espaço, do uso que se lhe dá e do que representa. E por isso, faz sentido usar um caixilho mais simples num espaço de trabalho, como é um armazém, e usar um caixilho mais trabalhado e ornamentado num espaço de estar e de lazer, como é uma sala de estar. O que na verdade, se averigua não apenas nos caixilhos, mas em todos os pormenores construtivos, que tendem a ser mais pobres ou mais ricos de acordo com o espaço em que se encontram. Talvez seja por isso, que a Quinta da Mesquita, pela sua diversidade de espaços, seja tão rica construtivamente.

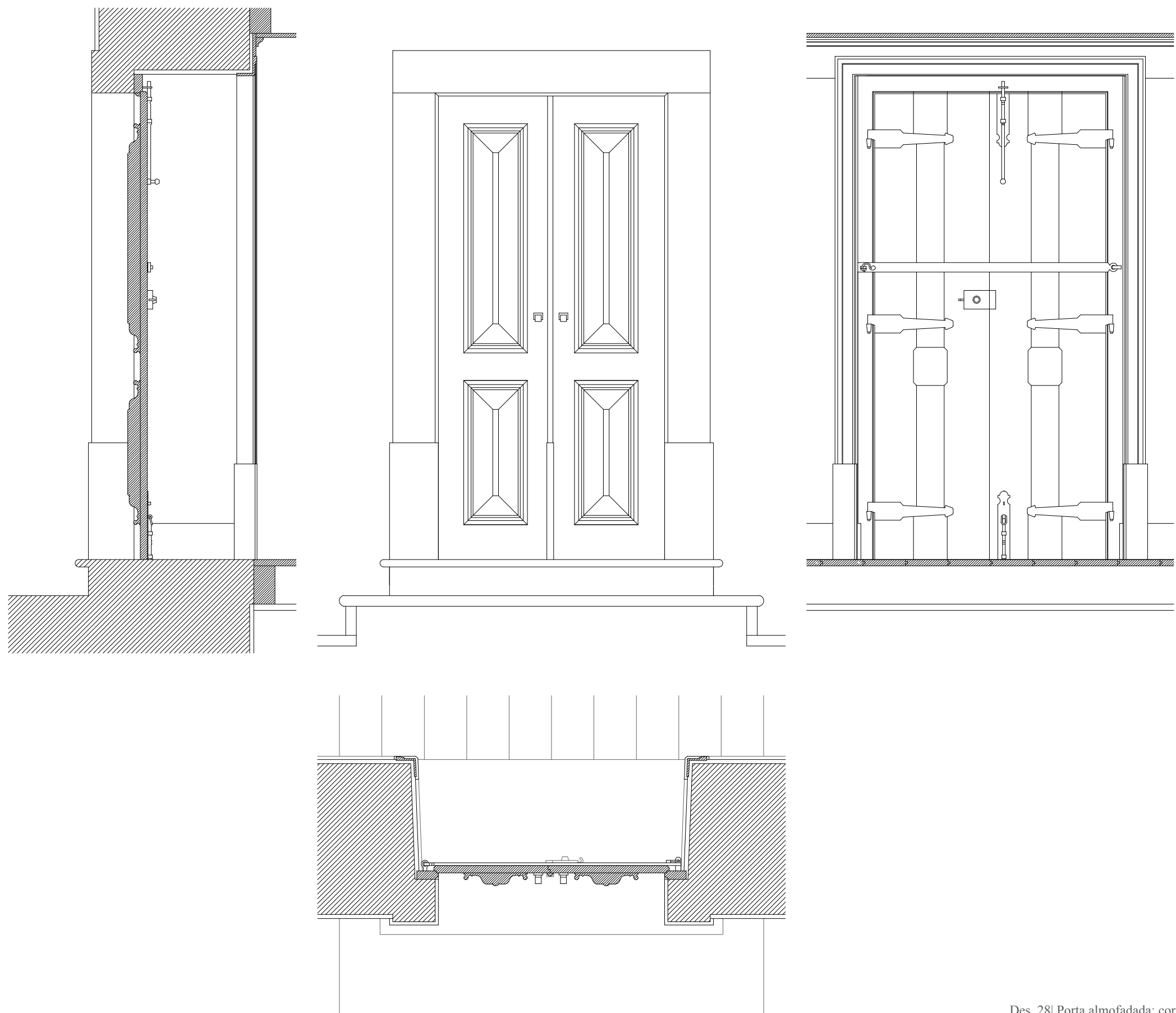
---

<sup>71</sup> COSTA, F. Pereira da, op. cit., Caderno 19, pág. 11

<sup>72</sup> id., ibid., Caderno 19, pág. 14

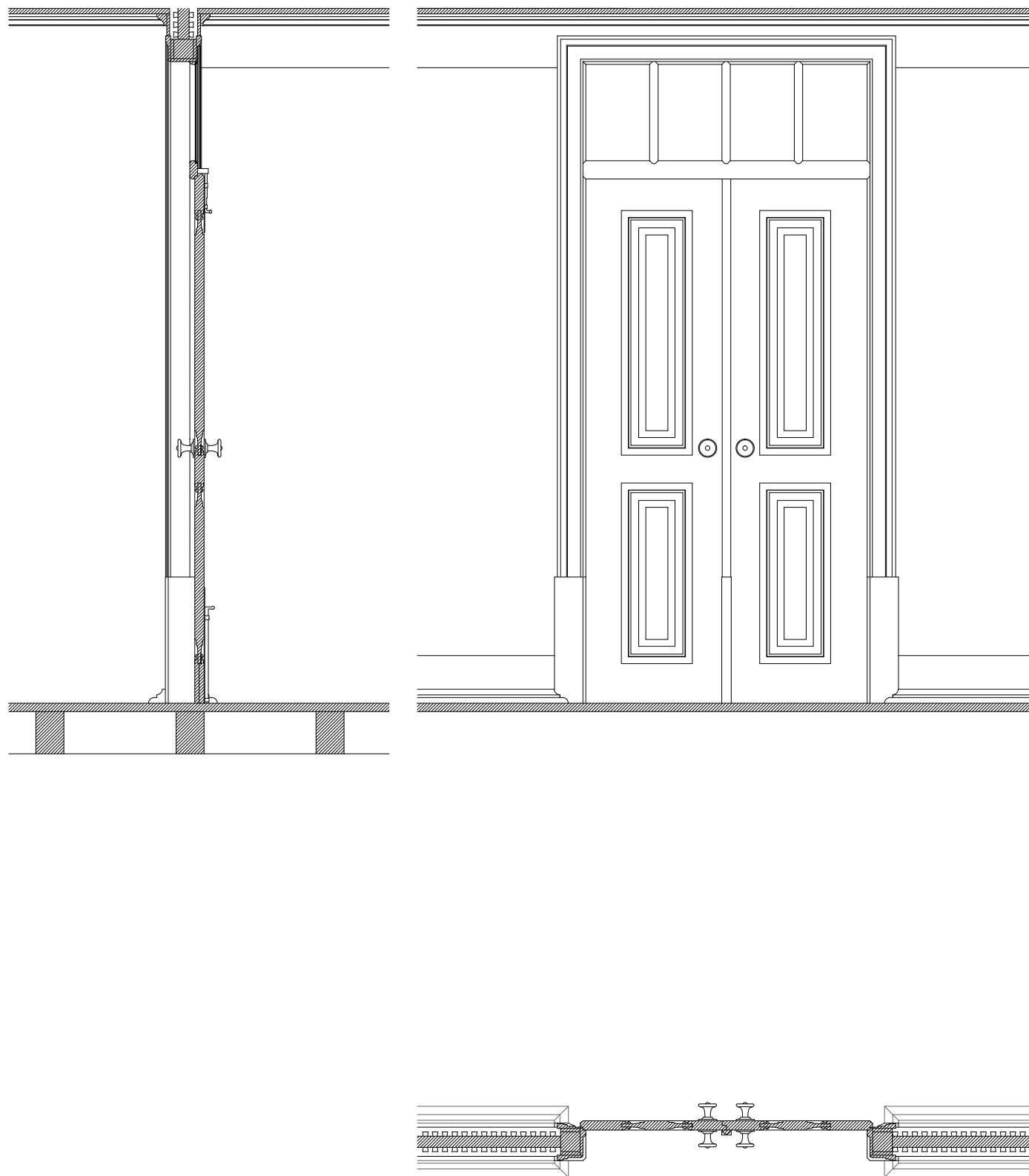


Des. 27 | Porta de taipal: corte horizontal e corte vertical, alçados interior e exterior | Esc. 1:20

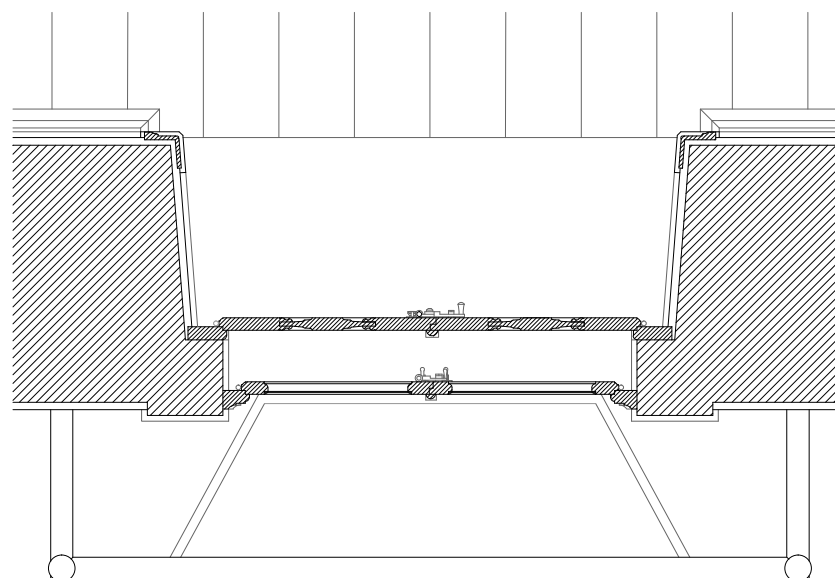
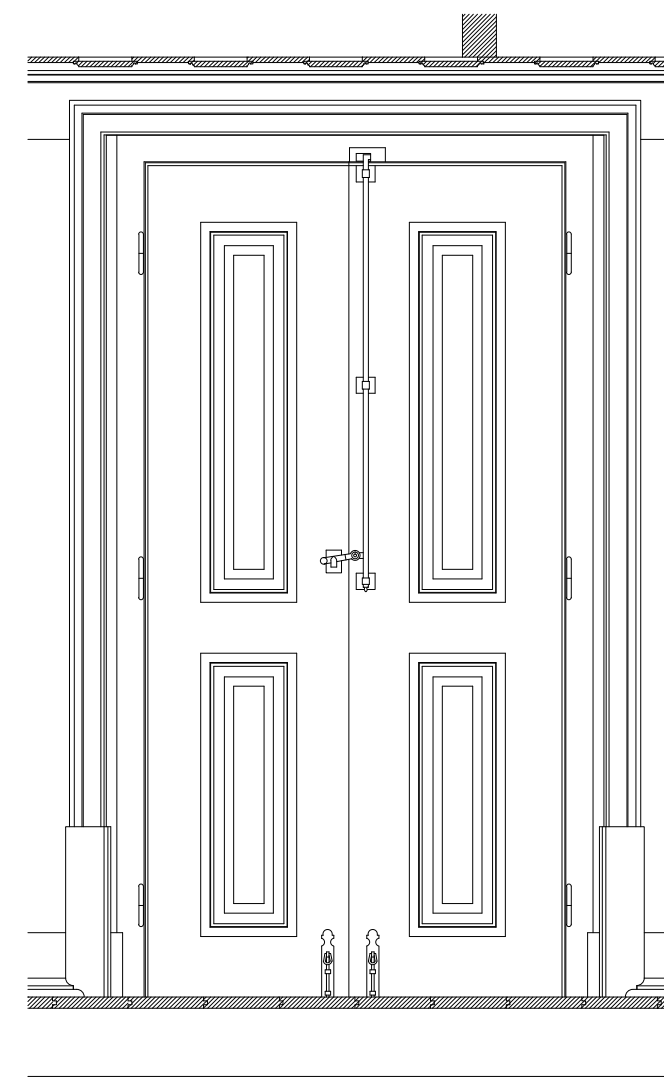
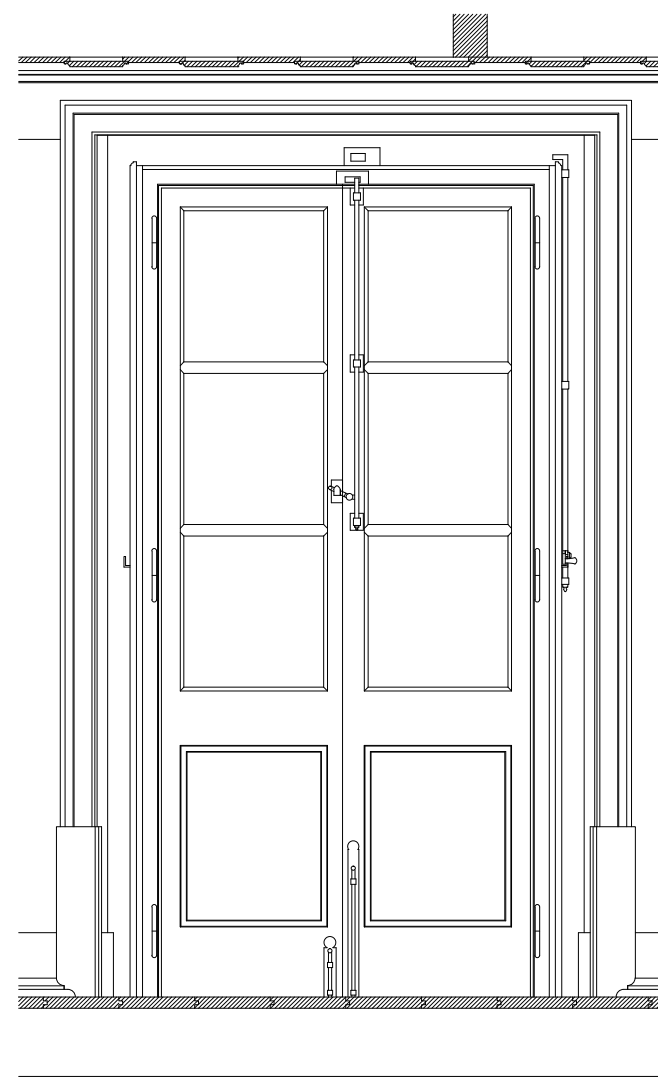
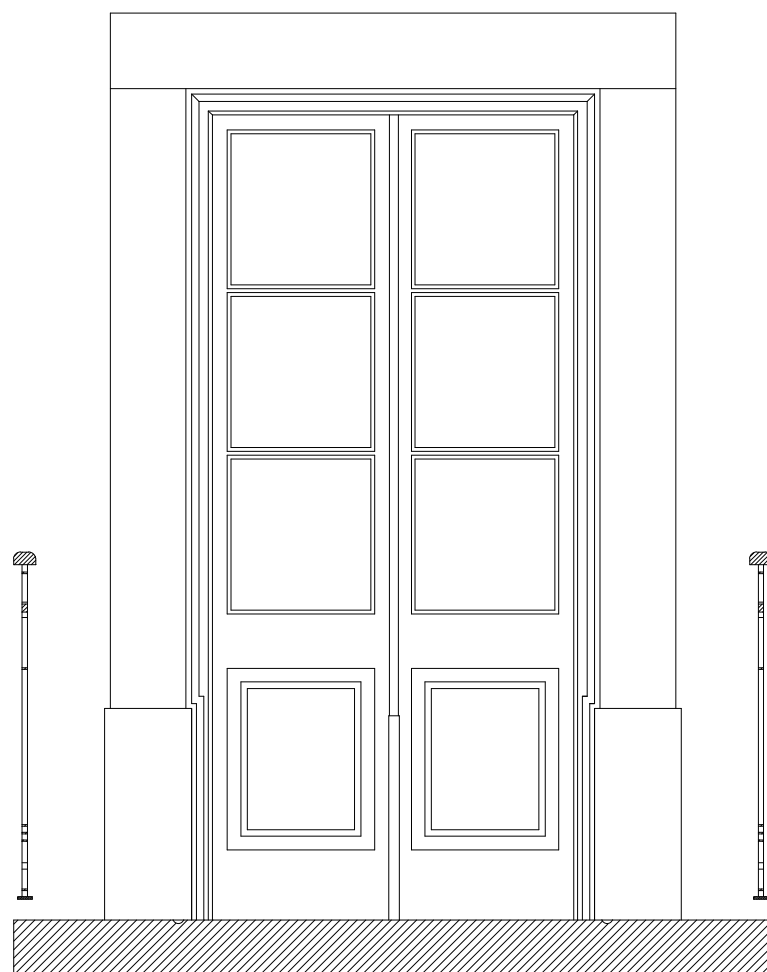
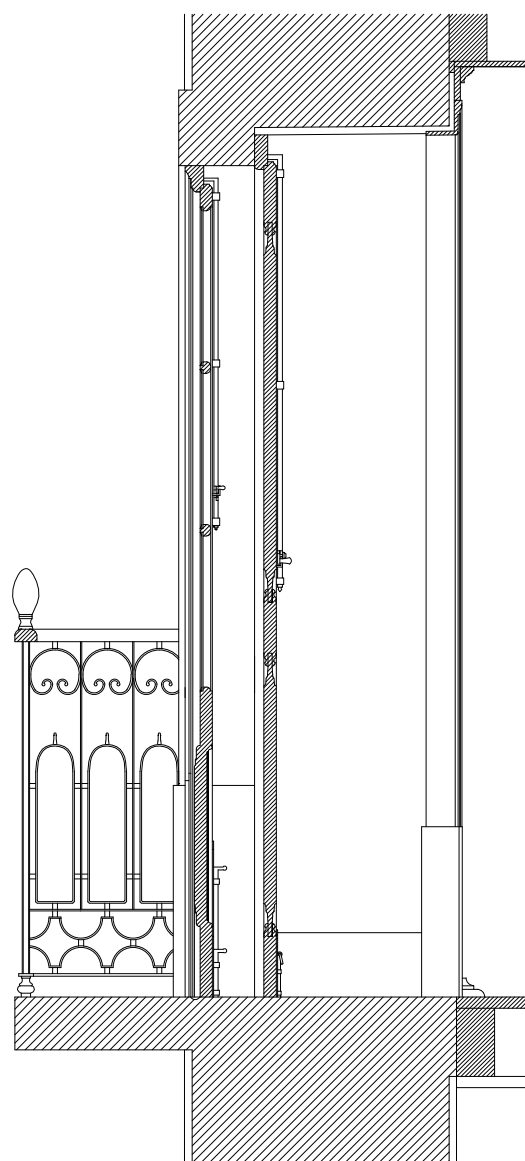


Des. 28| Porta almofadada: corte horizontal e corte vertical, alçados interior e exterior | Esc. 1:20

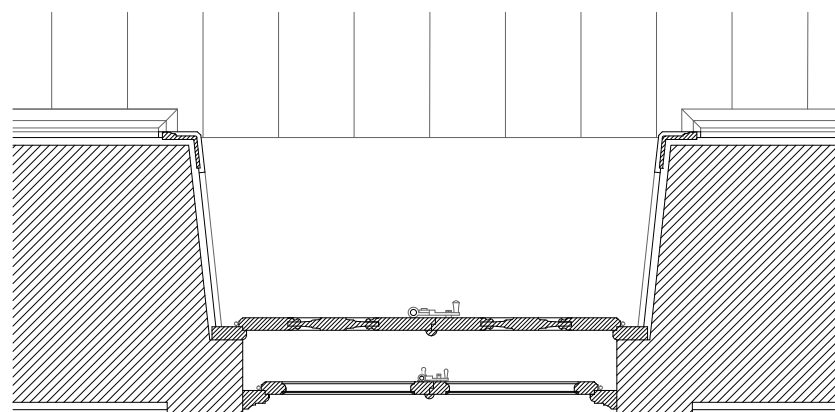
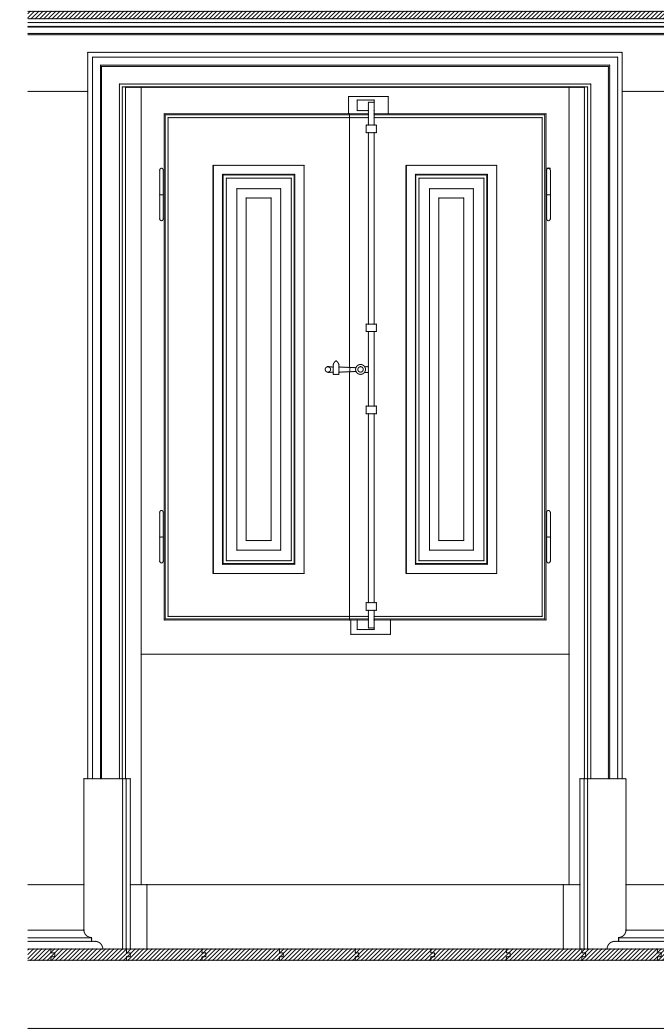
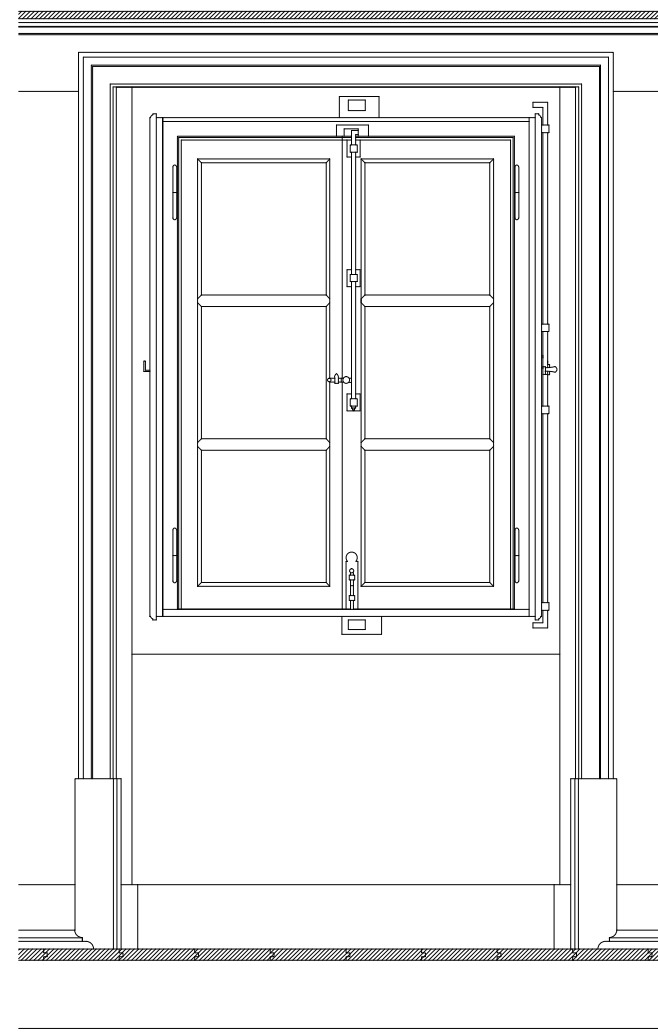
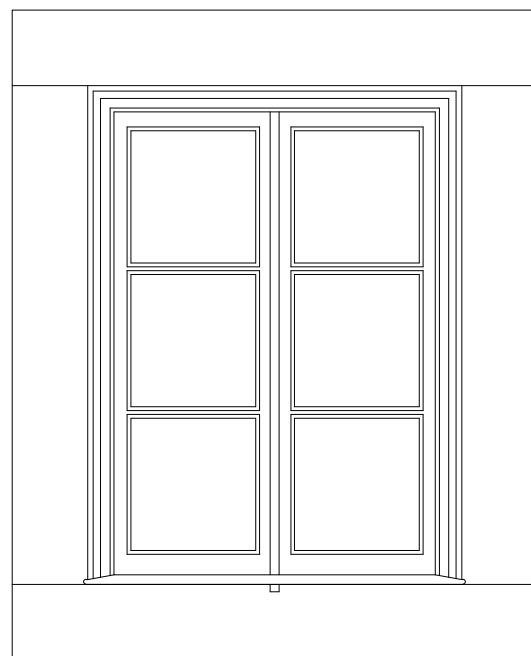
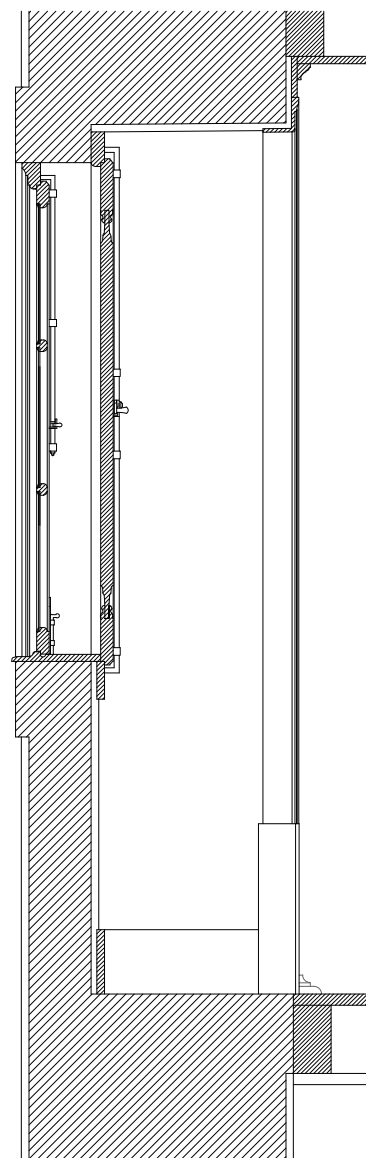




Des. 29| Porta interior: corte horizontal e corte vertical, alçados interior e exterior | Esc. 1:20

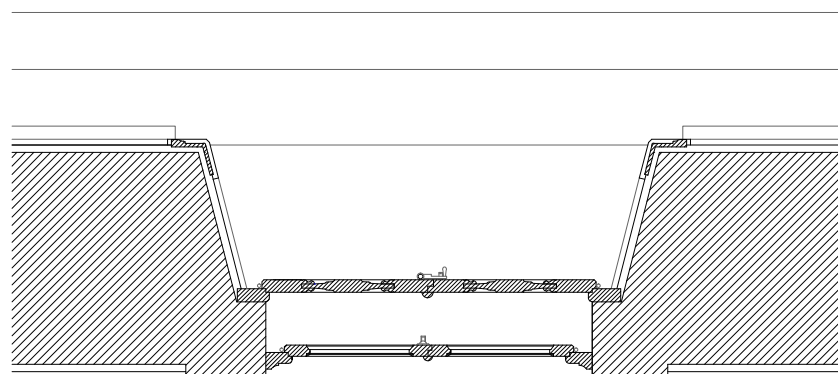
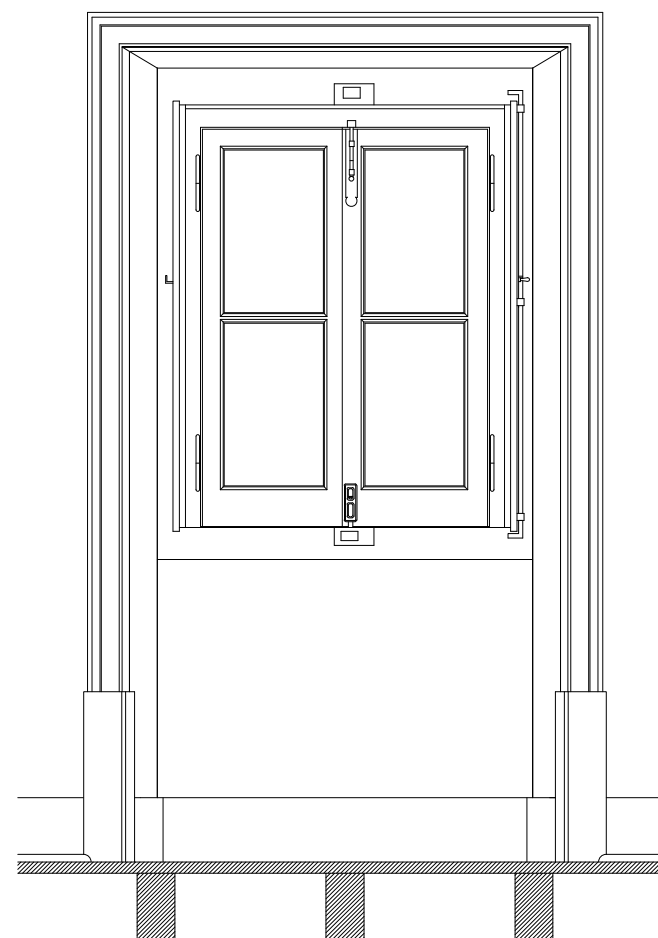
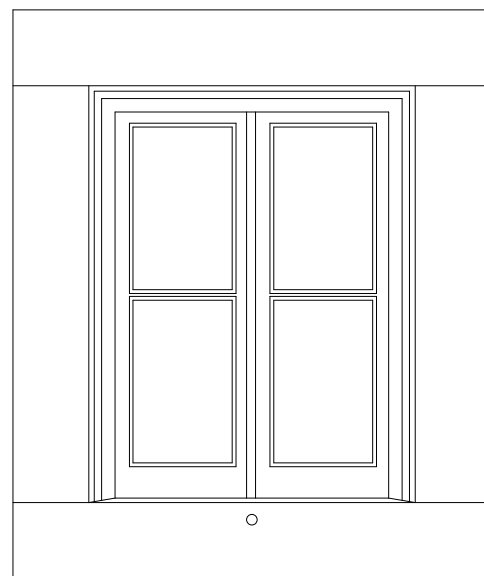
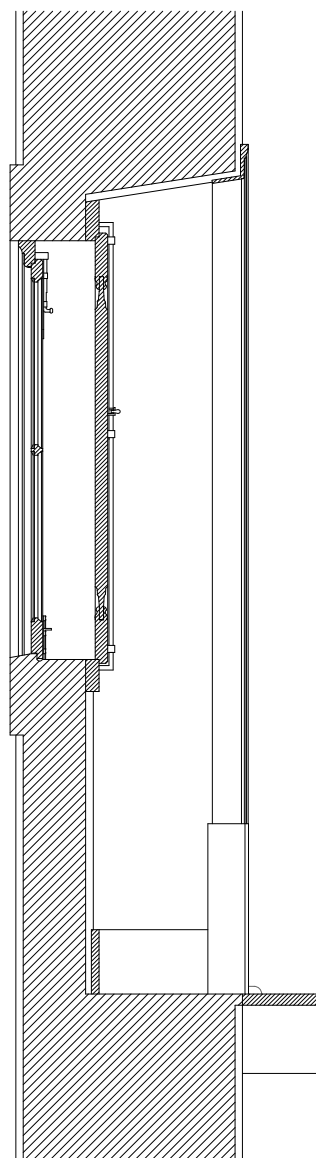


Des. 30| Janela de sacada de batente: corte horizontal e corte vertical, alçados interior e exterior | Esc. 1:20

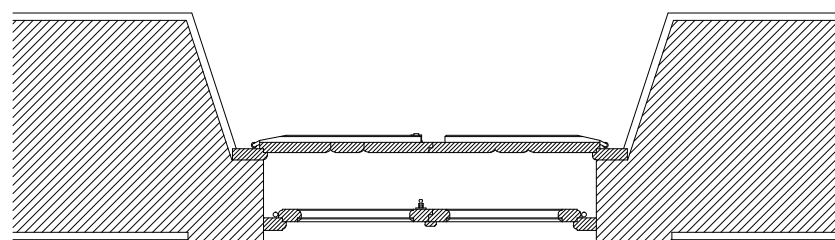
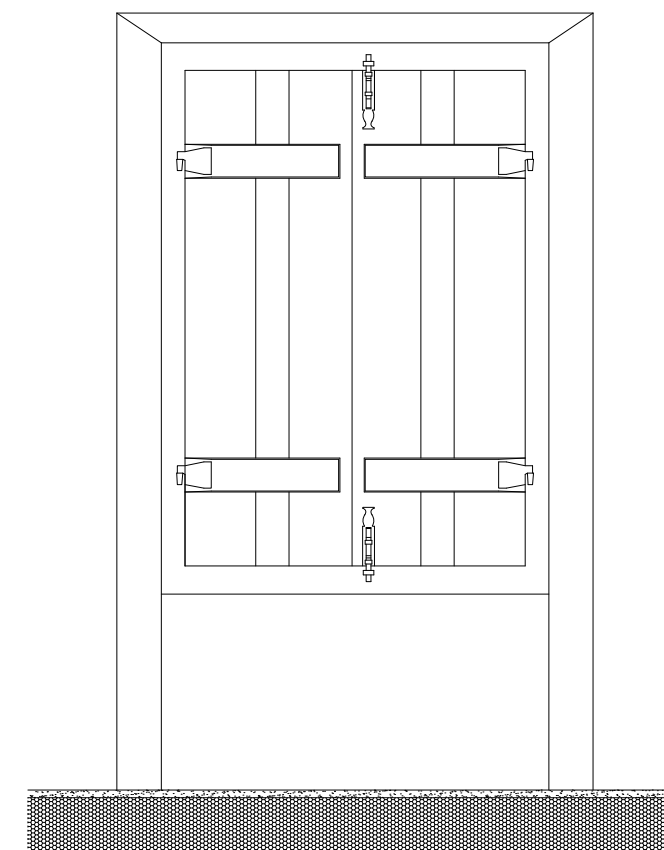
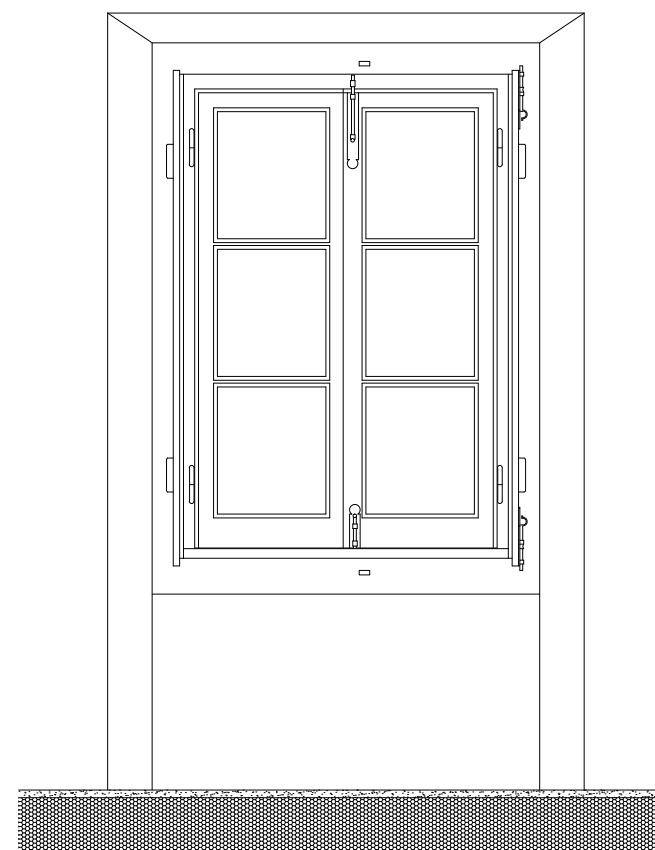
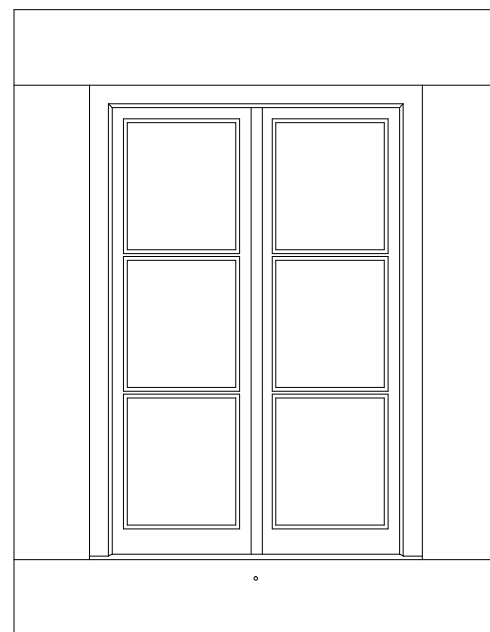
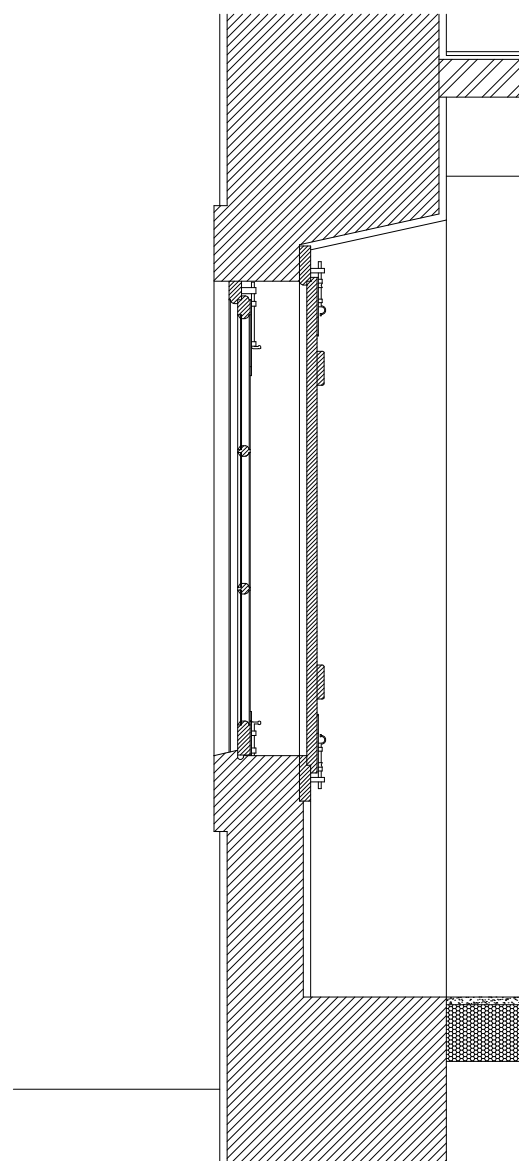


Des. 31| Janela de peito de batente (fachada principal): corte horizontal e corte vertical, alçados interior e exterior | Esc. 1:20

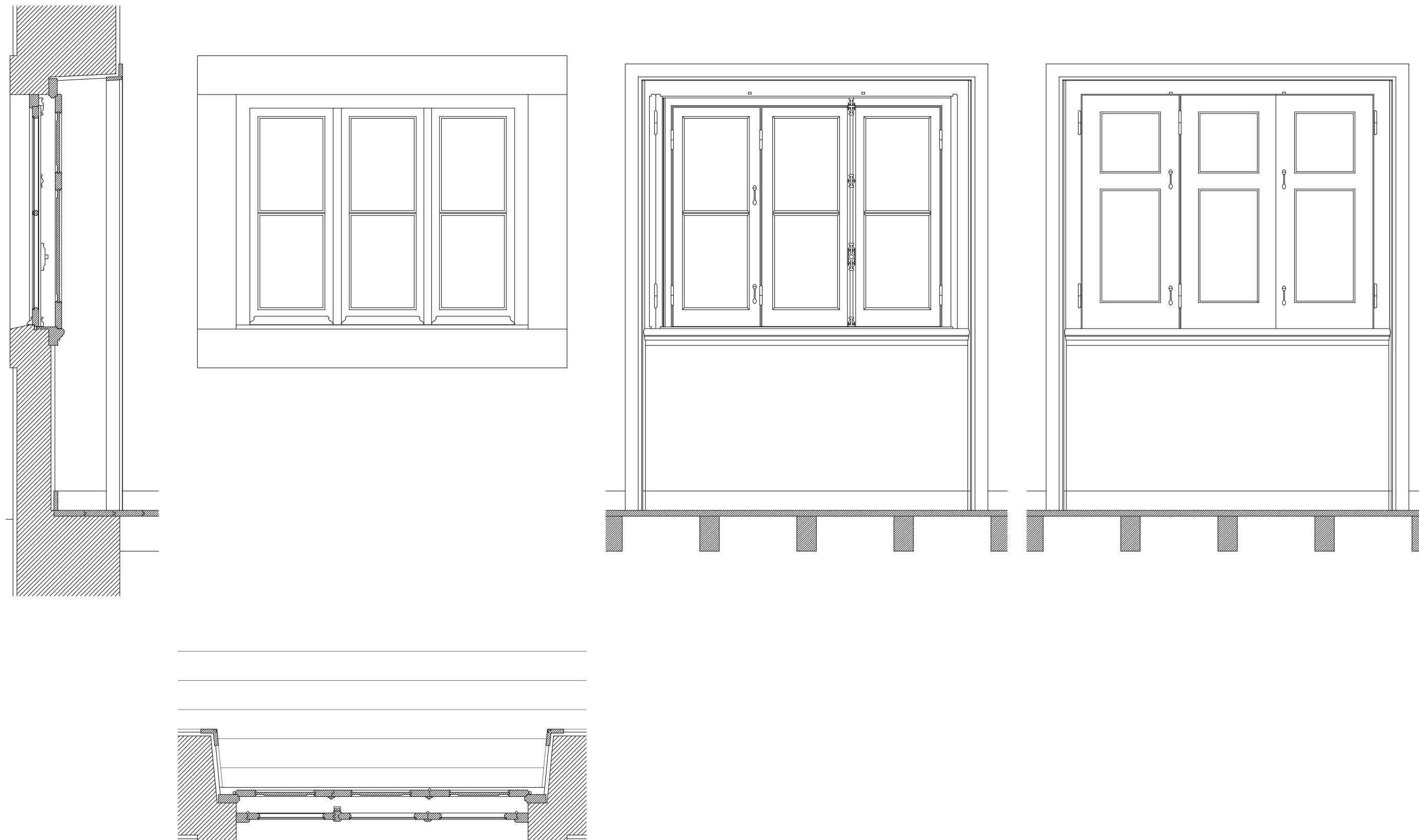




Des. 32| Janela de peito de batente (fachada tardoz): corte horizontal e corte vertical, alçados interior e exterior | Esc. 1:20

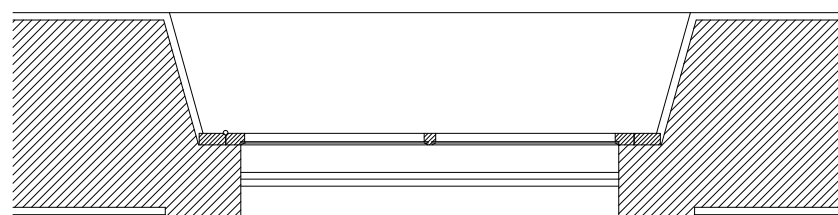
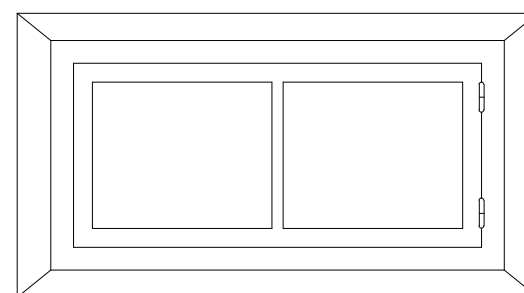
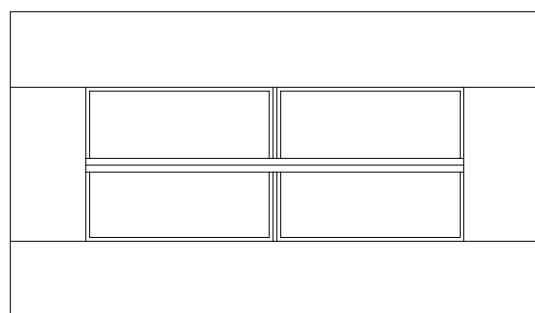
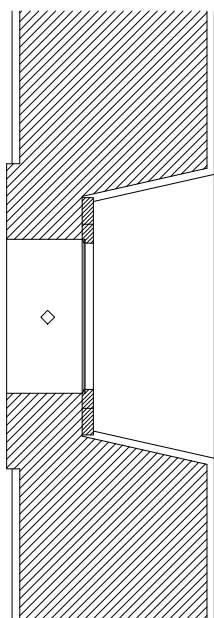


Des. 33| Janela de peito de batente (fachada tardoz, 1/c): corte horizontal e corte vertical, alçados interior e exterior | Esc. 1:20



Des. 34| Janela de peito de batente de três folhas: corte horizontal e corte vertical, alçados interior e exterior | Esc. 1:20





Des. 35| Janela de peito de batente de uma folha: corte horizontal e corte vertical, alçados interior e exterior | Esc. 1:20

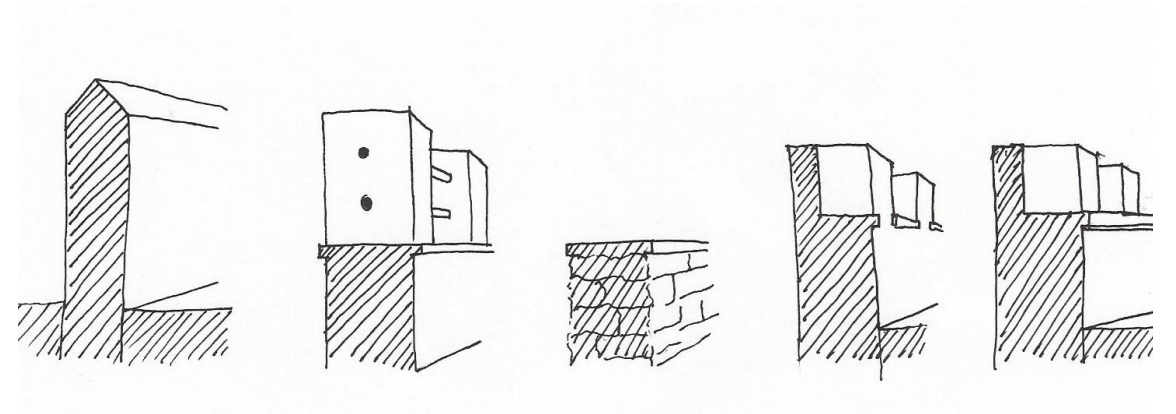


fig. 181| Desenho dos diferentes tipos de muro que se encontram na Quinta da Mesquita



fig. 182| Muro com perfil de crista



fig. 183| Muro de vedação do jardim



fig. 184| Muro que delimita a eira



fig. 185| Excerto do muro de contenção



fig. 186| Excerto do muro de contenção

## MUROS

O muro apesar de não ser um elemento fundamental no sistema construtivo do edificado, com excepção dos muros de contenção que delimitam os edifícios à beira-rio, revela como todos os elementos anteriormente analisados, diferentes soluções, cujos pormenores se consideraram merecedores de análise.

Na Quinta da Mesquita, encontram-se muros de vedação, que separam a propriedade privada do espaço público. Estes muros são de alvenaria de pedra, mas também apresentam pequenos fragmentos de tijolo e telha. Ostentam o chamado, perfil de crista, em que o topo do muro é chanfrado dos dois lados. Por outro lado, existe um outro tipo de muro de vedação, que embora não separe o domínio privado do público, separa dois espaços dentro da mesma propriedade: o caminho e o jardim. Este atinge *“apenas uma pequena altura, (...) que é coberta com um capeamento (...) recebendo superiormente um gradeamento de ferro (...) que corre entre os pilares.”*<sup>73</sup>. A eira não foge à regra e por isso, é também contornada por um pequeno murete, com pedra à vista e com o seu topo rematado com lajetas de pedra cuidadosamente aparelhadas.

O muro também surge com a função de suporte e contenção de terras, como é visível ao longo de toda a margem do Rio de Pedralhos. Pontualmente, o muro prolonga-se, formando as próprias paredes dos currais e do telheiro, onde a estrutura da cobertura se apoia. Enquanto objecto delimitador do jardim, o muro é adornado com bancos e floreiras, construídos em toda a sua extensão, e que apresentam dois desenhos. Num, destaca-se o sentido horizontal, devido à existência de uma pequena faixa à altura do assento e que é comum aos bancos e floreiras; noutro, parece enfatizar-se o recorte do muro, que dá lugar aos ditos bancos e floreiras.

---

<sup>73</sup> COSTA, F. Pereira da, op. cit., Caderno 14, pág. 15





## ESTUDO DE DIAGNÓSTICO

A “única forma justa de abordar qualquer caso concreto, numa lógica de resolução de problemas passará pela aquisição de um conjunto significativo de informação acerca dos objectos de intervenção (...)”<sup>74</sup>. Por isso, paralelamente à análise e estudo do sistema construtivo, é fundamental examinar o estado de conservação e segurança do edificado, identificar as anomalias presentes e determinar as suas causas.

*“A realização deste diagnóstico é essencial a uma correcta intervenção sobre o construído e tem de ser anterior a qualquer acção projectual ou construtiva, já que é o ponto de partida para o estabelecimento das tecnologias e dos materiais que melhor se adequam às características físicas e à história do objecto a intervir.”*<sup>75</sup> quer seja com o intuito de recuperar o que se encontra danificado, ou com o intuito de identificar a causa do problema, de forma a prevenir o seu reaparecimento. Assim, se “(...) olhando, sabem “ler” o edifício”<sup>76</sup>, é através da conjugação da inspecção visual com o conhecimento adquirido, as únicas ferramentas disponíveis, que se pretende realizar um breve estudo de diagnóstico. Sublinha-se no entanto, a importância da realização de um diagnóstico científico neste tipo de obra, recorrendo a sondagens, inspecções e ensaios, para que a análise empírica seja assim reforçada pelo rigor científico.

Ora, com base na observação, compreende-se desde logo, que os elementos que definem o edifício e confrontam directamente com o exterior, como a cobertura, as paredes exteriores e as caixilharias, estão mais expostos às intempéries e por isso, são também, os que mais sofrem desgaste e se degradam mais fácil e rapidamente. No entanto, e consequentemente, elementos interiores, como os sobrados e paredes divisórias, registam igualmente alterações.

Das diferentes causas que estão na origem das anomalias detectadas em cada elemento, e que irão ser descritas de seguida, importa destacar previamente, três questões.

<sup>74</sup> APPLETON, João - *Estudos de Diagnóstico em edifícios. Da experiência à ciência.* in *A intervenção no património: práticas de conservação e reabilitação*. Porto: FEUP, 2005, pág. 30

<sup>75</sup> id., ibid., pág.30

<sup>76</sup> id., ibid., pág. 29



fig. 188| Os volumes mais afectados



fig. 188| Telha solta



fig. 189| Adega



fig. 190| Deterioração da estrutura da cobertura e da parede



fig. 191| Deterioração visível no armazém de maior área



fig. 192| Cobertura do armazém da destilaria e sala da fruta



Em primeiro lugar, “*um hábito que se perdeu de manutenção das casas.*”<sup>77</sup>. A caiação anual das paredes, a substituição da telha que se desprende ou partiu, o envernizamento das madeiras, a limpeza e desentupimento das caleiras e algerozes... São pequenas acções que outrora se realizavam habitualmente, e que hoje, já não fazem parte dos costumes da sociedade portuguesa. No entanto, estes actos, que até podem parecer insignificantes, contribuíam para a conservação dos materiais e a consequente preservação das características originais de toda a estrutura que constitui um edifício. Outra razão para algumas patologias é a presença de água. “*A água no interior dos edifícios resulta, fundamentalmente, da entrada da água da chuva pela cobertura ou por aberturas nas fachadas, em particular portas e janelas, por ascensão capilar do solo e por mau funcionamento das redes de abastecimento ou drenagem de águas residuais ou pluviais.*”<sup>78</sup>. E é extremamente destrutiva, na medida em que acelera a degradação dos revestimentos, das próprias paredes e dos elementos a elas ligados, como os sobrados. Por último, e tratando-se de um objecto de estudo centenário, há que ter em conta, o natural envelhecimento dos materiais, por vezes agravado pelas condicionantes referidas anteriormente. “*O envelhecimento dos materiais tem significado ao nível da alteração de algumas propriedades fundamentais, por exemplo, por acção dos agentes climáticos, pelo desgaste devido ao uso, etc., levando à alteração das características de elasticidade, de resistência mecânica, etc.*”<sup>79</sup>.

## COBERTURAS

Nas coberturas, encarregues de encimar os diversos volumes que constituem o edificado da Quinta da Mesquita, observam-se diferentes níveis de degradação.

Em certas vertentes, a estrutura de madeira começa a deformar-se e o abaulamento do telhado entre cada asna torna-se visível e inevitável, não só por esta ser uma tendência natural da madeira, mas também, pelo envelhecimento e humedificação da mesma. Aliás, a humidade favorece o desenvolvimento de fungos e bolores que por sua vez, fomentam o aparecimento de insectos, como carunchos e térmitas, todos prejudiciais para o material em questão. Em simultâneo, encontram-se pontualmente, zonas problemáticas, em que “*A acção da água da chuva é particularmente gravosa nas coberturas, sobretudo em dois tipos distintos de situações: infiltrações nas zonas correntes da cobertura, por esta não desempenhar cabalmente a sua função, ou infiltrações associadas a disfuncionamentos da rede de drenagem de águas pluviais.*”<sup>80</sup>.

Por exemplo, no topo da parede exterior da adega em que se faz a transição da estrutura do telhado para a do alpendre, a provável deslocação de telhas permite a infiltração

<sup>77</sup> SIZA, Álvaro - *Recuperação e Manutenção* in in *A intervenção no património: práticas de conservação e reabilitação*. Porto: FEUP, 2005, pág.20

<sup>78</sup> FREITAS, Vasco Peixoto de – *Manual de apoio ao projecto de reabilitação de edifícios antigos*. Porto: Ordem dos engenheiros da região norte, 2012, pág. 142

<sup>79</sup> APPLETON, João – *Reabilitação de edifícios antigos: patologias e tecnologias de intervenção*. Amadora: Orion, 2003, pág. 88

<sup>80</sup> id., *ibid.*, pág. 117



fig. 193| Estado da cobertura de um dos antigos currais



fig. 194 e 195| Cobertura da *Casa do Forno*



fig. 196 e 197| Fissuração das paredes



fig. 198 e 199| Manchas no revestimento



fig. 200, 201 e 202| Paredes com queda pontual do revestimento



fig. 203 e 204| Presença de vegetação numa das paredes dos grandes armazéns



fig. 205| Cantaria deteriorada



directa de água, que se faz notar pela escorrência e manchas visíveis na face interior da parede, provocando o apodrecimento e quebra do forro, do varedo, do frechal... afectando assim toda a estrutura de madeira, o interior da parede e o seu revestimento. Outra área exemplar é a parede interior dos grandes armazéns, onde assenta a estrutura da cobertura de cada um. Sendo possível a deterioração (ou até inexistência) da caleira que deveria receber as águas das duas vertentes, leva à existência de infiltrações que mais uma vez afectam o madeiramento e as paredes. Por fim, e como expoente máximo da degradação de coberturas, estão presentes na Quinta três exemplos, no edifício que albergava a destilaria e servia de armazém para a fruta, num dos currais e na *Casa do Forno*, em que se verifica o desabamento da cobertura. Ou seja, o que terá começado como nos exemplos anteriores, com o deslocamento de telhas e infiltrações consecutivas, agravadas pelas condições climáticas e a passagem do tempo, culminou na quebra e queda de parte dos telhados.

### PAREDES EXTERIORES

As patologias que afectam as coberturas, não resumem a sua área de acção a esta estrutura. Pelo contrário, prolongam os seus efeitos, prejudicando os elementos directamente relacionados com o telhado. Assim, o apodrecimento do madeiramento, para além de pôr em causa as capacidades estruturais das peças de madeira, deteriora as ligações entre elas e as zonas de apoio das mesmas na própria parede, o que se verifica no caso das asnas que ao degradarem-se, aumentam as forças horizontais exercidas sobre os cachorros, onde se apoiam, e consequentemente sobre as paredes, provocando-lhes fissuras.

Para além da fissuração provocada pela concentração de cargas, as paredes exteriores apresentam fissuras nos seus revestimentos, causada pelo elevado teor de água presente, seja por qualquer tipo de infiltração ou por humidade ascensional existente. Paralelamente, e pelas mesmas razões, encontram-se manchas no revestimento e por vezes, detecta-se a sua escamação, o que afecta apenas a camada superficial. Em certas paredes, a evolução da mesma patologia conduz ao destacamento localizado e queda do revestimento, ficando o pano de pedra completamente desprotegido e à vista. Destaca-se ainda uma outra situação, em que se assinala o desenvolvimento de vegetação na parede. “*O seu aparecimento resulta da falta de manutenção das estruturas e exerce-se de forma física através do desenvolvimento das raízes que por acção mecânica provocam a rotura dos elementos estruturais.*”<sup>81</sup>.

As aberturas para portas e janelas, que constituem pontos críticos e mais frágeis, são igualmente, alvos de anomalias. Numa das portas no piso térreo da habitação, é visível a deterioração da cantaria, o “*desgaste da pedra, provocado, em primeiro lugar, pela água da chuva que provoca a dissolução da pedra – como sucede com as pedras calcárias (...) – tornando-se rugosa e afectando a sua aparência.*”<sup>82</sup>. Já no interior de vários

<sup>81</sup> FREITAS, Vasco Peixoto de – *Manual de apoio ao projecto de reabilitação de edifícios antigos*. Porto: Ordem dos engenheiros da região norte, 2012, pág. 142

<sup>82</sup> APPLETON, João – *Reabilitação de edifícios antigos: patologias e tecnologias de intervenção*. Amadora: Orion, 2003, pág. 135





fig. 206| Verga de madeira



fig. 207| Verga sem parte do revestimento



fig. 208| Sobrado danificado



fig. 209| Forro do tecto



fig. 210 e 211| Pormenor de porta deteriorada



fig. 212|(Des)fixação do vidro



fig. 213| Ferragem

vãos, sugere-se que as vergas de madeira estão a perder a resistência e por isso, começam a deformar-se e a ceder ao peso da alvenaria que ajudam a suportar. De igual modo, e afectados pela humidade das paredes exteriores e pelas causas já enumeradas, como os insectos, os fungos, o envelhecimento... a estrutura dos sobrados e as esteiras dos tectos estão também, a deformar-se. Como consequência, o revestimento, seja o soalho ou o forro do tecto, começa igualmente, a deteriorar-se. De facto, são visíveis pequenas áreas de tecto com tábuas de madeira abauladas e com a tinta a escamar; com o fasquio à vista, porque terá havido uma *“rotura de ligação de aderência entre a argamassa de reboco e a madeira”*<sup>83</sup>; ou com placas de estafe fissuradas ou até, quebradas pontualmente, devido *“à incapacidade de os tectos acompanharem a deformação das estruturas”*<sup>84</sup>.

### CAIXILHARIAS

Quanto aos caixilhos, são *“elementos particularmente sensíveis, pela sua localização no edifício, expostos à acção directa da radiação solar e das chuvas batidas pelo vento. (...) sobre os quais se têm de exercer periodicamente e em prazos curtos, acções de conservação e manutenção, que não impedem a necessidade de reparações e substituições atempadas.”*<sup>85</sup>.

A constante exposição deste elemento aos agentes atmosféricos, desafia as capacidades da madeira e fá-la reagir a dois extremos opostos. Se por um lado, a humidade e a chuva causam o seu aumento de volume, visto que esta absorve a água, por outro lado, a luz solar e o calor facilitam a sua secagem, motivando a sua retracção. Por si só, este ciclo leva ao desgaste do material, acelerando a sua deterioração. Consequentemente, são vários os exemplos de caixilhos e aros sem tinta, com madeira fissurada, que pontualmente começa a apodrecer, e que já nem sequer têm massa de vidraceiro, pondo em causa a fixação do vidro. Assiste-se ainda, à oxidação dos fechos e ferragens, dificultando a acção de abertura e fecho da própria janela.

<sup>83</sup> APPLETON, João – *Reabilitação de edifícios antigos: patologias e tecnologias de intervenção*. Amadora: Orion, 2003, pág. 125

<sup>84</sup> id., ibid., pág. 130

<sup>85</sup> id., ibid., pág. 133





# 02

---

## CONDICIONANTES E PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO

*“Variam as condições, é diferente a circunstância portuguesa, os homens de hoje não são iguais aos de ontem nem os meios de que eles se servem para se deslocar ou viver, como diferentes são ainda as suas ideias sociais, políticas ou económicas. Sendo tão forte o grau destas variações, porque não hão-de ser outras, muito outras, as soluções a encontrar para os portugueses de hoje? Para quê teimar em permanecer, quando tudo nos convida para um caminho diferente?”*

Fernando Távora in *O Problema da casa portuguesa*



## O CLIENTE

A elaboração de um projecto como tema da presente dissertação surge numa tentativa de se fazer a transição entre os exercícios realizados no âmbito da disciplina de Projecto, leccionada na Faculdade, e a realidade, em que o projecto é de facto, elaborado e construído.

Ora, a iniciativa de executar um projecto de intervenção para a Quinta da Mesquita partiu da estudante, por assistir à sua degradação, pela sua arquitectura e construção, e pelo interesse que o espaço suscita. Desta forma, faltam desde logo as premissas necessárias para tornar este exercício mais real e próximo da vertente profissional: o cliente e a encomenda, e posteriormente, a construção do que fora projectado.

Ainda assim, e aquando do pedido de permissão para usar a Quinta como objecto de estudo, o contacto com o Sr. Fernando Coutinho, empresário agrícola e genro da proprietária, foi essencial. Na primeira visita, apresentou a área de intervenção, da qual apenas se conhecia o que se conseguia ver a partir das ruas em seu redor, fazendo uma pequena introdução à organização do espaço e à sua história. De igual modo, após ser questionado, opinou sobre potenciais programas a desenvolver. A sua primeira hipótese consistia no turismo rural e de habitação, procurando por exemplo, aumentar o número de quartos e desenhar uma grande sala (quicá, num dos armazéns) onde se pudessem realizar diversos eventos. Simultaneamente, e embora a Quinta não tenha área suficiente para cultivar de forma rentável, poder-se-iam manter certas actividades agrícolas. Assim, na época das vindimas, seria possível colher ou comprar as uvas e esmagá-las com os visitantes, rentabilizando o lagar existente; podiam-se criar animais... Ainda, no outro extremo do terreno, sugeriu a construção de um lar de idosos, justificado pelo envelhecimento da população. No entanto, defende que esta hipótese seria muito dispendiosa e demoraria imenso tempo a reaver o dinheiro.

Uma outra ideia para o espaço baseia-se no negócio nocturno, um negócio imediato e rentável a curto prazo. Para tal, seriam necessárias entradas controladas, parques de estacionamento, espaços interiores amplos... o que já há na Quinta. Aliás, o edificado





existente até permitiria que houvesse diferentes salas, com características e ambientes distintos. De acordo com a opinião do Sr. Fernando, é algo deste género, um espaço de divertimento nocturno com grandes dimensões, que falta realmente na região.

Posto isto, apesar de estas impressões não terem o peso que normalmente, teriam na definição e rumo do projecto, foi importante a experiência de uma primeira conversa com o “cliente” e de registo das suas ideias. Este trabalho reflecte portanto, um carácter ainda académico, mas que tende a desvanecer-se, pelas conversas que exigiu (com o “cliente”, antigos funcionários, agricultores...), pelo trabalho de pesquisa, pelos levantamentos métrico e fotográfico realizados, e pela possibilidade de vir a ser útil a curto, médio ou longo prazo, caso se intervenha realmente, no edificado da Quinta da Mesquita.



fig. 214| *Indo desde a Serra dos Candeeiros... (em último plano)*



fig. 215| *... à particular Baía de S. Martinho do Porto*



## O PROGRAMA

A definição do programa foi uma fase crucial para o desenvolvimento e evolução do projecto. A procura de algo que se adequasse à Quinta da Mesquita teve por base o contacto com o “cliente” e as suas opiniões, mas não se restringiu a isso. Pelo contrário, sentiu-se necessidade de realizar uma breve pesquisa sobre o que a região tem para oferecer actualmente, abordando áreas como o turismo, cultura, actividades económicas, tradições e produtos regionais. Não descartando as memórias, experiência e vontade pessoais da autora.

Afinal, *“Quando projecto uma casa é como se a fizesse para mim. Porquê? Porque quando projecto tento fazê-lo ao máximo nível, de modo que o resultado satisfaça, sobretudo, o meu gosto e prazer pessoal. Na realidade, ao desenhar um esquisso, sou eu quem estou a olhar para a montanha ao longe tentando incorporá-la no projecto; sou eu quem estabelece as proporções dos espaços ou as posições dos objectos; se abro uma janela na casa de banho, sou sempre eu quem se move e actua nesse cenário. (...) eu não sei fazer nada que não goste e não me emocione realmente.”*<sup>86</sup>.

## A REGIÃO

O Oeste da região Centro de Portugal *“Situa-se entre o Oceano Atlântico e o maciço que nasce em Montejunto, e das “portas da capital” até ao Pinhal de D. Diniz, a norte. Território (...) em que a costa marítima e o campo se interligam”*<sup>87</sup>, turismo do centro é composta por vários concelhos, tais como Alcobaça, Nazaré, Caldas da Rainha e Óbidos.

O concelho de Alcobaça enfatiza a diversidade característica do litoral, indo desde a Serra dos Candeeiros à particular baía de S. Martinho do Porto. À semelhança do que se tem vindo a constatar por todo o País, também aqui tem havido uma grande aposta no sector turístico, e simultaneamente, na oferta cultural e comercial, dando especial enfo-

<sup>86</sup>NUFRIO, Anna – *Eduardo Souto de Moura: conversas com estudantes*. Barcelona: Gustavo Gili, 2008, pág. 63

<sup>87</sup> in [www.turismodocentro.pt](http://www.turismodocentro.pt)



fig. 216 e 217| O Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça



fig. 218 e 219| A chita e a loiça tradicional de Alcobaça - montra da loja *Made in Alcobaça*



fig. 220| Produtos regionais



fig. 221 e 222| *Rios de Cerâmica*, instalação de loiça de design contemporâneo no rio Alcoa



fig. 223| Esteira *Toino Abel*

que aos produtos regionais, usando-os como marca da identidade local.

Actualmente, a possibilidade de estadia está garantida. São já três, os hostels existentes na cidade de Alcobaça e cerca de uma dezena, os hotéis que estão “espalhados” pelo concelho, excluindo os exemplos de turismo rural.

Como forma de dinamização e desenvolvimento da região, mas também como complemento às unidades hoteleiras, surge a oferta cultural, traduzida em rotas, associações, escolas, museus e eventos. Ao longo do ano, são várias as iniciativas que animam o concelho, tais como: a recriação do mercado do séc. XIX, que adoptando o espaço público em redor do Mosteiro de Santa Maria, onde antigamente se realizava o mercado, envolve os diversos ranchos folclóricos da região e promove os produtos regionais; Cistermúsica, festival de música erudita que toma de assalto vários espaços, entre eles o Mosteiro e outras igrejas, recebendo músicos nacionais e internacionais; a Feira Medieval de Aljubarrota, que relembra a épica batalha de Aljubarrota, no séc. XIV; a Feira de S. Bernardo, dedicada ao padroeiro da cidade e onde se reúne o que de melhor se faz no concelho; o festival Books & Movies, que traz a literatura e o cinema à cidade; Rabiscuits, bienal de arte experimental, que invade o espaço público de Alcobaça; e a Mostra Internacional de Doces e Licores Conventuais, que no ano de 2015 presenteou os visitantes não só com doces e licores, mas também, com uma projecção de vídeo mapping, realizada nos 200m de fachada do Mosteiro e por isso, considerada a maior projecção realizada numa única fachada em Portugal.

Para além dos eventos, encontram-se disponíveis diversos monumentos e espaços culturais, entre eles, o Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, o Convento de Santa Maria de Coz, passando pelo Cine-Teatro João D’Oliva Monteiro, pelo Museu do Vinho, pelo Museu Raul da Bernarda, dedicado à faiança, e ainda, pelo Armazém das Artes, a Academia de Música e a companhia S.A. Marionetas.

Quanto às actividades económicas cingem-se sobretudo, à agricultura e indústria, o que se comprova com as imagens de marca do concelho: a maçã de Alcobaça e pêra rocha do oeste, a ginja e os vinhos, a loiça e a chita (tecido de algodão estampado). Hoje em dia, é perceptível que mais do que produzir, há uma vontade em inovar e melhorar estes produtos que se desenvolveram ao longo de tantas gerações. A fruta já não é simplesmente vendida avulso, há purés, fruta desidratada, sumos naturais...; a chita já não se vende só ao metro, é usada em peças de vestuário, em malas e carteiras; a louça já não se cinge a um prato decorado com um bordo azul e temas florais, mas sim um novo produto do design contemporâneo... e até as antigas esteiras de junco foram redesenhadas e adaptadas pela *Toino Abel*<sup>88</sup>, e estão agora novamente na moda, usando-se como malas. Ou seja, até o artesanato que parecia estar “em vias de extinção”, surge agora revigorado e com um futuro garantido. Por isso mesmo, identificou-se os tipos de artesanato presente no concelho, tendo-se encontrado como exemplos: a faiança e olaria; a cestaria em verga, as esteiras de junco e trabalhos em vime; o fabrico de produtos em pele; latoaria e funilaria.

Concluindo, no decorrer desta análise, encontraram-se quatro espaços, que pelo

<sup>88</sup> Marca local de esteiras de junco. in [www.toinoabel.com](http://www.toinoabel.com)





fig. 224 e 225| Real Abadia Congress & Spa Hotel



fig. 226, 227 e 228| Quinta dos Capuchos, loja e adega

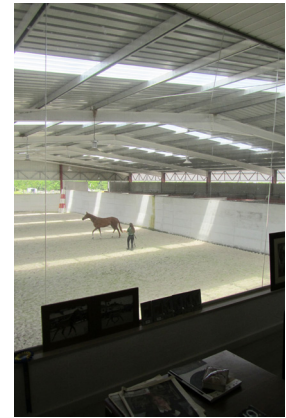


fig. 229, 230 e 231| Granja Abbatiale, horta e picadeiro coberto



fig. 232 e 233| Parque dos Monges e o seu espaço de Oficinas Monásticas

seu carácter excepcional, a sua oferta diversificada e o seu espaço polivalente, se distinguiram dos demais, exemplificando até possíveis programas a explorar na Quinta da Mesquita. Um deles é o Real Abadia Congress & Spa Hotel, que para além da dormida, tem ao dispor do cliente um restaurante, spa, biblioteca, centro de congressos (com duas salas) e ainda, promove actividades lúdicas, como jantares temáticos e workshops, ou seja, no mesmo espaço conjuga diferentes vertentes, disponíveis quer para trabalhar quer para lazer, potenciando ao máximo o seu desenvolvimento.

Outro exemplo é a Quinta dos Capuchos, que tem 11ha de vinha, da qual se extrai o vinho várias vezes premiado nacional e internacionalmente, e na qual se organizam passeios pedestres, equestres e automóveis. A sua adega, recentemente renovada, é o palco de transformação das uvas, mas também é lugar de cursos (d)e provas de vinho e exposições de arte, enquanto na loja há provas gastronómicas, produtos regionais e vinhos à venda.

A Granja Abbatiale é à semelhança do anterior, um espaço que se baseia na produção agrícola e que ainda assim, oferece muito mais do que isso. Pensado para a família, para pessoas dos “8 aos 80”, apresenta um espaço de lazer e onde se pode aprender. Aqui produzem-se e vendem-se frutas e hortícolas, licores e vinhos, e animais. Na Granja há workshops, parque de merendas, parque de pasteiras, um campo de mini-golfe, e espaço para festas. Simultaneamente, dedicam-se à criação de cavalos, e por isso, também há aulas de equitação.

Por último, destaca-se o Parque dos Monges, um parque temático, ideal para uma visita escolar e/ou em família. Tem duas vertentes: parque ambiental e parque cultural; desenvolvendo espaços como um jardim, um fluviário, uma aldeia medieval, um bosque encantado, oficinas monásticas, etc. Além disso, tem actividades no exterior, como escalada, canoagem, slide, tiro com arco, orientação e observação de aves. Há ainda pequenas peças de teatro e espectáculos que descrevem a época medieval, workshops, a exposição da Apple Parade e o Museu dos Doces Conventuais.

Todos eles são espaços multifacetados, pensados para diferentes actividades e pessoas, dando resposta a um público mais abrangente. O mesmo espaço não serve apenas uma função e a sua oferta variada é aliás, uma mais-valia.

## **EXPERIÊNCIA PESSOAL**

Ao crescer-se no concelho de Alcobaça, têm-se o contacto diário com a realidade, com a forma como tem vindo a crescer e a oferta que tem disponível, mas também, com o que ainda se pode fazer e melhorar.

Uma imagem frequente na cidade é a chegada de autocarros e o “despejar” de pessoas. Ao passear-se pelas ruas, facilmente se encontram grupos de turistas de nacionalidade portuguesa e estrangeira, mas em contrapartida, tendem a ficar apenas um dia, chegando de manhã e regressando à tarde ao seu destino. Quase à semelhança do que acontece com os habitantes locais, sobretudo os mais jovens, é difícil garantir a sua estadia prolongada e fixação, respectivamente. Dos indivíduos mais novos que crescem no





fig. 234 e 235| Claustro do Convento de S. Francisco



fig. 236| Sala de música



fig. 237 e 238| Sala polivalente



fig. 239| Oficina de artes gráficas



fig. 240| Laboratório de Terra



fig. 241| Atelier colectivo de cerâmica (antigos lavadouros)



fig. 242, 243 e 244| Construção do Quiosque do Castelo





concelho, são vários os que apostam numa educação superior e depois de ingressarem na faculdade, raramente voltam. Sentem que apesar da melhor qualidade de vida, faltam oportunidades a nível profissional, comparando com os grandes centros urbanos.

No entanto, defende-se que há uma tendência para melhorar esta situação. Por um lado, o grande investimento no turismo, seja em hotéis, eventos culturais, no desenvolvimento de percursos pela região... o que garante uma estadia mais interessante e extensa. Por outro, o incentivo ao empreendedorismo, como foi a criação de um Parque de Negócios, ajuda ao crescimento gradual da economia local e das oportunidades profissionais.

Para além da vivência em Alcobaça, a passagem por outras cidades, os cinco anos do curso de Arquitectura na cidade do Porto e uma experiência mais recente em Montemor-o-Novo ajudaram a clarificar e enfatizar a importância da cultura e da arte para as pessoas e para o espaço em que se insere.

Em Montemor-o-Novo, sobressai a existência de uma associação cultural de arte e comunicação, as Oficinas do Convento, que desenvolve a sua actividade em dois pólos: o Convento de S. Francisco e as Oficinas da Cerâmica e da Terra. No primeiro, adoptou-se o espaço do convento de forma a criar, entre outras salas, uma oficina de serralharia e carpintaria, oficina de artes gráficas e uma outra de fabricação digital. No segundo, procedeu-se à recuperação de um telheiro, local onde se produzia (e ainda se produz, graças a este projecto) tijolos, tijoleiras, pavimentos, revestimentos... e é ainda constituído pelo Laboratório de Terra, onde se estuda o uso da terra como material de construção, e pelo Centro de Investigação de Cerâmica, que por sua vez, é composto por uma oficina de carpintaria, gessos e fundição (que ocupa a chamada, Casa do Poço) e um atelier colectivo (que se instalou nos antigos Lavadouros). Estes espaços surgiram como “*resposta às necessidades da cidade, dos artistas e dos investigadores.*”<sup>89</sup>, estando disponíveis para os mesmos, seja em forma de workshops, conferências, exposições, residências artísticas ou eventos.

Quando se passeia pela cidade, são palpáveis as marcas que as Oficinas vão deixando. Uma delas é o Quiosque do Castelo, construído dentro da cerca do Castelo, com Blocos de Terra Comprimida (BTC) e tijoleiras, e com o intuito de criar um espaço com informação sobre o monumento. Dos workshops realizados com base neste projecto (concepção e desenho do espaço, construção e sombreamento), houve a feliz oportunidade de se participar na fase de construção, assistindo-se ao erguer das paredes e dos arcos. Para além da aprendizagem teórica e prática inerente ao workshop, salienta-se a partilha de ideias e culturas, havendo pessoas de diferentes regiões de Portugal e até de diferentes Países, com experiências e idades distintas. Portanto, a associação alia a ciência e a arte, colocando-as ao serviço das pessoas e da cidade, envolvendo-as simultaneamente, no processo criativo.

Também este tipo de programa poderia ser desenvolvido na Quinta da Mesquita, criando oportunidades e contribuindo para o desenvolvimento cultural da região.

---

<sup>89</sup> in [www.oficinasdoconvento.com](http://www.oficinasdoconvento.com)



## O PROGRAMA

A Quinta da Mesquita tem cerca de 5ha de área disponível para produção agrícola e por isso, surgiu desde logo, a opção de lhe devolver as funções que outrora desempenhou: agricultura, colheita e transformação dos produtos, e criação de gado. No entanto, e após se debater esta questão com o “cliente” e outros agricultores, concluiu-se que apesar de ser uma área relativamente extensa, produtiva e fértil, não seria suficiente para concorrer com outros produtores e para tornar a Quinta auto-sustentável financeiramente. Ainda assim, e com base nos programas analisados e estudados anteriormente, decidiu-se investir na possibilidade de conjugar o desenvolvimento da agricultura com outras actividades, explorando a polivalência do espaço.

Chegou-se então, a uma proposta de programa que pressupõe uma intervenção capaz de cumprir as necessidades actuais de conforto e segurança, e uma reformulação funcional. Começando pelo primeiro volume analisado na descrição do edificado, deverá manter-se a *Casa do Forno* e os currais, para que se continue a cozer o pão e a criar os animais, para posterior consumo e venda na quinta; o edifício habitacional permanecerá com a mesma função, sendo que no piso térreo, o espaço de trabalho dará lugar a um restaurante, com as respectivas cozinha e instalações sanitárias, e no piso superior, desenvolver-se-á uma unidade de alojamento local (uma espécie de *hostel*), disponível para possíveis residências artísticas; os grandes armazéns, o edifício das arcadas e a adegas continuarão como edificado de apoio às actividades agrícolas, sendo também possível utilizá-los para exposições, concertos, festas, etc.; nos edifícios da antiga destilaria e armazenagem de fruta, da oficina e currais, distribuir-se-ão espaços de trabalho colectivo, ou seja, uma sala de *co-work*, enriquecida com sala de reuniões e sala de impressão, e oficinas que têm como objectivo desenvolver o artesanato local. Por isso, haverá a Oficina da Cerâmica (retomando a faiança de Alcobaça), a Oficina da Madeira (para lembrar os brinquedos de madeira e os cestos de verga), e a Oficina do Ferro e Latão (para recuperar a latoaria e funilaria, e o espaço da forja). Qualquer um destes espaços serviria para cada pessoa desenvolver o seu negócio e/ou trabalho artístico, podendo ser usados também, para workshops e outras actividades. Por fim, o telheiro e o edifício administrativo deverão albergar um espaço de cafetaria, loja e esplanada, aproximando-se das antigas tabernas e mercearias, tão características das aldeias; enquanto a área de cultivo será explorada com policultura, fornecendo os alimentos sazonais disponíveis, para uso e comércio.

Desta forma, propõe-se um projecto que faça a diferença, que contribua para o desenvolvimento local, que participe na sua história, como fizera em tempos, que trabalhe em parceria com outras entidades e associações, e que envolva as pessoas, sobretudo as do concelho. Para além de um espaço de trabalho agrícola, quer-se um espaço de trabalho criativo. Quer-se um espaço que sirva de ponto de encontro à comunidade local, onde os mais velhos e os mais novos possam partilhar ideias e conhecimentos e possam crescer juntos, influenciando-se mutuamente.





## PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO

Antes de se dar início ao projecto propriamente dito, importa agora reflectir sobre quais os princípios de intervenção. Coloca-se portanto, uma questão primordial: como intervir?

Ao longo dos tempos, foram várias as teorias desenvolvidas. No século XIX, Viollet-le-Duc (1814-1879) defendeu o chamado, *Restauro Estilístico*, segundo o qual se devia devolver a estética original aos edifícios, mesmo que isso implicasse uma reconstituição; por sua vez, John Ruskin (1819-1900) apresentou uma visão mais romântica do restauro, em que se devia respeitar todas as fases da vida de um edifício, conservando-as sem grandes intervenções – culto da ruína; posteriormente, Camillo Boito (1836-1914) e Gustavo Giovannoni (1873-1947), abordaram também a ideia de respeito pelas diferentes épocas da construção, mas de uma forma mais científica, sendo essencial a realização de estudos aprofundados e a percepção das diferentes intervenções, utilizando materiais e técnicas contemporâneas.

Em 1931, teve lugar a primeira conferência internacional sobre o restauro dos monumentos: a Conferência de Atenas. Desta resultou uma Carta em que se expressou a necessidade de manutenção dos edifícios de modo a garantir a sua conservação, sendo que nos casos em que o restauro fosse imprescindível, recomendava-se o respeito por todas as épocas e aprovava-se o uso de materiais e técnicas modernas, abandonando-se a reconstituição e recomendando-se por sua vez, a anástilose. No seguimento desta linha de pensamento, Cesare Brandi (1906-1988) apresentou a sua teoria de *Restauro Crítico*, em que se devia ter em conta o estado actual e a acção da passagem do tempo e não o estado original do edifício, para que na intervenção se evitasse a execução de um falso histórico ou falso artístico.

Das várias *Cartas* que se seguiram, salientam-se alguns aspectos abordados repetidamente: procurar a reparação e manutenção contínuas, permitindo a conservação, em detrimento da deterioração total e consequente substituição dos materiais; respeitar e estudar o objecto a intervencionar, com apoio numa investigação pluridisciplinar; incen-

tivar e tentar manter a sua ocupação, escolhendo funções apropriadas, de modo a evitar o abandono.

Paralelamente ao debate acerca das diferentes formas de intervenção no Património, tem-se vindo a discutir o próprio significado de Património. Se inicialmente se tinha uma visão “monumental” e se resumia a um edifício com valor histórico e arquitectónico, a *Carta de Veneza* (1964) apresentou um novo conceito mais abrangente: “*A noção de monumento histórico engloba a criação arquitectónica isolada bem como o sítio rural ou urbano que testemunhe uma civilização particular, uma evolução significativa ou um acontecimento histórico. Esta noção estende-se não só às grandes criações mas também às obras modestas que adquiriram com o tempo um significado cultural.*”<sup>90</sup>; ao qual a *Carta Europeia do Património Arquitectónico* (1975) acrescentou o aspecto social, afirmando que “*A estrutura dos conjuntos arquitectónicos históricos favorece o equilíbrio harmonioso das sociedades.*”<sup>91</sup>. Hoje, este conceito deixou de se restringir a um edifício, a um conjunto de edifícios ou ao sítio, ou seja, à materialidade e ao objecto físico; passando a englobar história e tradições, cultura e saberes, abrangendo desta forma, o imaterial e intangível.

Quanto à Quinta da Mesquita, foi em 2006, aquando do processo de revisão do Plano Director Municipal, proposta como imóvel de interesse patrimonial. Embora ainda não conste no Inventário Municipal do Património, esta possibilidade não deixa de ser um indicador da sua importância, quer pela arquitectura do seu edificado e pela sua história, quer pelo seu papel na comunidade local.

Como fora já referido, e ainda de acordo com o Plano Director Municipal, a Quinta da Mesquita encontra-se inserida simultaneamente, na área das Redes Agrícola e Ecológica Nacionais e ainda, em *Outras Áreas Agrícolas*. Por conseguinte, “*Podem ser autorizadas obras de recuperação, alteração ou ampliação de edificação desde que sejam mantidas as características arquitectónicas e construtivas existentes e não envolvam um aumento de área bruta de construção superior a 40% (...)*”<sup>92</sup>. Por obras de recuperação, entende-se: “*obra de reabilitação que pressupõe a manutenção do volume e traça do edifício existente*”<sup>93</sup>; por alteração: “*obra que, por qualquer modo, modifica a compartimentação, a forma ou o uso da construção existente*”<sup>94</sup>; por ampliação: “*obra que pressupõe aumento volumétrico do edifício existente, com ou sem recuperação da parte existente*”<sup>95</sup>.

Este projecto de intervenção poderá na verdade, abordar estas três formas de actuar na pré-existência, sem se restringir a apenas uma. Afinal, pelo seu valor arquitectónico, um dos princípios será manter o volume e traça dos edifícios; haverá novos usos e é provável o desenho de uma nova compartimentação de acordo com o novo programa; e não se deverá já descartar a possibilidade de projectar um novo volume. No entanto, “*Por reabilitação de edifícios entendem-se as acções de intervenção necessárias e suficientes*

<sup>90</sup> Carta de Veneza (1964), pág. 1

<sup>91</sup> Carta Europeia do Património Arquitectónico (1975), pág. 3

<sup>92</sup> Regulamento do Plano Director Municipal de Alcobaça, Título III, Capítulo III, Artigo 41º, 6

<sup>93</sup> Regulamento do Plano Director Municipal de Alcobaça, Título I, Disposições Gerais, Artigo 5º, 9

<sup>94</sup> Regulamento do Plano Director Municipal de Alcobaça, Título I, Disposições Gerais, Artigo 5º, 12

<sup>95</sup> Regulamento do Plano Director Municipal de Alcobaça, Título I, Disposições Gerais, Artigo 5º, 11



*para os dotar de condições de segurança, funcionalidade e conforto, respeitando a sua arquitectura, tipologia e sistema construtivo.*”<sup>96</sup>. E é este aspecto fulcral e diferenciador que se destaca como premissa desta intervenção: o respeito pela pré-existência pré-existência, como um todo.

Tendo em conta este princípio e a ideia de que “*Prioritariamente, deverá ser a função a adaptar-se ao edifício e não o edifício à função.*”<sup>97</sup>, procurou-se desde logo, desenvolver um programa que se adequasse ao espaço e à sua memória, mantendo em funcionamento a actividade agrícola e apostando na inserção de novas actividades, capazes de dar um novo fôlego e novos pontos de interesse à Quinta, para que se atraíam novos públicos.

Mas “*O que vale e o que não vale numa pré-existência? Não podemos ser acrílicos ao que herdámos.*”<sup>98</sup>. É portanto, necessário respeitá-la, mas também, perceber o que é essencial, o que manter e o que descartar. Durante as visitas à Quinta, percebeu-se que existem volumes construídos posteriormente, que não são importantes para o conjunto, pelo contrário, afectam a sua leitura.

Assim, tendo por base o estudo do edificado efectuado anteriormente; o respeito pela obra; o novo programa definido; o conceito de reversibilidade, segundo o qual se defende a possibilidade de voltar ao estado em que se encontra, “*(...)de modo a salvar o máximo possível da essência física e cultural do objecto patrimonial, sem contudo o deixar obsoleto, sem utilidade contemporânea.*”<sup>99</sup> e a necessidade de se clarificar a leitura do conjunto edificado; dever-se-á:

- Dar continuidade à vida dos edifícios, reaproveitando os elementos do seu sistema construtivo e dotando-os com as infra-estruturas necessárias, para que se tornem capazes de responder às necessidades actuais de habitabilidade e dos novos usos;
- Eliminar os volumes ou “acrescentos”, como os que se encontram no alçado tardoz da habitação (a instalação sanitária, o galinheiro, a cozinha e o telheiro);
- Explorar a relação edificado – campo de cultivo, nomeadamente o espaço resultante das demolições e a eira já existente, de modo a quebrar uma espécie de linha contínua que parece separar os edifícios construídos e o espaço de cultivo;
- Desenvolver “*um diálogo, não de surdos que se ignoram, mas de ouvintes que desejam entender-se, afirmando mais as semelhanças e a continuidade do que cultivando a diferença e a ruptura.*”<sup>100</sup>, deixando contudo, perceptível o que pertence a cada tempo.

<sup>96</sup> FREITAS, Vasco Peixoto de – *Manual de apoio ao projecto de reabilitação de edifícios antigos*. Porto: Ordem dos engenheiros da região norte, 2012, pág. 24

<sup>97</sup> id., ibid., pág. 25

<sup>98</sup> VALENTIM, Nuno - *Intervenções no edificado construído do séc. XX*. Conferência no âmbito da Semana Europeia do Desenvolvimento Sustentável (SEDS), 1 Junho 2015

<sup>99</sup> GOMES, João; SILVA, Vitor; LOPES, Nuno Valentim – *José Gigante: habitar*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2008, pág. 10

<sup>100</sup> TRIGUEIROS, Luíz – *Fernando Távora*. Lisboa: Blau, 1996, pág. 116



# 03

---

## PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

*“A situação admite apenas a alternativa, ou seguir em frente, ou estagnar no caos em que os encontramos. Perante este dilema decidimos optar pela primeira posição, com a esperança firme de que ela é a única possível para aqueles que nasceram para aumentar ao passado algo de presente e algumas possibilidades de futuro, para aqueles para quem viver é criar alguma coisa de novo, não pelo desejo estúpido de ser diferente, mas pela imperiosa determinação da vida que não admita qualquer paragem ou qualquer estagnação sob pena de que a posteridade nos não perdoe.”*

Fernando Távora in *O Problema da casa portuguesa*



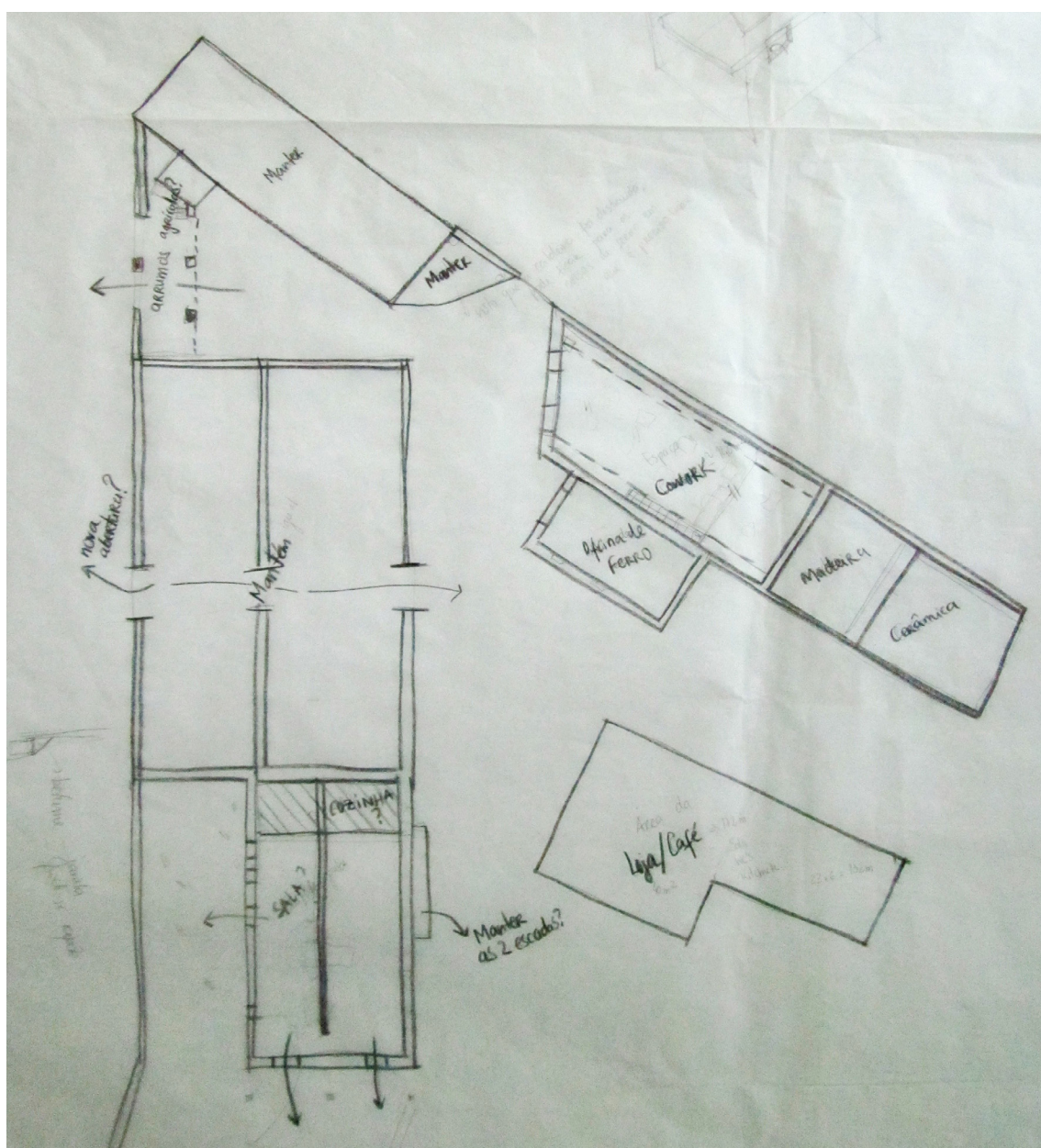


fig. 245| 1<sup>as</sup> intenções: desenho de distribuição do novo programa pelos espaços

## PROCESSO DE PROJECTO

### 1<sup>as</sup> IDEIAS E INTENÇÕES

Ao percorrer-se a Quinta da Mesquita, teve-se desde início a sensação que o próprio espaço pede ou sugere algumas mudanças. Parece que “*A atmosfera [do espaço] comunica com a nossa percepção emocional, isto é, a percepção que funciona de forma instintiva e que o ser humano possui para sobreviver.*”<sup>101</sup>. É a partir deste mesmo diálogo que surgem então, as primeiras ideias e intenções.

De forma natural, os desenhos vão ilustrando essas vontades: distribui-se o novo programa pelos espaços, rasgam-se novas aberturas, exploram-se novas relações, quebram-se uns eixos e prolongam-se outros... Segue-se agora, uma descrição das várias fases do processo criativo, abordando as dúvidas, explorando as diferentes hipóteses e justificando as opções.

### DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO CRIATIVO

#### 1<sup>a</sup> FASE

Nesta primeira fase, e começando pelo edifício de habitação, para o qual se propõe um restaurante no r/c e um hostel no 1º piso, coloca-se de imediato uma questão: deve-se manter as duas escadas, a interior e a exterior? Se por um lado, a escada exterior é como que um símbolo da casa, pois é um elemento original que marca o alçado e a que era a única entrada existente no piso superior, enfatizando a separação de funções (o r/c associado ao trabalho e 1º piso à habitação); por outro lado, a escada interior, construída posteriormente, reflecte a atenuação dessa mesma separação, permitindo assim, entrar directamente na casa e só depois, e se necessário, subir para o 1º piso. Posto isto, houve uma vontade inicial de se manter a escada interior e consequentemente, criar-se um espaço de

---

<sup>101</sup> ZUMTHOR, Peter – *Atmosferas: entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006, pág. 13



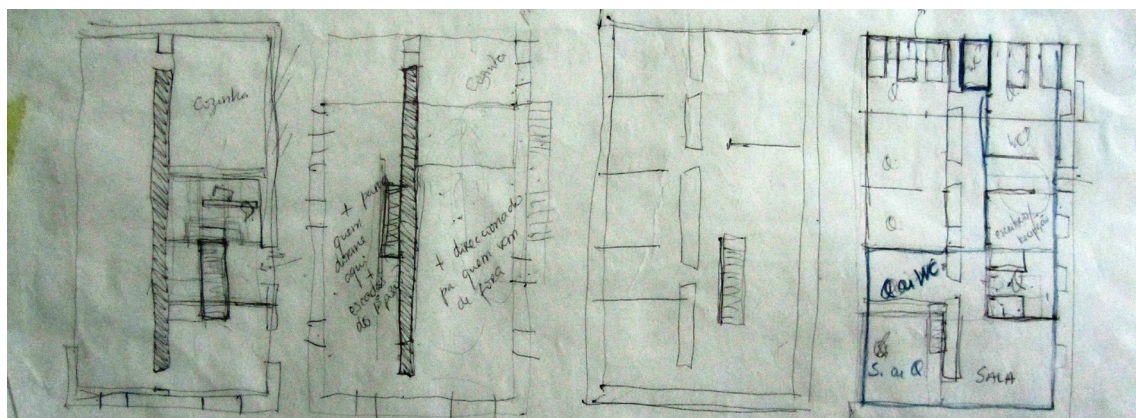


fig. 246| Desenhos de estudo: escada interior e consequente organização do espaço

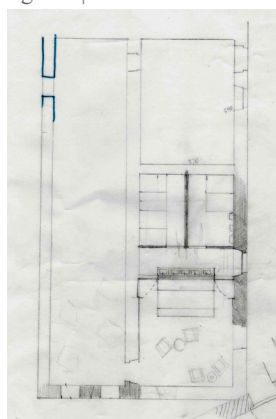


fig. 247| Estudo piso térreo

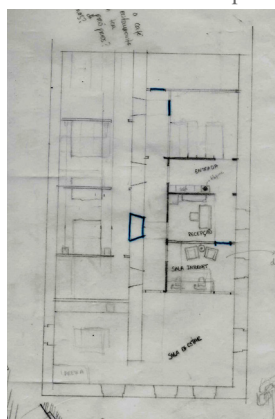


fig. 248| Estudo 1º piso

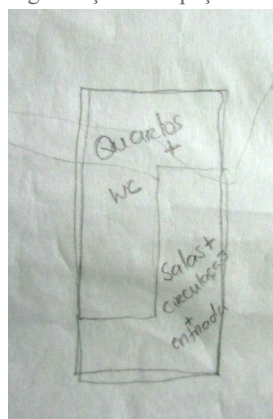


fig. 249| Organização em L

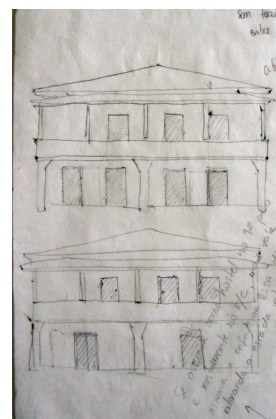


fig. 250| Estudo do alçado sul

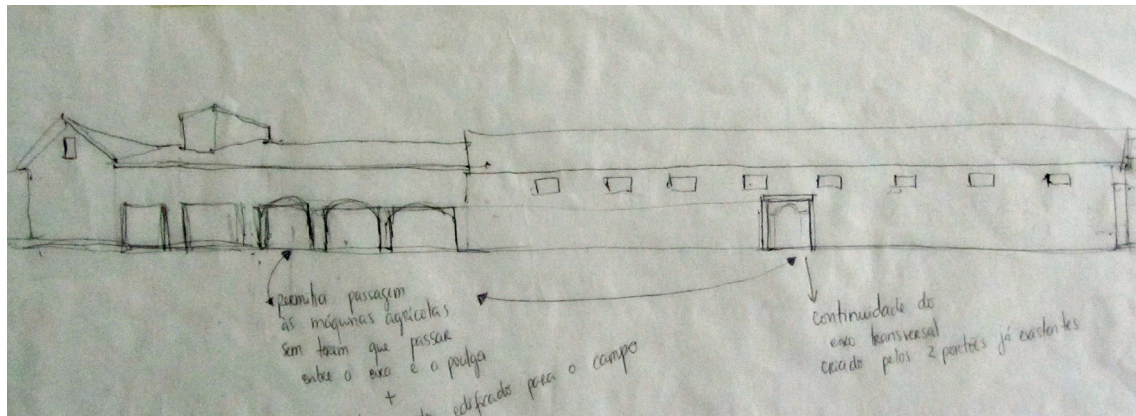


fig. 251| Desenho de estudo das novas aberturas no alçado Oeste

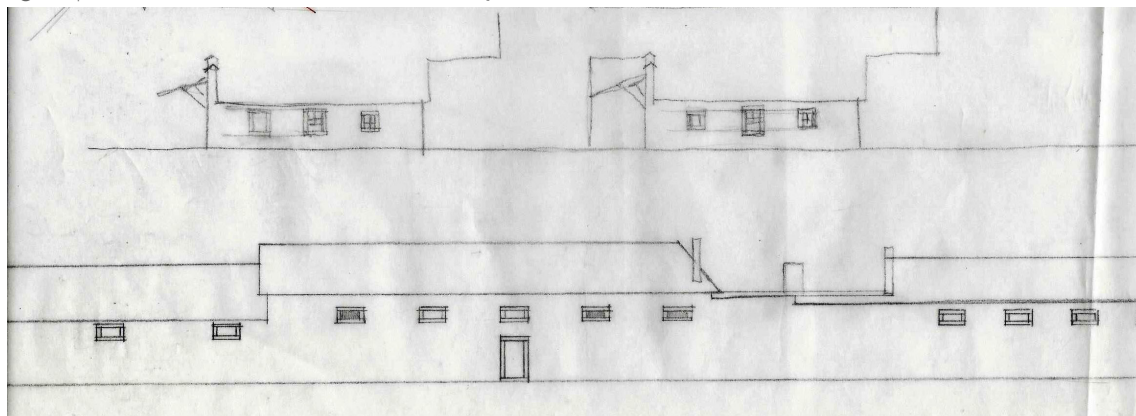


fig. 252| Desenho de estudo de aberturas no novo núcleo de trabalho (co-work e oficinas)



recepção que servisse em simultâneo, o restaurante e o hostel. No entanto, estas duas funções, e apesar de poderem dar resposta aos mesmos públicos, não deixam de ter características e horários diferentes. Imagine-se por exemplo: um cliente do hostel poderia descer até ao r/c e jantar, mas um cliente do restaurante não poderia subir até ao hostel, apesar de partilhar o espaço de recepção e de ter acesso às escadas. Assim, defende-se que a melhor opção é assumir mais uma vez, a diferença de uso entre os pisos e por isso, manter a escada exterior e excluir a interior.

Quanto à organização do restaurante, o primeiro objectivo foi o de colocar a cozinha o mais perto possível do armazém, para que no caso de decorrer um evento nesse espaço, o serviço de catering estar facilitado. No seguimento desta ideia, e tendo em conta a estrutura existente e o alçado Este, desenham-se a cozinha no espaço do antigo laboratório vinícola, as instalações sanitárias a sul e de seguida, o espaço de entrada e recepção. Sugere-se deste modo, que cada porta existente no alçado corresponda a um espaço. No caso das I.S., este aspecto permite que as mesmas sejam usadas tanto pelos clientes do restaurante, como pelos visitantes dos restantes espaços da Quinta, podendo estar abertas, mesmo que o restaurante esteja encerrado. Por fim, as salas associadas ao alçado tardoz seriam utilizadas como espaços de refeições, prolongando-os até ao exterior com a criação de uma esplanada.

Já no piso superior, destinado ao hostel, os espaços do alçado tardoz, como os quartos e a cozinha, mantêm-se, mas há mais uma vez, necessidade de alterar a organização dos espaços do alçado frontal. Ou seja, a sala de jantar dá lugar à sala de estar; o quarto que se situava entre a sala anterior e o antigo escritório, corresponde a um prolongamento do espaço de estar, constituindo um nicho de leitura e de acesso à internet; e a sala de estar original é transformada num novo quarto e casa-de-banho; organizando-se assim, os espaços sociais e mais privados em forma de “L’s”.

Simultaneamente, e porque *“Na verdade, o que (me) parece ser mesmo necessário é de melhorar e potenciar a relação entre a obra e natureza construídas, impedindo os edifícios de “viverem” só para si e para os seus pátios, sem dialogarem com o espaço agrícola que os rodeia e que justifica a sua existência.”*<sup>102</sup>, fazem-se as primeiras tentativas de novas aberturas nos alçados da casa e dos armazéns.

Também no novo núcleo de trabalho (co-work e oficinas), se propõem mais aberturas, mas desta vez, surgem sobretudo pela necessidade de ter mais luz nos espaços. As novas funções distribuem-se pelo antigo armazém da destilaria e tratamento de fruta, agora espaço co-work; pelo curral das mulas, que dá lugar à oficina de madeira; pelo curral dos bois, a que sucede a oficina da cerâmica; e pela antiga oficina de automóveis, onde se pode desenvolver a oficina de ferro.

No primeiro volume deste conjunto, eliminam-se as paredes que delimitavam o espaço da destilaria, libertando-o. Quanto ao seu pé-direito (aprox. 5m na zona mais baixa) e ao sótão pré-existente, estes sugerem a duplicação do espaço de trabalho. Por isso, experimenta-se baixar a altura a que se situa o sótão para se conseguir um pé-direito

<sup>102</sup> Caderno diário da autora



fig. 253| Casa del Lector

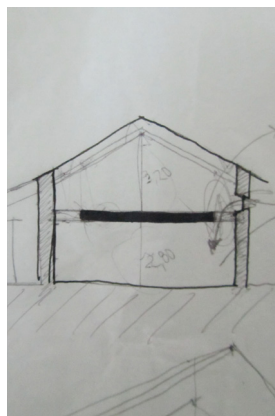


fig. 254 e 255| Estudo do espaço co-work: afastamento do sobrado em relação à parede

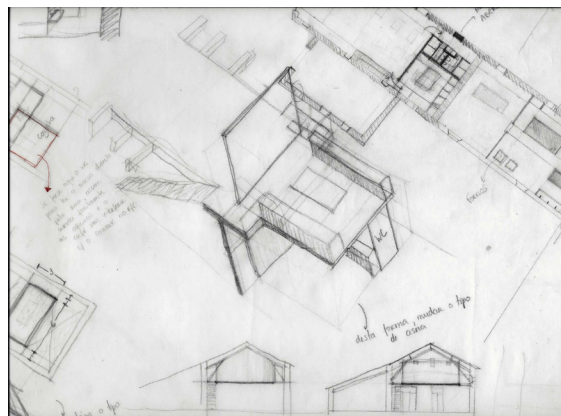


fig. 256| Casa de Azeitão



fig. 257, 258 e 259| Estudo das “caixas” e da sua relação com o “invólucro”

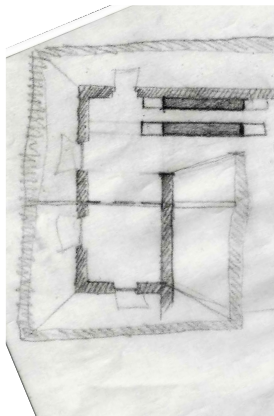
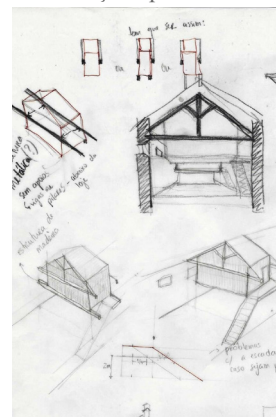
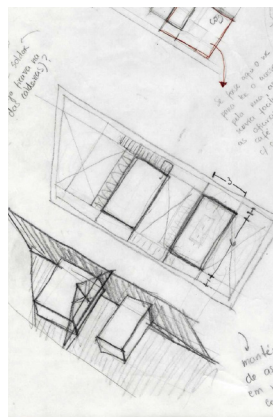


fig. 260| O novo café: hipótese com balcão transversal

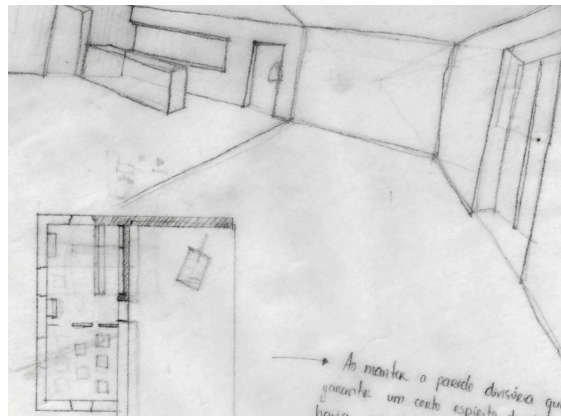
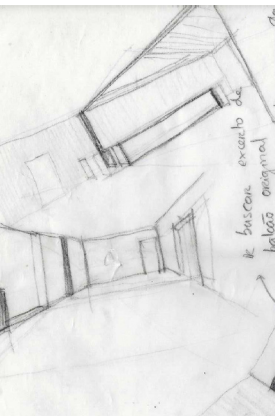


fig. 261| Balcão longitudinal e encostado à parede da fachada

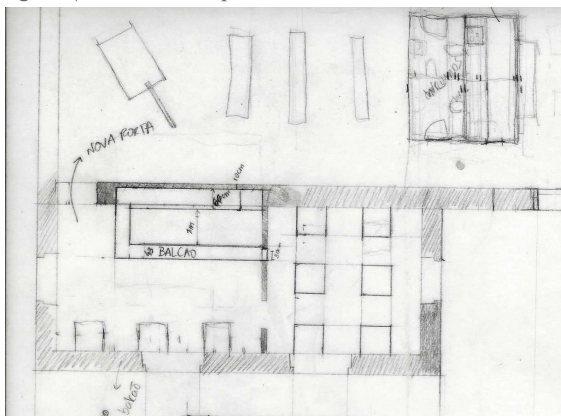
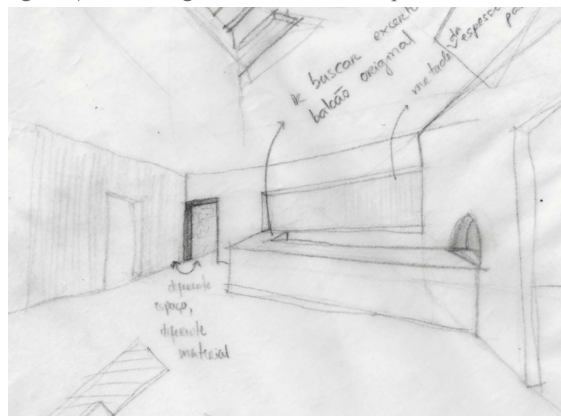


fig. 262 e 263| Opção com balcão longitudinal e encostado à parede divisória



razoável em ambos os pisos. Sendo que o piso superior ficaria à altura do peitoril das janelas, o que impediria a passagem de luz para o r/c, afasta-se o sobrado da parede, o que revela a influência da *Casa del Lector*, no Matadero, em Madrid. Mas surge outra dúvida: como desenvolver o 1º piso quando existem as asnas a atravessar o espaço e a impedir a passagem no sentido longitudinal?

Para se tentar encontrar uma resposta, pensa-se numa escada para o vão entre cada asna, no entanto isso ocuparia bastante espaço e não seria funcional; noutra opção, experimenta-se uma só escada e altera-se o desenho da asna, de forma a não interferir no espaço, em contraposição alterar-se-ia totalmente a estrutura da cobertura; e por último, adopta-se a modelação da estrutura e desenham-se “caixas”. Com a *Casa de Azeitão*, desenhada pelos Arq.<sup>os</sup> Aires Mateus, em mente, aposta-se na última hipótese. Ensaia-se o espaço com três caixas – uma para a sala de reuniões, outra para a sala de impressão e a última, para a sala de lazer e refeições dos novos trabalhadores - o que as aproxima demasiado do “invólucro” (paredes exteriores) e não lhes permite afirmarem-se o suficiente. Projectam-se então, apenas duas, passando a sala de lazer para o r/c, debaixo de uma das caixas. Consequentemente, esse mesmo volume deixa de se ler como uma caixa porque se prolongaria até ao chão, enquanto o outro ficaria suspenso. Conclui-se que a solução mais interessante seria ter somente duas caixas, sem contactarem com o chão ou as paredes, deixando assim o espaço de co-work mais amplo e livre, permitindo a leitura total do edifício pré-existente e distinguindo-o da nova intervenção. Em contrapartida, onde se situaria a sala de lazer? Dá-se preferência à forma e descarta-se a função?

Segue-se posteriormente, para os novos café e loja que ocupam o antigo edifício administrativo e o telheiro (onde se guardavam os carros de bois), respectivamente. Começa-se por decidir que o café deve manter a parede divisória, permitindo assim, ter um primeiro espaço de entrada, onde se situaria o balcão e onde todas as pessoas entrariam, e uma segunda sala, mais reservada e para sentar, mantendo assim dois ambientes distintos, como acontecia em tempos quando o escritório estava em funcionamento. São testadas diferentes soluções para o primeiro espaço. Ora com o balcão no sentido transversal do espaço, ora no sentido longitudinal. Ou encostado à parede divisória, ou encostado à parede da fachada. Neste momento, prefere-se o desenho em que o balcão começa onde estaria o antigo exemplar e se prolonga até à pequena janela interior, por relacionar dois pormenores da pré-existência, e por a porta de acesso ao telheiro se encontrar logo ao início da sala, permitindo ao visitante ir ao balcão e sair de imediato até à loja ou à esplanada coberta. Testa-se ainda, a hipótese de prolongar as janelas até ao chão, possibilitando a passagem directa do café para o jardim. Para o espaço exterior coberto, estudam-se igualmente novos vãos a sul e um pequeno volume que possa albergar um segundo balcão, um espaço de arrumos e instalações sanitárias.



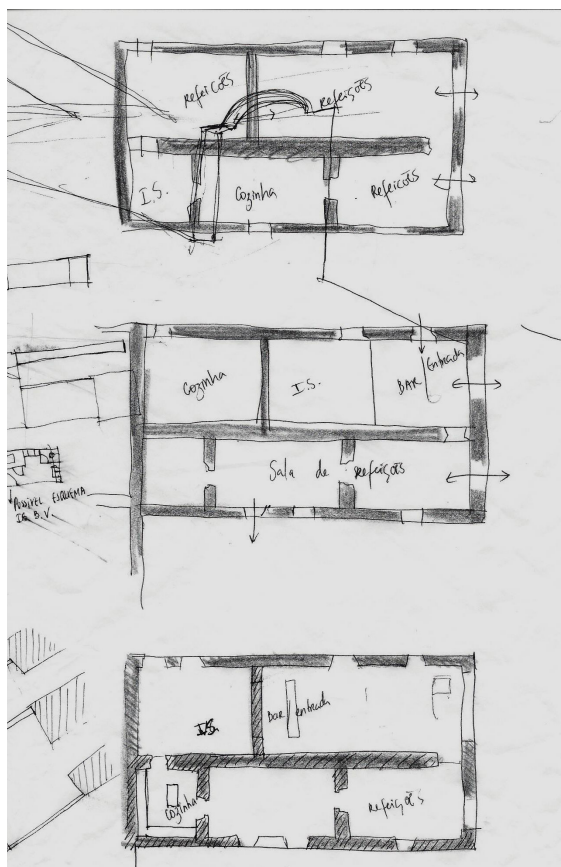


fig. 264| Esquemas de organização do r/c da habitação



fig. 265| Planta de estudo do piso térreo da habitação

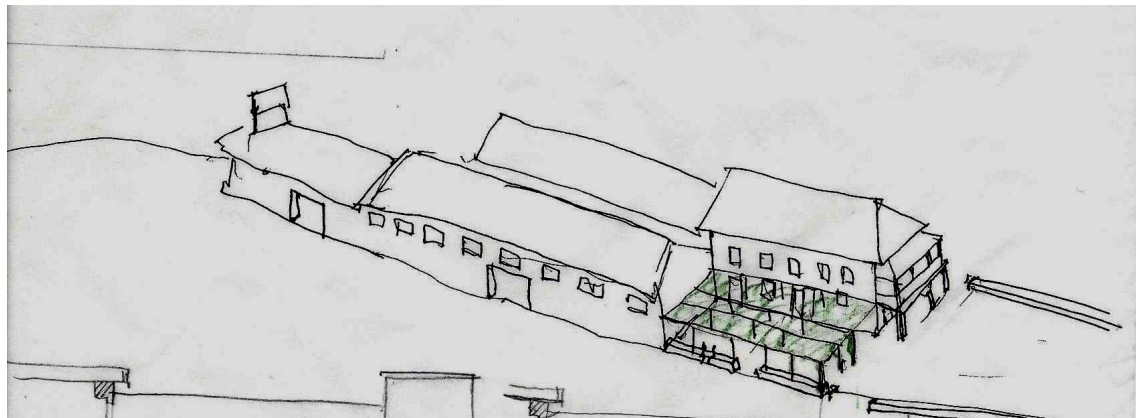


fig. 266| Esboço dos volumes a Oeste: novas aberturas, nova esplanada e nova cobertura (vegetal)



fig. 267 e 268| Cobertura vegetal na Casa Alcino Cardoso



fig. 269 e 270| Cobertura vegetal na Casa Roberto Ivens

## 2ª FASE

Na segunda fase do processo de projecto, sente-se necessidade de rever e aprofundar o desenho de cada espaço, e sobretudo, de explorar e compreender as exigências do próprio programa, incluindo-as no projecto, para que no final se consiga uma solução mais próxima da realidade.

Começa-se por pôr em causa a organização dos espaços que constituem o restaurante. De facto, os espaços que frequentemente se associam às “traseiras”, mais afastados do olhar do cliente, são a cozinha e as I.S.. No entanto, o que se propõe é precisamente o contrário, colocando-os em contacto directo com um espaço tão central, como é o pátio. Experimentam-se então, diferentes esquemas de organização, em que a cozinha se mantém sempre no alçado tardo, as I.S. ou estão à frente ou atrás, e a sala de refeições se divide entre os dois alçados. Mas o que se procura realmente para estes espaços e a sua envolvente?

Imagina-se um espaço informal, em que nos pátios é normal encontrar o cozinheiro numa ida à horta, o agricultor com uma enxada às costas ou o artesão com as suas peças. Imagina-se um conjunto de vários serviços no mesmo espaço que lhe conferem um espírito de partilha e descomprometimento, de trabalho e lazer, sem a necessidade de “esconder” qualquer um dos espaços de trabalho. Por outro lado, parece que ao desenvolver a cozinha e as I.S. no alçado tardo, isso sim, enfatizaria a ideia de “traseiras” e condenaria a oportunidade de criar um espaço acessível a todos, que fizesse a ponte entre o edificado e o campo de cultivo. Por isso, de acordo com esta ideia geral defendida para o funcionamento da Quinta e porque se acha que o esquema inicial é mais claro, no sentido em que o alçado Este corresponde aos serviços e sala de recepção e o alçado tardo à sala de refeições, opta-se por continuar a desenvolver o primeiro esquema.

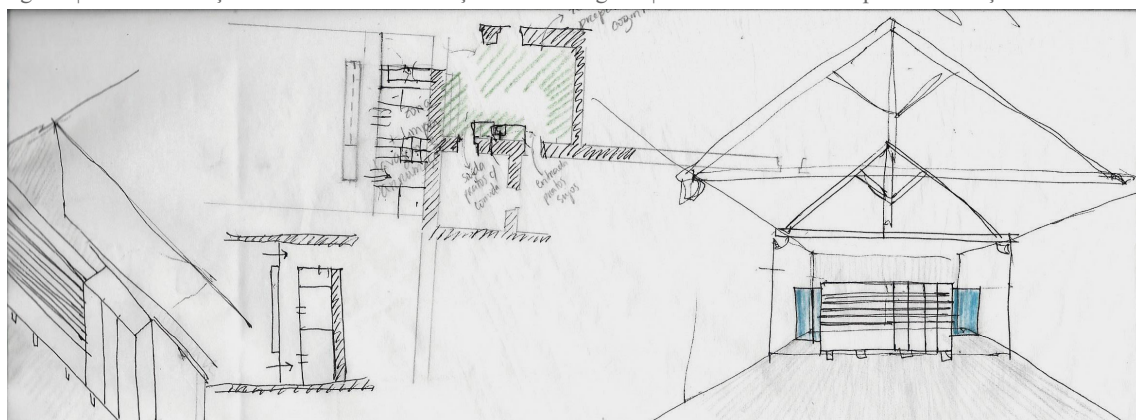
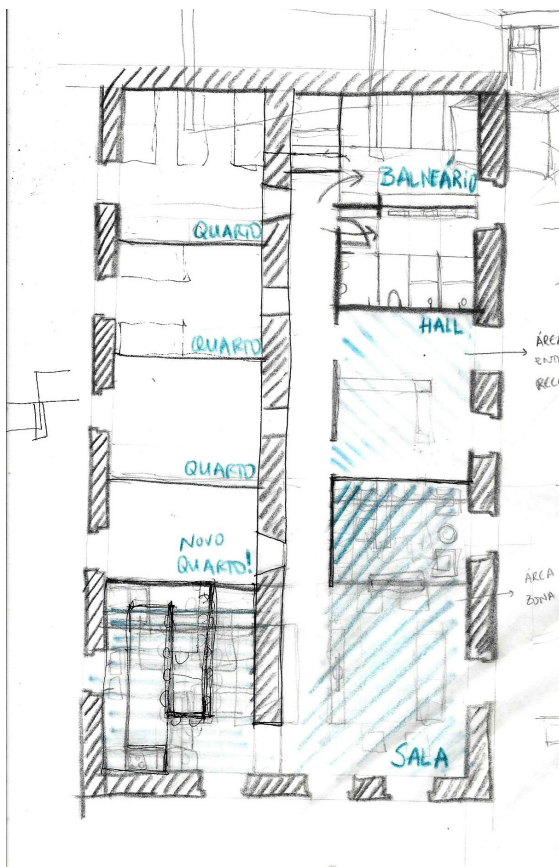
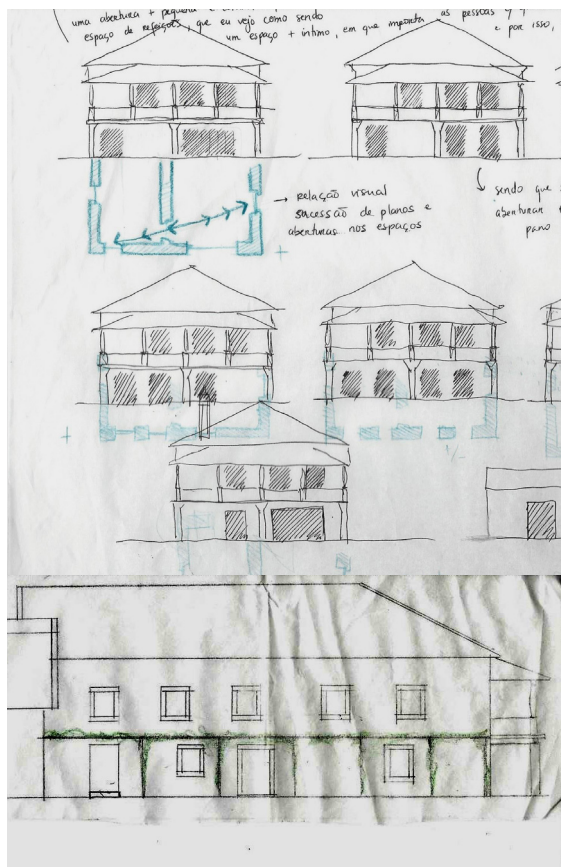
Neste sentido, desenha-se a cozinha, com as suas bancas de preparação de legumes, carne e peixe; com o forno, grelhador e fogão, concentrados no centro; com a banca de empratamento, entre a nova porta de acesso ao armazém e a porta pré-existente de acesso à nova sala de refeições; e por fim, com a zona de lavagem de louça. As I.S. mantêm-se a sul da cozinha, com acesso directo para o exterior e para a recepção, e explora-se um desenho que inclua uma I.S. para pessoas com mobilidade reduzida

Quanto ao espaço exterior no alçado tardo da habitação, “*deixo-me guiar por imagens e ambientes da minha memória*”<sup>103</sup>. Lembra-se a videira que sombreava um corredor exterior na casa dos avós maternos e recordam-se os espaços com cobertura vegetal nas casas *Alcino Cardoso e Roberto Ivens*, da autoria do Arq. Álvaro Siza. Como consequência, propõe-se um espaço de esplanada que dê continuidade à sala de refeições interior, encimado por folhas de videira no verão e descoberto no inverno, conjugando assim, o espaço construído com elementos naturais, e ilustrando uma zona de transição.

Mas persiste uma questão: como desenhar as novas aberturas? “*Imagino esta situação (...): o que é que nós, (...) queremos ver, quando estamos lá dentro? O que é que*

<sup>103</sup> ZUMTHOR, Peter – *Pensar a arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 2005, pág. 29







*quero revelar?*”<sup>104</sup> Para o alçado Sul da habitação, tendo em conta o espaço interior – uma recepção/sala de espera e uma sala de refeições – e a sua diferença de ambientes, - um mais associado ao encontro com outras pessoas, cumprimentos e primeiras conversas, e outro mais privado, onde se pode desfrutar da refeição e dialogar calmamente – tenta-se relacionar o interior com o exterior. Dos vários desenhos, destaca-se a solução que apresenta um vão maior para a recepção, relacionando-a com a eira, de forma a chamar as pessoas para o exterior enquanto bebem uma primeira bebida antes de jantar, por exemplo; e um vão mais pequeno, com dimensões semelhantes às das janelas do piso superior, situado no canto da sala de refeições, e que sugere uma visão mais controlada do exterior, visto que aqui o que interessa realmente, é o que está no interior. Esta última abertura dá sentido a uma sucessão de espaços e de passagens, desde a porta de entrada na recepção, passando pela porta da sala de refeições e terminando aqui, onde a diagonal volta a encontrar o exterior. Já no alçado Oeste apenas se acrescenta uma nova porta, na antiga sala de armazenagem de vinhos e aguardentes, de modo a iluminar esse espaço e facilitar a chegada à esplanada.

Por sua vez, no piso superior da casa também se registam alterações. Ou seja, substitui-se a antiga casa-de-banho por um quarto e a antiga sala de estar (que na 1ª fase era um quarto e uma I.S.) por uma espécie de balneário. Desta forma, reúnem-se todos os quartos no alçado tardoz e têm-se novas instalações sanitárias, separadas por género.

Se na fase anterior pouco se modificou nos edifícios de apoio à actividade agrícola, nesta segunda fase é necessário responder às suas exigências. A primeira corresponde à necessidade de haver balneários, quer para os futuros funcionários do espaço de restauração, quer para os trabalhadores agrícolas; e a segunda equivale ao facto de ser indispensável um espaço para armazenar tanto os tractores e outras ferramentas, como a própria fruta colhida.

No caso dos balneários, aproveita-se o espaço disponível no armazém, junto à cozinha, para os desenhar e a um pequeno espaço para arrumos, no sentido transversal. De modo, a separar o espaço de circulação e de entrada para cada um, do restante armazém, usa-se um grande móvel, para cacifos e apoio à cozinha. Quanto aos segundos balneários, apropria-se o antigo depósito de vinho, situado entre o armazém das arcadas e a adega, de modo a estar mais próximo do campo.

Relativamente à armazenagem, e para que se percebesse realmente o que implicava, visitou-se uma cooperativa agrícola da região (Narc Frutas) e falou-se com o engenheiro agrónomo responsável pela mesma, o Sr. Nelson Pereira. Desta conversa, e encarando a Quinta com um pensamento capitalista e consumista, em que o objectivo é somente o de rentabilizá-la ao máximo e comercializar os seus produtos, conclui-se que não é viável a policultura. É possível, tratar uma pequena área como horta, mas os restantes hectares devem ser ocupados apenas com uma cultura. Isto porque se se decidisse plantar por exemplo, uma zona de vinha e outra de pomar, estar-se-ia a duplicar os custos,

<sup>104</sup> ZUMTHOR, Peter – *Atmosferas: entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006, pág. 49

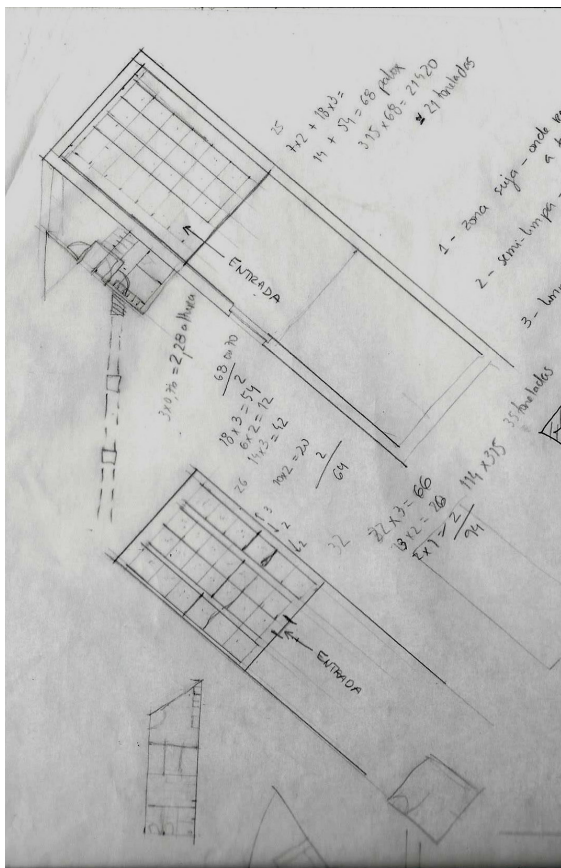


fig. 276| Estudo da câmara frigorífica no volume da adega

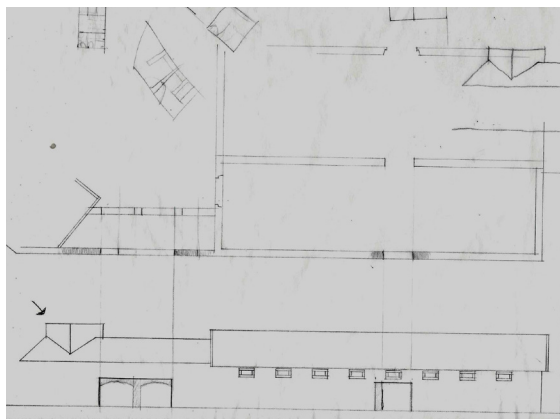


fig. 277| Planta e alçado de novas aberturas a Oeste

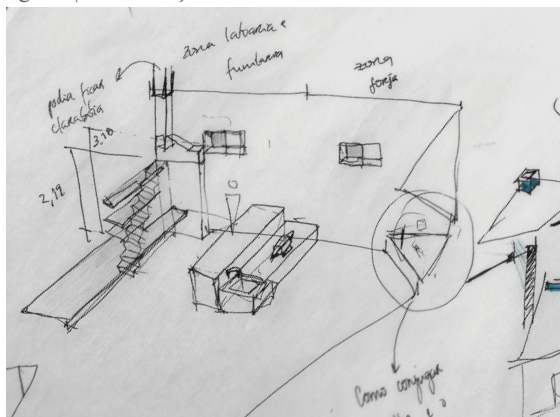


fig. 278| Esquisso da nova forja, antiga Sala das Caldeiras

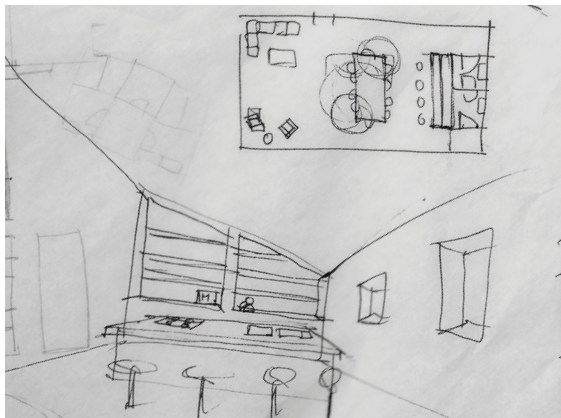


fig. 279| Planta e esquisso da nova sala de lazer, antiga oficina



fig. 280| Corte pelas salas de co-work e de lazer



fig. 281| Esquisso da sala co-work: as "caixas" e as escada

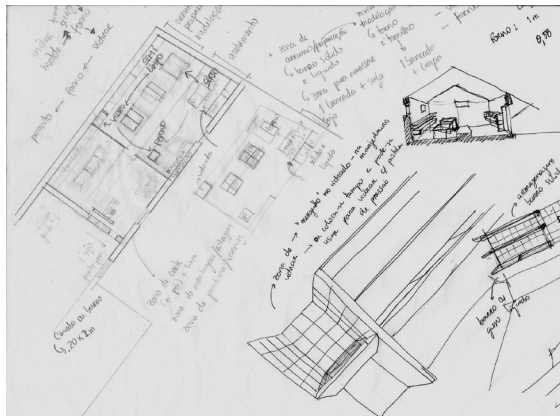


fig. 282| Desenhos de estudo das Oficinas da Cerâmica e Madeira

pois são produções com necessidades diferentes. A vinha implica um novo lagar e novos depósitos de inox, por sua vez o pomar exige câmaras frigoríficas para manter a fruta. Assim, o engenheiro sugeriu um investimento num pomar de pereiras e macieiras, sendo que numa produção média/alta, se pode colher cerca de 40 toneladas/ha.

Posto isto, procede-se ao desenho de uma câmara frigorífica na adega e excluem-se os depósitos de vinho aí existentes. Desta forma, os grandes armazéns permanecem como espaços polivalentes, onde se podem arrumar os tractores. Também nestes se materializa a ideia de novas aberturas, com uma nova entrada no armazém a Oeste, prolongando o eixo transversal que se opõe à forma longitudinal dos espaços, e outra no armazém das arcadas.

Para o novo núcleo de trabalho expõem-se igualmente novas soluções. Na primeira fase, a Oficina de Ferro situava-se na antiga oficina de automóveis, o que implicaria a construção de uma forja. Tendo em conta a destruição parcial do invólucro das caldeiras, em tijolo burro, resultante de um assalto à chamada, *Sala das Caldeiras*, achou-se pertinente aproveitar este espaço, já equipado com uma pequena lareira e respectiva chaminé, que podem agora voltar a ser usados como forja. Assim, desenham-se duas bancadas de trabalho perpendiculares à fachada nordeste, dedicadas aos trabalhos de latoaria e funilaria e aos materiais que podem ser trabalhados a frio, e uma outra paralela a essas, dedicada aos materiais trabalhados a quente (como o ferro). Com isto, aproveita-se o antigo lavatório de pedra, para onde escorria a água das caldeiras, para arrefecer o ferro; e a lareira ao canto da sala para a forja.

Após esta alteração, a velha oficina de automóveis dá lugar à nova sala de lazer. Aqui, a proposta passa por abrir uma nova porta, com ligação directa ao espaço co-work; e por criar duas instalações sanitárias e uma banca de cozinha, as primeiras com entrada lateral, para evitar a saída directa para o espaço de refeições, e a segunda, encostada a esse novo volume que surge na sala, de forma a deixar a maior área possível, disponível para uma mesa e sofás. A sala de lazer deixa assim, de comprometer a leitura das “caixas” no espaço co-work.

Nesta nova solução, a área de trabalho colectivo apresenta uma caixa para a sala de reuniões e outra para a sala de impressões, tendo cada uma a sua escada de acesso. Opta-se por desenhar uma escada perpendicular a cada uma, dando origem a uma porta no topo. Explora-se ainda a possibilidade de as caixas não tocarem na cobertura, permitindo a independência e a leitura clara de cada elemento.

Já as oficinas de madeira e de cerâmica têm novas exigências a que se tenta responder com este desenho exigem: na primeira, cria-se uma zona para cortar e colocar a madeira logo à entrada, e uma área para lixar, pintar e envernizar, na outra metade da sala; na segunda, aproveitam-se as primeiras manjedouras (ao lado da porta de entrada) para servir de lavatório e de armazenagem para o barro, seja em estado sólido ou líquido, e tem-se de imediato uma banca de trabalho para amassar e começar a moldar o barro, correspondendo a uma área mais suja, enquanto numa segunda zona mais limpa, existem mais mesas e as manjedouras servem de arrumo para as ferramentas e as peças que se



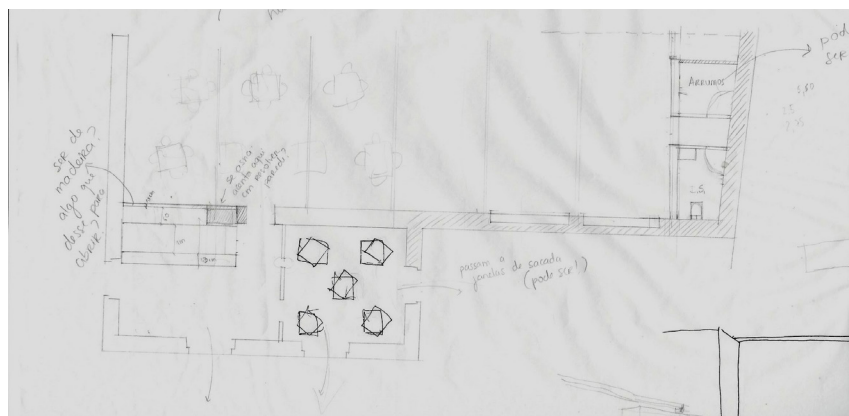
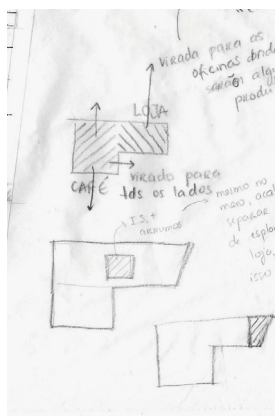


fig. 283| Esquema orgazinativo fig. 284| Planta de estudo do café e da loja, antigo escritório e telheiro, respectivamente

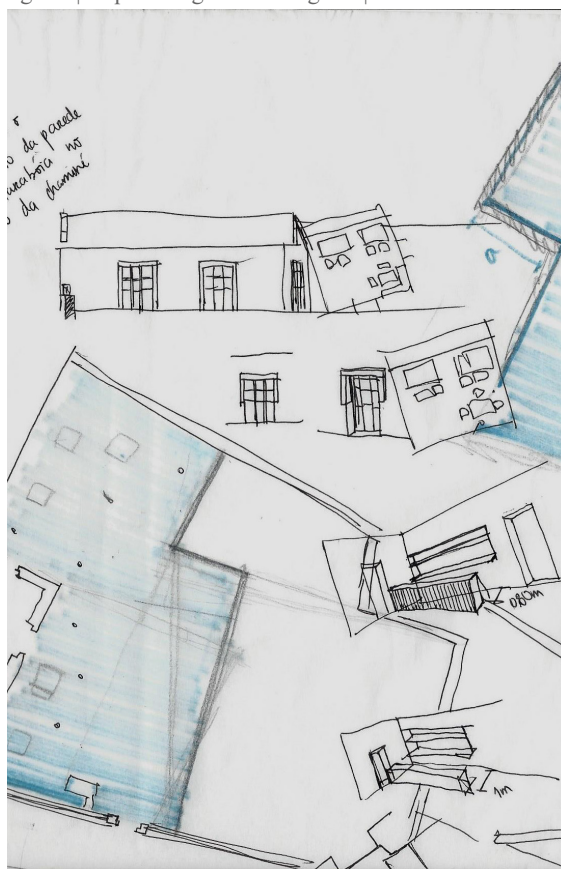


fig. 285| Desenhos de estudo dos espaços interior e exterior



fig. 286| Estudo do telheiro e localização dos arrumos



fig. 287| Esquissos da zona de exposição de produtos

estão a trabalhar, que uma vez finalizadas, podem ser vidradas na última e na mais pequena manjedoura, seguindo para os fornos situados entre as duas portas.

Do lado oposto das oficinas, está portanto, o espaço onde estarão em exposição os produtos de artesanato e os produtos agrícolas produzidos na Quinta. Tanto no Telheiro, como no café, procurou-se clarificar a organização. No café, acha-se agora que a solução mais viável é a que tem o balcão ao lado da porta de entrada, o que leva a abrir uma nova porta para o telheiro que permite o acesso (agora, mais centralizado e não, a um canto, como na 1ª fase) à esplanada coberta. No telheiro, invertem-se então as funções, colocando primeiro a zona de estar e depois a zona de exposição. Como consequência, e para não quebrar o espaço, à semelhança da solução da fase anterior, propõe-se uma I.S. e arrumos no topo do telheiro, que servem de apoio para as prateleiras de exposição. Com esta alteração e uma vez que a parede a sul é aproveitada para “escavar” prateleiras, dispensam-se as novas aberturas.

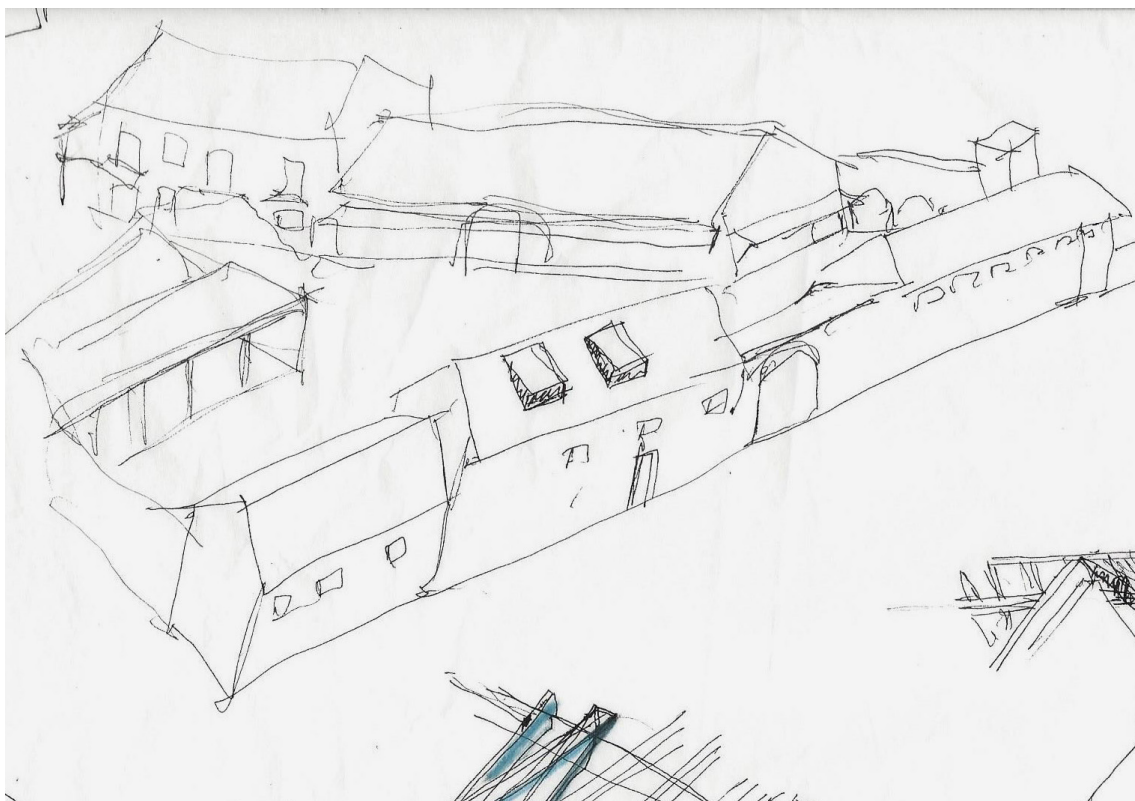


fig. 288| Esquisso do conjunto de edifícios

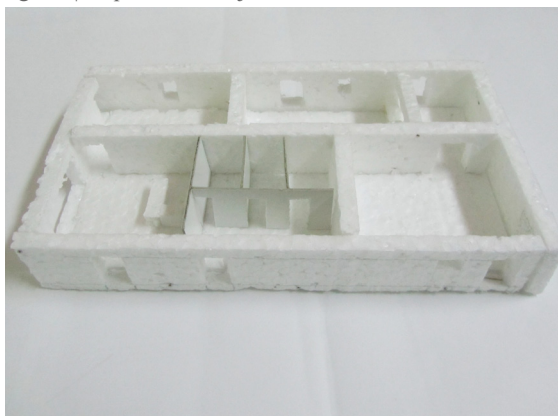


fig. 289| Maqueta de estudo do piso térreo



fig. 290| Salas de refeições

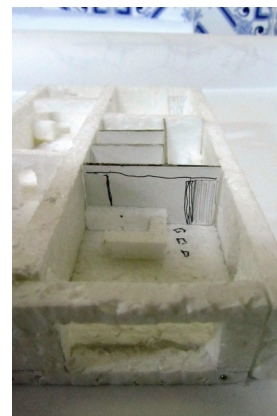


fig. 291| Recepção



## SOLUÇÃO DESENVOLVIDA

A solução desenvolvida representa o culminar de um trabalho contínuo, ao longo do qual se exploraram diferentes opções e se foi definindo o rumo a tomar. De seguida, apresenta-se a proposta de intervenção para os espaços e edificado da Quinta da Mesquita.

Retomando a ideia de percurso, continua-se a entrar na propriedade pelo portão Este, existente na Rua de Pedralhos, e a percorrer o caminho que nos guia até ao edificado. O primeiro volume, que alberga a *Casa do Forno* e currais, mantém as funções, o desenho e as soluções construtivas.

Quanto à eira, prevê-se a sua conservação e o seu prolongamento até ao alçado Oeste da habitação. Desta forma, cria-se a dita zona de esplanada para o restaurante, coberta por ramada (videira) apoiada em prumos e perfis de ferro e arame, e com pavimento de calçada à portuguesa (à semelhança do que existe no passeio que delimita o alçado Este da habitação). Nesta reconversão desenha-se ainda a continuação do murete que demarca toda a eira, e que deverá marcar de igual modo, o novo espaço exterior. No entanto, a lajeta de pedra que encima o muro deverá neste caso, apoiar-se em perfis metálicos, tornando-o mais leve e transparente. Tal como os alpendres e as varandas, são estas “(...) *pausas, que de certo modo desmaterializam a casa e criam uma sensação de continuidade e de passagem suave entre a dimensão do interior e a complexidade do exterior.*”<sup>105</sup>.

Entrando então, no interior da habitação, encontram-se no rés-do-chão: a recepção do restaurante (a sul), de aproximadamente 29m<sup>2</sup>, com ligação às instalações sanitárias (a norte) e à sala de refeições (a oeste) e para a qual se propõe um novo vão, como fora desenhado na 2ª fase; a Sala de Refeições, associada ao alçado sul e oeste, que está dividida em dois espaços (o primeiro, com acesso directo à recepção, tem 27m<sup>2</sup> e o segundo, 30m<sup>2</sup>); as I.S.<sup>as</sup>, cujos 29m<sup>2</sup> de área se encontram divididos num pequeno hall de entrada, que tanto recebe as pessoas que vêm do restaurante como as que vêm do pátio e onde se situam os lavatórios, numa I.S. para o género masculino, outra para o género feminino e

<sup>105</sup> SIZA, Álvaro – *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, 2000, pág. 47

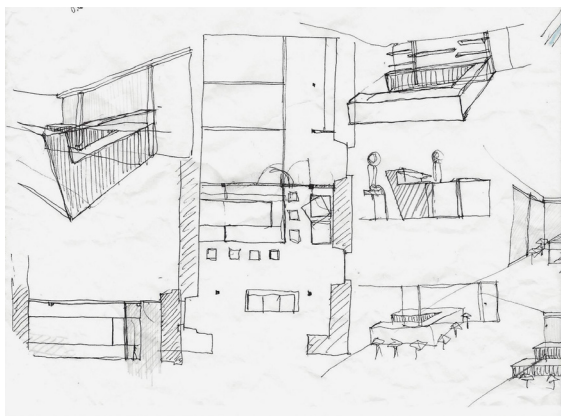


fig. 292| Desenhos de estudo da recepção do restaurante

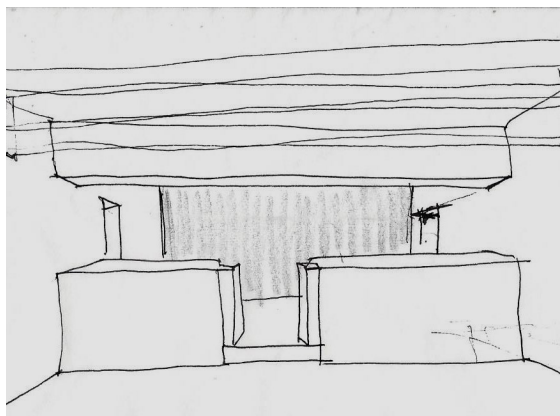


fig. 293| Esquisso da copa e respectiva parede/balcão

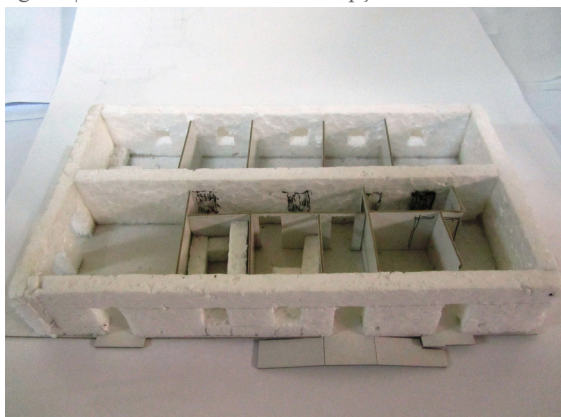


fig. 294| Maqueta de estudo do 1º piso

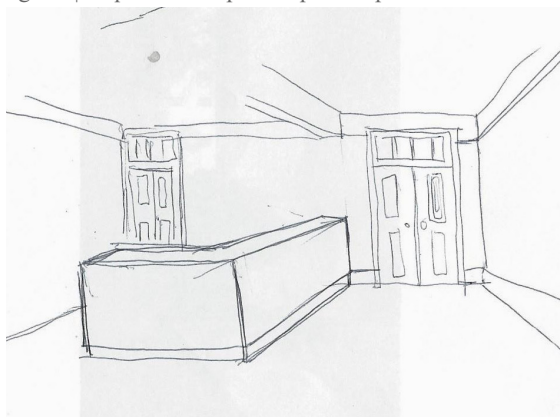


fig. 295| Esquisso da recepção da unidade de alojamento

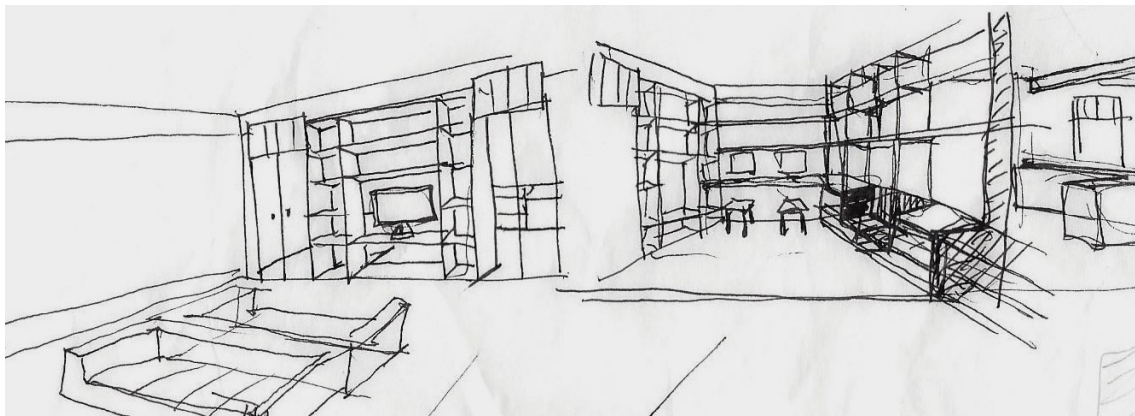


fig. 296| Esquissos dos diferentes espaços de estar

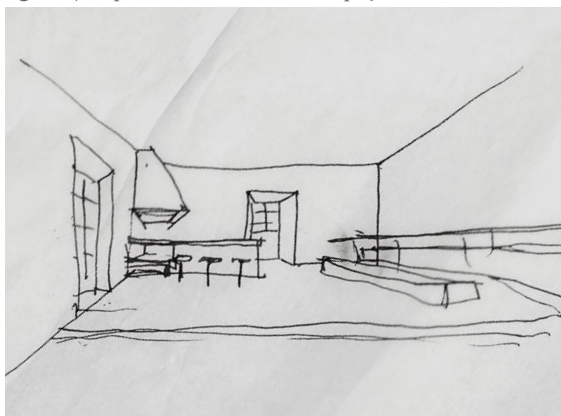


fig. 297| Esquisso da cozinha

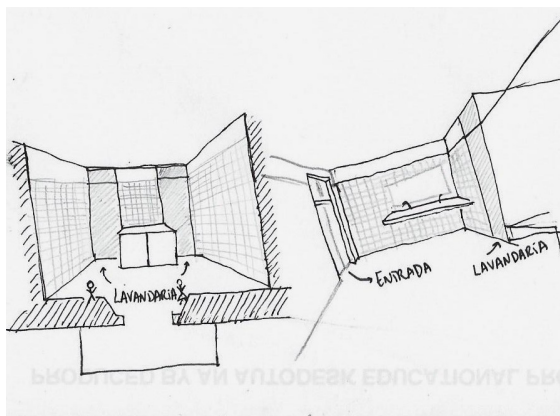


fig. 298| Esquissos de estudo do balneário e lavandaria

uma terceira adaptada às pessoas com mobilidade reduzida; e por fim, a cozinha, situada a nordeste, que à semelhança do desenho apresentado na 2ª fase, tem cerca de 35m<sup>2</sup> e é composta por bancas de trabalho (seja de preparação, empratamento ou lavagem) e frigoríficos no seu perímetro, e um núcleo para cozinhar (composto por fogão, forno, grelhador e fritadeira) situado ao centro. Aqui, há ainda os acessos aos balneários (a Norte, no armazém) e à Sala de Refeições (a Oeste), sendo que ambas as portas têm 1,60m de largura (2x 0,80m) para que não haja cruzamento de pratos lavados e sujos.

A primeira sala a que se acede a Oeste, a partir da cozinha, revelou-se com a proposta anterior, demasiado pequena para conciliar um espaço de refeição com qualidade e a circulação inerente à entrada e saída de funcionários da cozinha. Desta forma, e funcionando como uma espécie de rótula que faz a ligação cozinha – sala de refeições – esplanada, achou-se pertinente utilizar esta área, com cerca de 14 m<sup>2</sup>, como copa. Consequentemente, a parede que separa a copa da restante sala deverá servir de balcão e por isso, será reduzida à altura de 0,90m. Quanto ao acesso à esplanada, é feito através da abertura de um novo vão neste mesmo espaço, que procura as dimensões dos vãos pré-existentes.

No que diz respeito à organização interior do piso superior, propõe-se o redimensionamento de alguns espaços. Por exemplo, a parede divisória que separa o hall de entrada do antigo escritório, dá lugar ao balcão da recepção. Assim, consegue-se um hall/recepção mais amplo, com 17m de área. Por sua vez, a parede que divide a sala de estar e o antigo quarto é substituída por uma estante, que se prolongará às restantes paredes do novo nicho de leitura, com excepção da parede exterior. Assim, aos 27m<sup>2</sup> da sala de estar, somam-se os cerca de 10m<sup>2</sup> deste recanto, ficando o espaço de estar organizado em três vertentes: uma mais calma, associada à leitura e acesso a computadores; outra em que se pode ver televisão; e uma terceira, em que se promove o diálogo e a relação interpessoal, bem como o acesso à varanda exterior. Na cozinha, que ocupa uma área de 19m<sup>2</sup>, aproveita-se a chaminé existente e no espaço a ela subjacente desenha-se uma bancada em forma de L equipada com fogão, forno e lava-loiça. A par com esta propõe-se um outro balcão, mais pequeno. Assim, poderão estar várias pessoas neste núcleo, umas a cozinhar e outras sentadas a conversar. A zona de refeição propriamente dita, é disposta perpendicularmente à fachada Oeste e encostada à parede divisória. Quanto à janela Sul, sendo de peito, havia-se ponderado a hipótese de passar a ser de sacada permitindo a passagem directa da cozinha para a varanda, por sua vez, também aumentaria o espaço que haveria de circulação. Por isso, prefere-se ter mais espaço para o balcão, no interior, e para mesas e cadeiras, no exterior, permitindo-se a passagem para a varanda somente pelas janelas de sacada da sala de estar.

Para os espaços mais privados da unidade de alojamento propõem-se: um quarto duplo, um quarto *twin*, um dormitório de 4 camas e outro de 6 camas (ambos com recurso a beliches), cujas áreas variam entre os 12 e 15m<sup>2</sup>; dois balneários, um feminino e outro masculino, com uma área total de 21m<sup>2</sup>; e por fim, entre estes, uma lavandaria, de 4m<sup>2</sup>, à qual se acede por uma porta de vidro fosco e que deverá estar equipada com máquina de lavar e de secar roupa. Desta forma, e ao contrário do que acontecia no desenho da fase



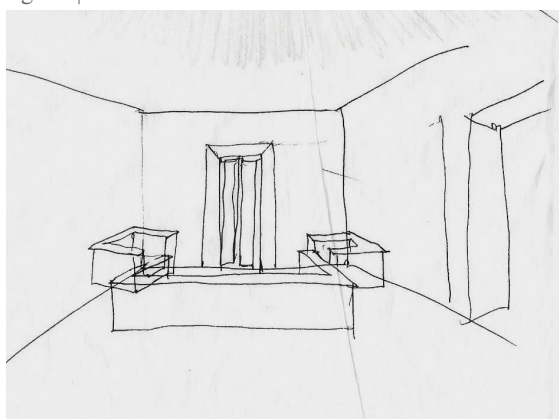
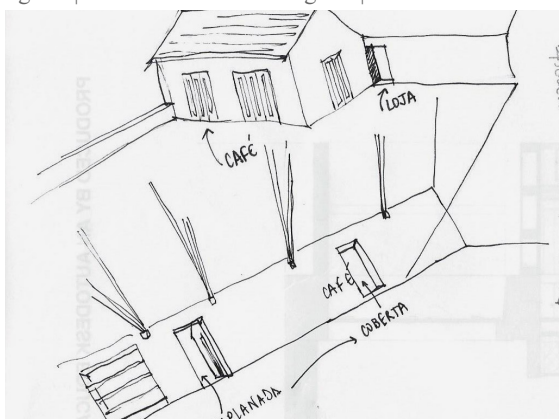
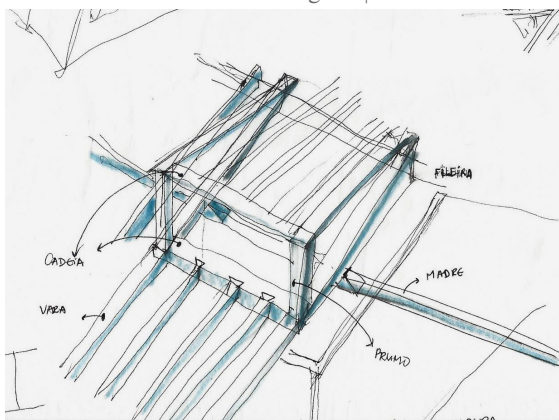
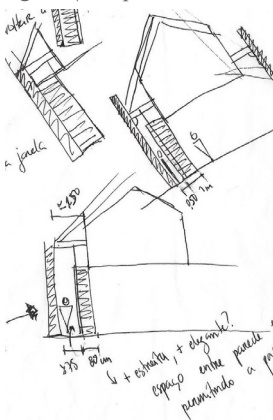
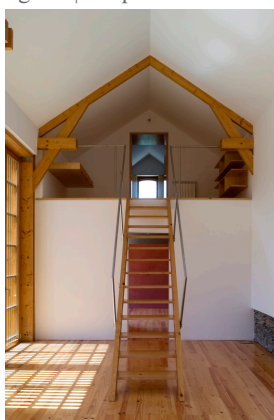
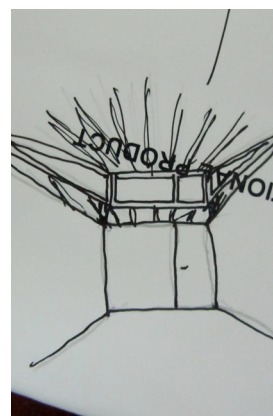
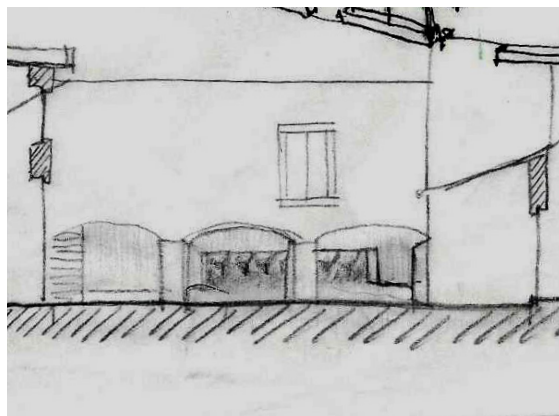
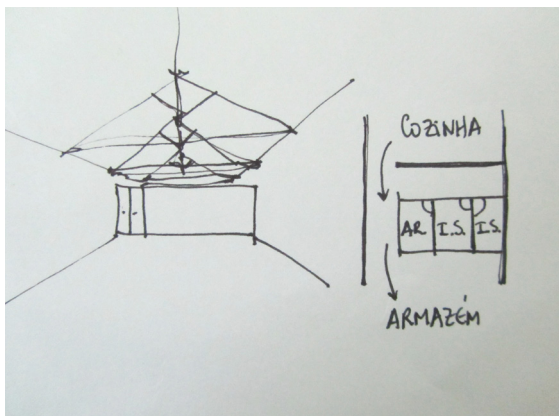


anterior, a lavandaria é um espaço arejado, com luz natural directa; a janela de sacada deixa de estar dividida, podendo agora fazer-se uma leitura total do vão; e os balneários continuam a ter luz natural.

Prosseguindo para os edifícios de apoio à agricultura: alterou-se o desenho dos balneários para os funcionários do restaurante, existentes no grande armazém Este. Se na solução anterior era necessário sair da cozinha para o armazém e só depois, se entrava para os balneários; na nova organização, o recurso a um corredor torna possível ir directamente da cozinha para os balneários ou para os arrumos, sem se ter que sair para o armazém. Assim, tem-se um espaço de circulação de acesso ao armazém e o corredor de entrada para os arrumos (8m<sup>2</sup>), os balneários (8m<sup>2</sup> cada um) e para um pequeno espaço destinado aos equipamentos de apoio aos painéis foto voltaicos e aos colectores solares térmicos. Os mesmos serão dispostos na vertente Oeste do telhado deste armazém e se necessário, na água Sudoeste do telhado da adega. Desta forma, estão correctamente expostos ao sol, sem ficarem visíveis do piso térreo. Este tipo de tecnologia é essencial, na medida que torna a Quinta auto-suficiente em termos energéticos, quer a nível de electricidade, quer a nível de aquecimento de águas, usando soluções ecológicas.

Sobre o espaço de armazenagem e tratamento da produção agrícola, foi necessário mais uma vez, debaterem-se algumas ideias e desenhos com o Eng. Agrónomo Nelson Pereira. Pôs-se em causa a dimensão da câmara frigorífica desenhada na adega, a sua localização e a possibilidade de projectar um novo volume. Ora, quanto ao primeiro aspecto, o Eng. sugeriu, e uma vez que as dimensões da câmara eram reduzidas para as toneladas de fruta estimadas, que se aumentasse a altura do edifício, pois como se verifica na Narc Frutas, uma câmara é mais rentável quanto mais alta for. No entanto, e tendo em conta os princípios de projecto estabelecidos, alterar a volumetria não era opção, até porque modificaria a relação com os restantes edifícios. Por outro lado, caso se optasse por ocupar a área total da adega com uma câmara ou duas, o espaço de armazenamento ficaria separado do espaço de tratamento da fruta. Ponderou-se por isso, construir a câmara num dos grandes armazéns e utilizar a adega para a arrumação de veículos e instrumentos agrícolas. Surge portanto, a possibilidade de ocupar todo o armazém Oeste com uma grande câmara, que mesmo sendo baixa, teria área suficiente para armazenar toda a produção da Quinta e ainda mais, e dedicar o armazém Este para o tratamento da fruta. Em contrapartida, os armazéns deixariam de ter o carácter polivalente que os caracteriza, excluindo-se desde logo a possibilidade de realizar outros eventos. O segundo aspecto visa o aumento de área construída, com a execução de um novo volume, algo que de acordo com o Eng. é lógico fazer quando o objectivo é aumentar a área de produção. Ambas as hipóteses acarretariam novas exigências: zonas distintas de tratamento, cais de cargas e descargas, etc., ou seja, seria necessário um espaço semelhante à cooperativa visitada.

Posto isto, foi preciso uma vez mais, reflectir sobre o rumo a dar ao projecto: admitir a possibilidade de aquisição de mais pomares e de aumento da produção, e por isso, ponderar um espaço mais industrial? Ou defender um espaço de cariz mais cultural, apoiado na auto-suficiência e ecologia? Pois bem, tendo em conta a linha condutora deste





trabalho, defende-se a segunda opção. Propõe-se aliás, o desenvolvimento de um projecto de policultura e de agricultura biológica, pois “*Observando a Natureza, constata-se que é evidente que a monocultura não está na ordem natural das coisas. Só é possível manter um sistema de cultura única adubando-a com elementos de que essa cultura necessita e destruindo, com a ajuda de produtos químicos, todos os rivais e inimigos dessa cultura. Se queremos recolher mais, respeitando as leis e os hábitos da Natureza, teremos que diversificar o mais possível, tanto as plantas como os animais.*”<sup>106</sup>. Esta seria até uma característica diferenciadora, comparativamente com os projectos agrícolas desenvolvidos no concelho de Alcobaça, privilegiando a qualidade em detrimento da quantidade.

Assim, o armazém Este mantém o lagar pré-existente e os novos balneários dos funcionários do restaurante; o armazém Oeste fica disponível para o arrumo de tractores e afins, e está, simultaneamente, ao dispor de possíveis eventos; o edifício das arcadas, mantém a função de armazenamento no 1º piso e no r/c serve de passagem e alberga os balneários dos trabalhadores agrícolas, aproveitando um antigo depósito de vinho; a adega recebe então, uma câmara frigorífica, capaz de armazenar cerca de 1/3 da produção da Quinta, caso os 4ha sejam explorados apenas com pomar, tendo ainda espaço para o tratamento da mesma.

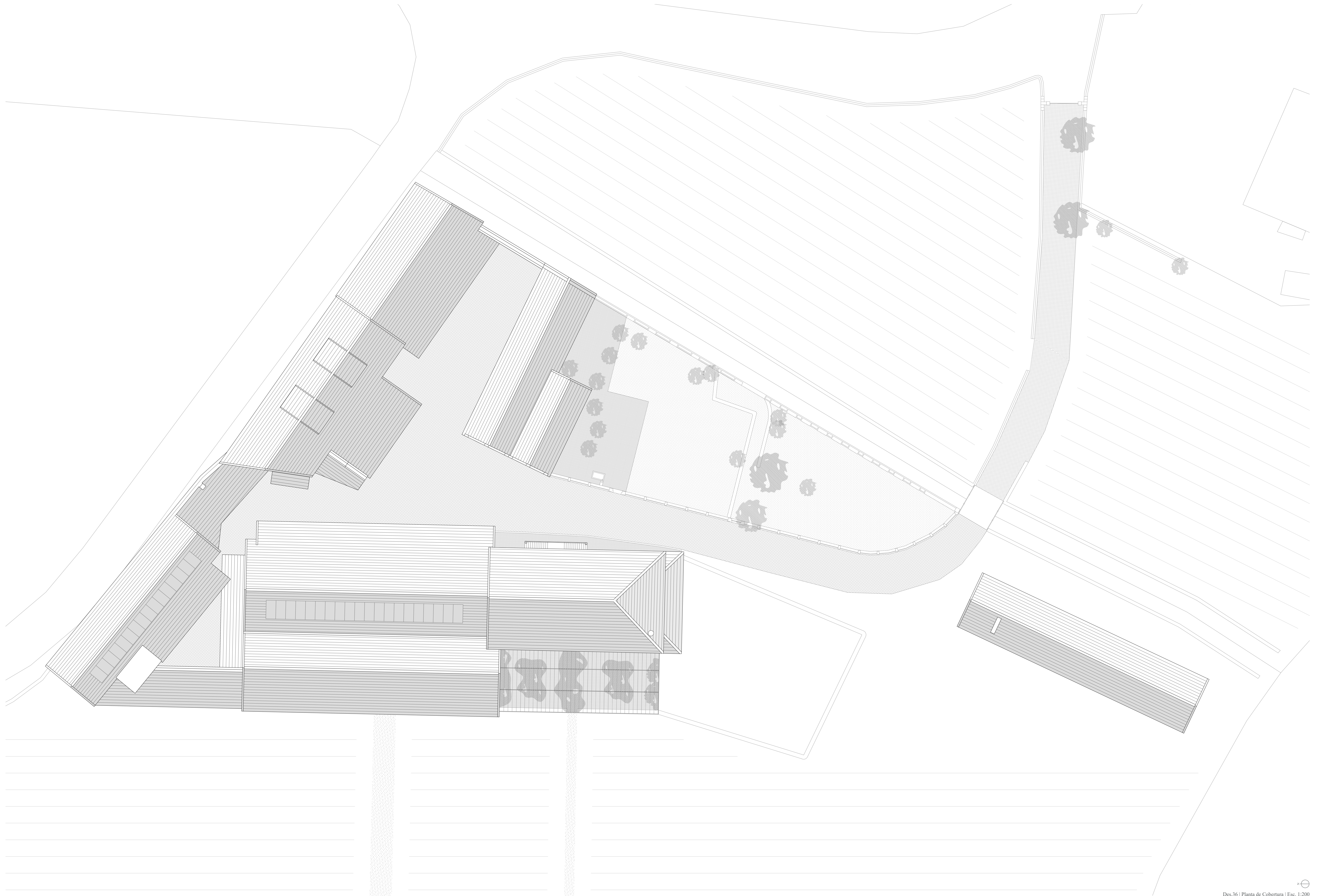
A solução final desenvolvida para as Oficinas e espaço de co-work é em tudo igual ao desenho apresentado na 2ª fase, com excepção da cobertura. As “caixas”, correspondentes às salas de reuniões e de impressões, provocam agora, aberturas no telhado que se aproximam das tradicionais trapeiras. Ou seja, altera-se pontualmente a volumetria deste edifício para que as “caixas” tenham luz natural. As paredes que constituem estes pequenos volumes intersectam a cobertura, sendo perceptível a continuidade do interior para o exterior. Tanto as novas vigas, como o invólucro das “caixas” e as escadas de acesso serão de madeira, mas enquanto as paredes deverão ser pintadas de branco, as escadas manterão a cor original. Este acesso ao piso superior deverá ser de tiro e o seu desenho tem como referência a escada proposta pelo Arq. João Mendes Ribeiro, na reconstrução de um celeiro em Cortegaça.

Também o telheiro e o café ficam com o desenho já descrito anteriormente. Além disso, retoma-se a ideia de um novo vão a sul, permitindo aceder directamente da esplanada descoberta para a zona de exposição, evitando a passagem pelo café. A nova abertura surge na intersecção de duas paredes, ficando centrada entre duas das asnas do telheiro. Uma vez que esta é uma ligação entre dois espaços exteriores (diferenciados pela existência de um coberto), prevê-se que o vão não tenha qualquer tipo de caixilho. Resta esclarecer que o espaço exterior deve ser cuidado, inclusive a esplanada descoberta, situada no jardim, a sul da cafetaria. Tal como na esplanada a Oeste e no passeio a Este do restaurante, o pavimento da mesma deverá ser em calçada à portuguesa, deixando-se caldeiras para as árvores de fruto pré-existentes, sendo o restante jardim relvado. Sugere-se ainda a redefinição da linha de água, procedendo à sua limpeza e desassoreamento, e à construção de muros, que servirão de contenção de terras.

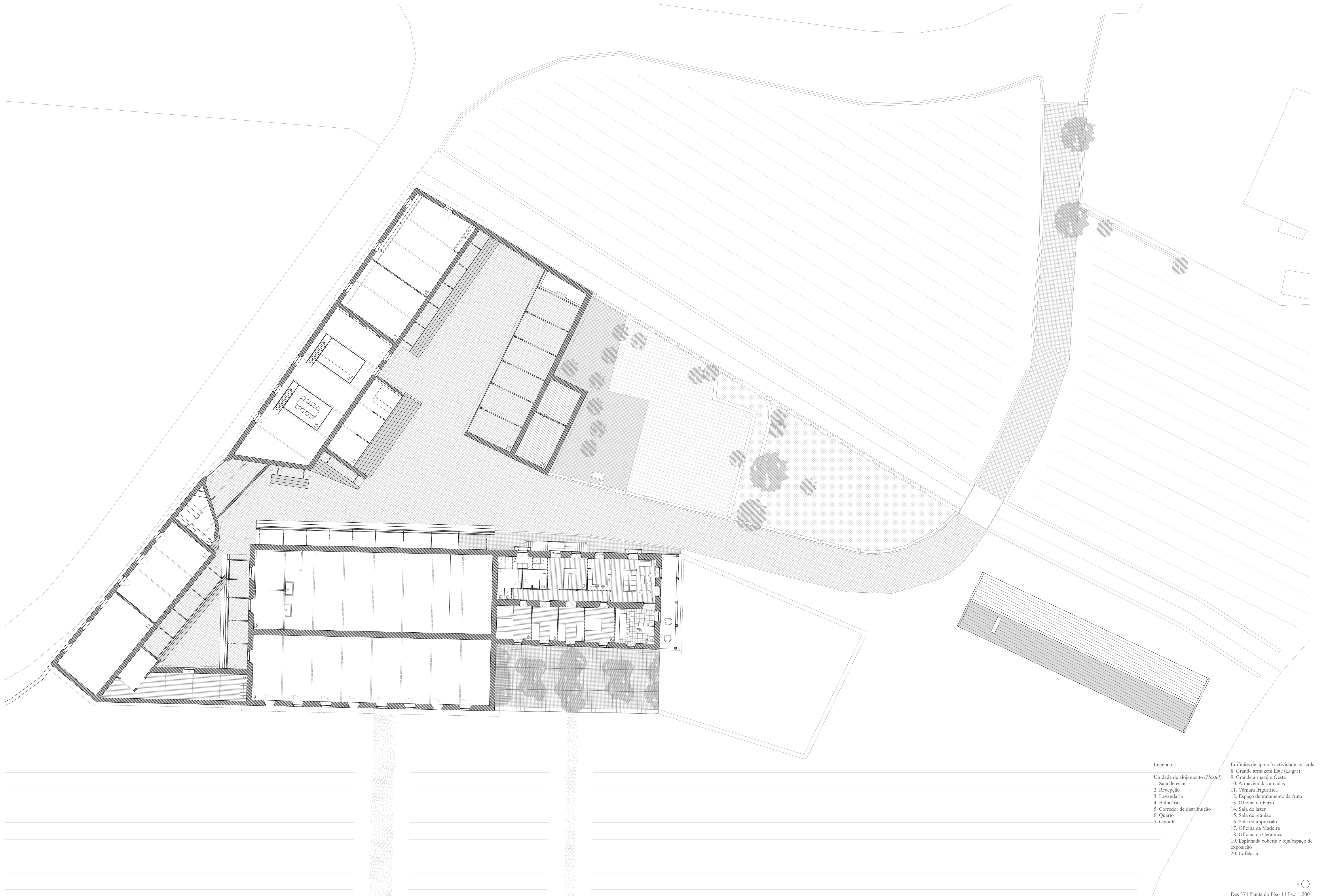
<sup>106</sup> SEYMOUR, John – *O livro da Auto-suficiência*. [s.l.]: Círculo de Leitores, 1981, pág. 11

Concluindo, é agora possível com este projecto, ir à Quinta da Mesquita, entrar no restaurante para almoçar, sair até à eira para atender uns últimos telefonemas antes da refeição e sentar na sala a saborear os alimentos aqui produzidos. De seguida, pode tomar-se um café na esplanada sombreada por videiras, dar um passeio pelo pomar ao som das rolas que por ali voam, regressar e atravessar as arcadas. Segue-se e espreitam-se as diferentes oficinas, quiçá até se experimente alguma técnica e “se troquem dois dedos de conversa”. Por fim, percorre-se o pátio, compra-se algum dos produtos expostos no telheiro, entra-se no café e lancha-se no jardim, sentado num dos bancos do muro, a ver e ouvir a água que ainda corre no rio e a sentir o calor do pôr-do-sol.









Legenda:

- Unidade de alojamento (*Hostel*)
- 1. Sala de estar
  - 2. Recepção
  - 3. Lavandaria
  - 4. Banheiro
  - 5. Corredor de distribuição
  - 6. Quarto
  - 7. Cozinha

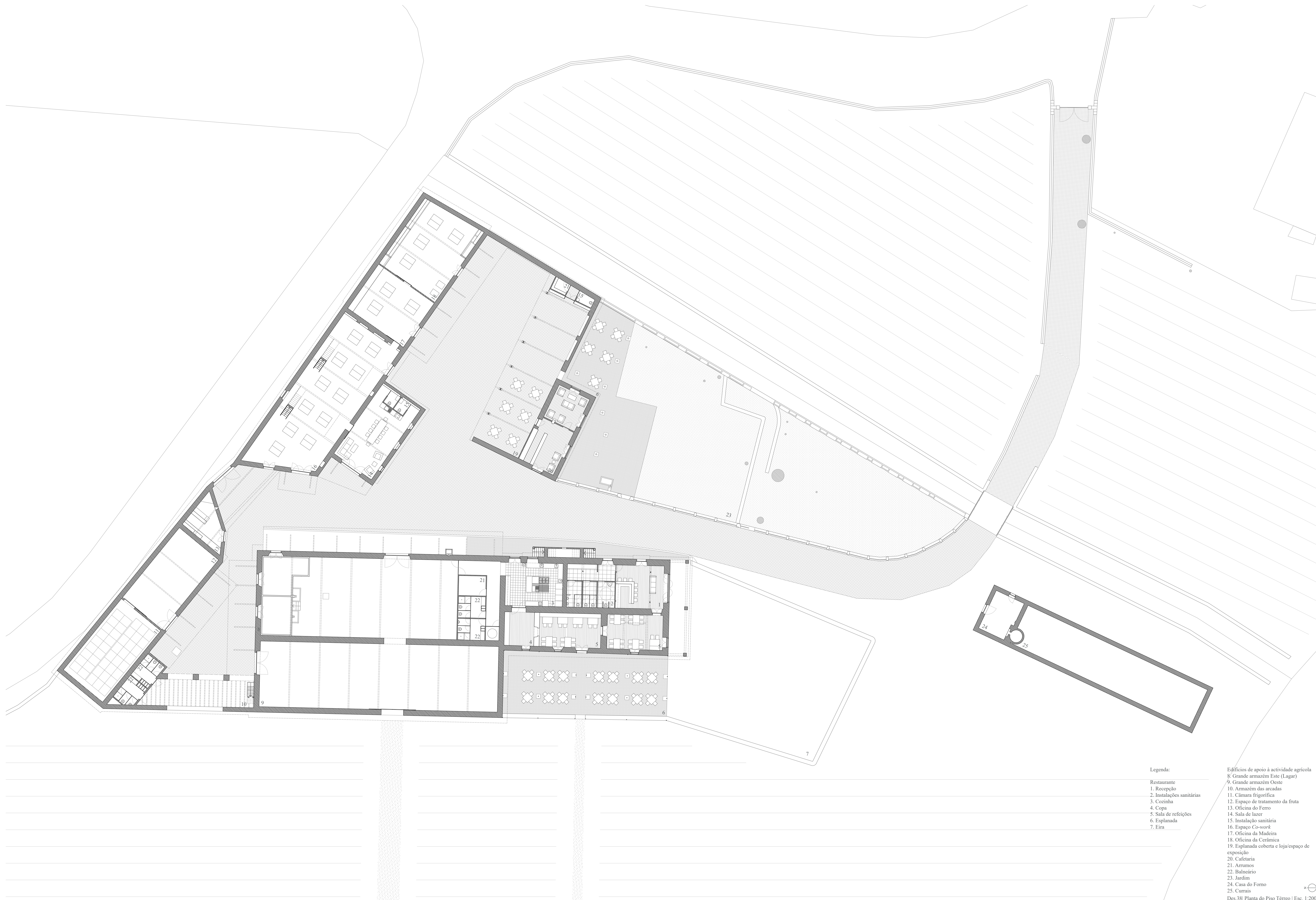
Edifícios de apoio à actividade agrícola

- 8. Grande armazém Este (Lagar)
- 9. Grande armazém Oeste
- 10. Armazém das arcadas
- 11. Câmara frigorífica
- 12. Espaço de tratamento da fruta
- 13. Oficina do Ferro
- 14. Sala de lazer
- 15. Sala de reunião
- 16. Sala de impressão
- 17. Oficina da Madeira
- 18. Oficina da Cerâmica
- 19. Esplanada coberta e loja/espaco de exposicao
- 20. Cafeteria



Des.37 | Planta do Piso 1 | Esc. 1:200





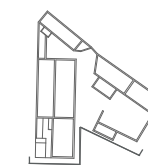
Legenda:

- Restaurante
- 1. Recepção
- 2. Instalações sanitárias
- 3. Cozinha
- 4. Copa
- 5. Sala de refeições
- 6. Esplanada
- 7. Eira

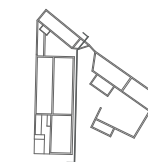
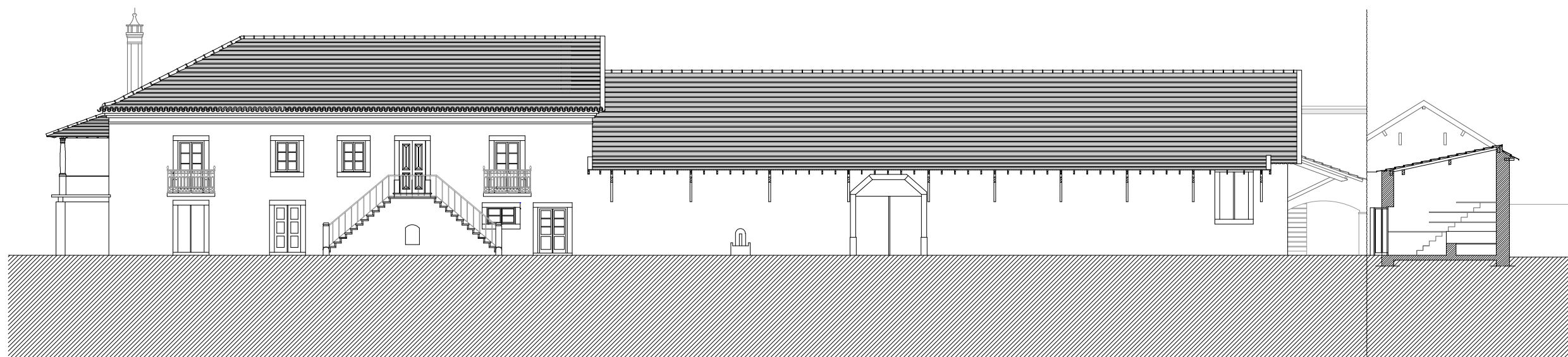
- Edifícios de apoio à actividade agrícola
- 8. Grande armazém Este (Lagar)
- 9. Grande armazém Oeste
- 10. Armazém das arcadas
- 11. Câmara frigorífica
- 12. Espaço de tratamento da fruta
- 13. Oficina do Ferro
- 14. Sala de lazer
- 15. Instalação sanitária
- 16. Espaço Co-work
- 17. Oficina da Madeira
- 18. Oficina da Cerâmica
- 19. Esplanada coberta e loja/espço de exposição
- 20. Cafeteria
- 21. Arrumos
- 22. Balneário
- 23. Jardim
- 24. Casa do Forno
- 25. Currais

Des.38| Planta do Piso Térreo | Esc. 1:200

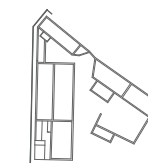
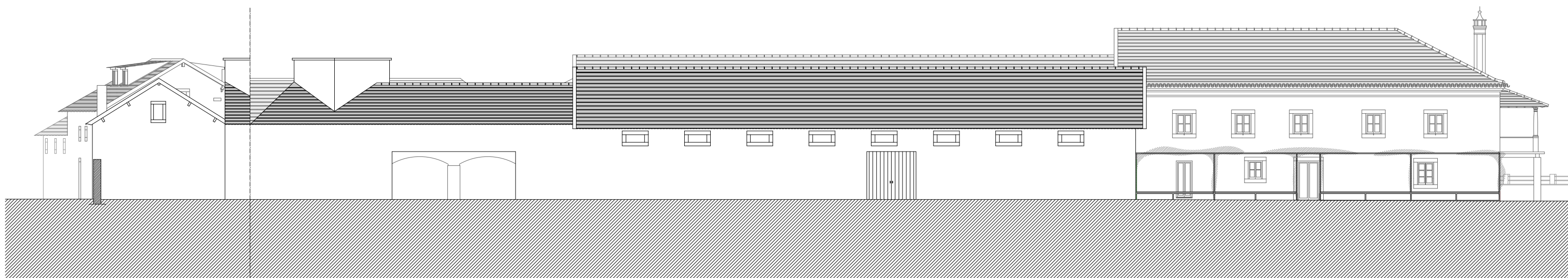




Des. 39  
Alçado Sul  
Esc. 1:200

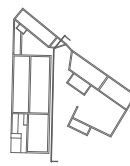
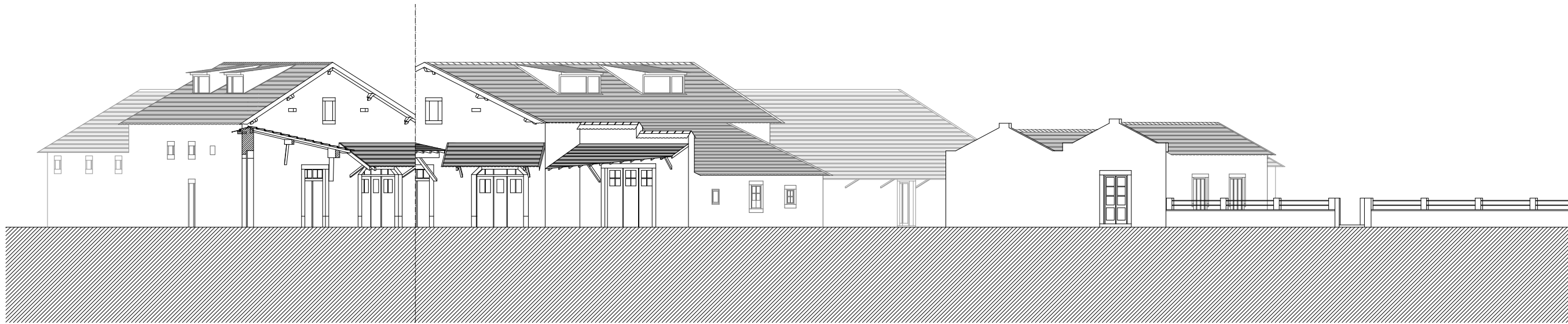


Des. 40  
Alçado Este  
Esc. 1:200

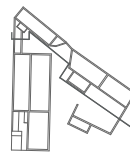
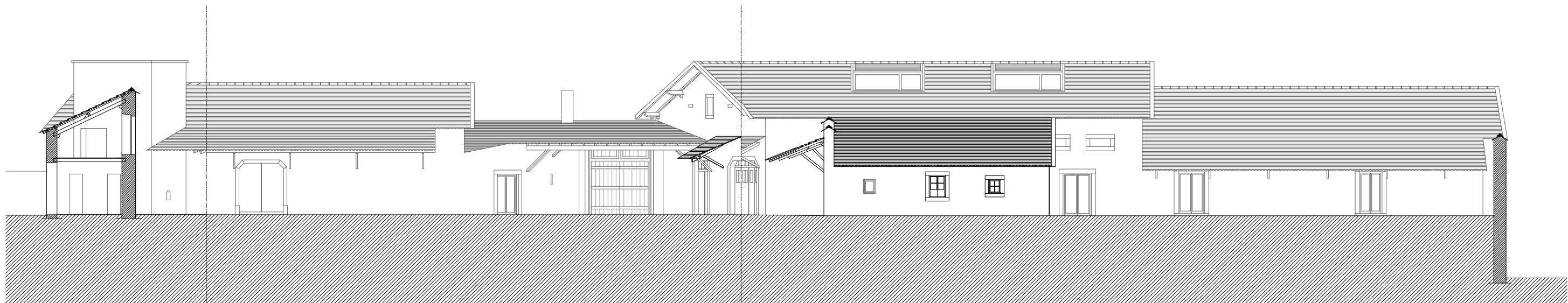


Des. 41  
Alçado Oeste  
Esc. 1:200

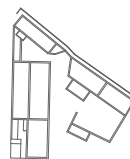
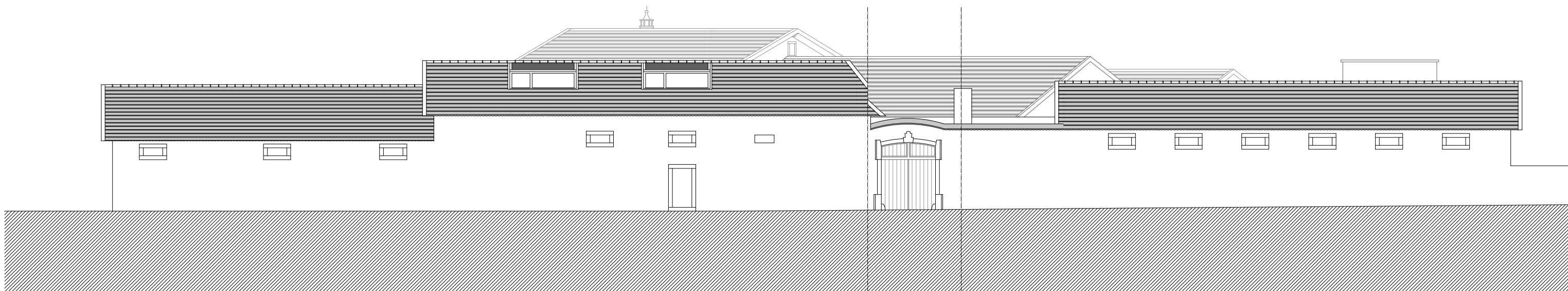




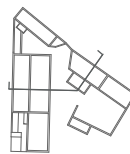
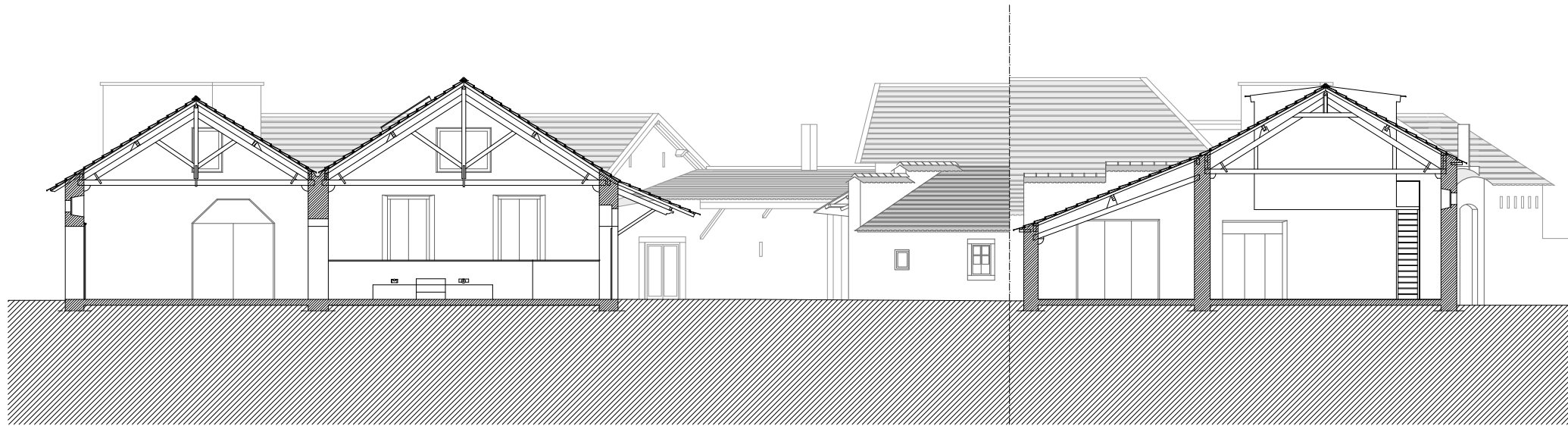
Des. 42  
Alçado Oeste  
Esc. 1:200



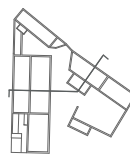
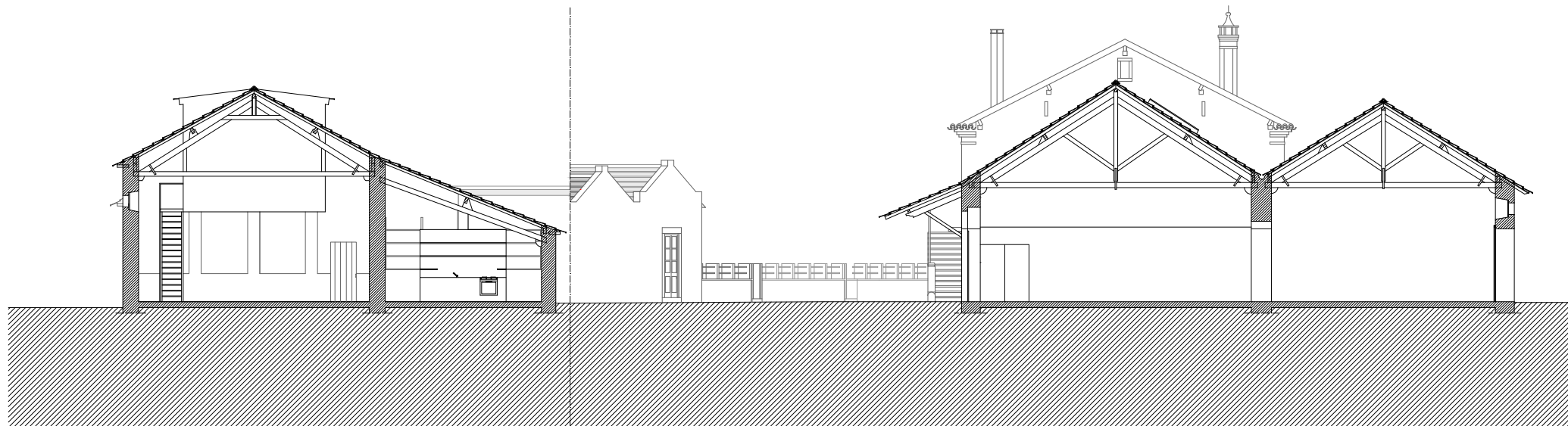
Des. 43  
Alçado Sudoeste  
Esc. 1:200



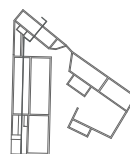
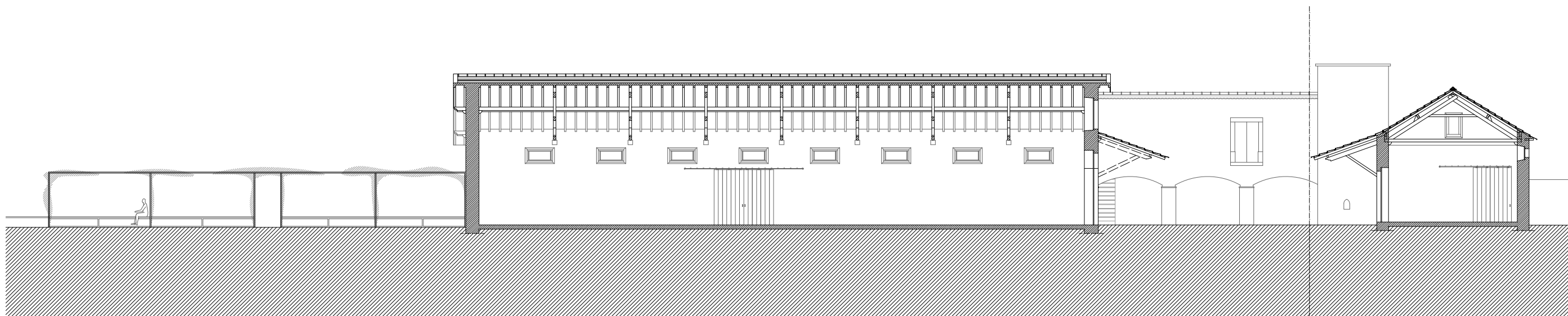
Des. 44  
Alçado Nordeste  
Esc. 1:200



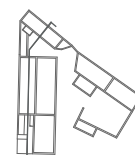
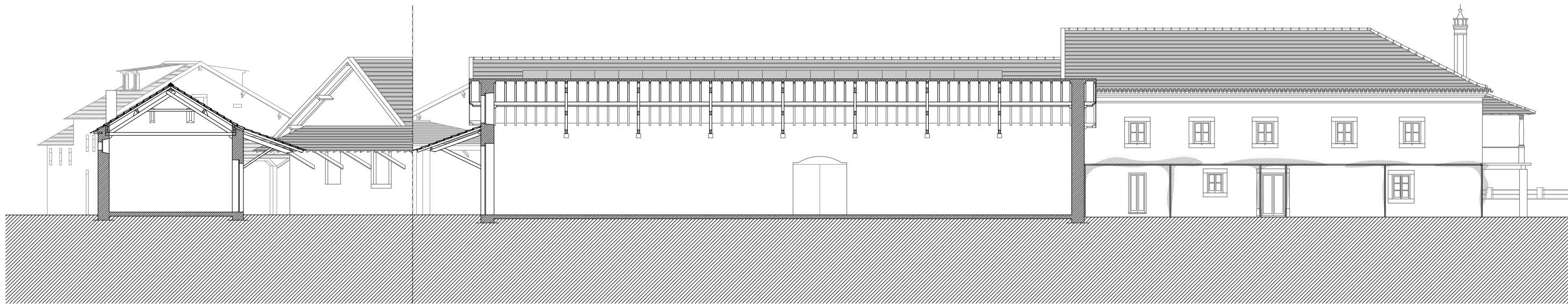
Des. 45  
Corte transversal  
Esc. 1:200



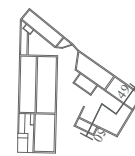
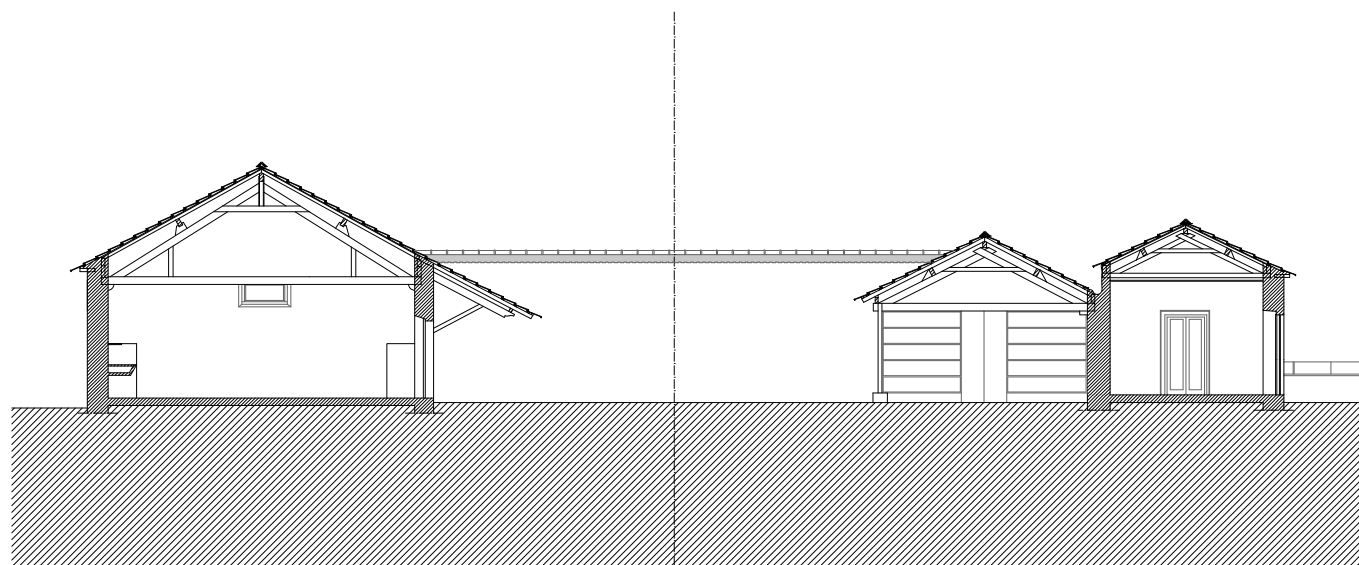
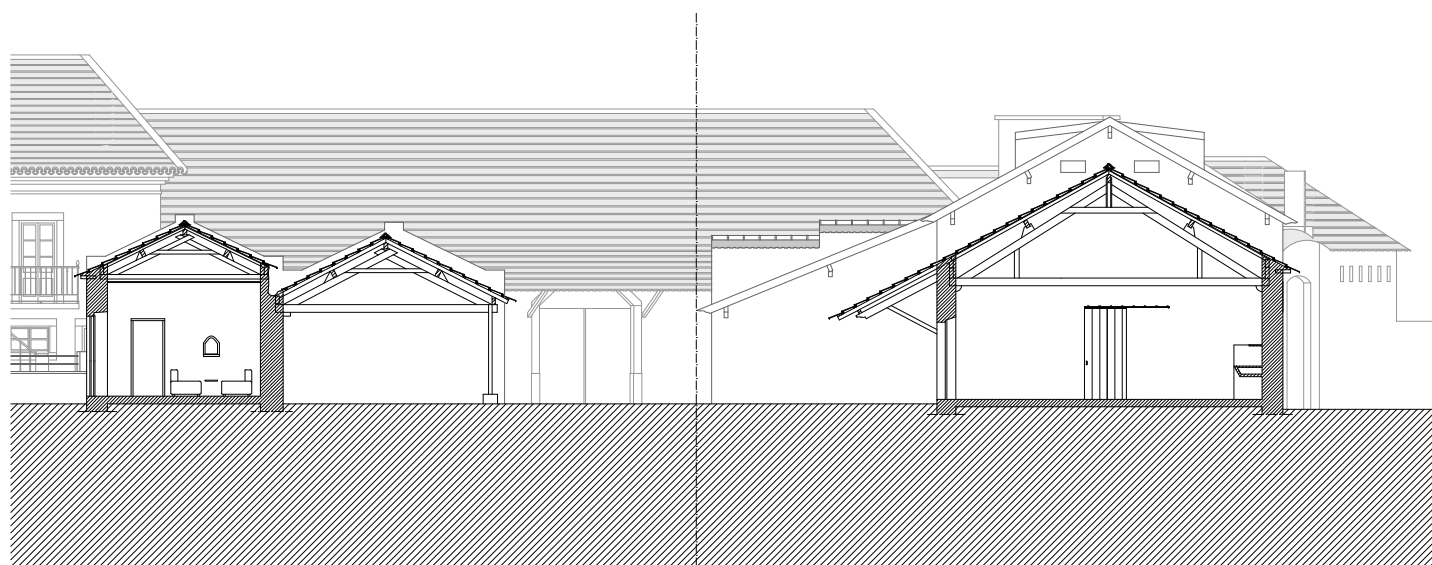
Des. 46  
Corte transversal  
Esc. 1:200



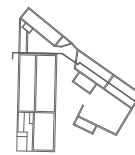
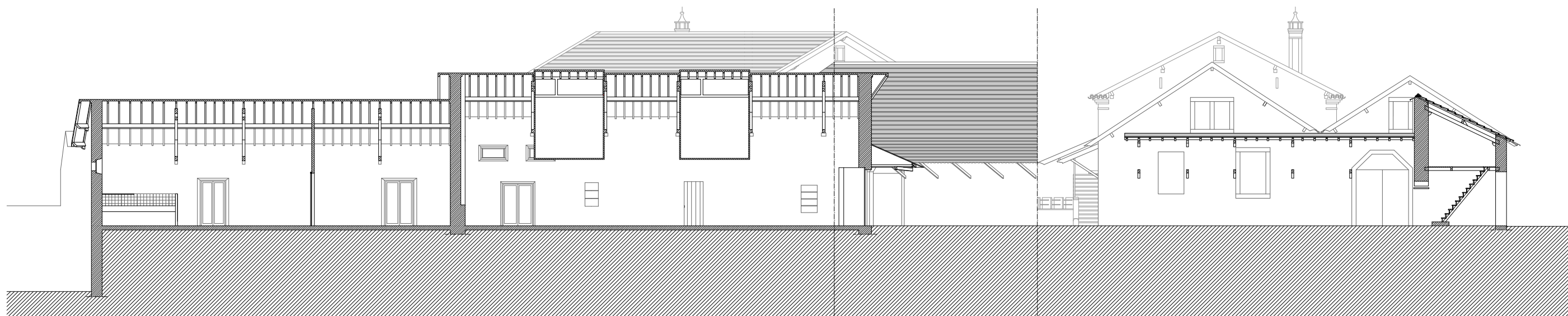
Des. 47  
Corte longitudinal  
Esc. 1:200



Des. 48  
Corte longitudinal  
Esc. 1:200

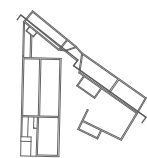
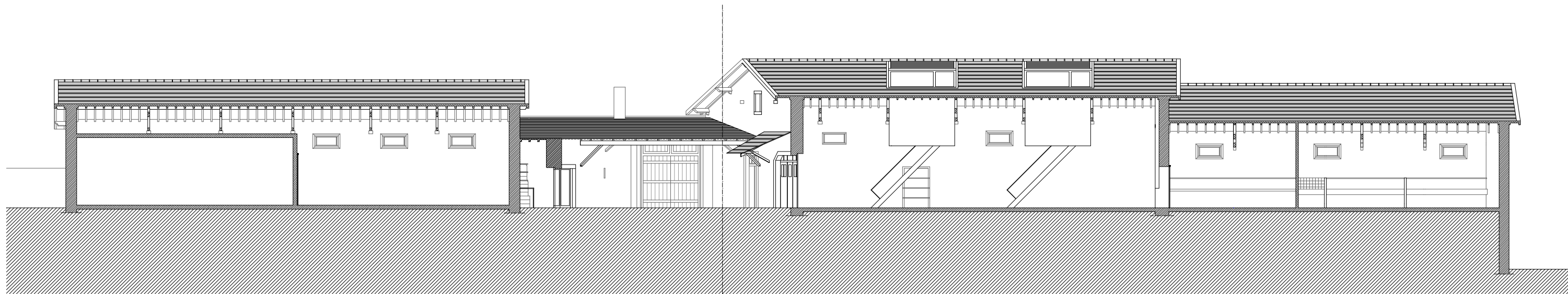


Des. 49 e 50  
Cortes transversais  
Esc. 1:200

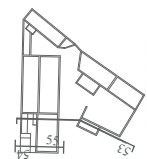
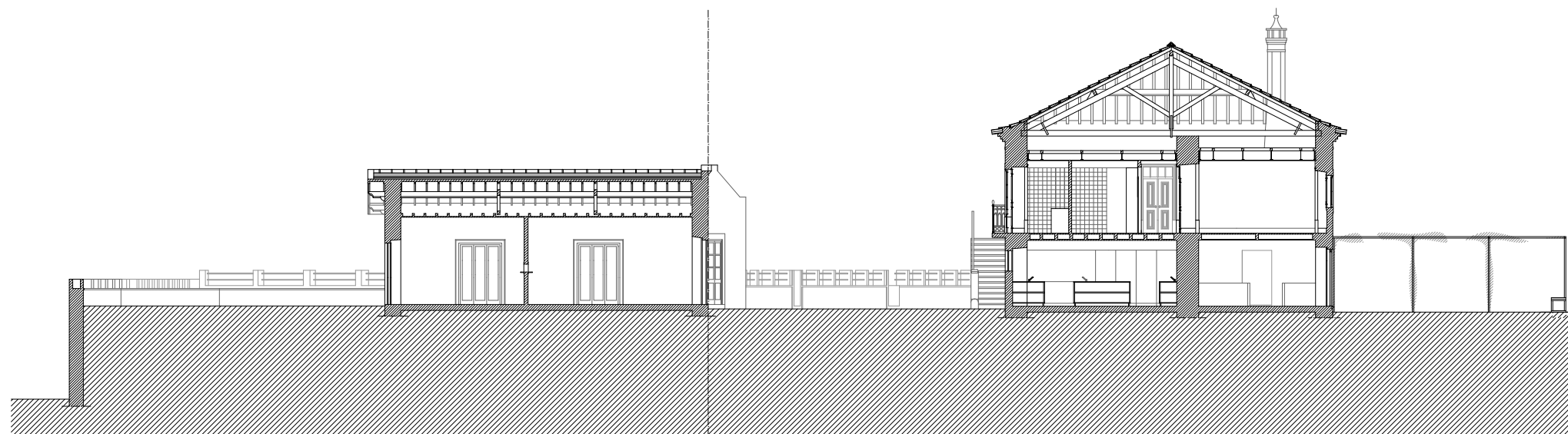


Des. 51  
Corte longitudinal  
Esc. 1:200

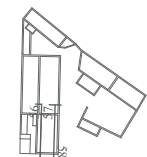
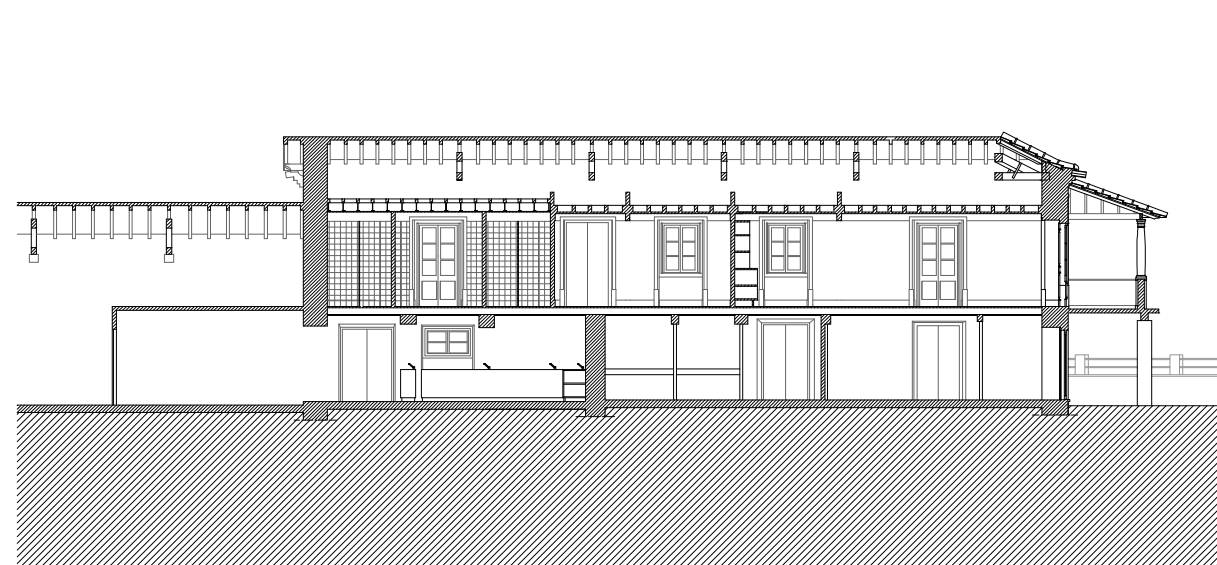
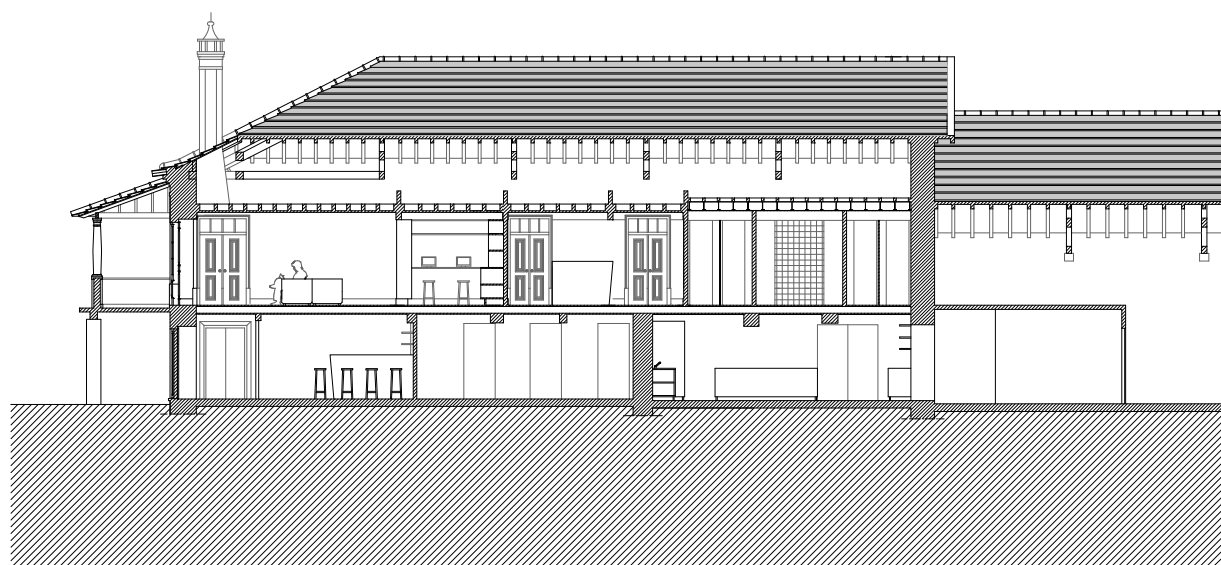
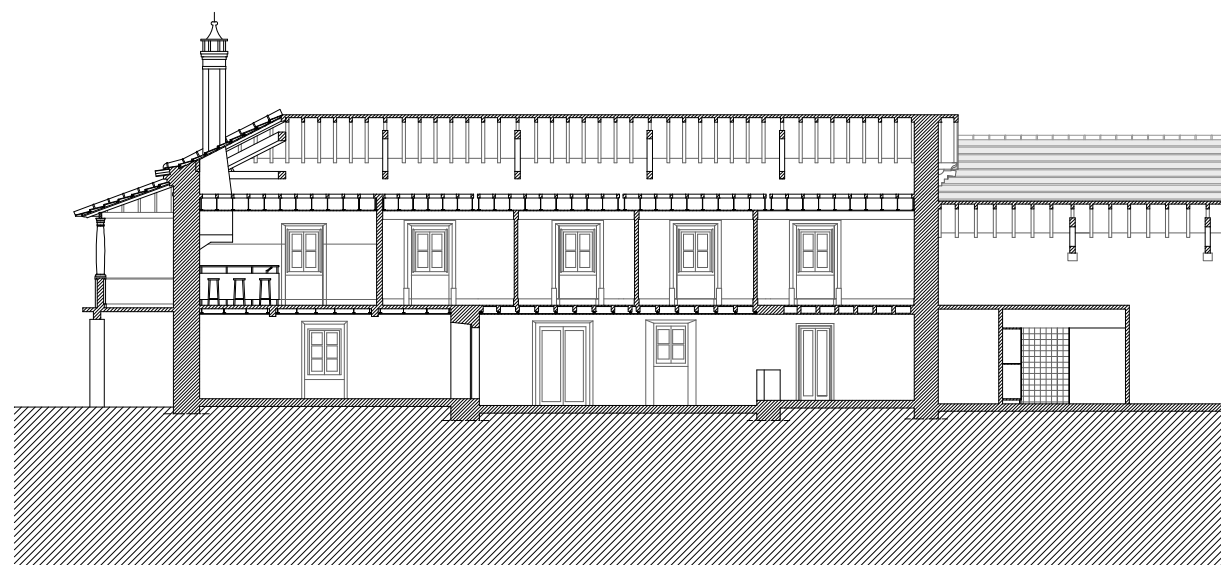




Des. 52  
Corte longitudinal  
Esc. 1:200



Des. 53, 54 e 55  
Cortes transversais  
Esc. 1:200



Des. 56, 57 e 58  
Cortes longitudinais  
Esc. 1:200

## SOLUÇÕES CONSTRUTIVAS

Com o objectivo de complementar a proposta de intervenção apresentada e de responder às necessidades actuais de conforto, adoptaram-se novas soluções construtivas. De seguida, procede-se à sua descrição de acordo com a abordagem feita na primeira parte da dissertação: começa-se pela estrutura principal, constituída por paredes exteriores, pisos e cobertura; posteriormente, os elementos secundários, como as paredes divisórias; e por fim, as caixilharias.

### PAREDES EXTERIORES

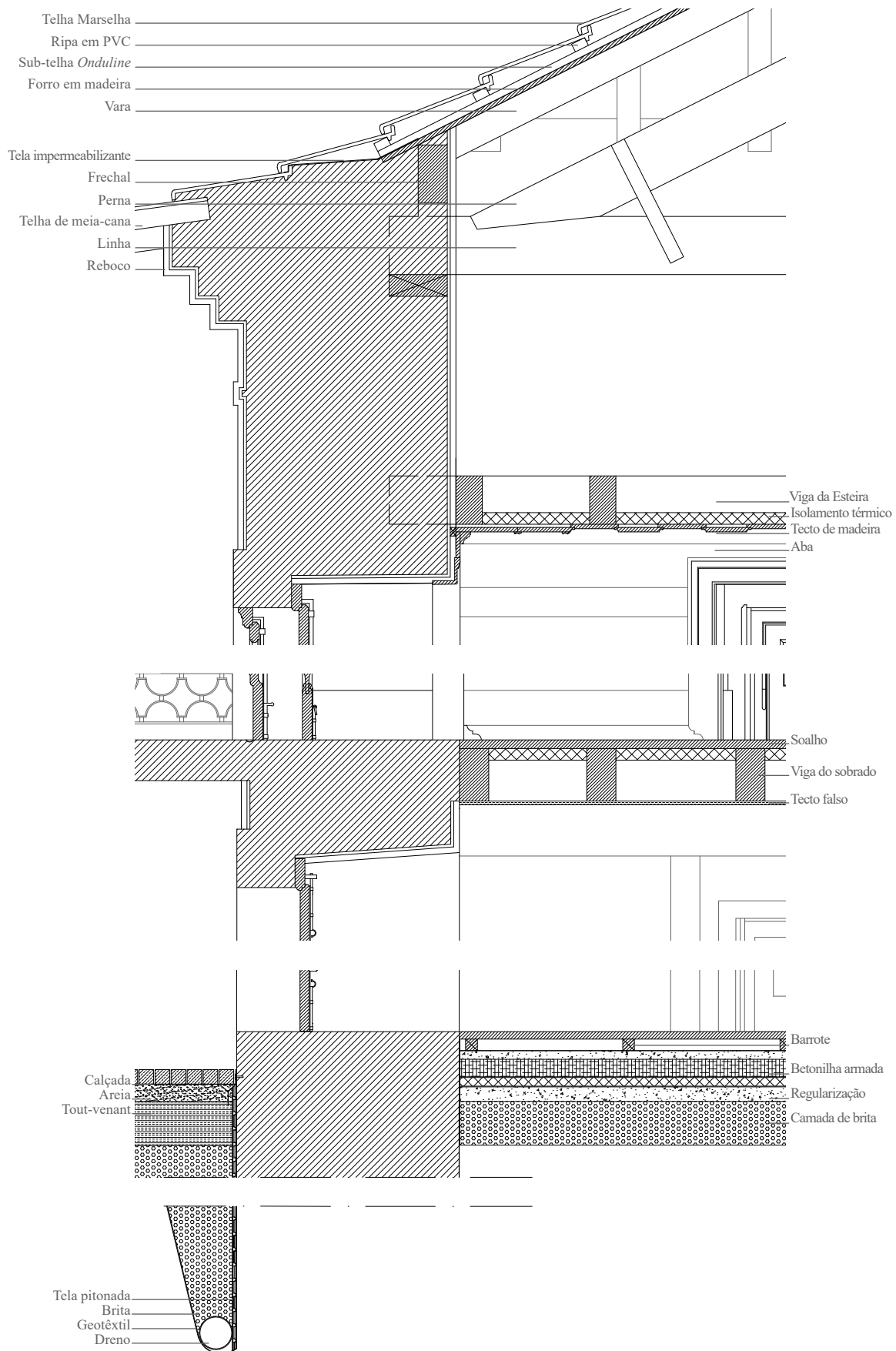
Uma das principais preocupações com as paredes exteriores era a introdução de isolamento térmico, no entanto a espessura destes elementos varia entre 50 e 75cm, o que justifica o descuramento do seu uso. Por sua vez, e devido às patologias identificadas, é essencial a reparação dos revestimentos, quer sejam interiores ou exteriores. Assim, deve-se proceder à remoção das argamassas existentes; à análise do estado em que as paredes se encontram; à limpeza, reparação e possível reforço; e para finalizar, à “*Aplicação de um reboco tradicional à base de cal, constituído por encasque (quando necessário), chapisco, emboço e reboco. (...) [e à] Aplicação de uma pintura de cal (...)*”<sup>107</sup>, tendo em atenção a quantidade de água a utilizar durante todo o processo, bem como o tempo de secagem para cada fase. É de salientar a vantagem do uso de ceresite, formando assim uma barreira impermeável.

No caso específico do alojamento local, ou seja, no interior do piso superior da habitação, e nas duas salas da futura cafetaria, para além de rebocadas, as paredes devem ser estucadas, recuperando o acabamento original. Enquanto nas zonas húmidas devem ser utilizados azulejos, como já se encontram na cozinha e no quarto-de-banho.

Para a pintura de todo o edificado, a cor a utilizar é o branco.

---

<sup>107</sup> FREITAS, Vasco Peixoto de – *Manual de apoio ao projecto de reabilitação de edifícios antigos*. Porto: Ordem dos engenheiros da região norte, 2012, pág. 264



Des. 59| Corte da fachada Este da habitação | Esc. 1:20



## PISOS

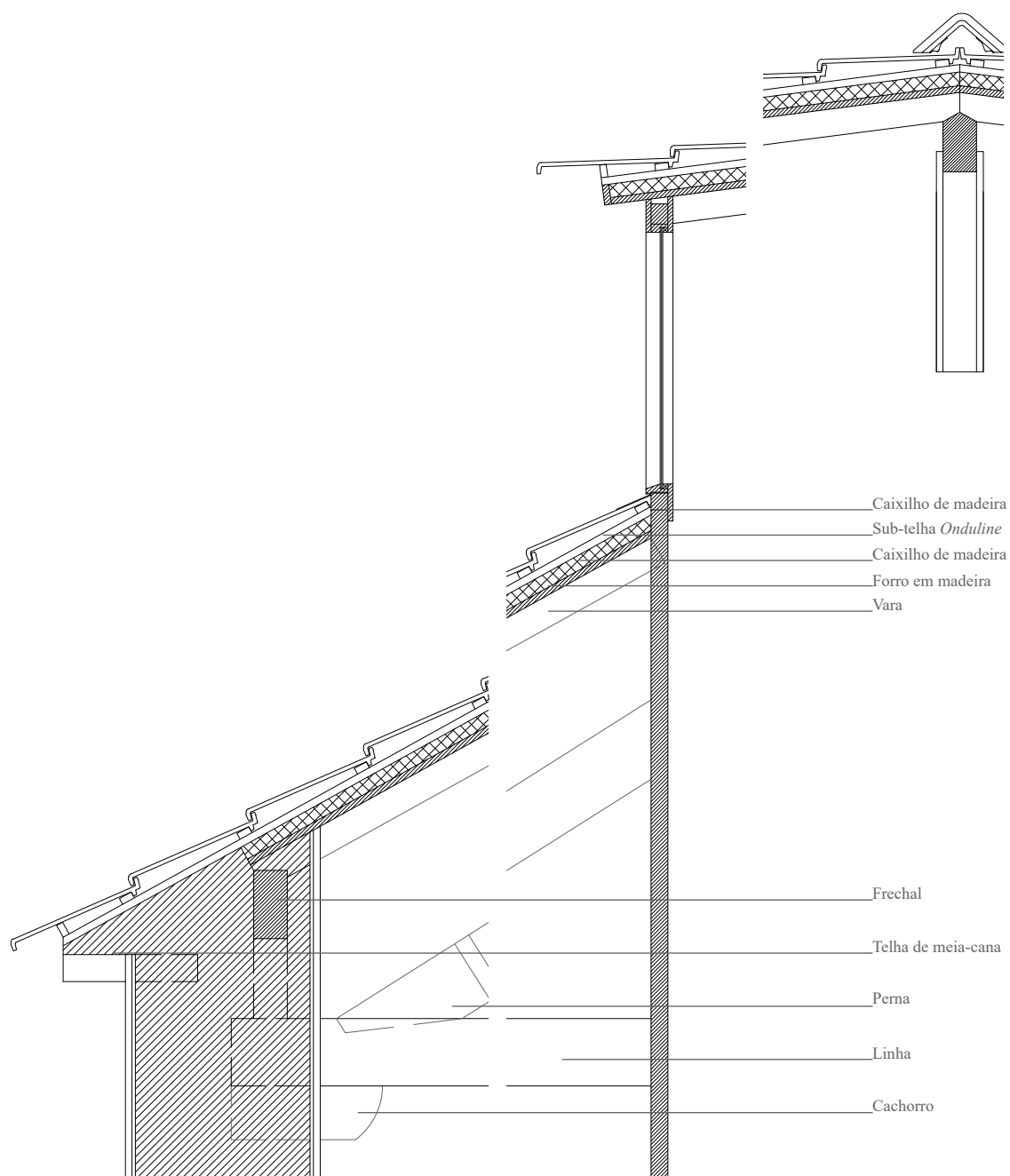
Uma das causas para as patologias que afectam as paredes exteriores tem a ver com a ascensão de águas por capilaridade, facilitada pelo piso térreo. Por isso, e de modo a evitar o reaparecimento deste problema, é urgente a correcta execução do pavimento. Para tal, pressupõe-se: a *“Remoção do revestimento existente, bem como de eventuais camadas de suporte (...) Escavação do terreno, caso se verifique ser necessário para a correcta execução (...) Colocação de uma caixa de brita (...) Realização de uma camada de regularização (...) Aplicação de impermeabilização/barreira pára-vapor constituída por um feltro betuminoso. Nos remates com as paredes (...) deve ser dobrado de modo a que exista um corte hídrico entre o contorno do pavimento e as paredes. (...) Colocação de uma camada de isolamento térmico (...) Aplicação de um filme de polietileno (...) Realização de camada de betonilha (...) Aplicação do novo revestimento (...)”*<sup>108</sup>.

Dependendo do espaço de que se trata e da sua função, o revestimento será diferente. Nos espaços de trabalho, como os armazéns de apoio à actividade agrícola, o espaço co-work ou as oficinas, por razões práticas e funcionais, propõe-se um acabamento com argamassa autonivelante cinzenta, e poderá ser dispensada a utilização de isolamento térmico; enquanto nos espaços de lazer se deve usar soalho de madeira de pinho, como na cafetaria (em que se mantém) e no restaurante (em que a betonilha é substituída de forma a criar um ambiente mais acolhedor); já nas zonas de águas sugere-se um cerâmico anti-derrapante (a aplicar na cozinha), pedra calcária (para as I.S.<sup>as</sup> do restaurante) e argamassa autonivelante (nos balneários).

Quanto aos sobrados, há que ter em atenção as vigas de madeira e a sua entrega nas paredes. Mais uma vez, a análise em obra ditará a necessidade de uma intervenção superficial ou mais intensa, pois devido à humidade e possibilidade de apodrecimento do material, poderá ser necessário reparar e reforçar a estrutura. De qualquer forma, as vigas devem ser tratadas com um produto antifúngico, do tipo *xylophene*, de modo a curar e prevenir o ataque de insectos e térmitas. Tanto no edifício habitacional, como no armazém das arcadas, o revestimento mantém-se em soalho de madeira de pinho, por isso, e se possível, poderá reutilizar-se o existente, desde que se encontre em bom estado e seja posteriormente, tratado (lixado e envernizado). Por sua vez, nas zonas húmidas do primeiro, como a cozinha, manter-se-á a laje de betão e o revestimento de mosaico hidráulico, enquanto nos balneários e lavandaria se substituirá o soalho por painéis de madeira e cimento, do tipo *Viroc*, também envernizados. Este tipo de material por ser impermeável, revela-se ideal para estes espaços. Pensou-se ainda na possibilidade de o revestir com mosaico hidráulico, ou por outro lado, executar mesmo uma laje de betão em detrimento da estrutura de madeira, igualando este pavimento ao da cozinha. Contudo, estas opções implicariam um aumento substancial das cargas sobre a estrutura principal, pelo que foram descartadas.

No lado inferior do pavimento, dever-se-á introduzir entre os barrotes, o isola-

<sup>108</sup> FREITAS, Vasco Peixoto de, op. cit., pág. 264



Des. 60| Corte da fachada Nordeste (incluindo as “caixas”) do espaço *co-work* | Esc. 1:20



fig. 309 e 310| *Laboratório Chimico - Museu da Ciência*, Arqt.º João Mendes Ribeiro

mento em aglomerado expandido de cortiça, capaz de responder simultaneamente às necessidades térmicas e acústicas. Por fim, sob as vigas, será aplicado um tecto falso com placas de gesso cartonado.

Relativamente aos tectos, as esteiras de forro originais existentes na futura unidade de alojamento local (recepção, corredor e sala de estar) devem ser mantidas, inspecionadas e tratadas. O tratamento dos forros implica a decapagem da tinta, lixagem e uma nova pintura de cor branca. Nas restantes divisões serão executados tectos falsos de gesso cartonado, sendo que na cozinha e nas instalações sanitárias, se sugere o uso de placas de gesso cartonado hidrófugo. Na cafetaria, conserva-se a esteira de fasquiado, procedendo-se à “remoção cuidada das argamassas existentes, seguida da reparação (...) do fasquiado existente e aplicação de um reboco e pintura de acabamento, ambos à base de cal.”<sup>109</sup>. Visto que os dois edifícios têm cobertura inclinada com desvão sem utilização, que deve ficar ventilado, aplica-se o isolamento térmico na face superior das esteiras.

## COBERTURAS

Tal como os elementos anteriores, também a estrutura da cobertura deve ser conservada e recuperada. Após a sua inspecção, dever-se-ão substituir os componentes que não apresentem a resistência necessária, tratar e reforçar os que possam continuar a ser usados.

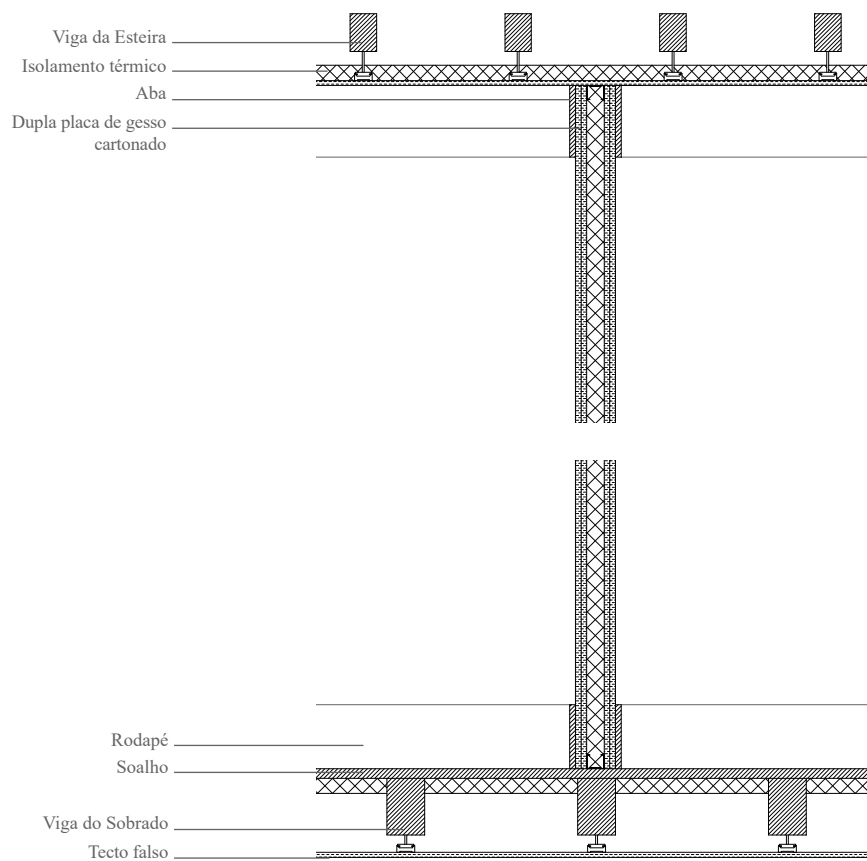
Nos volumes em que o desvão tem uso e se pretende um ambiente confortável para trabalhar, como o co-work e as oficinas, propõe-se a colocação de um novo forro, a aplicação de isolamento em aglomerado expandido de cortiça, seguida da introdução de subtelha, do tipo *Onduline* (visto que impermeabiliza e permite a ventilação), terminando com o emprego de um novo ripado de PVC e finalmente, novas telhas Marselha. Nos edifícios agrícolas, o desvão também é útil, mas a função a que está destinado não inspira grandes exigências térmicas, por isso dispensa-se o uso de isolamento. Em ambos os casos, e tendo como referência o *Laboratório Chimico – Museu da Ciência*, cujo projecto de intervenção esteve a cargo do Arq. João Mendes Ribeiro, opta-se por pintar o novo forro de branco, deixando as varas e asnas com a cor natural. Desta forma, mantém-se uma leitura clara da estrutura; anulam-se os grandes planos escuros e “pesados” correspondentes ao forro; harmonizam-se os revestimentos, pois tanto o da parede como o da cobertura passam a ter a mesma cor, sem deixar de ser perceptível a diferente materialidade; e trabalham-se as superfícies de modo a facilitar a difusão da luz.

Quanto aos edifícios em que o desvão não tem qualquer uso, como a habitação e cafetaria, apenas é aplicada a subtelha na estrutura do telhado, estando o isolamento associado à esteira como já se referiu.

Para a drenagem das águas pluviais, desenvolve-se a mesma solução pré-existente, com caleiras e algerozes, removendo-os e substituindo-os quando necessário.

<sup>109</sup> FREITAS, Vasco Peixoto de, op. cit., pág. 268





Des. 61| Pormenor de parede interior | Esc. 1:20

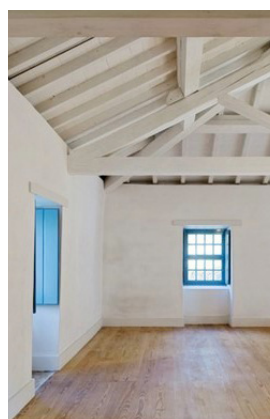


fig. 311, 312 e 313| *Moinho do Papel*, Arqt.º Álvaro Siza

## PAREDES INTERIORES

As paredes interiores de alvenaria de pedra deverão ser tratadas de forma semelhante às paredes exteriores. As paredes divisórias de tijolo e de tabique devem ser inspeccionadas, analisando o estado das argamassas, do tijolo e do fasquio respectivamente, e procedendo à reparação e substituição dos elementos degradados, conferindo-lhes os acabamentos originais. Algumas das paredes de tabique darão lugar a paredes de estrutura metálica e placas de gesso cartonado. Estas encontram-se nos quartos e nos balneários, nas I.S.<sup>as</sup> e arrumos, e são constituídas por uma calha, preenchida com isolamento, e revestida com duas placas de gesso cartonado de cada lado, devidamente acabadas e pintadas de branco. Refere-se mais uma vez que nos espaços com maior humidade, recorre-se às placas hidrófugas.

O encontro entre as paredes e o tecto continua a ser resolvido com uma aba, ao passo que o remate das paredes com o chão é feito de forma semelhante à original com um rodapé, igualmente com 17 cm, mas constituído apenas por uma tábua, sem qualquer régua. As abas e rodapés existentes deverão ser actualizados de acordo com o novo desenho, pois sendo elementos que contornam todos os vãos, sejam eles antigos ou novos, são igualmente os que “ligarão” todos os espaços do piso superior. Continuarão a ser de madeira, salientes do plano das paredes e pintados de branco.

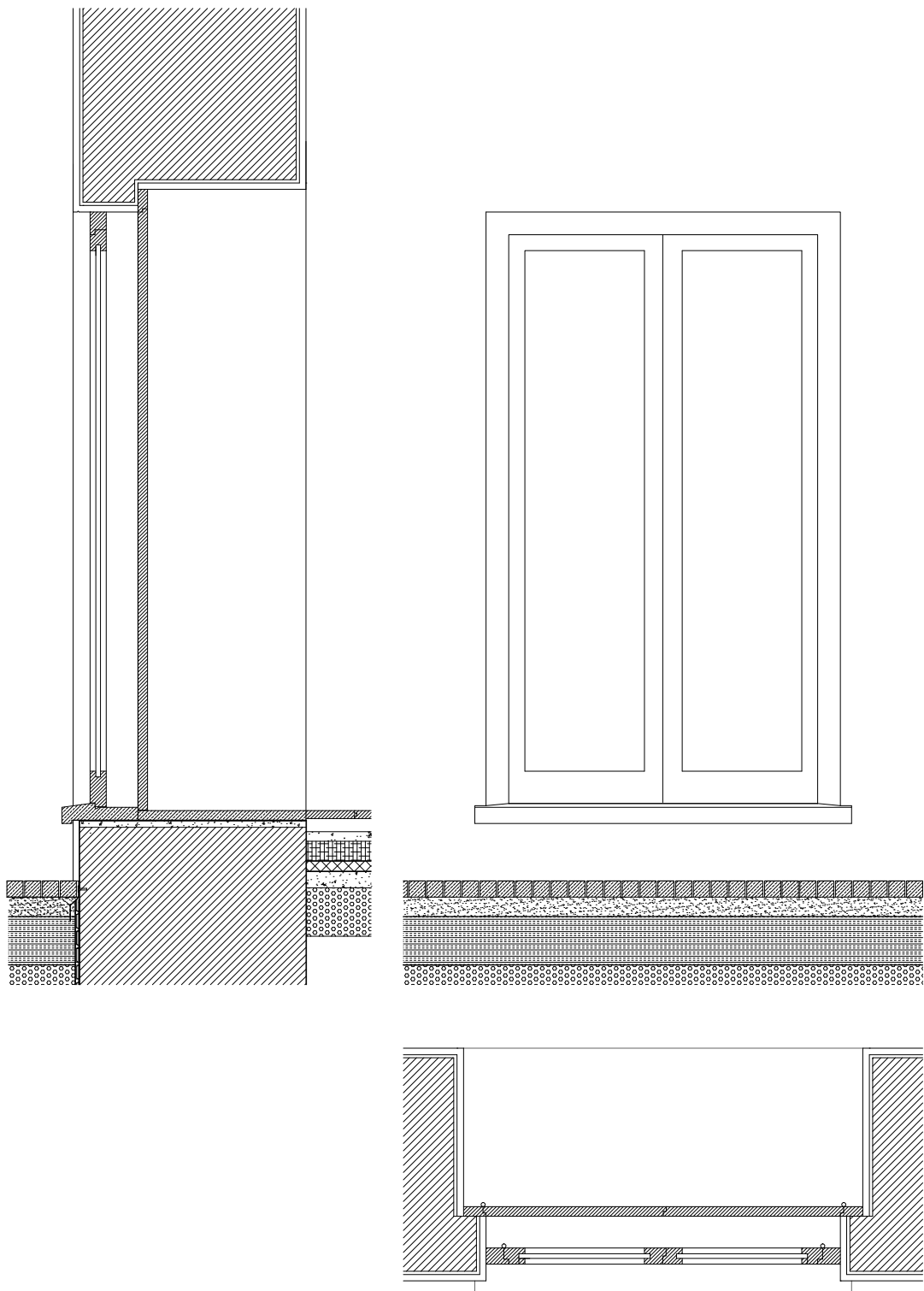
Já as paredes das “caixas” do espaço *co-work* serão compostas por painéis de madeira.

## CAIXILHARIAS

No caso de estudo observa-se a existência de vários tipos de caixilharias. Por sua vez, a nova proposta de intervenção pressupõe três soluções para os vãos: os que se mantêm; os que se modificam; e os que são totalmente novos. Assim, poder-se-ia enveredar por dois caminhos distintos: a conservação da caixilharia, ou em contrapartida, a sua substituição.

Ora, tendo em conta a diversidade de caixilharia pré-existente e a necessidade de (mais) um novo caixilho que se adaptasse aos novos vãos, a primeira vontade foi a de homogeneizar estes elementos e por isso, optar pela sua substituição, propondo um caixilho que pudesse ser utilizado em qualquer situação.

No entanto, ao visitar-se o *Moinho do Papel*, em Leiria, cuja intervenção é da autoria do Arq. Álvaro Siza, percebeu-se que não é apenas a dimensão e o desenho destes componentes que ajudam a alcançar a ideia de homogeneidade e continuidade, mas a cor é por si só, um importante contributo. De facto, ao percorrer-se aquele espaço, encontram-se janelas de peito de guilhotina e de batente, de uma ou duas folhas, reproduções dos antigos caixilhos e outros totalmente novos, portas com e sem vidro, enfim... uma panóplia de soluções. O que têm em comum? O material e a cor. Todos os exemplos estão pintados de um cinzento azulado que os unifica. E se as portadas pré-existentes também



Des. 62| Nova janela de sacada de batente: cortes horizontal e vertical, e alçado exterior | Esc. 1:20



adoptam essa mesma cor, as novas portadas, como estão no mesmo plano da face interior das paredes, pintam-se de branco, dando-lhes seguimento. Simultaneamente, as portas interiores e rodapés, as paredes e a estrutura da cobertura recebem a cor branca.

Além disso, ao relerem-se os princípios de projecto, relembrou-se o intuito de respeitar, reaproveitar e dar continuidade ao existente, desenvolvendo um diálogo entre o novo e o velho e deixando perceptível o que pertence a cada tempo. Por outro lado, os caixilhos são elementos que subtilmente representam a função de cada espaço e ajudam na sua caracterização, daí a variedade de soluções. De modo que se decidiu apostar na conservação dos caixilhos existentes e no desenho de um novo, a aplicar nos novos vãos e em casos excepcionais, como nos vãos que são alterados (passando de uma janela de batente para uma de sacada) e nalguns vãos que se mantêm, mas estão associados a espaços em que há necessidade de mais luz (como nas oficinas).

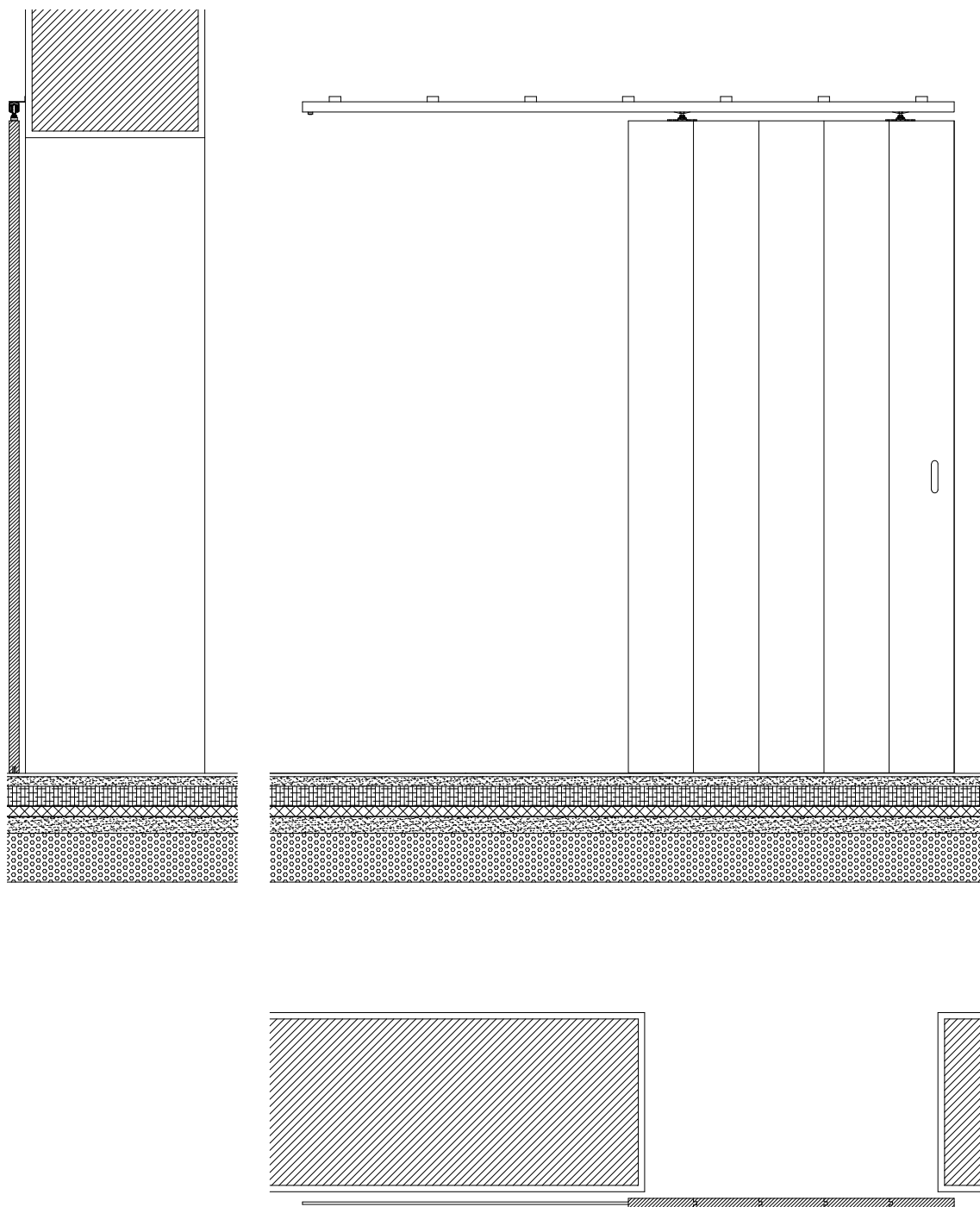
*“Para qualquer das opções chama-se a atenção para a necessidade de cuidar das questões de ventilação dos compartimentos, já que a vedação perfeita das janelas impedirá a ventilação natural que tradicionalmente se processa através das folgas e outras imperfeições da caixilharia. Uma melhoria substancial do comportamento higro-térmico da caixilharia poderá igualmente causar outras anomalias, como, por exemplo, a formação de humidade de condensação nas paredes desse compartimento, se não for introduzido qualquer isolamento térmico nas alvenarias em contacto com o exterior.”*<sup>110</sup>

Assim, não se defende a colocação de uma segunda caixilharia interior, porque apesar de melhorar a resposta às exigências térmicas e acústicas, pode causar outras anomalias. Para além de que, ao invés do que acontece nas cidades, o local onde a obra em estudo se insere não apresenta níveis elevados de barulho no exterior, pelo que a capacidade acústica da caixilharia actual é suficiente. De qualquer forma, e para que se consiga melhorar o seu desempenho, devem-se utilizar materiais e técnicas contemporâneos na conservação da mesma, nomeadamente através de: *“introdução de vedantes de borracha em pontos críticos; reforço de encaixes ou realização de próteses; utilização de vidros com melhor desempenho; adaptação ou substituição de ferragens (...); aplicação de tintas, massas e mastiques com melhor desempenho e durabilidade.”*<sup>111</sup>. De salientar que durante este processo é importante: o uso de madeira do mesmo tipo e com aproximadamente a mesma idade (nas próteses), visto que a madeira nova reage de forma diferente da velha; a limpeza e tratamento do material; o emassamento de lacunas, com betume; e a aplicação de um primário e da pintura final.

Quanto aos novos vãos, decidiu-se manter a divisão das paredes em duas partes, uma com 20cm de largura, correspondente ao aro de gola e onde se situa a janela, e a outra, que recebe a respectiva portada. Contudo, dispensa-se a cantaria, permitindo desde logo, distinguir os vãos novos dos antigos. A nova caixilharia é em madeira, e dependendo da largura do vão pode ser composta por duas ou três folhas, ou por uma folha fixa e

<sup>110</sup> LOPES, Nuno Valentim - *Reabilitação de Caixilhariias de Madeira em Edifícios do Século XIX e Início do Século XX. Do restauro à selecção exigencial de uma nova caixilharia: o estudo do caso da habitação corrente portuense. Dissertação de Mestrado em Reabilitação do Património Edificado*. Porto: FEUP, 2006. pág. 71

<sup>111</sup> id., ibid., pág. 74



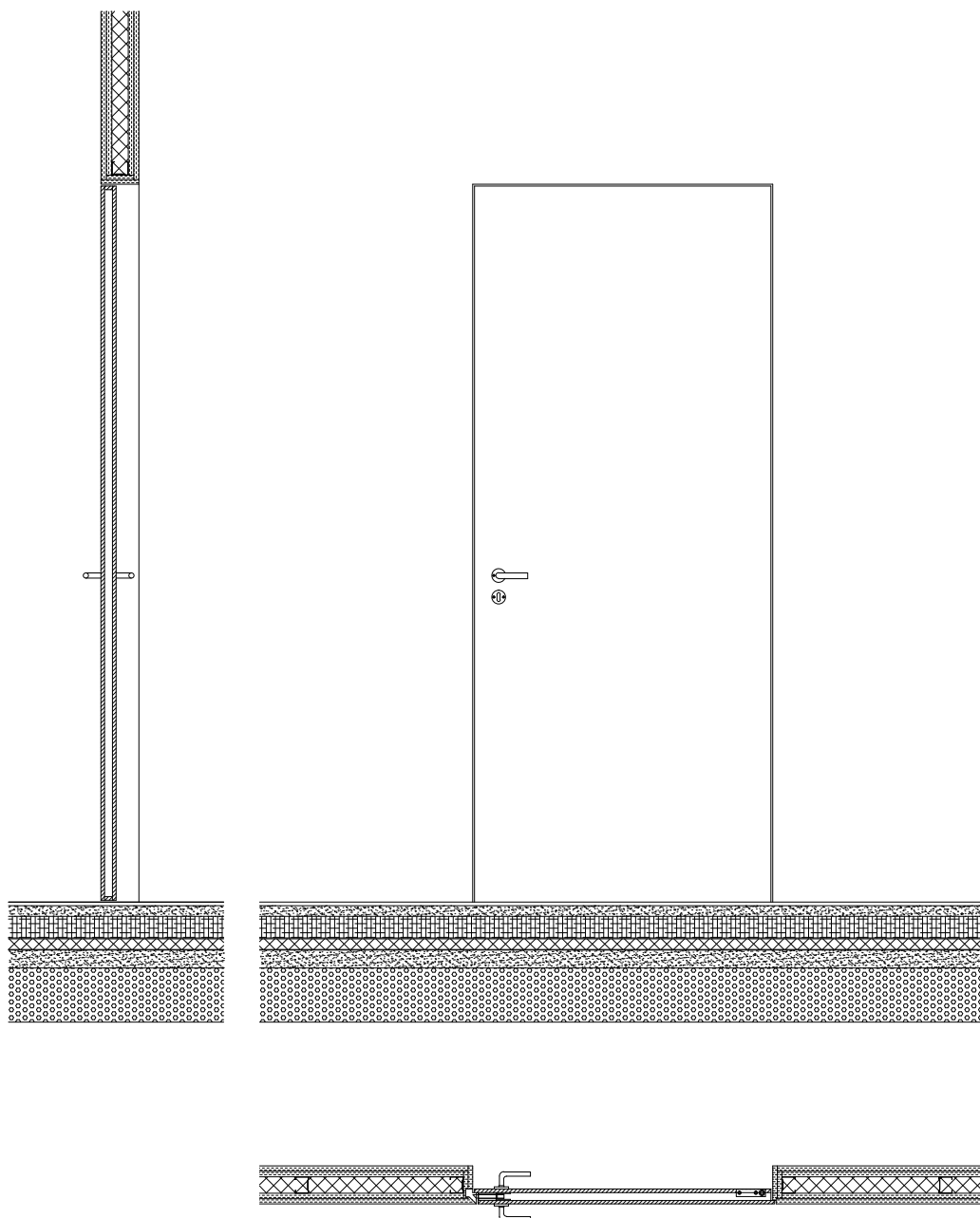
Des. 63| Porta de correr aplicada nos armazéns e oficinas: cortes horizontal e vertical, e alçado | Esc. 1:20

duas de abrir (recepção do restaurante), sendo que cada folha é constituída por duas couceiras, duas travessas e um único vidro, sem pinázios nem almofadas.

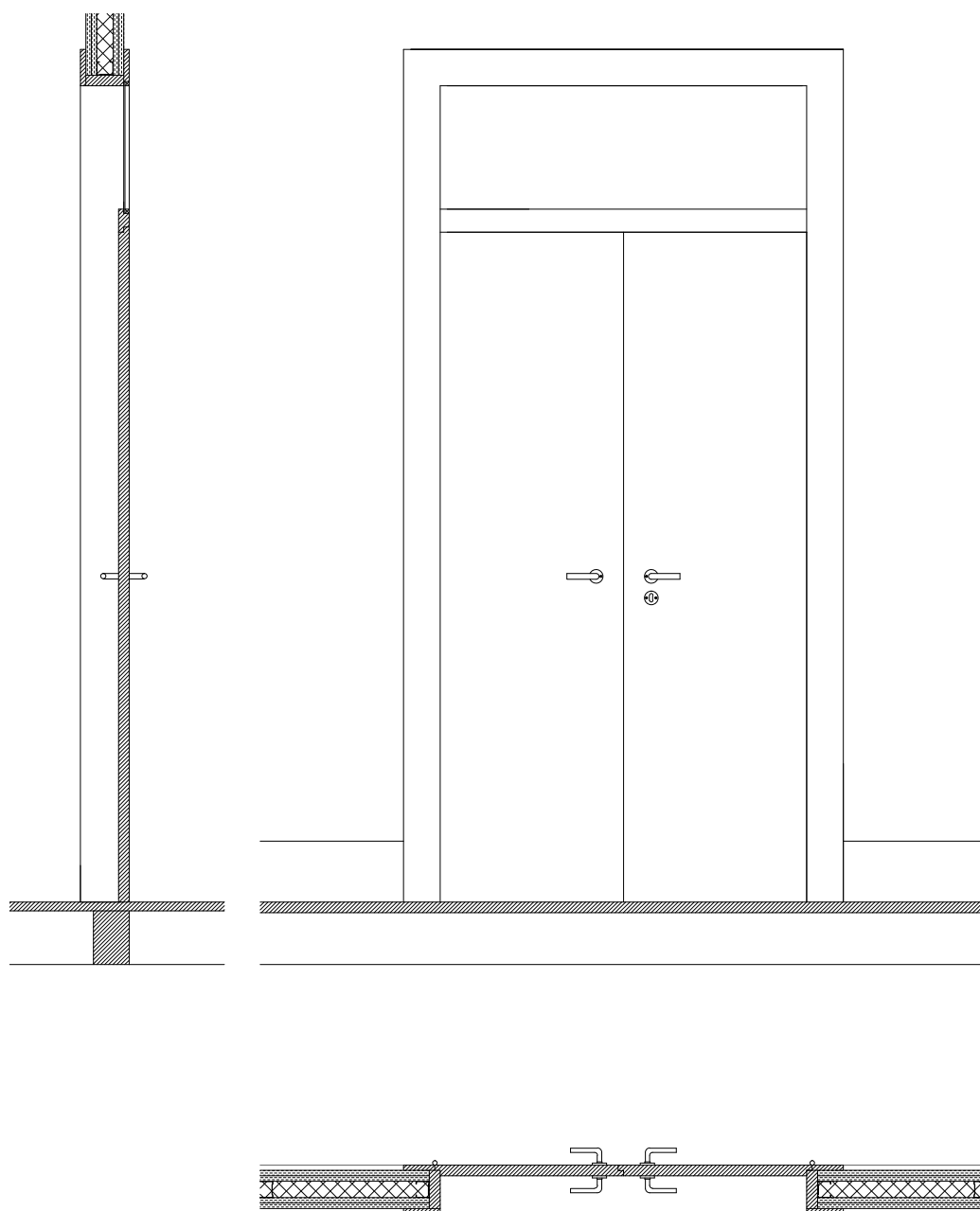
Dependendo do espaço em que estão inseridas, propõem-se diferentes soluções para as portas. Para começar, tal como as janelas, também as portas antigas são conservadas, com excepção das que se situam em espaços que se pretende que sejam mais iluminados, e por isso, são substituídas por novas portas envidraçadas, como acontece na sala de refeições do restaurante e nas oficinas. No caso da nova abertura no alçado Oeste do armazém agrícola e dos vãos que permitem a ligação oficina de cerâmica – oficina de madeira – *co-work*, propõem-se portas de taipal de correr, pintadas de branco, evitando assim a necessidade de uma área de abertura e conferindo-lhe um aspecto mais rústico, adequado ao carácter e uso destes espaços. Nos novos volumes que vão surgindo ao longo do edificado, como as I.S.<sup>as</sup>, os balneários, os arrumos, etc., uma vez que não interessa enfatizar a leitura da porta, mas sim atenuá-la, igualando-a com o plano da parede, devem-se usar portas pivotantes, igualmente brancas. Por último, no interior do Hostel, as portas novas são de madeira pintada de branco, de duas folhas planas (sem almofadas), com bandeira (de modo a permitir a difusão da luz no espaço de circulação) e alizares, a delimitar o vão, ou seja, são uma reinterpretação das existentes.

Para terminar, o que se procura é que para além de se usar a cor como elemento homogeneizante, seja possível, em contraposição, usá-la como elemento desestabilizador. Por isso, enquanto no exterior todos os caixilhos terão a mesma cor, o tal cinzento azulado, que aliás, já se encontra actualmente nos caixilhos do r/c da habitação; na face interior desenvolvem-se duas soluções: nos espaços mais simples e desprovidos de pormenores (como o restaurante, os armazéns e as oficinas), os caixilhos, as portadas, as portas e os portões são cinzentos azulados, destacando-se da cor branca das paredes; mas nos espaços com mais detalhe e adornos (como o piso superior da habitação e a cafetaria), tudo é pintado de branco, de modo a suavizar os elementos trabalhados, sem lhes dar demasiado destaque, mas permitindo a sua leitura.





Des. 64| Porta pivotante aplicada nas I.S.<sup>as</sup>, balneários, arrumos...: cortes horizontal e vertical, e alçado | Esc. 1:20



Des. 65| Porta de batente aplicada nos novos vãos no 1º piso da casa: cortes horizontal e vertical, e alçado | Esc. 1:20





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da Quinta da Mesquita revelou-se uma caminhada bastante intensa, cheia de ensinamentos, seja em termos de arquitectura e construção, seja de agricultura ou da história local. Neste percurso que exigiu um grande esforço, realizou-se um trabalho de análise e interpretação bastante cuidado e completo, que apresentou a Quinta do ponto de vista de uma escala alargada, mas também de detalhe.

Ao longo deste processo e da elaboração da proposta de intervenção, descrita como o grande objectivo da dissertação, procurou-se sempre compreender a pré-existência, a sua envolvente, a região em que se insere e as exigências que os novos usos acarretavam, para que no fim, se pudesse escolher o caminho a seguir e justificar as opções tomadas. Na verdade, *“Eu achei que não havia nenhuma razão para mudar. Mas sim que havia razões para transformar e actualizar.”*<sup>112</sup>.

E embora se ambicionasse uma aproximação à realidade, admite-se o carácter ainda bastante académico deste trabalho. Afinal, não houve uma encomenda nem qualquer tipo de exigências por parte do “cliente”, não foi considerado um limite orçamental e a possibilidade de o projecto passar à fase de obra é bastante remota.

Contudo, e apesar de não se encarar a solução apresentada como sendo realmente um projecto final, pronto a executar, considera-se que é uma experiência que pode ser tida em conta no futuro. Acima de tudo, espera-se que a presente dissertação sirva para (re)lembrar e alertar para o valor da Quinta da Mesquita e para o seu potencial.

---

<sup>112</sup> Siza, Álvaro - *Álvaro Siza: uma questão de medida*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009, pág. 43



## BIBLIOGRAFIA

### VOLUMES LITERÁRIOS:

*APP - Arquitectura popular em Portugal*, Coord. AFONSO, João; MARTINS, Fernando; MENESES, Cristina. 4ª ed. Lisboa : Ordem dos arquitectos, 2004, vol.2

APPLETON, João – *Reabilitação de edifícios antigos: patologias e tecnologias de intervenção*. Amadora: Orion, 2003

BARBOSA, Pedro Gomes; MOREIRA, Maria da Luz – *Seiva sagrada: a agricultura na região de Alcobaça: notas históricas*. [s.l.] : Associação dos Agricultores da Região de Alcobaça, 2006

CHING, Francis D. K. – *Técnicas de construção ilustradas*. Porto Alegre: Bookman, 2006

COSTA, Aníbal; [et. al] – *A intervenção no património: práticas de conservação e reabilitação*. Porto: FEUP, 2002

COSTA, Aníbal; [et. al] – *A intervenção no património: práticas de conservação e reabilitação: 2º Seminário*. Porto: FEUP, 2005. 2 volumes

COSTA, Nuno Brandão – *TC Cuadernos: Nuno Brandão Costa, Arquitecturas 1998-2009*. Valencia: Ediciones Generales de la Construcción, 2009

DOMINGUES, Álvaro – *A rua da estrada*. Porto: Dafne, 2009

FREITAS, Vasco Peixoto de – *Manual de apoio ao projecto de reabilitação de edifícios antigos*. Porto: Ordem dos engenheiros da região norte, 2012



GOMES, João; SILVA, Vitor; LOPES, Nuno Valentim – *José Gigante: habitar*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2008

GONÇALVES, Iria – *O património do Mosteiro de Alcobaça nos séculos XIV e XV*. 1ª ed. Lisboa: Universidade Nova, 1989

KORRODI, Ernesto – *Alcobaça: estudo histórico-arqueológico e artístico da Real Abadia de Santa Maria de Alcobaça*. Porto: [s.n.], 1929. Coleção Monumentos de Portugal, Vol.4

MARQUES, Maria Zulmira Albuquerque Furtado – *Por terras dos antigos Coutos de Alcobaça: história, arte e tradição*. Alcobaça: [s.n.], 1994

MASCARENHAS, Jorge – *Sistemas de construção: descrição ilustrada e detalhada de processos construtivos utilizados em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 2009.

NUFRIO, Anna – *Eduardo Souto de Moura: conversas com estudantes*. Barcelona: Gustavo Gili, 2008

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de. GALHANO, Fernando – *Arquitectura tradicional portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 2003

PEREIRA, Luís Afonso Peres - *Freguesia do Bárrio: fundada a 29 de Maio de 1933*. 1ªed. [S.l.]: Junta de Freguesia do Bárrio, 2013

RAMOS, Manuel João – *A matéria do património: memórias e identidades*. Lisboa: Edições Colibri, 2003

SABINO, Américo Sousa; MADURO, António Valério – *A arquitectura popular tradicional da Serra dos Candeeiros*. Alcobaça: [s.n.], 1993

SAMPAIO, Jorge Pereira de – *Alcobaça revisitada: vivências e património*. Alcobaça: C.M., 2007

SEYMOUR, John – *O livro da Auto-suficiência*. [s.l.]: Círculo de Leitores, 1981

SILVA, Carlos da; ALARCÃO, Alberto; CARDOSO, António Poppe Lopes – *A região a oeste da serra dos candeeiros: estudo económico-agrícola dos concelhos de Alcobaça, Nazaré, Caldas da Rainha, Óbidos e Peniche*. Lisboa: FCG. CECA. 1961

SIZA, Álvaro - *Álvaro Siza: uma questão de medida*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009

SIZA, Álvaro – *Chiado em detalhe, Álvaro Siza: pormenorização técnica do plano de recuperação*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Verbo, 2013

SIZA, Álvaro – *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, 2000

TRIGUEIROS, Luís – *Fernando Távora*. Lisboa: Blau, 1996

ZUMTHOR, Peter – *Pensar a arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 2005

ZUMTHOR, Peter – *Atmosferas: entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006

CAMPOS, Isabel Damasceno; [et. al.] - *Moinho do Papel*. [s.l.] Município de Leiria – Câmara Municipal, 2009

#### **PERIÓDICOS:**

COSTA, F. Pereira da – *Enciclopédia prática da construção civil*. Lisboa: Portugalíia Editora, 1955

CARVALHO, Marina. *Reabilitação/rehabilitation*. Casal de Cambra: Caleidoscópio. Arquitectura Ibérica, nº 5

DAVID, Ana. MIGUÉNS, Inês. *Reabilitação/rehabilitation*. Casal de Cambra: Caleidoscópio. Arquitectura Ibérica, nº 19. 2007

DAVID, Ana. MIGUÉNS, Inês. *[Re]Habitar*. Casal de Cambra: Caleidoscópio. Arquitectura Ibérica, nº 20. 2007

DAVID, Ana. *Recuperar*. Casal de Cambra: Caleidoscópio. Arquitectura Ibérica, nº 24. 2008

DAVID, Ana. *Reabilitação/rehabilitation*. Casal de Cambra: Caleidoscópio. Arquitectura Ibérica, nº 30. 2009

#### **REFERÊNCIAS ELECTRÓNICAS/ WEBSITES:**

Cartas e Convenções Internacionais sobre Património, *in*: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/cartas-e-convencoes-internacionaisobre-patrimonio/>

Caracterização turística, *in*: <http://www.turismodocentro.pt/pt/?zona=8>

Casa de Azeitão / Aires Mateus, *in*: <http://ultimasreportagens.com/159.php>

Referências ao programa, *in*: <http://realabadiahotel.pt/>

*in*: <http://www.quintadoscapuchos.pt/>

*in*: <http://aeafindomudo.com/new/granja/index.html#>

*in*: <http://www.parquedosmonges.com/>

*in*: <http://www.oficinasdoconvento.com/>

*in*: <https://thecastlekiosk.wordpress.com/>

Isolamentos de cortiça, *in*: <http://www.amorim.com/unidades-de-negocio/isolamentos/>

Laboratório Chimico - Museu da Ciência / João Mendes Ribeiro, *in*: <http://divisare.com/projects/302030-joao-mendes-ribeiro-fernando-guerra-fg-sg-conversion-of-the-laboratory-chimico-science-museum>

Moinho do Papel / Álvaro Siza, *in*: <http://ultimasreportagens.com/305.php>

Painéis de madeira, *in*: <http://www.binderholz.com/>

Pavimentos, *in*: <http://www.viroc.pt/homepage.aspx>

Plano Director do Município de Alcobaça, *in*: <http://www.cm-alcobaca.pt/pt/menu/369/regulamentos.aspx#ordenamento-territorio-e-urbanismo>

Produtos regionais, *in*: <http://www.granjadecister.com/pt/Produtos/>  
*in*: <http://www.toinoabel.com/>

Reconversão de um Palheiro em Cortegaça / João Mendes Ribeiro, *in*: <http://www.archdaily.com.br/br/01-49428/reconversao-de-um-palheiro-em-cortegaca-joao-mendes-ribeiro>

## **DISSERTAÇÕES:**

BELO, João Pedro de Carvalho. *Uma Casa na Aldeia. Projecto de Reabilitação*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. FAUP. 2014 – Prof. acompanhante: Arqt. Carlos Prata

FEIO, Sara. *Casa da Deveza. Reconversão de estruturas agrícolas*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. FAUP. 2015 - Prof. acompanhante: Arqt.º José Manuel Soares

LOPES, Nuno Valentim - *Reabilitação de Caixilharias de Madeira em Edifícios do Sé-*



*culo XIX e Início do Século XX. Do restauro à selecção exigencial de uma nova caixa-lharia: o estudo do caso da habitação corrente portuense.* Dissertação de Mestrado em Reabilitação do Património Edificado. Porto: FEUP, 2006.

MENDES, Mariana Valente - *Casa no Cais. Projecto de reabilitação de uma casa burguesa no Cais de Gaia.* Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. FAUP. 2015 - Prof. acompanhante: Arqt.º António Madureira

TEIXEIRA, Joaquim José Lopes. *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX* - Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica. Porto FAUP, 2004

TEIXEIRA, Ricardo. *Proposta de recuperação e reconversão da Quinta da Quintã na Lixa.* Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. FAUP. 2012 - Prof. acompanhante: Arqt.º Luís Viegas

TEIXEIRA, Vítor. *Quinta de Paços: uma intervenção em contexto rural.* Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. FAUP. 2010 – Prof. acompanhante: Arqt.<sup>a</sup> M. Clara Vale



## ÍNDICE DE FIGURAS

Todas as fotografias e desenhos pertencem ao arquivo da autora, à exceção de:

Fig. 1: Esquema realizado pela autora com base na cartografia militar cedida pela Prof.<sup>a</sup> Arq.<sup>a</sup> Maria Sofia Santos

Fig. 2: Esquema realizado pela autora com base na cartografia militar cedida pela Prof.<sup>a</sup> Arq.<sup>a</sup> Maria Sofia Santos

Fig. 3: Desenho realizado pela autora com base na cartografia militar disponibilizada pela Unidade de Ordenamento do Município de Alcobaça

Fig. 4: Desenho realizado pela autora com base nos ortofotomapas disponibilizados pela Unidade de Ordenamento do Município de Alcobaça

Fig. 10 e 11: BARBOSA, Pedro Gomes; MOREIRA, Maria da Luz – *Seiva sagrada: a agricultura na região de Alcobaça: notas históricas*. [s.l.] : Associação dos Agricultores da Região de Alcobaça, 2006, págs. 49 e 82

Fig. 12: Arquivo pessoal da Prof.<sup>a</sup> Helena Faustino

Fig. 14: Desenho realizado pela autora a partir de imagem satélite, in *Google maps*

Fig. 15 e 16: Arquivo pessoal da Prof.<sup>a</sup> Helena Faustino

Fig. 17 e 18: Arquivo pessoal de Joaquim da Silva Pereira, ainda presente na Quinta da Mesquita



Fig. 70: Arquivo pessoal de Joaquim da Silva Pereira, ainda presente na Quinta da Mesquita

Fig. 88: COSTA, F. Pereira da – *Enciclopédia prática da construção civil*. Fascículos. Lisboa: Portugália Editora, Caderno 12, pág. 3

Fig. 90: COSTA, F. Pereira da, *op. cit.*, Caderno 12, pág. 13

Fig. 220: *in* <http://www.granjadecister.com/pt/Produtos/>

Fig. 223: *in* <http://www.toinoabel.com/>

Fig. 225: *in* <http://realabadiahotel.pt/pt/fotos>

Fig. 256: *in* <http://ultimasreportagens.com/159.php>

Fig. 304: *in* <http://www.archdaily.com.br/br/01-49428/reconversao-de-um-palheiro-em-cortegaca-joao-mendes-ribeiro>

Fig. 309 e 310 : <http://divisare.com/projects/302030-joao-mendes-ribeiro-fernando-guerra-fg-sg-conversion-of-the-laboratorio-chimico-science-museum>

Fig. 311-313 : <http://ultimasreportagens.com/305.php>